



**Universidade Federal do Pará**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia**  
**Linha de Pesquisa: Etnicidade e Territorialidades: Usos**  
**e Representações**

**DANIEL MONTENEGRO LAPOLA**

**ENTRE AS TERRAS DO RIO BRANCO E A GUIANA**  
**INGLESA: RELATOS DE VIAJANTES SOBRE POVOS**  
**INDÍGENAS (1835-1899)**

**BELÉM-PA**  
**2023**

DANIEL MONTENEGRO LAPOLA

**ENTRE AS TERRAS DO RIO BRANCO E A GUIANA  
INGLESA: RELATOS DE VIAJANTES SOBRE POVOS  
INDÍGENAS (1835-1899)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad.

**BELÉM – PA  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

L315e Lapola, Daniel Montenegro.  
Entre as terras do Rio Branco e a Guiana Inglesa : relatos de  
viajantes sobre povos indígenas (1835-1899) / Daniel Montenegro  
Lapola. — 2023.  
216 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
História, Belém, 2023.

1. Viajantes. 2. Indígenas. 3. Brasil. 4. Guiana Inglesa. 5.  
Amazônia. I. Título.

CDD 981.13

---

DANIEL MONTENEGRO LAPOLA

**ENTRE AS TERRAS DO RIO BRANCO E A GUIANA  
INGLESA: RELATOS DE VIAJANTES SOBRE POVOS  
INDÍGENAS (1835-1899)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção de Título de Doutor em História. Áreas de Concentração: Etnicidade e Processos Socioculturais.

Aprovada em 12 de Maio de 2023.

Conceito: Aprovado

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad  
Presidente / PPHIST – UFPA

---

Prof. Dr. Karl Heinz Arenz  
Membro Interno / PPHIST – UFPA

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Nádia Farage  
Membro Externo / IFCH – UNICAMP

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza Fernandes  
Membro Externo / PPGSOF – UFRR

---

Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli  
Membro Externo/ APF – UNESP

**BELÉM – PA  
2023**

Dedico esta tese primeiramente a Deus, a meu pai, minha mãe, meus irmãos, aos viajantes e a todos os povos indígenas da região circun-Roraima e da Amazônia Caribenha das Guianas.

*In memoriam:* aos meus avós, Oscar Montenegro, Nelson Lapola e Ebrelinda Montenegro e tia Deusely Montenegro e as vítimas da pandemia do coronavírus (COVID 19), período que esta tese foi escrita.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a bolsa de estudos Capes e a todos os professores doutores que contribuíram para a minha formação acadêmica desde a minha graduação em História na Unesp de Assis-SP, no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF) na Universidade Federal de Roraima (UFRR) na cidade de Boa Vista-RR e no Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), na Universidade Federal do Pará (UFPA) de Belém (PA).

Neste passo, agradeço principalmente ao meu orientador de doutorado, Dr. Nelson Sanjad, pelo trato correto e científico, com que sempre abordou em nossas reuniões de trabalho de pesquisa, escrita e apresentações, sem nunca ter permitido que o desalento se instalasse. Agradeço-lhe ainda o tema do trabalho, que sempre me aliciou, o que fez, a maioria das vezes, conseguir ultrapassar dificuldades surgidas. Agradeço também as contribuições nesta tese das doutoras da UFRR, Maria Bethonico e Maria Fernandes e da Dra. Cassia Peguim (UNESP). Pelos conselhos dos doutores da UFRR, Jaci Vieira, Fábio Carvalho e meu orientador de mestrado Dr. Maxim Repetto. Obrigado pelas orientações na minha qualificação, doutores Paulo Santilli (UNESP) e David Palacios (UFPA).

Agradeço aos meus companheiros e companheiras de turma de doutorado em História Social da Amazônia e funcionários do PPHIST da UFPA e do Museu Emílio Goeldi, local que fiz pesquisa de fontes no arquivo e na biblioteca de obras. Aos meus professores com quem estagiei, Dra. Magda Ricci e o Dr. Aldrin Figueiredo, e as maravilhosas aulas dos doutores José Alves e Karl Arenz. Agradeço muito ao apoio espiritual que obtive da Sociedade Internacional para a consciência de Krishna em Belém do Pará, que tanto me ajudou na concentração, confiança e foco. À proteção divina e as viagens em busca de conhecimento pela Amazônia Brasileira e da Guiana.

Aos povos indígenas Wai Wai, Macuxi, Wapishana, Taurepang, Arecuna e Yanomami, meus profundos agradecimentos. Aos estados do Pará, Roraima e Amazonas que me acolheram e me trouxeram liberdade para pesquisar, estudar e pavimentar o meu caminho na pós graduação científica em Antropologia e História.

Agradeço aos familiares, meus pais, João Lapola, Deusélia Montenegro, meus irmãos, Marcelo, Marcos e David Lapola, meus sobrinhos, Francisco, João, Max e Cecília, meus padrinhos Deuseles e Idair Montenegro, minhas tias Deuseline Montenegro e Sandra Lapola (em especial) e a avó Maria Lapola. Por fim, agradeço a todo apoio de Andréia de Aguiar, Luciana de Lion, Dr. Flavius Cunha e da Ilha de Algodal-PA.

*“Na minha opinião existem dois tipos de viajantes: os que viajam para fugir e os que viajam para buscar”.*

**Érico Veríssimo**

*“A visão de mundo mais perigosa é a visão de mundo daqueles que não viram o mundo”.*

**Alexander Von Humboldt**

## RESUMO

A tese se ampara na linha historiográfica de Peter Burke sobre a história cultural das representações e na história indígena para analisar os relatos de viajantes sobre os indígenas na região entre o extremo norte brasileiro e a Guiana Inglesa no século XIX. Trabalhamos os relatos do explorador prussiano Robert Hermann Schomburgk (1804-1865), do geólogo canadense Charles Barrington Brown (1839-1917), ambos a serviço da Royal Geographical Society da coroa britânica; em sequência, analisamos o viajante francês Henri Anatole Coudreau (1859-1899), em missão do Ministério da Marinha e das Colônias francesas e do governo do estado do Pará. Como objetivo central, analisei a relação dos viajantes junto aos indígenas, as alianças e estratégias utilizadas através da investigação científica para servir aos interesses demarcatórios e de ocupação de terras do país patrocinador do empreendimento na fronteira do extremo norte brasileiro com a Guiana Inglesa entre 1835-1899.

**Palavras-Chave:** Viajantes, Indígenas, Brasil, Guiana Inglesa, Amazônia.



## ABSTRACT

The thesis is based on Peter Burke's historiographical approach on the cultural history of representations and on indigenous history to analyze travelers' reports about the indigenous people in the region between the extreme north of Brazil and British Guiana in the 19th century. We worked on the reports of the Prussian explorer Robert Hermann Schomburgk (1804-1865), the Canadian geologist Charles Barrington Brown (1839-1917), both at the service of the Royal Geographical Society of the British crown; next, we analyze the French traveler Henri Anatole Coudreau (1859-1899), on a mission for the Ministry of the Navy and the French Colonies and the government of the state of Pará. As a central objective, I analyze the relationship between travelers and indigenous peoples, the alliances and strategies used through scientific research to serve the demarcation and land occupation interests of the country sponsoring the enterprise on the border of Brazil and British Guiana between 1835 and 1899.

**Keywords:** Travelers, Indigenous people, Brazil, British Guiana, Amazon.

## Lista de Figuras

<b>Figura 1:</b> Rota dos Viajantes entre a região do rio Branco e a Guiana Inglesa .....	16
<b>Figura 2:</b> Guiana Britânica.....	27
<b>Figura 3:</b> Robert Hermann Schomburgk.....	29
<b>Figura 4:</b> Mapa da Guiana, por R. H. Schomburgk, 1840.....	35
<b>Figura 5:</b> Forte São Joaquim.....	47
<b>Figura 6:</b> Linhas de Limite da Guiana Britânica.....	49
<b>Figura 7:</b> Monte Roraima.....	66
<b>Figura 8:</b> Expedição de Charles Barrington Brown na Guiana Britânica.....	85
<b>Figura 9:</b> Charles Barrington Brown.....	87
<b>Figura 10:</b> O rio Amazonas e seus afluentes.....	88
<b>Figura 11:</b> Kaieteur Falls.....	96
<b>Figura 12:</b> Monte Roraima.....	134
<b>Figura 13:</b> Mapa do Itinerário de Henri Coudreau na Amazônia de 1885.....	139
<b>Figura 14:</b> Mapa Manuscrito de Coudreau para Reclus-1893.....	141
<b>Figura 15:</b> Mapa da Pretensão Francesa na Amazônia-1900.....	142
<b>Figura 16:</b> Henri Coudreau (1885).....	145
<b>Figura 17:</b> Rio Branco – Redução das Cartas V, VI e VII do Atlas de Coudreau.....	159
<b>Figura 18:</b> Mapa completo do Rio Branco de Henri Coudreau.....	160
<b>Figura 19:</b> Henri e Octavie Coudreau e seus marinheiros brasileiros.....	180
<b>Figura 20:</b> Maloca Grande dos Wai Wai.....	191
<b>Figura 21:</b> Família Wai Wai e cão de caça do Mapuera na canoa.....	192
<b>Figura 22:</b> Indígenas Wai Wai, pescadores da primeira maloca.....	193

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 – ROBERT HERMANN SCHOMBURGK (1804-1865): ENTRE OS INDÍGENAS E OS INTERESSES NO RIO BRANCO E NA GUIANA INGLESA</b> .....	27
<b>1.1</b> Percurso da viagem.....	27
<b>1.2</b> Lugares onde ocorreram os contatos relatados.....	40
<b>1.3</b> Entre os Macuxi no Forte São Joaquim e Pirara.....	44
<b>1.4</b> De passagem entre os Wapishana, Wai Wai, Mayopitan, Pianogotos e Taruma.....	67
<b>CAPÍTULO 2 – CHARLES BARRINGTON BROWN (1839-1917): UM GEÓLOGO ENTRE OS INDÍGENAS NAS TERRAS DO RIO BRANCO E NA GUIANA INGLESA</b> .....	85
<b>2.1</b> Percurso da viagem.....	85
<b>2.2</b> Lugares onde ocorreram os contatos relatados.....	91
<b>2.3</b> Com os Macuxi no Forte São Joaquim.....	111
<b>2.4</b> De passagem entre os Wai Wai, Taruma, Wapishana e os Pemon.....	118
<b>CAPÍTULO 3 – HENRI ANATOLE COUDREAU (1859-1899) E A EXPERIÊNCIA NA FRONTEIRA BRASILEIRA COM A GUIANA INGLESA</b> .....	139
<b>3.1</b> Percurso da viagem.....	139
<b>3.2</b> Lugares onde ocorreram os contatos relatados.....	144
<b>3.3</b> Entre os Macuxi no rio Branco.....	159
<b>3.4</b> Relatos de Henri Coudreau sobre os indígenas na região do rio Branco e na Guiana Inglesa e sobre os Wai Wai.....	169
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	195
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	206

## **Introdução**

A tese se ampara na linha historiográfica de Peter Burke sobre história cultural das representações e na história indígena para analisar os relatos de viajantes sobre os indígenas da região entre o extremo norte brasileiro e a Guiana Inglesa. Por início trabalhamos os relatos do explorador prussiano Robert Hermann Schomburgk (1804-1865), na sequência com o geólogo canadense Charles Barrington Brown (1839-1917), ambos a serviço da Royal Geographical Society, e com o viajante francês Henri Anatole Coudreau (1859-1899) em missão pelo ministério da marinha e das colônias francesas e do governo do estado do Pará.

Como objetivo central, analisamos a relação dos viajantes junto aos indígenas e as alianças de trabalho e estratégias utilizadas através da investigação científica para servir aos interesses demarcatórios e de ocupação de terras do país patrocinador do empreendimento na fronteira do extremo norte brasileiro com a Guiana Inglesa entre 1835-1899.

Nos objetivos específicos, buscamos identificar, através dos relatos destes três viajantes, como se constrói o território estudado através da representação das etnias indígenas, como se construiu os interesses dos viajantes a estabelecerem contatos e alianças de trabalho com os indígenas, como eles são descritos em suas linguagens e frequentes nas suas intertextualidades. Verificamos as alianças como elemento chave na atração de indígenas, fortalecimento da ocupação de território na fronteira da região da Guiana Inglesa com o Brasil e a configuração das demarcações no processo histórico.

A problemática se desenvolve a partir de como o território e as populações indígenas foram representadas pelos viajantes no período estudado, quais as mudanças sociais verificadas entre essas populações indígenas nesse período tendo em vista as questões demarcatórias com missionários e colonos europeus, em que frequência as informações se repetem nas várias narrativas temporalmente, de que maneira os viajantes se apropriam de outros relatos de expedicionários, em que circunstâncias os indígenas são descritos pelos viajantes e quais aspectos são frequentes nas suas intertextualidades.

Na região estudada as fronteiras estavam em litígio, principalmente entre brasileiros, ingleses, espanhóis, holandeses e franceses (OLIVEIRA, 2020). Os viajantes naturalistas, exploradores, expedicionários a serviço da Europa, fizeram trabalhos científicos, como estudos biológicos, zootécnicos, botânicos, geográficos, geológicos e topográficos, linguístico e trabalharam com a configuração territorial e por meio dela

deram informações para se demarcarem fronteiras entre países, contando fundamentalmente com o contato de aliança com indígenas.

Em destaque, trabalhamos com teóricos na perspectiva da história cultural, como Peter Burke (2005): “O que é História Cultural?”; Michel de Certeau (1982): “A escrita da História”. Relacionados ao método de análise de relatos de viajantes europeus, adotei a perspectiva através da história indígena de João Pacheco de Oliveira (1987) : “Os atalhos da magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena”; Paulo Santilli (1994) : “As Fronteiras da República” ; Nádia Farage (1991) : “Muralhas do Sertão”; Catherine Howard (2002): “Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai” ; Erwin Frank (2007): “A Beleza e o Vício: O olhar etnográfico dos irmãos Schomburgk”; Reginaldo de Oliveira (2020): “Amazônia Caribenha”; Joaquim Nabuco (1903) : “O Direito do Brasil”; Fábio Carvalho, Maria Fernandes e Sheila Campos (2020): “Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia” e Peter Rivière (2001) : “O indivíduo e a sociedade na Guiana”.

Reconhecemos também a importância do trabalho dos intermediários culturais junto aos viajantes que estão em expedições no Brasil no século XIX. Notamos uma rede de trocas, comércio, intérpretes, guias, remeiros, caçadores, pescadores, isto é, conhecedores da floresta e do local percorrido pelos naturalistas. Os indígenas foram ativos, fazendo trabalhos de intermediação cultural na região estudada.

Nesse passo, usamos como fontes históricas e de análise os estudos sobre os intermediários culturais, como os de Kapil Raj (2009), James Delbourgo (2009), John Short (2009), Yves Pierre (2004) e Felix Driver (2015).

Também utilizamos como fonte para essa tese os livros dos três viajantes aqui estudados e autores que trabalham com o tema, além da consulta a artigos, dissertações, teses, cartas, documentos oficiais, iconografia e periódicos. Os relatos de viagem, mesmo tendo sido escritos em um contexto colonial, permitem identificar o protagonismo indígena e as alianças que efetivaram com os viajantes.

Analisamos nos relatos destes três viajantes como se constrói o território estudado através da representação das etnias indígenas, com isso seguimos com a hipótese de investigar o que aparece e desaparece nos relatos destes viajantes nos avanços da pesquisa de reconhecimento científico e na demarcação de território do domínio colonial para países que financiaram seus empreendimentos.

O século XIX foi reconhecido como longo e de rápidas transformações, e foram nas fronteiras que ocorreram as narrativas dos viajantes com a ajuda dos povos indígenas.

Na análise da representação, no século XIX, os indígenas estão ativos fazendo trabalhos de intermediações, como carregadores, guias, tradutores e remadores, passando por importantíssimos momentos na questão fronteiriça, além disso, conferimos através dos viajantes, colaboração cartográfica dos indígenas no continente americano, pois: “Uma fronteira é um local importante para colaborações cartográficas que incorporam uma relação destrutiva que permitiu aos nativos americanos uma forte posição de barganha, onde tiveram alguma vantagem, lançaram as raízes de sua perda final de terras” (SHORT, 2009, p.12 e 13).

Este estudo se localiza na região da Amazônia Caribenha que segundo Reginaldo de Oliveira (2020) é um território ao norte da América do Sul e que no processo de colonização foi dividido entre cinco países amazônicos: Brasil, Venezuela, República da Guiana, Suriname e Guiana Francesa. A localização atual do que se define a Guiana Brasileira se dá no atual estado do Amapá. Notamos que nessa região o atual estado de Roraima tem importante penetração geográfica de caminhos aquáticos e terrestres na Guiana. Região de fronteira, menos trabalhada e conhecida, onde ocorreu intercâmbios de troca entre povos indígenas nas fronteiras desarticuladas pelos colonizadores no século XIX.

Os viajantes europeus aprenderam as línguas indígenas, quando ocorreram recrutamentos de trabalhadores na região de fronteira, imbuídos na disputa colonial. Dentro do nosso foco, trabalhamos principalmente com o tronco linguístico indígena dos Caribes, com os Wai Wai, Macuxi, Arecuna e Taurepang, e o Arawak, com os Wapishana. Estes tornaram-se úteis aos colonizadores no papel de intermediários culturais e, ao mesmo tempo, estiveram sob contato com os missionários que agiram por padrões de sociabilidade com os povos indígenas em diferentes ordens religiosas, como, por exemplo: metodistas anglicanos, carmelitas e beneditinos.

Os povos indígenas aqui estudados estão localizados na região circum-Roraima que abrange a fronteira de três países: Brasil, República Cooperativa da Guiana (ex-Guiana Inglesa) e República Bolivariana da Venezuela. Conforme Butt Colson (1985, p. 103-149), o designativo circum-Roraima tem sua origem em Cesáreo Armellada e constitui uma área etnográfica caracterizada por apresentar um *continuum* cultural, onde diferentes povos indígenas compartilham tradições. Segundo Fábio Carvalho (2020, p.439): “Trata-se de uma região que abarca um espaço transnacional localizado no extremo norte da América do Sul e tem como marco o magnífico monte Roraima”.

Sobre os indígenas aqui estudados, iniciamos com os Wai Wai, moradores da região do alto Essequibo e alto Trombetas, um povo de língua Caribe que absorveu subgrupos étnicos vizinhos (SCHOMBURGK, 2006). Uma das primeiras informações, ainda que simples referência de 1603, feita por R. Harcourt e outra ocorreu em 1721, por Sanders.<sup>1</sup> Logo após, foram mencionados no século XIX pelos viajantes Schomburgk, Brown e Coudreau. Schomburgk (2006) encontrou os Wai Wai nos dois lados da fronteira do Brasil com a Guiana Inglesa, delimitada pela Serra do Acaraí, com duas aldeias ao sul no rio Mapuera e uma ao norte do rio Essequibo. Avaliou a presença deles entre cento e cinquenta a quatrocentas pessoas. Brown (1876) recebeu a informação de que os Wai Wai estavam no sul da Serra do Acaraí. Coudreau (1887) os encontrou no Mapuera, próximo onde os outros viajantes os relataram, e descreveu sete aldeias, com um total de três mil ou quatro mil habitantes, número considerado exagerado por Fock (1963).

Esses indígenas eram conhecidos principalmente por fazerem raladores de mandioca. A palavra Wai Wai, quer dizer tapioca. Eram reconhecidos por serem considerados um povo de pele branca, tendo recebido o etnônimo dos Wapishana (HOWARD, 2002), povo vizinho ao sul dos Macuxi, de filiação linguística Arawak (SANTILLI, 2001).

Os Wapishana foram considerados o povo mais numeroso entre os indígenas da região do rio Branco no século XVIII. Para Coudreau (1886) foi a tribo mais importante do rio Branco nesta época. No século seguinte a população era de quase mil pessoas, quando os Macuxi os superaram e tornaram-se os mais numerosos da região. Segundo o viajante a presença era entre três ou quatro mil indígenas.

Para Santilli (2001, p.18-19), “Macuxi é designação corrente para os grupos Pemon que habitam o sul da área circum-Roraima, as vertentes meridionais do monte Roraima cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, partilhado entre o Brasil e Guiana”. Os Macuxi são reconhecidos por trabalharem mais com o algodão e eram fornecedores de curare (venenos de plantas, usados em flechas). Também para Santilli (2001, p.18), “Taurepang – termo igualmente composto de *tauron*, falar, e *pung*, errado -, que denota os que falam a língua Pemon incorretamente, portanto designação da mesma forma pejorativa atribuída por seus vizinhos”. Para Colson (1986), sobre os Arecuna, a designação refere-se aos Pemon que vivem ao norte da Gran Sabana (Venezuela). Segundo Santilli (2001, p.18), o termo é “composto de *are*, um animal roedor, e *cuna*,

---

<sup>1</sup> In: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai#Hist.C3.B3rico do contato](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai#Hist.C3.B3rico_do_contato)> Acesso em: 18/ 05/2023.

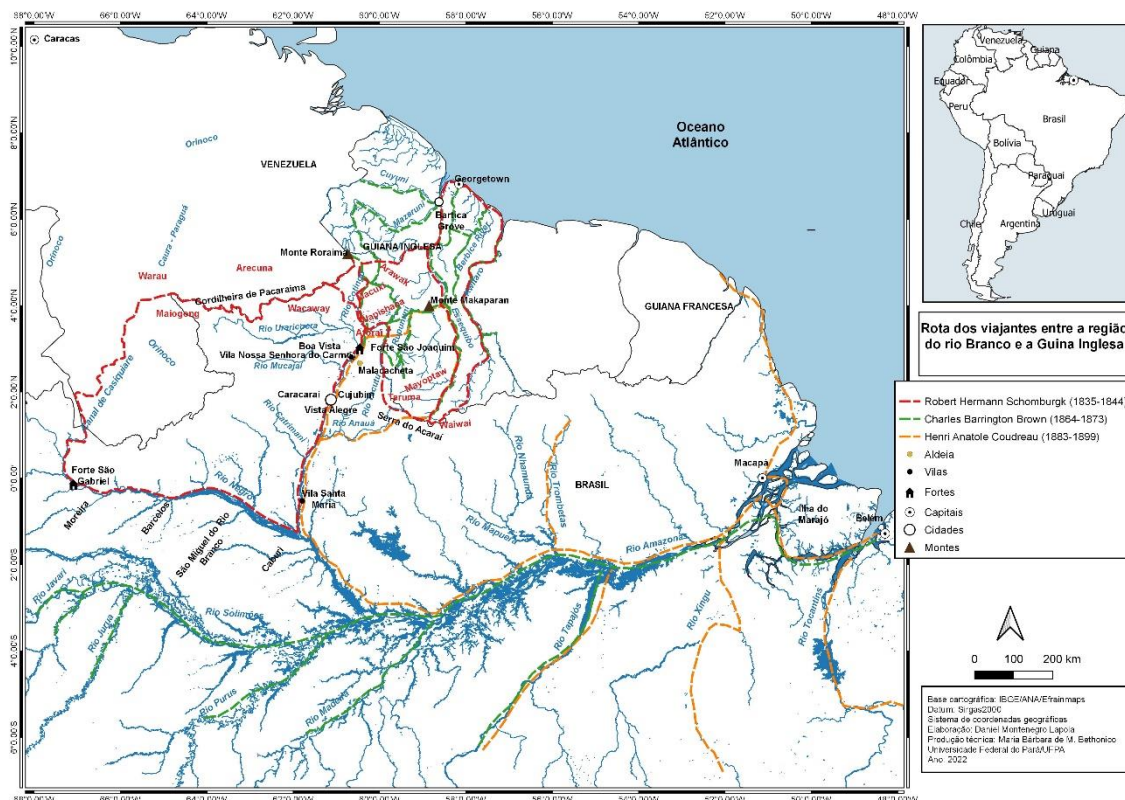
cova sepultura, designação pejorativa aos moradores do local onde, segundo o mito jazem enterrados esses animais predadores de humanos”. Os Arcuna e os Taurepang são hábeis em produzir a zarabatana, uma arma fabricada com um tubo de madeira, hoje também feita de plástico, de onde se atira dardos envenenados.

Os caminhos de trocas utilizados pelos povos indígenas aqui estudados se modificaram principalmente no século XVIII, pois nele foram estabelecidos a escravização e os domínios coloniais. A diversidade étnica é muito maior no rio Branco, nas fronteiras e na rede de trocas guianenses, onde ocorreu a sujeição das coroas inglesa e holandesa em aliança com os povos indígenas da região.

Na colonização de descimentos no rio Branco, as redes de trocas nortearam alianças, guerras ou apresamentos. As rotas de trocas se modificaram com a vinda dos missionários e viajantes, por engajamento e força de trabalho. Aspectos que foram pesquisados nos relatos de viagens com maior detalhamento.

Destacamos aspectos nos relatos dos três viajantes aqui estudados, caminhos na região circum-Roraima que se cruzaram, se afastaram e se sobrepuseram, como se pode observar na Figura 1.

Figura 1: Rota dos Viajantes entre a região do rio Branco e a Guiana Inglesa



Fonte: BETHONICO; LAPOLA, 2022.



Muitos destes viajantes fizeram ordenamentos, topográficos, linguísticos e gramaticais, muito interessados nos povos indígenas, buscando a sua aliança e as jazidas minerais. Segundo Joaquim Nabuco (1903), Schomburgk, numa primeira expedição, veio à Guiana Inglesa com uma atuação científica e na segunda com uma atuação política, e Brown veio como geólogo, a serviço da Inglaterra. Coudreau veio como agente político, servindo aos interesses franceses e, depois, os do governo do Estado do Pará.

A seguir, achamos imprescindível para esse trabalho demonstrar de maneira resumida passagens sobre a vida e obra de cada viajante aqui estudado. O primeiro deles é Sir. Robert Hermann Schomburgk<sup>2</sup> (5 de junho de 1804, Freyburg<sup>3</sup>-Alemanha; 11 de março de 1865-Schöneberg, Berlim-Alemanha), reconhecido como viajante explorador, era filho de um pastor protestante. Mudou-se para a colônia britânica, onde tinha um empreendimento com tabaco, mas um infortúnio causado por um incêndio o levou à ruína financeira. Após ter ajudado no salvamento de um navio com escravos que estava afundando, passou a ser bem-visto pelas autoridades britânicas que o convidaram a um novo empreendimento na América do Sul.

Em 1832, Robert-Hermann Schomburgk estava na ilha britânica de Anegada (Virgin Islands), quando aconteceu o naufrágio de um navio negreiro a caminho dos Estados Unidos. Ele ofereceu às autoridades locais o mapeamento das águas costeiras, temidas devido aos inúmeros recifes. Os resultados do levantamento de Schomburgk, publicados em 1832 no jornal da Royal Geographical de Londres, chamaram a atenção dos diretores da instituição, que em 1834, o contratam para coordenar uma expedição ao interior da Guiana Inglesa.

A missão de Schomburgk era a de ligar dados astronômicos, levantados na Guiana e no norte de Roraima, com aqueles coletados trinta e cinco anos antes por Alexander von Humboldt, no sul da Venezuela, por quem foi bastante influenciado. Em 1835, o alemão desembarcou pela primeira vez na Guiana e durante os três anos seguintes percorreu a costa e o interior. Finalmente, em 1838, após uma rápida visita de cortesia ao Forte de São Joaquim, ponto avançado de ocupação colonial portuguesa no alto rio Branco, atual

---

<sup>2</sup> Trechos sobre a vida e obra de Robert Schomburgk, de maneira resumida se referem principalmente a FRANK (2007).

<sup>3</sup> Tradução do autor: “cidade é um destino turístico, mais conhecido por seus vinhedos, centro histórico da cidade, soberbo castelo do século 11 e associações com Friedrich Ludwig Jahn (fundador da ginástica moderna). Uma das cidades mais prósperas da região, Freyburg é apelidada de "Toscana do Norte" É a sede de uma das maiores empresas de vinho do mundo”. In: < [https://en.wikipedia.org/wiki/Freyburg\\_Germany](https://en.wikipedia.org/wiki/Freyburg_Germany) > Consultado dia 16/05/2023.

estado de Roraima ( FARAGE, 1991), ele subiu o rio Cotingo até o pé do monte Roraima, de onde prosseguiu em direção oeste, ascendendo pelo rio Urariquera (outro formador) até além da ilha de Maracá, cruzou o divisor de águas entre as bacias dos rios Branco e Caura-Parágua, para finalmente descer o rio Ventuari até Esmeraldas, pequena cidade venezuelana na margem do alto Orenoco. De lá, voltou para Georgetown, e observou os rios Negro, Branco e Rupununi.

Na sequência, em setembro de 1839, Robert Schomburgk embarcou de Georgetown de volta à Inglaterra, onde fez palestras sobre os Wapishana, publicou vários mapas e pôs à venda amostras geológicas, madeiras tropicais e objetos etnográficos. Foi também convidado a realizar uma segunda expedição à Guiana para elaborar propostas sobre o traçado de fronteiras.

Nessa nova viagem, recebeu o apoio de seu irmão Richard Schomburgk. Em 1844 voltaram à Inglaterra, onde Robert recebeu a nacionalidade britânica, o título de Sir e um emprego no Foreign Office. Serviu a coroa britânica em Barbados, na República Dominicana e até em Bangkok, antes de morrer, em 1865, em Schöneberg, Alemanha.

As viagens de Robert e Richard Schomburgk geraram uma ampla documentação, inclusive mapas. Os escritos do primeiro foram usados posteriormente nas querelas territoriais entre a Guiana Inglesa, a Venezuela e o Brasil, e mantêm-se bem preservados, segundo o antropólogo Frank (2007), que cita, contudo, a falta ainda de uma análise detalhada da contribuição de ambos os Schomburgk à etnografia e à história indígena da Guiana e de toda aquela grande área cultural que Colson chama de circum - Roraima.

Entre os livros e relatórios de Robert Herman Schomburgk, trabalhados nesta tese destacam-se: “A description of British Guiana, Geographical and Statistical” (1840), “On the Natives of Guiana” (1848), “Report of an expedition into the interior of British Guyana in 1835 – 36” (1836); “The Guiana Travels of Robert Schomburgk 1835-1844”, em dois volumes editados por Peter Rivière (2006); “Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and Thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9”; “Journal of an Expedition from Pirara to the Upper Corentyne, and from Thence to Demerara” (1845); “Visit to the Sources of the Takutu, in British Guiana, in the Year 1842” (1843). Destaca-se também a importante obra do seu irmão Richard Schomburgk: “Richard Schomburgk’s Travels in British Guiana 1840-1844”.

Em sequência tratamos sobre a vida e obra de Charles Barrington Brown <sup>4</sup> (23 de agosto de 1839, Ilha do Cabo Bretão<sup>5</sup>, Canadá; 13 de fevereiro de 1917, Londres, Inglaterra, geólogo e explorador canadense. Era o segundo filho de Richard Brown, autor de vários artigos, contribuiu para os primeiros volumes do *Quarterly Journal of the Geological Society*, cujos desenhos de seções dos campos de carvão de Cape Breton são encontrados nos livros de geologia.

Brown foi educado na Universidade de Harvard e na Royal School of Mines, Londres (1862-4), obtendo sua formação em Geologia. Por recomendação de Sir Charles Lyell, um amigo próximo de seu pai, foi nomeado para o Instituto Geológico. Pesquisou na Jamaica e na Guiana Inglesa, onde serviu com J. G. Sawkins de 1864 a 1870. Nos quatro anos seguintes, de 1870 a 1873, ele foi o único encarregado da pesquisa. Seus relatórios sobre a geologia da Guiana Inglesa e da Jamaica em colaboração com aquele geólogo ainda são os trabalhos padrão sobre o assunto e mereceram a homenagem dos antigos governadores dessas ex-colônias.

Em 24 de abril de 1870, Brown (1876) foi um dos dois geólogos nomeados pelos ingleses para ser inspetor do governo para a Guiana Inglesa. Nesse mesmo ano, ele foi o primeiro europeu a constatar as quedas de Kaieteur. Sobre essa emoção, Brown (1876, p.236) comentou: “Não estava preparado para algo tão grandioso e surpreendente, a princípio não pude acreditar nos meus olhos, mas senti ser tudo um sonho”.<sup>6</sup>

Uma das lendas contadas sobre a origem da palavra Kaieteur relata que o nome foi dado em homenagem a Kaie, um líder da tribo Patamona, que vivia acima do rio Potaro. Ele, para salvar seu povo sob ataque de uma tribo caribe inimiga, sacrificou-se ao grande espírito Makunaima ao atirar-se das quedas d'água. Além de registrar as quedas de Kaieteur, Brown partiu para novas expedições. Em 1871, descobriu o New River, que ele considerou a verdadeira fonte do Courantyne. Isso deu origem à disputa de fronteira do New River Triangle entre o Suriname e a Guiana Inglesa. Brown também visitou o monte Roraima, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, e foi o primeiro europeu a

---

<sup>4</sup> Paráfrase biográfica e tradução do autor, baseado em: OBITUARY - Charles Barrington Brown, R.S.M., F.G.S. 1917, p.237. In: <<https://www.cambridge.org/core>>. Acesso em: 01/12/21.

<sup>5</sup> Ilha do Cabo Bretão se localiza na província da Nova Escócia no Canadá, foi colonizado pela Grã Bretanha, local que percebemos a descendência britânica e o possível contato de Brown sobre a história dos indígenas locais.

<sup>6</sup> Tradução e resumo do autor.

descrever o Tok-Wasen, uma formação rochosa localizada no extremo sul da montanha, e sugeriu sua ascensão em balão.<sup>7</sup>

Grande parte de sua expedição utilizou-se da canoa, do conhecimento e dos braços indígenas para adentrar em alguns locais na região de savana, onde acampava. Com isso, intitulou seu livro como “Canoe and Camp Life in British Guiana” (1876). De 1873 a 1875, ele se dedicou a novas explorações no rio Amazonas e seus afluentes para a Amazon Steam Navigation Company. O relato dessas viagens é feito em “Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries” (1878). Novamente, em 1887, 1889 e 1891, ele examinou garimpos de ouro e recifes na Guiana Inglesa e em outras ocasiões no Suriname. Durante este período, foi nomeado pelo Secretário de Estado da Índia para fazer um relatório sobre as minas de rubi da Birmânia, “o que resultou em um artigo, escrito em conjunto com o Professor JW Judd, publicado no Philosophical Transactions of the Royal Society of London em 1896. Esta obra é considerada uma contribuição clássica para a história do coríndon”<sup>8</sup> (minério a base de alumínio).

Entre as obras de Charles Barrington Brown, publicadas em livros e trabalhadas nesta tese, podemos destacar: “Reports on the Physical, Descriptive, and Economic Geology of British Guiana” (1875), “Canoe and Camp Life in British Guiana” (1876) e “Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries” (1878).

Além de Brown ter contribuído com vários artigos para o Quarterly Journal da Geological Society de Londres e para o Journal of the Anthropological Society, ele apresentou espécimes, coletados em suas viagens, nos principais museus britânicos. “No final de sua vida, as dificuldades e vicissitudes da viagem em tais climas variados e as febres contraídas no Amazonas, começaram a afetar sua constituição de ferro, e é quase surpreendente que ele tenha atingido a idade avançada de 77 anos”.<sup>9</sup> Faleceu em Londres aos 78 anos.

Segue em sequência uma breve biografia e as principais obras do viajante francês Henri Coudreau, que passou bastante tempo no Brasil e teve muitos livros publicados.

---

<sup>7</sup> Tradução do autor. HISTORY ARCHIVE. Charles Barrington Brown In: < <https://historyarchive.org/works/creators/charles-barrington-brown>>. Acesso em: 01/12/2021.

<sup>8</sup> Tradução do Autor: OBITUARY - Charles Barrington Brown, R.S.M., F.G.S. 1917, p.237. In: <<https://www.cambridge.org/core>>. Acesso em: 15/01/2021.

<sup>9</sup> Ibidem.

Henri Anatole Coudreau, (6 de maio de 1859, Sonnac<sup>10</sup>, França; 9 de novembro de 1899, Estado do Pará-Brasil) era professor de História e de Geografia quando em 1881, com a idade de 21 anos foi enviado à América do Sul como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims (RBG, 1943). Em 1883, ingressou em uma missão do Ministério da Marinha e das Colônias que durou até 1885 e que o fez percorrer os imensos territórios, então contestados, entre a Guiana Francesa e o Brasil (COUDREAU, 1940).

Henri Coudreau, fez parte de uma estirpe de exploradores profissionais a serviço dos interesses de diferentes Estados. Foi contratado tanto pela França quanto pelo governo brasileiro (ROMANI, 2013). Partindo da aldeia de Cunani, no norte do atual Amapá, passou depois ao rio Branco, indo até o rio Negro e permanecendo, nessa viagem de estudos, dois anos sozinho, entre os naturais da região (ROMANI, 2013).

Coudreau, esteve entre os Macuxi e os Wai Wai no rio Branco e na Guiana Inglesa. Conviveu com os Macuxi no alto rio Branco, sobretudo na viagem que fez de Manaus a Boa Vista, descreveu os Wai Wai como mansos e os reconheceu como um povo aristocrático que atrai outros para se fortalecer.

O trabalho realizado por Coudreau inaugurou uma era de exploração territorial na América do Sul, marcadamente de cunho econômico, se interessando muito pela mineração. Por outro lado, habitou por longo prazo junto aos indígenas, falecendo nas margens do rio Trombetas, em frente ao Lago Tapagem, no estado do Pará, em 1899. Após a sua morte, sua esposa Octavie Coudreau deu continuidade e complementou seu trabalho. Trataremos nesta tese sobre o seu contato e relato sobre os Wai Wai na região do Mapuera.

Entre as obras mais importantes de Henri Coudreau trabalhadas nesta tese, destacamos: “Voyage au rio branco aux montagnes de la lune au haut trombeta” (1886) lançado à parte e presente em “La France Équinoxiale”, obra em três volumes publicadas em 1886 e 1887; “Les Français en Amazonie” (1887); “Voyage au Tapajós” (1897); e “Voyage au Xingu” (1899). Finalizados por Octavie Coudreau, foram os seguintes livros “Voyage au Trombetas” (1900) e “Voyage à la Mapuera” (1903).

---

<sup>10</sup> A cidade de Sonnac, hoje com menos de 540 habitantes, está situada no sudoeste da França, no departamento de Charente Marítima, na micro-região de Matha (pays de Matha). Todos os habitantes da pequenina Sonnac, uma antiga vila do século XII, se orgulham hoje do seu filho ilustre. A sua rua principal leva o nome de Henri Coudreau e um dos pontos turísticos é a estátua do Viajante (SOUZA FILHO, 2008, pp.76-77).

Henri e sua esposa Octavie Coudreau conviveram bastante com indígenas na região do rio Branco e Guiana Inglesa e fizeram muitos relatos sobre eles, além de fotografias, cartas, reportagens e livros do casal viajante.

Esta tese se ampara na história cultural e na história indígena com três conceitos fundamentais: representação, relato (narrativa) de viagem e território.

Na perspectiva da história cultural, utilizamos como ferramentas teóricas para dar sustentabilidade nesta pesquisa os estudos sobre as representações culturais de Peter Burke e Michel de Certeau, sobre a alteridade de Tzvetan Todorov e sobre a história indígena de João Pacheco de Oliveira, Paulo Santilli e Nádia Farage. Utilizamos também como reforço teórico os estudos sobre a importância dos indígenas como intermediários culturais, desenvolvidos por Kapil Raj, James Delbourgo, John Short, Yves Pierre e Felix Driver. A seguir faremos um breve comentário sobre esses autores.

Com estes teóricos e pesquisadores analisamos a representação dos povos indígenas feita nos relatos de viajantes a serviço da Europa, que percorreram a fronteira do império brasileiro com as Guianas no século XIX, identificando como se deu o relacionamento entre viajantes e povos indígenas, as alianças que construíram e as questões relacionadas às transformações do território.

Iniciamos o debate historiográfico com Peter Burke (2002), historiador eclético confesso, que trabalha com comparação, representações, o uso de modelos, métodos quantitativos e o emprego da micro história social.

Para Burke, a ideia de representação é um conceito central da história cultural. Ela não significa que imagens e textos simplesmente refletem ou imitam a realidade social. Em decorrência disso, para ele tornou-se comum pensar e falar em construção ou produção de conhecimentos, territórios, classes sociais, doenças, tempo e identidade por meio da história das representações (BURKE, 2005).

Para Michel de Certeau (1982) as histórias de viagens e quadros etnográficos, através de relatos que se contam, recompõem as representações que simbolizam as alterações provocadas numa cultura pelo seu encontro com outra. Complementando com Burke: “As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua “verdade” por uma transparência destes textos: são aí transformadas segundo as leis de uma representação científica própria da época” (BURKE, 2005, p.190). Isso quer dizer que cada século tem seus costumes e representações, expressos em textos de sua época.

Michel de Certeau (2008), definiu ser necessário identificar o tempo, o local do historiador e suas influências. Nesta tese, os três viajantes do século XIX foram muito

influenciados pelo naturalista Alexander Von Humboldt e pela tendência que formaria a *Völkerkunde* alemã, uma alternativa à antropologia evolucionista, que reinou na Inglaterra e nos Estados Unidos. “Também foram influenciados pelo ‘sociologismo’ francês de Durkheim, alternativa que encontrou não somente o seu ‘objeto de estudo’ e ‘problema’ na cosmografia humboldtiana, como os seus pressupostos” (FRANK, 2007, p.129).

Para Certeau (1982), o lugar onde o historiador se estabelece pode, ainda por analogia, trazer o lugar da diferença. Da mesma forma, a relação com o real se torna uma relação entre os termos de uma operação. Devido a isso, é fundamental entendermos as armadilhas das representações, através das narrativas dos viajantes. Nesse passo, Burke nos traz análises muito importantes para trabalharmos cuidadosamente, teoria e pesquisa, assim como Certeau, para tratarmos sobre as representações das narrativas de viajantes.

Segundo Peter Burke (2005), os estudos sobre as viagens muitas vezes focalizam a maneira estereotipada pela qual uma cultura não familiar é descrita pelo viajante, diferenciando o olhar imperial. Reconhece-se aí que há uma busca por novas formas de narrativas para lidar com a história social e cultural.

Os historiadores sociais radicais rejeitam a narrativa porque a associam a líderes políticos ou militares ao invés de homens e mulheres comuns. Para Burke (2005) a narrativa das viagens também pode dizer algo sobre as pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas e seus mundos. Outro conceito fundamental deste trabalho é o da representação da alteridade dada ao contato do colonizador com o colonizado, tema que domina o olhar dos viajantes europeus na América do Sul. Nesse passo, pesquisamos Todorov, que é um incentivador dos estudos coloniais da América.

Todorov (1983) tratou sobre a conquista da América para demonstrar a relação hierárquica entre colonizador e colonizado, onde o eu (colonizador) vai narrar o outro (colonizado) como inferior. Ele demonstrou a violência dos espanhóis na América, mais conhecidos como destruidores de indígenas.

João Pacheco de Oliveira (2016, p.233) se inspirou em Todorov através do conceito de alteridade das representações: “Todorov (1983) mostra a diversidade de interpretações e doutrinas entre esses autores, sublinhando a heterogeneidade dos relatos e das propostas sobre o papel que o indígena deveria assumir na colonização da região”.

A representação da alteridade pode descobrir o outro, no caso aqui, discutindo o colonizador representando o indígena na sua maneira de enxergar. É muito importante

reconhecemos a alteridade das representações dos indígenas realizada pelas narrativas de viagens dos europeus, assim como precisamos compreender o contexto, o período, os costumes da época e as circunstâncias em que elas foram escritas.

Com olhos voltados na articulação e ao agir contemporâneo para podermos sustentar uma pesquisa que dê conta do objeto estudo, recorreremos à interdisciplinaridade, adentrando na história indígena que é o diálogo entre a antropologia e a história.

João Pacheco de Oliveira (2016), derrubou os conceitos de “invasão” e “descoberta”, utilizando-se do termo “contato”. Nesse período estudado, observamos representações de alianças entre viajantes e povos indígenas, destacando a importância do protagonismo indígena e a aceitação de mudanças, de um lado vivendo a exploração e de outro sobrevivendo à sua maneira através de sua força de trabalho em serviços gerais e miscigenando com colonos através de trocas comerciais. Percebemos, por outro lado, que este “contato” é estabelecido de uma forma desigual, como sugerido por Tzvetan Todorov (1983), o qual, através da alteridade, joga com a ambiguidade do eu (colonizador), julgando-se superior ao outro (colonizado).

João Pacheco de Oliveira realizou pesquisas na área da antropologia histórica, sobretudo nas temáticas de etnologia, indigenismo, política e territorialidade. Seu principal objetivo é resgatar o indígena na historiografia brasileira. Seus textos, frequentemente, iniciam com uma revisão crítica das fontes, procedendo a uma operação historiográfica, no sentido apontado por Michel de Certeau e Peter Burke. Oliveira também se utiliza do diálogo com o conceito de alteridade de Tzvetan Todorov.

Utilizamos também como ferramenta teórica e metodológica a história indígena, porque é onde a antropologia e a história se unem, através da visita de obras de autores que aproximam as duas disciplinas. São os casos do já citado Tzvetan Todorov (1983) e de João Pacheco de Oliveira (1987), que desenvolveu um método para se trabalhar com viajantes naturalistas, no qual destacou o protagonismo indígena em alianças com os viajantes.

Reconhecemos também a importância do trabalho dos indígenas como intermediários culturais junto dos viajantes que estão em expedições no Brasil no século XIX. Notei uma rede de trocas, comércio, intérpretes, guias, remeiros, caçadores, pescadores, isto é, conhecedores da floresta e do local percorrido pelos naturalistas. Os indígenas foram ativos, fazendo trabalhos de intermediação na região estudada.

Nesse passo, utilizamos como fonte teórica e de análise os estudos sobre os intermediários culturais. Segundo Driver (2015), as narrativas e a exploração do século



XIX, destacaram o papel de guias e intérpretes e permitiram exploradores científicos europeus descreverem paisagens que desconheciam como excêntricas, desconhecendo a agência indígena no manejo dessas paisagens. Isto aponta a falta de reconhecimento e crédito aos indígenas.

Raj (2009) afirmou que uma variedade de intermediários desempenhou papéis cruciais não apenas para permitir e sustentar o processo de expansão europeia, mas também para negociar a própria definição das fronteiras culturais no século XIX. Na opinião de Delbourgo (2009, p.316), “os impérios europeus, reduziram o alcance, pois os indígenas podem encontrar monstros, mas apenas os cavalheiros podem declará-los reais”.<sup>11</sup> Este exemplo, mesmo sem muita clareza, nos faz pensar sobre a apropriação europeia das culturas indígenas na América.

Uma exploração histórica dos intermediários culturais, oferece a oportunidade de remapear as redes de circulação e trocas de conhecimento. Os encontros cartográficos resultaram em mapas feitos pelos europeus em contato com os nativos americanos e feitos pelos indígenas em contato com os europeus (SHORT, 2009).

Segundo Short (2009), os povos indígenas usaram os recursos que dispunham, como o conhecimento geográfico, em troca de vantagens a curto prazo, como o comércio de bens e as alianças com os poderosos recém-chegados. As estruturas de troca (dominação e empréstimo) nas flexibilidades de interesses nos processos de tradução, apropriação e a preocupação em acompanhar o que as sociedades locais fazem com objetos ao final de sua circulação (PIERRE, 2004).

Compreendemos o século XIX como um período de muitas ambições da Inglaterra e França, principalmente por territórios no rio Amazonas e por riquezas minerais, como o minério de ferro e pedras preciosas, cujas principais jazidas estão debaixo de solo indígena.

Convém lembrar que, neste período em que os viajantes estiveram na fronteira brasileira com a Guiana Inglesa, ocorreu a Revolta da Cabanagem entre 1835 e 1840, momento em que muitos indígenas foram assassinados. Também foi um período que os indígenas foram arregimentados para os trabalhos nas fazendas do rio Branco e na extração do látex, muitas vezes como mão de obra compulsória.

Esta tese é dividida em três capítulos, cada um contemplando relatos de cada viajante estudado, o primeiro deles trata do expedicionário prussiano que esteve a serviço

---

<sup>11</sup> Tradução do autor.

da Royal Geographical Society inglesa. Tem como título “Robert Hermann Schomburgk (1804-1865): entre os indígenas e os interesses no rio Branco e na Guiana Inglesa”. Este capítulo se divide em quatro partes, que abordam o percurso da viagem (mapas e rotas); os lugares onde ocorreram os contatos relatados; o encontro com os Macuxi no Forte São Joaquim e no Pirara; e os encontros com os Wapishana, Wai Wai, Mayopitan, Pianoghotos e Taruma.

No segundo capítulo trabalhamos com o geólogo canadense que também esteve a serviço da coroa inglesa. Tem como título “Charles Barrington Brown (1839-1917): um geólogo entre os indígenas nas terras do rio Branco e na Guiana Inglesa”. Este capítulo também se divide em quatro partes: percurso da viagem (mapas e rotas); lugares onde ocorreram os contatos relatados; encontro com os Macuxi no Forte São Joaquim; e a passagem entre os Taruma, Wai Wai e Pemon.

No terceiro e último capítulo, trabalhamos com o viajante francês que esteve a serviço do governo da França e do estado brasileiro do Pará. Tem como título “Henri Anatole Coudreau (1859-1899) e a experiência na fronteira brasileira com a Guiana Inglesa”. Este capítulo é dividido nas seguintes partes: percurso da viagem (mapas e rotas); lugares onde ocorreram os contatos relatados; encontros com os Macuxi no rio Branco; encontros com os indígenas na região do rio Branco e na Guiana Inglesa e com os Wai Wai.

O que defendemos nessa tese é a ideia de que por detrás dos relatos dos três viajantes e das representações que construíram sobre as práticas e os costumes dos povos indígenas, estavam com os olhos voltados para os acontecimentos que definiam as fronteiras territoriais entre o Brasil e a Guiana Inglesa. Nesse sentido, compreendemos o século XIX como um período marcado por transformações e disputas sociais, políticas e econômicas.

Portanto, sem preconceitos, devemos entender o contexto da época e, ao mesmo tempo, a forma como a troca e o contato desigual demonstraram a esses viajantes o quanto tinham de aprender com os indígenas amazônicos, pois sem a ajuda deles em diversos serviços, e sem seu trabalho na expedição e sem seus conhecimentos, dificilmente estes homens viajantes triunfariam com seus relatos em suas missões.

Procuramos revisitar os relatos para trazermos à tona costumes, atividades, o estilo de vida e de época, e dos povos que viveram e ainda vivem naquela extensa região atualmente formada pelo Brasil e a Guiana.

## Capítulo 1: Robert Hermann Schomburgk (1804-1865): entre os indígenas e os interesses no rio Branco e na Guiana Inglesa.

A infinita variedade de traços físicos, culturas, sociedades, povos, e nações continua inspirando antropólogos e etnólogos interessados em estudar a diversidade biológica e sociocultural (VIERTLER, 2017, p.300).

### 1.1: Percurso da viagem

Figura 2 - Guiana Britânica



Fonte: Schomburgk, British Guiana, 1840

No mapa acima (Figura 2) foi traçado os limites territoriais da Guiana Inglesa com a Venezuela e o Brasil, interpretados pelo viajante Robert Schomburgk, com o nome das regiões, vegetação, vilas, cidades, rios, inclusive com o nome de etnias indígenas e onde cada uma se localizava. Destacam-se também as linhas demarcatórias em cores, onde se vê os limites da Guiana Britânica (rosa), Venezuela (verde) e Brasil (amarela). A sugestão de fronteira feita por Schomburgk provocou litígios com o Brasil, solucionados na famosa Questão do Pirara, e com a Venezuela, que reivindica a região da Guiana Essequiba.

Além da história natural, da etnografia e da geografia física, Schomburgk também fez apontamentos em relação à logística do comércio de exportação. A questão demarcatória fez desse viajante o mais reconhecido, e dentro dela a questão indígena é de fundamental importância. Em seu relato não faltaram também comentários racistas e etnocêntricos<sup>12</sup>, como afirmações de que os indígenas mentiam, roubavam e se embriagavam, eram preguiçosos e descuidados com aquilo que lhe é próprio: “a casa, as vestimentas e, sobretudo, o próprio corpo, incluindo-se as emoções, os gestos, as falas etc” (FRANK, 2007, p.112). O foco desta tese é a aliança estabelecida do viajante com os indígenas conhecedores da região, assim como seus hábitos, costumes e adereços.

“Robert Schomburgk, que trabalhou para a Grã-Bretanha, planejou e iniciou inúmeras expedições exploratórias desde o litoral da Guiana ao interior, entre os rios Rupununi, Branco, Orinoco, Negro e Amazonas” (OLIVEIRA, 2020, pp. 214-215).

Ainda segundo Reginaldo de Oliveira (2020), uma das missões de Schomburgk era pesquisar em detalhes a geografia física e a astronomia do litoral para o interior, com infinitas trilhas terrestres e aquáticas. Depois de levantar as informações, deveria comparar com os estudos realizados por Alexander von Humboldt no alto Orinoco. Assim, em uma dessas viagens pela Guiana Britânica, Schomburgk encontrou uma planta aquática na Amazônia em 1837, que ele denominou de Vitória-Régia, uma homenagem à rainha Vitória e sua protetora britânica (MANGAR, 2011).

A serviço da Royal Geographical Society em Londres, o explorador prussiano, realizou expedições entre o extremo norte brasileiro e a Guiana Inglesa, região trabalhada

---

<sup>12</sup> Para os Schomburgk (seguindo o precário amálgama de Kant e Herder, de toda a filosofia idealista alemã), não há ainda qualquer contradição entre a idéia da ‘constituição cultural’ humana e a outra, a do ‘livre arbítrio’, como parte constitutiva do próprio Gattungscharakter. Só que, para os Schomburgk, todos aqueles que individualmente ou em grupo decidem ignorar os costumes do próprio povo põem, com isso, o Volkscharakter da sua coletividade em risco, iniciando (ou fomentando) a sua ‘decadência’ e, em longo prazo, até a extinção do seu povo (FRANK, 2007, p.112).

nesta tese seguindo os interesses ingleses de demarcação de território, e para estudar os indígenas que habitavam o local desta fronteira indefinida.

Criada em 1830, a Royal Geographical Society de Londres (RGS), através do governo britânico, patrocinava expedições científicas em todos os continentes da Terra. De acordo com Stewart (1998), a instituição se interessava além das descrições naturais geográficas, pelos povos nativos originais dos locais explorados pelos viajantes.

As expedições científicas a serviço principalmente da Royal Geographical Society, trouxe classificações vegetais, minerais, conhecimentos geográficos, e a etnografia dos povos que habitam os locais explorados. Os viajantes naturalistas em expedições pelo mundo vão trazer as representações geográficas e ambientais de um “mundo novo”, até então desconhecido da ciência presa em gabinete. Capitão Cook no século XVIII, Humboldt no fim do século XVIII e início do século XIX, vão servir de outdoor (propaganda) da Europa para promover as viagens de expedições científicas em locais ainda não explorados.

Figura 3- Robert Hermann Schomburgk



Fonte: SCHOMBURGK, 2006, p.8.

Em 1831, a marinha real com o apoio da RGS, enviou o HMS Beagle para mapear a costa da outra extremidade das Américas, viagem que alcançou fama porque Charles Darwin estava a bordo. Pouco tempo depois os irmãos Schomburgk estiveram em expedição na fronteira do extremo norte brasileiro com a Guiana Inglesa, região que faz parte da Amazônia caribenha e é conhecida como *circum-Roraima* (CARVALHO, 2020) onde vivem indígenas que se comunicam pelo meio terrestre e aquático (OLIVEIRA, 2014). Este nome homenageia o monte Roraima, onde se originou o mito de Macunaima e local onde hoje está a tríplice fronteira entre o Brasil, a Venezuela e a República da Guiana. Ali, cada etnia indígena se aproxima nos costumes e no contato, como também se distanciam em suas particularidades.

Ainda vinculadas à RGS, podemos lembrar de três expedições que tiveram grande impacto científico, as de Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates e Richard Spruce à Amazônia. Os dois primeiros chegaram em 1848 e Spruce, no ano seguinte. Ao regressar a Londres, Bates passou a ser o primeiro secretário pago da RGS, a qual também ajudou Wallace a chegar ao sudeste da Ásia, onde ele desenvolveu a teoria da seleção natural (STEWART; TABORI; CHANG (1998).

As instruções de Robert Schomburgk (Figura 3) recebidas do secretário da Royal Society datavam de 19 de novembro de 1834. A expedição teve dois objetivos distintos; primeiro, investigar minuciosamente a geografia física e astronômica da Guiana Inglesa e, segundo conectar as posições assim apuradas com as de Humboldt no alto Orinoco.

Os dois empreendimentos deveriam durar três anos, o segundo objeto a ser iniciado após a conclusão do primeiro. Para as despesas a Royal Society contribuiu com 900 libras. Ele foi encaminhado para o Demerara na Guiana Inglesa, onde receberia mais instruções do Governador, Sir James Car (RODWAY, 1889, p.2).<sup>13</sup>

Em 1835, o alemão desembarcou pela primeira vez na Guiana Inglesa e durante os três anos seguintes percorreu a costa e o interior. Finalmente, em 1838, após uma rápida visita de cortesia ao Forte de São Joaquim, ponto avançado de ocupação colonial portuguesa no alto rio Branco (FARAGE, 1991), ele subiu o rio Cotingo (afluente do Tacutu, um dos formadores do rio Branco, até o pé do monte Roraima, de onde prosseguiu em direção oeste, ascendendo pelo rio Urariquera (outro formador) até além da ilha de Maracá, “cruzou o divisor de águas entre as bacias dos rios Branco e Caura-Parágua, para

---

<sup>13</sup> Tradução Nossa. No original: The two undertakings were to occupy three years, the second object to be commenced after the completion of the first. Towards the expenses the Society contributed 900 L. He was directed to proceed to Demerara, where he would receive further instructions from the Governor, Sir James Car (RODWAY, 1889, p.2).

finalmente descer o rio Ventuari até Esmeraldas, pequena cidade venezuelana na margem do alto Orenoco. De lá, voltou para Georgetown, via os rios Negro, Branco e Rupununi” (FRANK, 2007, p.99).

Relatos que seguem abaixo se referem ao artigo de James Rodway (1889): The “Schomburgks” in Guiana: Todas as informações geográficas deveriam ser consideradas como propriedade da Royal Geographical Society, mas suas coleções deveriam estar à sua disposição, com exceção de um conjunto de espécimes de história natural para o museu britânico e uma coleção geológica para a sociedade geológica. Durante o primeiro ano ou dezoito meses, tudo deveria estar subordinado ao objetivo de investigar o caráter físico e os recursos da grande cordilheira central que fornece afluentes aos grandes rios da Guiana Inglesa. Ele chegou a Georgetown em 5 de agosto de 1835, onde permaneceu por seis semanas, sendo seu atraso causado pela duração incomum da estação chuvosa. O governador se interessou muito pela expedição, mas os fazendeiros e habitantes em geral estavam tão ocupados com as disputas políticas da época, que sua chegada quase não foi notada. Também, segundo Rodway (1889), a grande questão da emancipação terminara no que os fazendeiros da Guiana Inglesa, consideravam uma derrota, com as disputas pelo dinheiro da indenização e as novas leis para os aprendizes, as relações entre o governo e os latifundiários eram muito tensas. “No dia 21 de setembro, deslocou-se ao Posto Essequibo, que ficava no local da atual Colônia Penal, com a finalidade de engajar corais e índios para a expedição” (RODWAY, 1889, p.3).<sup>14</sup> Primeiro local que Robert Schomburgk contratou indígenas para servirem de guias a sua expedição, dando a eles em troca de produtos manufaturados ingleses como facas, ferramentas, anzóis, contas de vidro etc.

Schomburgk coletou bastante nesta expedição, suas coleções nesta viagem incluíam 58 aves, 400 espécimes de história natural que infelizmente foram perdidos a bordo de um navio naufragado na viagem de volta com 8.000 plantas de 400 espécies. Os outros resultados, no entanto, foram quase deixados na sombra pelo relato e registro da Victoria Regia, da qual Schomburgk enviou desenhos coloridos para a Inglaterra, e foi dada a conhecer aos cientistas pela primeira vez em uma reunião da associação Britânica, em 11 de setembro de 1838. Quase imediatamente, as descrições foram publicadas em todas as revistas científicas e em quase todos os jornais britânicos. “Tendo recebido o

---

<sup>14</sup> Tradução Nossa. No original: “On the 21st of September, he proceeded to the Essequibo Post, which stood on the site of what is now the Penal Settlement, for the purpose of engaging corials and Indians for the expedition” (RODWAY, 1889, p.3).

nome da jovem rainha, juntamente com sua grandeza e beleza, ajudou a torná-lo mais conhecido do que talvez qualquer descoberta botânica já feita” (RODWAY, 1889, p.7).<sup>15</sup>

Retornando de sua primeira expedição na Guiana Inglesa, Robert Schomburgk foi para a Inglaterra em outubro de 1839, levando consigo três indígenas que fizeram parte da tripulação de sua embarcação. Corrienow que era um Warrow, Saramang, um Macuxi e o terceiro Sororeng um Parawano.

Em Londres os indígenas foram apresentados à Aborigines Protection Society em Exeter Hall, e foram vistos com grande interesse pelos visitantes da Exposição da Guiana que o viajante abriu em Londres na Regent Street, 209, durante o inverno de 1839-40 (RODWAY, 1889). Segundo testemunhas da época, a exposição das coleções de Schomburgk foi organizada em uma sala decorada com folhas cênicas, no modelo de uma maloca indígena, equipada com redes e outros utensílios. Os indígenas estavam vestidos com roupas bem justas e pintados com urucum, dando aparência de natureza, encolhidos sobre o fogo, tremendo de frio. Segundo relatos a performance mais interessante foi quando demonstraram habilidades em atirar com o arco e a zarabatana.

Sobre as coleções: “Ao redor das salas estavam dispostas as coleções de pássaros, quadrúpedes, insetos, espécimes geológicos, implementos indígenas e uma bela série de desenhos de paisagens e plantas, com destaque especial para um desenho em tamanho natural da Victoria” (RODWAY, 1889, p.10).<sup>16</sup>

Robert Schomburgk aceitou novamente o convite dos ingleses e em 1840, esteve mais vez na Guiana Inglesa, onde permaneceu até 1844, correndo incansavelmente o interior da colônia acompanhado por seu irmão Richard, na função oficial de coordenador da Primeira Expedição Geográfico-Botânica Prussiana no Interior da Guiana que teve sua viagem financiada pelo próprio rei da Prússia por recomendação de Alexander von Humboldt. Segundo o contrato entre Richard e o Real Instituto Prussiano de História Natural, a finalidade da expedição, além de etnográfica, era colecionar plantas, amostras de madeira e minerais para o acervo da Real Sociedade em Berlim.

Enquanto isso, Robert Schomburgk havia iniciado a pesquisa, auxiliado pelo Sr. Glascott e acompanhado por seu irmão Richard, que havia sido contratado pelo governo

---

<sup>15</sup> Tradução Nossa. No original: “It having been named after the young Queen, together with its grandeur and beauty, helped to bring it into more notice than perhaps any Botanical discovery ever made” (RODWAY, 1889, p.7).

<sup>16</sup> Tradução Nossa. No original: “Around the rooms were arranged the collections of birds, quadrupeds, insects, geological specimens, Indian implements, &c, and a fine series of drawings of scenery and plants, special prominence being given to a life-size drawing of the Victoria Regia” (RODWAY, 1889, p.10).



prussiano para fazer coleções para o Museu Real e o Jardim Botânico de Berlim. A expedição partiu de Georgetown em 19 de abril de 1841, e seguiu para o rio Waini, daí pela Passagem de Mora até o Barima, e depois de cuidadosas explorações desses rios desde a foz até as nascentes, foi para o Amacura, que foi também cuidadosamente examinados. Voltando ao Waini, a expedição subiu por aquele rio até seu afluente, o Barama, e daí por terra até o Cuyuni, chegando por este rio a Bartica, em 27 de julho.

Durante os três meses e meio, os irmãos Schomburgks viajaram mais de 700 milhas:

expostos às torrentes de uma estação chuvosa, fez 21 observações astronômicas, e grandes coleções de plantas e espécimes de história natural. Richard Schomburgk teve grandes dificuldades em preservar as coleções, mas os resultados foram em geral muito animadores. Uma grande quantidade de Orquídeas vivas, incluindo uma belíssima *Coryanthes* (*C. macrantha* PJ) que havia sido confiada ao Capitão de uma escuna, infelizmente pereceu por falta de cuidado (RODWAY, 1889, pp.17-18).<sup>17</sup>

Em 1844, Robert Schomburgk voltou à Inglaterra, onde os seus esforços foram recompensados com o título de “Sir” (nacionalidade britânica) e emprego no Foreign Office, “ao qual serviu, posteriormente, em diversas funções em Barbados, na República Dominicana e até em Bangkok, antes de morrer, em 1865, em Schöneberg, Alemanha, perto de Berlim” (FRANK, 2007, p.100).

As viagens de Robert e Richard Schomburgk geraram uma ampla documentação, inclusive mapas. Os escritos do primeiro foram usados posteriormente nas querelas territoriais entre a Guiana Britânica, a Venezuela e o Brasil, e mantêm-se bem preservada segundo o antropólogo Frank (2007). Sobre as obras de ambos é importante destacar que:

Para começar, da mão de Robert-Hermann nos vêm quatro Reports da sua primeira permanência na colônia britânica (1836, 1841a, b, c) e dois da segunda (1843, 1845), publicados pela Real Sociedade de Geografia de Londres, além do resumo dos resultados da sua pesquisa socioeconômica, publicado por ele próprio em 1840. Fora estas obras, há outras publicações mais especializadas, principalmente no campo da botânica. (FRANK, 2007, pp.101-102).

Todas essas obras, junto com dezenas de extensas cartas que Robert Schomburgk mandou para as autoridades coloniais em Georgetown já foram amplamente discutidas

---

<sup>17</sup>Tradução Nossa. No original: exposed to the torrents of a rainy season; made 21 astronomical observations, and also large collections of plants and natural history specimens. Richard Schomburgk had great difficulties in preserving the collections, but the results were on the whole very encouraging. A large quantity of living Orchids, including a very fine *Coryanthes* (*C. macrantha* PJ), that had been entrusted to the Captain of a schooner unfortunately perished through nattention (RODWAY, 1889, pp.17-18).

por diversos autores. Frank (2007) cita, contudo, a falta ainda de uma análise detalhada da contribuição de ambos os Schomburgk à etnografia e a história indígena da Guiana e de toda aquela grande área cultural que Audrey Colson chama de *circum Roraima*.

Sobre o espaço étnico relatados por eles na opinião de Erwin Frank (2007, pp.104-105):

há uma infinidade de observações pontuais, registros de variações no interior do 'espaço étnico' percorrido, principalmente no fenótipo, na língua e na cultura material dos povos indígenas da Guiana, mas aponta a falta de uma sistematização das informações em quadros mais abrangentes. Afinal, é sobretudo a cultura material indígena que capta o olhar etnográfico dos alemães (FRANK, 2007 p.104).

Os irmãos Schomburgk, descreveram os princípios da construção das casas dos indígenas, como a altura, o comprimento, a localização das redes e das fogueiras no seu interior, os objetos que encontraram nelas, a forma, a decoração e o material do qual são fabricados. Informaram também sobre as pinturas corporais e os artesanatos usado pelos indígenas, a prática de rituais, assim como as reações dos espectadores, que estavam presenciando num determinado lugar com eles. Porém, eles trataram pouco em suas obras sobre religião, mitologia, a organização social dos povos indígenas visitados. Na realidade, concordando com Erwin Frank (2007), falta uma tentativa de análise da sistematicidade da cultura indígena.

Devido a escolha e atenção a geografia física e a botânica, apesar da importância do trabalho dos irmãos Schomburgk, faltou um detalhe mais apurado da cultura indígena de cada etnia relatada.

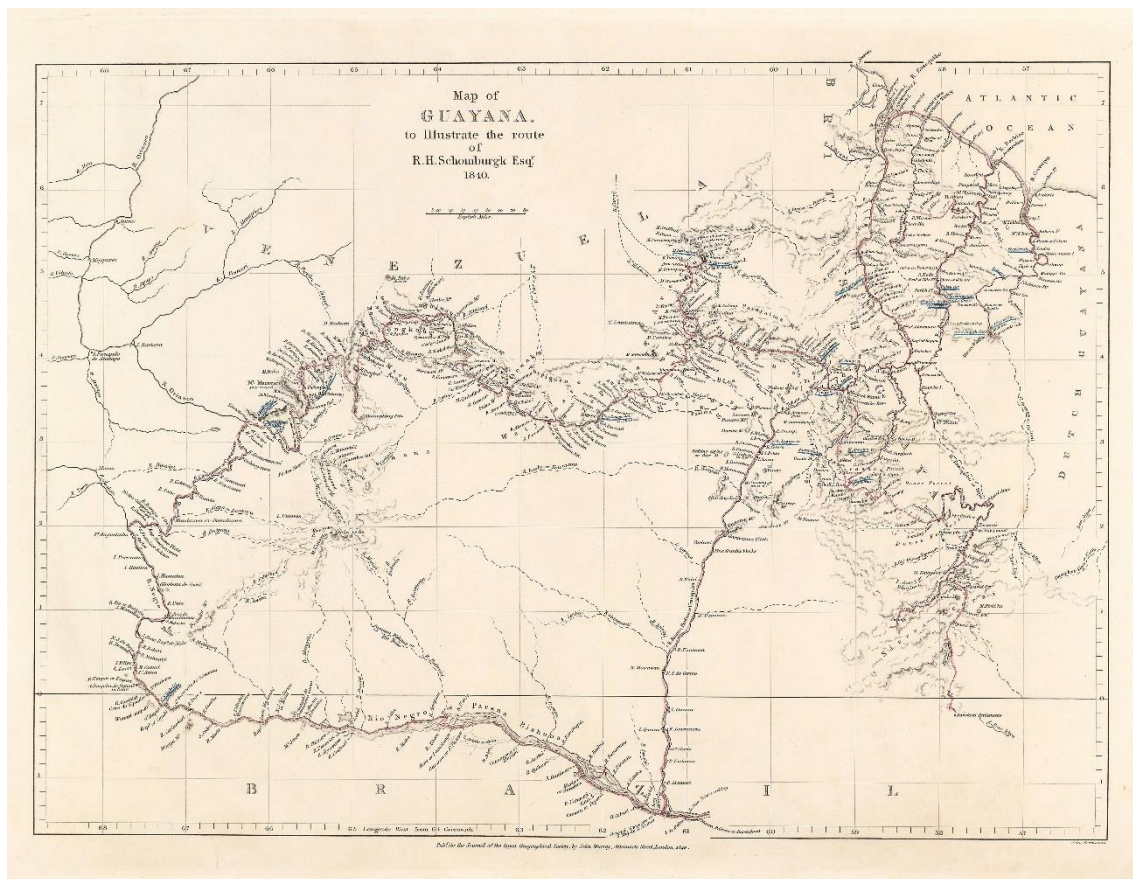
O livro "A Description of British Guiana" foi publicado no início de 1840 e, grande parte da obra foi vendida na colônia por Richardson & Co., que anunciou a primeira edição à venda a partir do dia 14 de julho, segundo James Rodway (1889). Na Reunião de Aniversário da Sociedade Geográfica realizada em 25 de maio de 1840, uma das medalhas de ouro foi entregue a Schomburgk com o seguinte endereço de cortesia:

Sr. Schomburgk, por favor de Sua Majestade a Rainha destes reinos, a Royal Geographical Society está autorizada a aplicar a medalha agora diante de mim para o encorajamento da ciência geográfica e da descoberta, e é no cumprimento consciente do dever que assim recaiu sobre eles, que a Sociedade decidiu colocar em suas mãos este honorável testemunho de sua aprovação e estima. Senhor, - Na árdua jornada em que esteve envolvido durante um período de cinco anos, você cumpriu fielmente as instruções e mais do que cumpriu as expectativas de seus empregadores, pelos passos de seu ilustre conterrâneo Barão Humboldt, você visitou depois um país em que ninguém o precedeu (RODWAY, 1889, p.11).<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Tradução Nossa. No original: - Mr. Schomburgk, -By favour of Her Majesty the Queen of these Realms, the Royal Geographical Society is authorised to apply the medal now before me to the encouragement of

Abaixo temos mais um mapa da Guiana Inglesa (Figura 4), criado por Schomburgk em 1840, no período de sua segunda expedição, publicado no livro “A Descrição da Guiana Britânica”.

Figura 4 – Mapa da Guiana, por R. H. Schomburgk, 1840



Fonte: Schomburgk, 1840.

O mapa acima, de autoria de Robert Schomburgk, segundo opinião da Royal Geographical Society e da rainha, deu amplo testemunho na sua habilidade como geógrafo físico, a descrição e o apelo aos indígenas, semelhantes e súditos, não foi feito em vão, com isso ele estava prestes a retornar à terra de suas antigas peregrinações sob a sanção do governo. A coroa britânica ficou ciente dos trabalhos e das dificuldades em suas viagens anteriores, das privações que sofreu, dos perigos que enfrentou, a sua

---

geographical science and discovery, and it is in the conscientious discharge of the duty which has thus devolved upon them, that the Society has determined to place in your hands this honourable testimony of their approbation and esteem. Sir, -In the arduous journey in which you were engaged during a period of five years, you faithfully complied with the instructions, and more than fulfilled the expectations of your employers. Guided in the first instance, by the footsteps of your illustrious countryman Baron Humboldt you afterwards visited a country in which no one had preceded you (RODWAY, 1889, p.11).

paciência, seu espírito destemido, em sua última expedição foram provas abundantes do cumprimento bem-sucedido de sua nova missão que garantiriam seu coroamento com honras adicionais e reivindicações ainda maiores de gratidão e respeito.

Robert Schomburgk respondeu com o seguinte agradecimento de cortesia:

A distinção que a Royal Geographical Society goza entre os corpos científicos na Europa, e a liderança que ela tomou até agora no avanço da geografia, devem render um testemunho tão honroso, como acabas de me conceder uma orgulhosa aquisição a qualquer viajante, tanto mais quando ele recorda os ilustres viajantes e descobridores que em épocas anteriores receberam desta cadeira o Prêmio Real. Para mim, é uma fonte adicional de gratificação, pois prova ao mundo que as pesquisas que foram realizadas sob o patrocínio e direção desta Sociedade foram aprovadas. Talvez me seja permitido recapitular brevemente alguns de meus trabalhos no Ocidente das Índias (RODWAY, 1889, pp.12-13).<sup>19</sup>

Após a sua resposta de agradecimento a Royal Geographical Society pelo reconhecimento de suas realizações na Guiana Inglesa, retornamos a questão indígena referente a Robert Schomburgk (1840) que afirmou que a Guiana é habitada por uma população pouco dispersa de indígenas, que, embora concordem em estatura e características, em roupas, em trajes e modo de vida, diferem, no entanto na linguagem essa diferença é tão grande entre os povos que vivem um ao lado do outro falando línguas essenciais e distintas.

Verificou as línguas indígenas como tarefa de dificuldade que exige uma aplicação mais próxima e um período mais longo e que não teve muito tempo para se dedicar a elas. Schomburgk admirava os Macuxi e Arecuna, que habitavam as extensas áreas na fronteira sul e sudoeste da Guiana Inglesa. Apesar de serem povos rivais, os considerou importantes, poderosos e prestativos no auxílio da sua expedição. Sobre o tronco linguístico Caribe, teve consciência de que o povo tinha se ampliado e mantiveram independência por um longo período após a chegada dos estrangeiros e que eram o terror de todas as outras nações, ainda que poucos na Guiana Britânica (SCHOMBURGK,1840).

Descreveu também os povos indígenas em “The Description of British Guiana” de 1840, tronco linguístico e etnia: “1-Arawaak; 2-Warrau; 3-Caribi or Caribisi; 4-

---

<sup>19</sup> Tradução Nossa. No original: The distinction which the Royal Geographical Society enjoys among the scientific bodies in Europe, and the lead which it has hitherto taken in the advancement of geography, must render so honourable a testimonial as you have just now bestowed upon me a proud acquisition to any traveller, the more when he looks back to the distinguished travellers and discoverers who at former periods have received from this chair the Royal Premium. But to me it is an additional source of gratification, as it proves to the world that the researches which were carried on under the patronage and direction of this Society met with their approbation. I may perhaps be permitted briefly to recapitulate some of my labours in the West Indies. (RODWAY, 1889, pp.12-13).

Accawai ou Waccawaio; 5-Taruma; 6- Macusi; 7-Arecuna; 8-Wapisiana, 10-Atorai ou Atoria; 11- Woyawai” (SCHOMBURGK,1840, p.49).

O viajante prussiano se utilizava no século XIX do termo “tribo”, para se referir a um determinado povo indígena, este caiu em desuso na antropologia e história indígena da atualidade que passou a utilizar a palavra etnia ou apenas a denominação como referência. Robert Schomburgk realizou novas e importantes descobertas sobre os indígenas na Guiana Inglesa e no Brasil.

Também na opinião de Robert Schomburgk (1840), os numerosos Macuxi, Wapishana e Arecuna, que habitavam os afluentes do alto Essequibo, convertidos ao cristianismo e a civilização europeia naquela época, a geração futura deles poderiam ser induzidas, quando assim qualificada para vir a se estabelecer entre os colonos, para ajudar através do trabalho de suas mãos para a prosperidade da colônia. Reconheceu alguns sérios obstáculos que operavam contra o estabelecimento de mestres religiosos entre as raças na fronteira indeterminada. Esperava que esses obstáculos tivessem sido removidos por sábias disposições do Governo de Sua Majestade, de quem, segundo Schomburgk o escravo africano agradeceu a liberdade e em quem o indígena, com igual confiança, confiava para sua melhoria.

A Grã-Bretanha é considerada oprimida por uma população superabundante; e os males resultantes de uma massa de seres humanos restrita para sua (subsistência a um espaço tão estreito, poderiam ser neutralizados, pensava-se, pela emigração em grande escala. Os ministros já tomaram medidas para o efeito, e a nova Comissão de Colonização está encarregada de prestar toda a assistência para esse fim (SCHOMBURGK, 1840, pp.145-146).<sup>20</sup>

Sobre os comentários de que o indígena do novo mundo é incapaz de elevação, e que nenhum poder de príncipes, filosofia ou cristianismo poderia deter seu sombrio progresso em direção a uma destruição, considerava o viajante que este tipo de ideias sem coração não poderia ser adotado por quem morava com eles e estudava seu caráter.

Afirmava que o indígena era capaz de melhorar progressivamente com a ordem social, as artes europeias e a moral cristã, e os comparou às raças teutônicas em sua infância, que emergiram progressivamente da barbárie para a estação brilhante que então ocupavam entre as nações mais civilizadas da Europa.

---

<sup>20</sup> Tradução Nossa. No original: Great Britain is considered to be oppressed with a superabundant population; and the evils resulting from a mass of human beings restricted for their subsistence to so narrow a space, might be counteracted, it has been thought, by emigration on a large scale. Ministers have already taken measures to effect this, and the new Colonization Commission is directed to afford every assistance for that purpose (SCHOMBURGK, 1840, pp.145-146).

Esta aversão dos indígenas aceitarem emprego dos colonos pode ter surgido em grande medida das imposições às quais eles foram anteriormente expostos, e por causa das trocas por algumas contas de vidro, facas etc., para a quantidade de dinheiro, eles foram mantidos em trabalho árduo por meses. Essas imposições com o tempo diminuíram, e a população indígena próxima às regiões costeiras da Guiana Inglesa tornou-se de grande ajuda para os lenhadores, onde estão empenhados em cortar madeira, rachar telhas etc. Foi evidente para o viajante que os indígenas podiam trabalhar, e que os lenhadores mais experientes possuíam mais preferência por eles como trabalhadores do que os negros.

Para ele, existia práticas para assegurar um indígena como trabalhador, as quais não são de forma alguma dignas de crédito, também aconselhou que para eles avançarem na civilização, precisava despertar neles a demanda por roupas decentes e outros confortos das nações civilizadas, exaltando-o em sua própria opinião e aumentando seu respeito próprio.

Robert Schomburgk (1840, pp.144-145) acusou os europeus de terem se apoderados de terras e abandonarem os indígenas a própria sorte quando foram substituídos pelo trabalho escravo africano no Brasil:

O indígena, não contaminado pelos vícios europeus, e essa maldição, o rum, é estritamente moral. Os colonos europeus têm com essas pobres raças negligenciadas uma grande e longa dívida. Eles se apoderaram de suas terras; empregou-os, em sua primeira chegada, no cultivo dessas terras férteis; e quando o escravo africano foi substituído pelo trabalhador indígena, e a necessidade de outros serviços dos aborígenes cessou, eles foram expulsos para os confins do interior e abandonados.<sup>21</sup>

Reconhecia sérios obstáculos que operavam contra o estabelecimento de mestres religiosos entre as raças na fronteira indefinida entre o Brasil e a Guiana Inglesa, esperava-se que esses obstáculos fossem removidos pelas decisões do governo britânico, para o indígena não ficar abandonado a própria sorte como acusava de ter ocorrido no Brasil.

Quando Robert Schomburgk cruzou as savanas do rio Maú, encontrou frequentemente rebanhos de trinta a cinquenta anos e o capitão Cordiero (Cordeiro), então

---

<sup>21</sup> Tradução Nossa. No original: The Indian, uncontaminated by European vices, and that bane, rum, is strictly moral. The European colonists owe to these poor neglected races a large and long debt. They possessed themselves of their land; employed them, at their first arrival, on the cultivation of those fertile tracts; and when the African slave was substituted for the Indian labourer, and the necessity for the further services of the aborigines ceased, they were driven to the wilds of the interior and neglected (SCHOMBURGK, 1840, pp.144-145).

comandante do forte de São Joaquim lhe garantiu que milhares de gados pastavam nas margens dos rios Tacutu e Branco. Relatou inclusive sobre o número que aproximavam em cerca de três mil das cabeças de gado nas fazendas imperiais nas proximidades do forte, atendidas regularmente por pastores, que salgavam e secavam a carne e enviavam com as peles a cada três ou quatro meses para Manaus.

Verificou também a importância de uma boa alimentação para diminuir a mortalidade das tropas enviadas da Europa à colônia da Guiana devido entre outras causas a alimentação imprópria, que havia uma necessidade primordial de ter as tropas equipadas com um porção maior de carne fresca do que o permitido pelos regulamentos do exército. “Pois esses suprimentos de carne fresca estavam ligados a pesadas despesas para o tesouro, pois o gado precisa ser importado das ilhas, principalmente de Porto Rico, uma das colônias espanholas” (SCHOMBURGK, 1840, p.114).<sup>22</sup>

Fez observações quanto a adequação das extensas savanas entre os rios Berbice e Demerara, para pastagens, pois reconhecia o clima nessas regiões mais saudável, e o país tão bem regado por nascentes e riachos, pois faltava água nas savanas do Rupununi, que era um grande obstáculo. Deixou conselhos aos colonialistas empreendedores que cultivassem pastagens, comprassem e estocassem o gado das savanas do rio Branco, pois a carne in natura poderia ser obtida a um preço tão barato quanto nos Estados Unidos. Esta decisão ficou nas mãos dos fazendeiros da Guiana Inglesa.

Acreditava que as dificuldades relacionadas com o transporte do gado no rio Branco para as savanas entre os rios Demerara e Berbice, eram poucas. O gado poderia ser conduzido através das savanas até o sopé do monte Makarapan, onde poderiam ser embarcados em barcos ou grandes canoas, pois a florestas nessas regiões tinham abundância de madeira para a construção delas e o período escolhido para o transporte do gado era quando o rio estava cheio, portanto em uma de suas passagens pelo Brasil:

O administrador da pecuária brasileira do rio Branco informou-me, durante sua estada no forte São Joaquim, que o gado rondava por cinco mil e que o preço era de seis dólares por cabeça. Sendo as pastagens das savanas do rio Berbice semelhantes, e as localidades e abastecimento de água superiores, às savanas do rio Branco, seria assegurado o sucesso das fazendas que fossem abastecidas com aquele gado (SCHOMBURGK, 1840, pp.115-116).<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Tradução Nossa. No original: “These supplies of fresh meat are at present connected with heavy expenses to the treasury, the cattle being imported from the islands, chiefly from Puerto Rico, one of the Spanish colonies” (SCHOMBURGK, 1840, p.114).

<sup>23</sup> Tradução Nossa. No original: The administrator of the Brazilian cattle-farms at the Rio Branco informed me, while staying at fort São Joaquim, that the number of cattle amounted to about five thousand, and that the price was six dollars per head. The pasture of the savannahs of the river Berbice being similar, and the

Observamos nesta primeira parte do capítulo, a explicação da rota de viagem, a trajetória de Robert Schomburgk, descrições, ambições territoriais e econômicas relatadas a serviço da coroa britânica, para na segunda parte deste capítulo analisarmos os lugares onde ocorreram os relatos sobre os povos indígenas entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

## 1.2 Lugares onde ocorreram os contatos relatados

Dentro dos relatos do primeiro viajante inglês do século XVI, chamado Walter Raleigh<sup>24</sup> (na época se buscava o caminho do Eldorado, e na verdade toda essa riqueza estava lá, só que em seu subsolo), descreveu-se que a melhor estratégia para coroa britânica conquistar a Guiana era a aliança com os povos indígenas, pois estes conheciam os caminhos aquáticos e por terra do território (RALEGH, 2002). Relatou que os espanhóis eram massacrados pelos indígenas, por tomarem suas mulheres, os escravizar e desenterrar seus mortos para roubar tesouros que acreditavam ser enterrados juntos. Muitos desses viajantes morriam também de doenças tropicais como malária, perdidos em suas águas e terras por meses, passavam fome, muitas vezes naufragavam devido ao desconhecimento geográfico (RALEGH, 2002).

Seguindo este exemplo, Robert Schomburgk se aproximou dos indígenas da Guiana Inglesa e do Brasil para os auxiliarem em suas expedições, na base da troca, com produtos como faca e espelho. Observava a Guiana habitada por uma população pouco dispersa de indígenas, que:

A analogia nas raízes dos Caribe, Macuxi e Arecuna; o Wapishana e o Parauana deixam pouca dúvida de que essas nações descendam da mesma linhagem; os Arawaak, Warrau, Taruma, Wai Wai diferem mais ou menos em sua composição. O Accawai, ou Waccawaio, é apenas um dialeto dos Caribe (SCHOMBURGK, 1840, p.49).<sup>25</sup>

---

localities and supply of water superior, to the savannahs of the Rio Branco, the success of farms which were stocked with that cattle would be ensured (SCHOMBURGK, 1840, pp.115-116).

<sup>24</sup> “Sir. Walter Raleigh, para minha surpresa, é a grafia correta de seu nome. A razão é que ‘Raleigh’, a grafia em maior circulação - e não apenas na internet - raramente é usada por quem já escreveu sobre ele em profundidade. No entanto, “Raleigh” é a grafia de uso popular e parece haver uma resistência marcante à sugestão de que pode estar errada. Lady Raleigh assinou uma carta Raleigh, mas todas as outras que foram preservadas, Raleigh. A única assinatura conhecida do jovem Walter é Raleigh”. Para maior aprofundamento, pesquisar: <<https://mathewlyons.co.uk/2012/02/20/whats-in-a-name-walter-raleigh-vs-walter-raleigh/>>. Acesso em: 09/06/2022.

<sup>25</sup> Tradução Nossa. No original: The analogy in the roots of the Caribi, the Macusi, and the Arecuna; the Wapishana, and the Parauana, leaves little doubt that these nations descend from the same stock; the Arawaak, Warrau, Taruma, Woyawai differ more or less in their composition. The Accawai, or Waccawaio, is merely a dialect of the Caribi (SCHOMBURGK, 1840, p.49).



Reconheceu que os Macuxi e Arecuna eram os indígenas mais numerosos. Fortes e organizados da região de fronteira entre a Guiana Inglesa e o Brasil, como também os Wapishanas que dentro de sua equipe eram de confiança, inclusive tinha até um intérprete com nome ocidental (SCHOMBURGK, 1848). Schomburgk além de homem a serviço da ciência era um colonialista que desejava para a Guiana Inglesa o progresso e desenvolvimento. Alterava de opinião quanto aos indígenas estarem inseridos nesse progresso como mão de obra que não podia contar e ao mesmo tempo se achava uma atividade como o trabalho com a madeira, um entrave à colonização. Também reconhecia a dívida que os europeus e inclusive os ingleses tinham com eles, por abandonar seus lugares ancestrais se afastando com a transformação ocidental e a formação das cidades, distritos e vilas (SCHOMBURGK, 1840).

Em 1835, desembarcou pela primeira vez na Guiana Inglesa, durante os três anos seguintes percorreu a costa e o interior e, em 1838, fez uma rápida visita de cortesia ao Forte de São Joaquim, ponto avançado de ocupação colonial portuguesa no alto rio Branco, em terras brasileiras.

A partir do início do século XIX o interesse luso-brasileiro pelo vale do rio Branco diminuiu, e isto refletiu nos recursos aos militares alocados em São Joaquim. Neste período a ocupação com a pecuária manteve-se “devido às dificuldades de transporte, permanecendo por longo tempo, até o final do século XIX, como uma atividade de subsistência e subsidiária do extrativismo vegetal” (VIEIRA; GOMES FILHO, 2013, p. 115).

Das três fazendas do rio Branco, constituídas inicialmente, as duas pertencentes a particulares foram confiscadas pelo Estado após a morte dos fazendeiros. “Quando Schomburgk passou pela região, em 1838, ele relatou a presença nos campos do Tacutu uma grande quantidade de rezes de gado selvagem sem condução no rio Branco” (RIVIÉRE, 1995, p. 4).

Diversas causas podem ter levado ao declínio, o perigo espanhol já não amedrontava mais, os holandeses haviam passado a colônia às mãos dos britânicos, ou porque o foco das atenções desviou-se da Amazônia para a região platina, muito ambicionada devido á saída comercial dela para o Oceano Atlântico, décadas depois ocorreu a guerra pela posse da região entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) que contou com o apoio da Inglaterra e derrotou os paraguaios. Além disso ocorreram sucessivas crises políticas decorrentes do processo de

independência impediram a manutenção de um esforço imperial em continuidade à prática portuguesa de povoamento da região.

Na sequência, em setembro de 1839, Robert Schomburgk embarcou de Georgetown de volta à Grã-Bretanha, onde fez palestras sobre os Wapishana, publicou vários mapas e pôs à venda amostras geológicas, madeiras tropicais e objetos etnográficos. Também foi convidado a realizar uma segunda expedição a Guiana para elaborar propostas sobre o traçado de fronteiras, também segundo Frank (2007, p.99):

Dessa vez, foi o Colonial Office (Ministério Colonial) da Grã-Bretanha que ficou impressionado com o alemão, tanto que o convidou para coordenar uma outra expedição à Guiana, esta com a finalidade de elaborar *in situ* uma ‘proposta britânica’ visando a (futuras) negociações com o Brasil, a “Grande Colômbia” (os atuais Estados de Colômbia e Venezuela) e a colônia holandesa de Suriname sobre o curso exato das mútuas fronteiras.

Nessa nova viagem, recebeu o apoio de seu irmão Richard Schomburgk. Em 1844 voltaram à Inglaterra, onde Robert recebeu a nacionalidade britânica, o título de Sir, e emprego no Foreign Office.

Neste período também se deu o início de expedições patrocinadas pelo governo inglês para avaliar o potencial da área e proporcionar base contestatória para uma reivindicação territorial na região do rio Pirara e Tacutu no nordeste de Roraima. Embora outras incursões tenham ocorrido tomando-se como ponto de partida o rio Rupununi, as mais importantes foram a dos irmãos prussianos Robert e Richard Schomburgk, que entre 1838-1842 realizaram expedições por vários pontos fronteiriços entre a Guiana Inglesa e o Brasil. Embora tivessem contribuído com um farto material faunístico e florístico, em parte depositado no Museum for Naturkunde der University Humboldt (Berlim), suas argumentações geográficas acabaram suportando a decisão final (com algumas perdas) sobre a disputa territorial entre Brasil e Inglaterra, conhecida como a “Questão do Pirara”.

No entanto, Robert Schomburgk percebeu os rebanhos de gado e cavalos selvagens que pastavam nas vastas savanas das montanhas Pacaraima nas terras do rio Branco e percebeu algo que ocorria com poucas exceções como: “A superstição dos indígenas não permitia que comessem carne de gado, e os poucos brasileiros que moram no bairro da Fortaleza de São Joaquim precisam de poucos para sua subsistência; são abatidos mais pelo valor de suas peles” (SCHOMBURGK, 1840, pp.113-114).<sup>26</sup> Segundo Schomburgk, esse gado descendia de algumas fazendas do governo brasileiro, que foram

---

<sup>26</sup> Tradução do autor.

fundadas no final do século passado pelo brigadeiro Manoel de Gama Lobo D'Almada, três fazendas que ficam nas proximidades do forte São Joaquim, na confluência do Tacutu com o rio Branco, e mais duas mais a leste. Durante a luta da revolta da Cabanagem, estas fazendas aonde os indígenas trabalhavam de maneira compulsória foram abandonadas, e o gado dispersou-se nas savanas, onde se multiplicou selvagemmente.

Relatou acusações sobre a escravidão em relação aos indígenas no Brasil, como:

O sistema dos brasileiros de caçar escravos índios, existe até hoje em todas as suas atrocidades. Essas expedições de escravos, ou descimentos, por motivos políticos são sempre direcionadas para as fronteiras contestadas; e sua prática é, quando chegaram a uma populosa vila indígena, aguardar o manto da noite em emboscada e cair sobre suas vítimas inocentes quando desfrutam do primeiro sono ao incendiar suas cabanas e descarregar seus mosquetes, eles criam consternação e conseguem garantir a maior parte dos antigos habitantes pacíficos (SCHOMBURGK, 1840, pp.51-52).<sup>27</sup>

Schomburgk, também afirmou que esteve no forte de fronteira brasileira São Joaquim no Rio Branco, em agosto de 1838, e testemunhou a chegada de uma expedição semelhante, que surpreendeu uma vila indígena perto das montanhas Ursato, na margem oriental do rio Tacutu, na fronteira contestada da Guiana Inglesa, onde viu levarem:

quarenta indivíduos, ou seja, dezoito crianças com menos de doze anos de idade, treze mulheres e nove homens, dos quais apenas quatro tinham menos de trinta anos e dois acima de cinquenta anos de escravidão. Esses procedimentos abomináveis foram realizados sob o mandado das autoridades do distrito (SCHOMBURGK, 1840, p.52).<sup>28</sup>

Em seus relatos também descreveu a indolência dos habitantes indígenas da Guiana, e seus atuais hábitos errantes que apresentavam grandes obstáculos à colônia. Assunto que iremos tratar com mais detalhes a seguir, onde entraremos mais a fundo na questão indígena entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

---

<sup>27</sup> Tradução Nossa. No original: The system of the Brazilians of hunting the Indians for slaves exists to this day in all its atrocities. These slaving expeditions, or descimentos, from political motives are always directed towards the contested boundaries; and their practice is, when arrived at a populous Indian village, to await the mantle of the night in ambush, and to fall over their unsuspecting victims when enjoying the first sleep. By setting their cabins on fire and discharging their muskets they create consternation, and succeed in securing the greater part of the former peaceful inhabitants (SCHOMBURGK, 1840, pp.51-52).

<sup>28</sup> Tradução Nossa. No original: "forty individuals, namely, eighteen children under twelve years of age, thirteen women, and nine men, of whom only four were under thirty years of age, and two above fifty, into slavery. These abominable proceedings were carried on under the warrant of the district authorities" (SCHOMBURGK, 1840, p.52).

### 1.3 Entre os Macuxi no Forte São Joaquim e Pirara

As primeiras informações pormenorizadas sobre as aldeias Macuxi na região do rio Branco provêm dos relatos de viagem dos irmãos Robert e Richard Hermann Schomburgk, no século XIX. Estes viajantes naturalistas descreveram uma paisagem em que as várias aldeias Macuxi eram constituídas por uma única grande casa comunal, ou ainda, por um conjunto de casas, onde viviam cerca de trinta a sessenta pessoas.

Com efeito, os estudos de Colson (1971) e Rivière (2001), quanto a organização social na Guiana, afirmam que a forma da aldeia varia em função dos dois diferentes ambientes ecológicos da região, savana e floresta. As aldeias na floresta caracterizavam-se por casas comunais, em que convivem distintos grupos domésticos, compostos por famílias extensas, ligadas entre si por laços de parentesco. “Já na savana geralmente se encontram casas dispersas, que abrigam grupos domésticos, cuja composição é análoga aquela acima descrita; nesse sentido, a aldeia na savana configuraria um desdobramento da casa comunal típica da floresta” (SANTILLI, 1994, p.12).

Segundo Schomburgk (1838), os Macuxi eram uma tribo gentil e hospitaleira, e parecem ser menos indolentes do que os indígenas em geral: as mulheres faziam muito do trabalho duro, eram bem tratadas por seus maridos, nunca presenciou uma briga entre marido e mulher, enquanto estava no interior de uma maloca. No litoral, sentiu os indígenas influenciados pelos vícios europeus, passionais e tirânicos em sua conduta com as mulheres, mas não entre seu próprio povo. Sua expedição colecionava objetos de história natural, e estranhava quando poucos dias se passavam sem que os nativos não os trouxessem um pássaro, inseto, planta ou alguns frutos, como o abacaxi, a castanha de caju ou o fruto da palma de cucurita. Uma espécie de cigarra, que acreditava ser a *Cigarra tibicen*, o som que fazia mais parecia uma nota aguda ouvida a grande distância (SCHOMBURGK, 1838).

Acampava na margem de rio perto de enseada, consultava e recebia ajuda dos Macuxi sobre as plantas e peixes que encontravam e coletavam, como:

Numerosos arbustos da espécie de *Eugenia* que os índios Macuxi chamam de fruto “casam” margeavam esta enseada, os galhos se dobrando quase até o chão sob suas cargas de frutos. Observei várias árvores de outa, acaciafolia e uma nova espécie de *Genipa*. Algumas árvores deste último eram tão repulsivas que montei minha barraca sob uma delas. A enseada, ou kirahagh, estava

abastecida com aquele peixe delicioso, o aruanã<sup>29</sup>, e vimos cardumes inteiros entrando e saindo (SCHOMBURGK, 1842, p.19).<sup>30</sup>

Estes são alguns dos inúmeros exemplos do viajante prussiano sobre os indígenas tronco linguístico Caribe, como os Macuxi e Arecuna. Reconhecia-os como um povo ampliado e forte, que se mantiveram independentes por um longo período após a chegada dos estrangeiros, eram considerados o terror de todas as outras nações (SCHOMBURGK, 1840). Seguindo os relatos das viagens dos Irmãos Schomburgk pelo interflúvio Branco/Essequibo, deparamos com essa passagem em que Richard trata sobre os traços físicos dos Macuxi, traduzidos por Erwin Frank, (2007, p.117):

Os Macuxi pertencem às mais belas tribos da Guiana, assim como ainda constituem uma das mais numerosas. A sua cor da pele é, como aquela dos Arawaak, bastante clara, e os seus rostos têm algo extremamente meigo e agradável, reforçado – em graus variáveis – pelos seus narizes romanos, gregos e mulatos. O seu corpo é magro, em geral bem proporcionado. Quase todos os homens têm cabelo curto, e as mulheres o deixam cair, bem arrumado, sobre a nuca e os ombros, ou o juntam em longas tranças no alto da cabeça.

Richard Schomburgk achou a fala com um tom extremamente agradável, à semelhança do francês. Uma rara vantagem que os Macuxi têm costume pelo amor, ordem e a limpeza, sendo a poligamia permitida, mas extremamente rara. (FRANK, 2007).

Em um momento enquanto Robert Schomburgk estava ocupado tentando aliviar sua dor, um jovem Macuxi, de cerca de treze anos, junto com outro indígena foi ferido por uma arraia, não possuindo tanto poder de suportar a dor quanto o outro, cedeu sob ela:

atirou-se ao chão, com gritos lancinantes, e começou em seus paroxismos a morder a areia e enterrar o rosto nela. Ele foi ferido na sola do pé, mas sofreu a maior dor na virilha, na região do coração e nas axilas. Em ambos os casos, mandei aplicar uma ligadura acima da ferida, apertei-a o máximo possível e suguei a do índio mais jovem. apliquei cataplasmas de pão de cassava; e à noite as dores foram muito aliviadas (SCHOMBURGK, 1842, p.20).<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Segundo Robert Schomburgk (1842) este peixe parecia se abundante no rio Tacutu, muitas vezes com os indígenas encurralava-os entre as quedas, armados de cutelos e porretes, correndo faziam excelente execução, e proveito nas refeições diárias.

<sup>30</sup> Tradução Nossa. No original: Numerous shrubs of that species of Eugenia of which the Macusi Indians call the fruit “casam” bordered this inlet, the branches bending nearly to the ground under their loads of fruit. I observed several trees of Outea, acaciafolia; and a new species of Genipa. Some trees of the latter were so umbrageous that I erected my tent under one (SCHOMBURGK, 1842, p.19).

<sup>31</sup> Tradução Nossa. No original: threw himself upon the ground, with piercing cries, and began in his paroxysms to bite the sand, and bury his face in it. He was wounded in the sole of the foot, but he suffered the greatest pain in the groin, the region of the heart, and under the arms. In both instances I had a ligature applied above the wound, pressed it as much as possible, and had that of the younger Indian sucked. I applied poultices of cassava bread; and towards evening the pains were much alleviated (SCHOMBURGK, 1842, p.20).

Além disso, a expedição de Schomburgk não apreciava a perspectiva por muito tempo de nuvens de neblina, voltava ao entardecer ao povoado indígena. Quando algum guia indígena se machucava, precisava esperar outro dia para seguir em frente a outro local. Além de guias indígenas se utilizou de canoas para buscar mantimentos e mercadorias, e por muitas vezes deu como perdidas por causa de longa demora, mesmo no tardar, chegavam. Robert Schomburgk não perdeu tempo em enviar um mensageiro ao Forte São Joaquim, informando ao comandante que estavam prontos para partir do Pirara para Fortaleza, onde pretendia passar o resto da estação chuvosa. Seu objetivo era ter, pelo menos durante esse período a oportunidade de registrar astronomicamente a posição daquele lugar, aonde para ele sempre era considerado o limite leste da Guiana brasileira. Seu mensageiro encontrou o comandante brasileiro do Forte São Joaquim, pedindo permissão para se hospedar:

Acompanhados do Sr. Youd, saímos do Pirara sob escolta do comandante, Senhor Gato, e na tarde do dia 30 chegamos a São Joaquim. O Sr. Pedro Ayres recebeu-nos com toda a civilidade, e prestou os seus serviços para levar avante os nossos objetivos. Duas casas confortáveis fora do forte nos foram dadas para nossos aposentos, desde que julgássemos convenientes (SCHOMBURGK, 1838, p.21).<sup>32</sup>

O Forte São Joaquim é situado na margem leste do rio Tacutu, a pouca distância de sua confluência com o rio Branco, Parima ou Urariquera. Um destacamento de espanhóis de Nueva Guayana chegou em 1775 pelos Caroni e Uraricapara ao rio Branco, e se fortificou nas proximidades da confluência do rio Yurumé. Foram dispersos pelos portugueses, que ergueram, tanto contra as incursões dos espanhóis como contra os holandeses, podemos conferir abaixo o forte fronteiro de São Joaquim, traçado pela visão de Robert Schomburgk.

---

<sup>32</sup> Tradução Nossa. No original: Mr. Youd, we left Pirara under the escort of the commandant, Senhor Gato, and on the afternoon of the 30th arrived at Saõ Joaquim. Senhor Pedro Ayres received us with every civility, and tendered his services to further our objects. Two comfortable houses outside of the fort were given up to us for our quarters as long as we might think it conveniente (SCHOMBURGK, 1838, p.21).

Figura 5- Forte São Joaquim



Forte São Joaquim, um marco militar português construído na confluência dos rios Tacutu e Uraricoera em 1775, na visão traçada por Robert Schomburgk quando de sua passagem pelo Rio Branco. Fonte: Schomburgk, R. 1847-48. *Travels in British Guiana during the years 1840-44. Carried out under the Commission of His Majesty the King of Prussia* (vol. I and II). Leipzig, Pub. House J. J. Weber.

O forte São Joaquim (Figura 5) foi construído em arenito vermelho, encontrado nas imediações, e possui quatorze cantoneiras, montadas com oito canhões de nove libras, em condições toleráveis. Está guarnecido com um comandante e dez soldados da milícia provincial. Uma pequena capela e cinco casas constituem a aldeia, e um padre visita a fortaleza a cada dois ou três anos, para atender às necessidades espirituais dos habitantes (SCHOMBURGK, 1838).

A construção do Forte São Joaquim em 1775 e 1776 e a presença dos portugueses na área foram uma resposta à incursão espanhola no rio Uraricoera. Quando às colônias holandesas de Berbice, Demerara e Essequibo, no litoral Caribe, finalmente se tornaram a Guiana Inglesa em 1831, alguns ingleses começaram a se interessar pelas savanas do Rupununi no interior. Tanto no alto rio Branco como no Rupununi, a população não-indígena era muito escassa, e Rivière, grande estudioso sobre Schomburgk, estima que a indígena era de 5000 ou mais indivíduos. Somente a partir do final do século XIX, a maior parte das terras das propriedades estatais: “situadas na margem esquerda do rio Branco e no vale do rio Tacutu, preservadas até o início do século XX em virtude de seu valor estratégico na disputa de fronteiras com a Guiana Inglesa, tomaram-se objeto de ocupação particular” (SANTILLI, 1994, p. 23).

Robert Schomburgk, explorou o território do rio Rupununi, onde tomou conhecimento do caminho do gado para o litoral e na sequência chegou ao Forte de São Joaquim do rio Branco, onde ele e sua comitiva foram recepcionados pelo comandante do forte luso-brasileiro, onde foram hospedados. Neste período da visita de Schomburgk no Forte de São Joaquim, toda a região do estado do Grão-Pará e Rio Negro estava em luta na denominada Revolta da Cabanagem (1835- 1840), durante o período do governo regencial. O forte São Joaquim contava com um pequeno contingente militar, porque os soldados e seu comandante titular estavam envolvidos nos combates armados da Cabanagem no rio Negro.

As fazendas São José, São Bento e São Marcos, nas imediações da confluência dos rios Tacutu e Branco, estavam sob administração, e recebiam um quarto de todo o gado que marca com o selo do governo, contava com:

Vinte e dois criadores de gado, alistados entre os índios, e que dizem ter salário e rações iguais a um soldado raso, cuidam do gado. Esses homens eram apenas soldados transportados do Pará. O tempo lúgubre do inverno tropical foi gasto em São Joaquim com os apontamentos da nossa antiga expedição e com a construção do mapa do Alto Essequibo (SCHOMBURGK, 1838, p.22).<sup>33</sup>

Além de relatar os indígenas alistados entre os trabalhadores assalariados com o gado e observações astronômicas quando o clima permitia na região, Schomburgk pesquisou e declarou, 3.000 cabeças de gado encurralados, 5.000 de gado selvagens e 500 cavalos. Também nesta visita ao Forte São Joaquim no Alto Rio Branco em 1838, presenciou ações que determinavam a utilização de trabalho escravo indígena do lado brasileiro:

O destacamento alegou que os índios haviam vindo, voluntariamente, mas estes disseram à Schomburgk que sua aldeia havia sido atacada no meio da noite, suas ocas queimadas, seus bens roubados, e que eles tinham sido colocados em marcha, com as mãos atadas nas costas. Schomburgk protestou junto a Pedro Ayres, que se mostrou indiferente aos acontecimentos (MENCK, 2009, p.68).

Na versão brasileira dos fatos, entendemos que o reverendo Thomas Youd retornou à região do Pirara por solicitações de Robert Schomburgk. Isto tornou-se conhecimento através de comentários dos juristas na sentença arbitral realizada na Itália

---

<sup>33</sup> Tradução Nossa. No original: Twenty-two cattle-minders, who are enlisted among the Indians, and are said to have pay and rations equal to a private soldier, have the care of the cattle. These men were formerly transported soldiers from Para. The dreary time of the tropical winter was spent in São Joaquim with arranging the notes of our former expedition, and with constructing the map of the Upper Essequibo (SCHOMBURGK, 1838, p.22).



no ano de 1904. A disputa pelo território entre brasileiros e ingleses, ocorreu na esfera religiosa, junto da importância da atração e conversão ao cristianismo protestante dos indígenas Macuxi que despertaram reações no lado brasileiro, como a do presidente da Província do Grão-Pará, que acabou expulsando o missionário metodista John Youd. Este, ao retornar expulsou da região do Pirara um frade católico que estava trazendo indígenas Macuxi para o lado brasileiro. Entendendo mais detalhadamente:

Reagindo à intromissão inglesa na região, o presidente da província do Grão-Pará, brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andréia, expulsou o missionário protestante da área, instalando no seu lugar um frade carmelita. Nesse ínterim, Schomburgk retornou da Inglaterra, com ordens para tomar posse do território situado a oeste do rio Rupununi e a leste do rio Branco. O missionário metodista então voltou e expulsou o católico. O padre apelou ao presidente da província; que, por sua vez, apresentou o caso ao gabinete do Rio de Janeiro, em busca de solução (MENCK, 2009, p.52).

Segundo Romani (2013, p.1), o mapa abaixo (Figura 6), de 1896, apresenta as linhas limítrofes reclamadas pelo Reino Unido em suas querelas com a Venezuela e o Brasil, num momento em que se constituíam as comissões binacionais para levar as contendas à arbitragem internacional:

Figura 6: Linhas de Limite da Guiana Britânica



Fonte: Scottish Geographical Magazine, 1896, p. 88. Edinburgh Geographical Institute (domínio público).

Robert Schomburgk colocara marcos fronteiro no rios Tacutu, Maú e Cotingo, conseqüentemente a Inglaterra passou a considerar todo o território compreendido dentro da linha demarcada por Schomburgk como zona em litígio, como pode se verificar no mapa acima, além disso:

Deve-se notar que Schomburgk usou o método 'inferior' de levantamento 'transversal'. O levantamento trigonométrico era conhecido na época e muito mais preciso. A discussão sobre a técnica de levantamento de Schomburgk traria continuamente suas demarcações de fronteira em questão. No entanto, no difícil terreno montanhoso e fluvial da Guiana Britânica, o custo do levantamento trigonométrico era muito proibitivo para Schomburgk.<sup>34</sup>

Logo após houve interdição da área decretada pelas nações brasileira e inglesa como zona neutra, removendo-se os marcos deixados pelos ingleses após a assinatura do acordo de neutralidade do território. Estas rivalidades foram também percebidas pelos indígenas, que se posicionavam em relação a elas buscando alianças que satisfizessem seus interesses. Nesse processo ficaram a favor da Inglaterra. No argumento de contestação de direitos pelo território da região do Pirara, a defesa do Brasil citou o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que:

Fixava a fronteira entre as duas nações, do lado da Guiana, pelo divisor de águas existente entre os rios Amazonas e Orenoco, ou seja, aos olhos da Espanha, toda a bacia do Amazonas e, por consequência, o território contestado, que por ela é banhado, pertencia à Coroa portuguesa (MENCK, 2009, p.442).

Podemos verificar a importância para a região norte brasileira o reconhecimento no Tratado de Santo Ildefonso de 1777:

Na historiografia nacional e regional, as demarcações de limites das fronteiras brasileiras, suas questões e ocorrências, mereceram uma rica trabalhada e variada abordagem, especialmente ao Tratado de Madri e, principalmente no que se aplica ao sul do país. Em contrapartida, o Tratado de Santo Ildefonso, sobretudo nos aspectos concernentes ao norte, continua pouco visitado,

---

<sup>34</sup> Tradução Nossa. No original: It must be noted that Schomburgk used the 'inferior' method of 'traverse' surveying. Trigonometric surveying was known at the time and far more accurate. The argument about Schomburgk's surveying technique would continually bring his boundary demarcations under question. However, in the difficult mountainous and river-land terrain of British Guiana, the cost of trigonometric surveying was too prohibitive for Schomburgk. THOMPSON, Sandra. Botany-South America Explorers--Guyana--Biography Guyana--Discovery and exploration--British Robert Hermann Schomburgk (1804--1865) South America--History. In: <<https://rgssa.blogspot.com/2019/10/robert-hermann-schomburgk-and-flower-of.html>>. Acesso em :13/06/2022.

resumindo-se em traçar um panorama geral ou emitindo centelhas de informações” (TORRES, 2006, pp.98-99).

No argumento de contestação, os ingleses afirmaram que o território fora conquistado via ocupação pelos holandeses, que depois o cederam aos ingleses. Estes que passaram a ter soberania sobre o território, reconhecido até pelos indígenas (MENCK, 2009). O Pirara foi um local importante nas rotas de comércio indígena entre o litoral do Caribe e a bacia amazônica, por onde passavam bens manufaturados holandeses desde a primeira metade do século dezessete, com isso a defesa brasileira utilizou-se do Tratado de Santo Idelfonso como argumento contrário aos ingleses. “O conflito entre Espanha e Portugal, cujo término pode ser posto em 1777, foi invocado pelo Brasil como prova a mais de que a Holanda não tinha nenhum título, mas também nenhuma intenção, sobre o território contestado” (MENCK, 2009, p.443).

Rivière (1995) revela que as relações anglo-brasileiras na época eram tingidas pelo fato de que, após a declaração de independência do Brasil em 1822, o governo britânico tentou pressionar o governo brasileiro a abolir o comércio de escravos, criticando os descimentos. “A Royal Navy efetivou a supressão da escravidão a partir de 1839, capturando navios de escravos em território marítimo brasileiro e realizando incursões em terras brasileiras, o que se repercutiu numa profunda hostilidade com relação à Grã-Bretanha no Brasil” (BAINES, 1996, p.266).

“Robert Schomburgk aconselhou a coroa britânica a regulamentar a fronteira da Guiana Inglesa com o Brasil, já que alegou ter visto escravidão de indígenas locais, muitos dos quais já extintos, por brasileiros” (MENCK, 2009, p.443). “O próprio Schomburgk admitiu sua dificuldade em compreender as relações dos brasileiros com os índios, pois a comissão de delimitação de fronteiras, chefiada pelo Coronel João Henrique de Mattos, não trouxe bens manufaturados para pagar os índios” (BAINES, 1996, p.268). Schomburgk demonstrou bastante em seus relatos o desejo dos indígenas adquirirem bens manufaturados europeus, inclusive, Frei José reparou o poder dos presentes da expedição sobre eles. Sobre isso, Rivière (1995) revelou que a política indigenista da Sociedade Missionária de Youd era de convencer os indígenas e o negros nas vizinhanças, que eles mesmos deveriam contribuir para a manutenção da missão, e de que não permitissem que eles pensassem. Esta missão religiosa havia sido estabelecida para sustentá-los.

“Schomburgk, reportou as autoridades britânicas a necessidade urgente de delimitar a fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa para transformar os índios, "aterrorizados por ameaças dos brasileiros", em "súditos úteis” (BAINES, 1996, p.268).

Argumentava que os indígenas eram os únicos habitantes que tinham direito justo ou natural a seus territórios, mas que a falta de força e poder anulou este direito perante os europeus e assim coube à Grã-Bretanha a quem tinham conquistado a confiança destes indígenas, protegê-los.

Para Schomburgk o interesse dos brasileiros era converter os indígenas ao catolicismo e transformá-los em força de trabalho. Em abril de 1840, durante a sua segunda expedição na Guiana Inglesa foi nomeado comissário de delimitação das fronteiras pelo governo britânico. Em Bartica, Youd juntou sete línguas diferentes, onde o Macuxi se tornou a língua franca.

As críticas britânicas dirigidas aos descimentos de indígenas foram mal-recebidas no Brasil, onde a imprensa refutou o relato de Schomburgk:

por "ferir mortalmente o nosso orgulho, assassinar nossa reputação, e nos apresentar ao mundo como uma nação bárbara e inculta!". Os britânicos mandaram os brasileiros se retirarem dos territórios disputados para deixá-los para as tribos indígenas independentes. Em 1842 o governador da Guiana Inglesa enviou tropas a Pirara, que seguiram Comissão de Delimitação de Fronteiras. Schomburgk, que dirigia a Comissão, defendia a delimitação da fronteira como imprescindível, mas estava contra o envio de tropas à região. (BAINES, 1996, p.269).

Este foi um dos principais argumentos que deu força para as decisões serem tomadas a favor da Inglaterra em 1904. Inclusive, para reforçar o argumento havia reclamações dos indígenas Macuxi contra os portugueses e espanhóis, ouvidas pelo reverendo Thomas Youd:

Esses embates geopolíticos e religiosos são confirmados no evento de 1838, quando o reverendo Thomas Youd, da Missão Evangélica de Bartica, estabeleceu-se na região do Rupununi comentando ter sido convidado pelos índios Macuxi. Bartica era uma antiga capital do "boom" aurífero do século XIX e localizada no rio Essequibo próxima dos rios Mazaruni e Cuyuni. O reverendo Youd ouviu reclamações desses índios contra os representantes dos reinos ibéricos que os torturavam por meio do trabalho forçado. Orientados pelo reverendo, os índios Macuxi deixaram de enviar equipes para o trabalho no Forte São Joaquim (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2012, p.112)

O resultado da arbitragem, seguiu a proposta de Schomburgk, apesar de percas também de território para os ingleses:

O rei Vitória Emanuel, que deveria decidir entre a linha do Cotingo-Tacutu, reclamada pela Inglaterra, e a linha Serra Paracaima-Rio Rupununi, reivindicada pelo Brasil, adoptava assim uma linha intermediária, a do Maú-Tacutu, a mesma que lorde Salisbury propusera em 1891, que, como já foi visto, seguia a proposta alternativa do próprio Robert Schomburgk, e que o Brasil recusara. Posteriormente, correu no Brasil a versão de que Vitória

Emanuel tinha o forte propósito de não desagradar a Inglaterra. Essa versão recebeu significativo reforço de Guglielmo Ferrero, historiador italiano (MENCK, 2009, p.274).

O árbitro internacional da questão, o Rei da Itália Victor Emanuell III, decidiu em 1904 que aproximadamente 20.000 km<sup>2</sup> deveriam ser incorporados a Guiana Britânica devido a indícios de ocupação por aquela nação, antes dos portugueses (e brasileiros). Indícios estes que Joaquim Nabuco (1903) rebateu documentalmente nas memórias desta disputa internacional, mas que não foi levada em conta pela arbitragem diplomática. O final desta fase foi marcado pelo reconhecimento das regiões montanhosas do extremo norte de Roraima por Everard Im Thurn e Harry Perkins, ingleses e funcionários da Coroa Britânica na Guiana.

Segue trecho do documento em italiano com a decisão final do laudo de arbitragem do rei da Itália Vitório Manuel III em 1904:

In forza di tale delimitazione tutta la parte della zona in contesta che si trova ad Oriente della linea di frontiera apparterrà alla Gran Bretagna; tutta quella parte che si trova ad Occidente, apparterrà al Brasile. La frontiera lungo i fiumi Ireng-Mahu e Tacutu rimane fissata dalla linea d'impluvio (Thalweg), e detti fiumi saranno aperti alla libera navigazione dei due Stati limitrofi. Qualora i corsi di acqua si dividessero in più rami, la frontiera seguirá la linea d'impluvio (Thalweg) del ramo piú ad oriente. Dato a Roma, 6 Giugno, 1904(Firmato) Vittorio Emanuele (NABUCO, 1928, p.425 apud MENCK, 2009, p.490).<sup>35</sup>

Com isso, podemos pensar juntamente com Romani (2013, p.25-26), que: “a penetração luso-brasileira nunca conseguiu de fato povoar a região, portanto o argumento territorial carecia de legitimidade histórica e não foi suficiente para sustentar a defesa em Milão. As terras em disputa foram entendidas como terra ignota”. De fato, Joaquim Nabuco, que defendia os interesses brasileiros na arbitragem se sentiu injustiçado pelo ganho de causa para Inglaterra, a demarcação da fronteira entre Brasil e Guina Inglesa só seria realizada durante o primeiro governo de Getúlio Vargas de 1930 a 1938, como podemos conferir:

Apesar de Joaquim Nabuco (1903) sentir-se injustiçado pelo veredito do rei da Itália, uma vez que havia apresentado vasta documentação a seu favor, o Brasil reconheceu a arbitragem na solução da fronteira em litígio. No entanto, a demarcação só foi realizada durante o governo de Getúlio Vargas, entre 1930

---

<sup>35</sup> Em virtude desta delimitação, toda a parte da área em contesta que ele está localizado no leste da linha de fronteira pertencerá para a Grã-Bretanha; toda essa parte no Oeste, pertencerá ao Brasil. A fronteira ao longo dos rios Ireng-Mahu e Tacutu permanece fixado pela linha do impluvium (Thalweg), e disse que os rios serão abertos à livre navegação dos dois estados vizinhos. Se os cursos de água fossem divididos em vários ramos, a fronteira seguirá a linha impluvial (Thalweg) do ramo mais a anúncio Médio. Dado em Roma, 6 de junho de 1904(Assinado) Vittorio Emanuele (NABUCO,1928, p.425 apud MENCK, 2009, p.490).

e 1938 por uma Comissão Mista Remarcadora de Limites, que de acordo com o Tratado e Comissões assinados em Londres, em 22 de abril de 1926, foram iniciados os trabalhos na confluência do rio Maú com o Tacutu” (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2012, p.114).

Segundo Romani (2013), o trabalho infatigável de Schomburgk foi fator decisivo na definição dos limites, não sem a acusação diplomática apontando para o interesse político do governo italiano em favorecer os britânicos em troca de futuras retribuições. Schomburgk não era mais vivo há quarenta anos quando o laudo arbitral saiu em 1904, dando posse à Guiana Inglesa da região do Pirara, mas sobreviveu na decisão do rei italiano Vitorio Emanuel III, acatando a demarcação da região do Pirara por ele indicada, com algumas perdas.

Consideramos a análise feita como um exercício de esclarecimento sobre os conflitos e as disputas na região de fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa, principalmente na região do Pirara, que levava de 1838 a 1904 para serem solucionados. Cabe-nos reconhecer o papel decisivo do viajante Robert Schomburgk e toda a sua equipe da expedição no trabalho etnográfico realizado e a aliança de religiosos ingleses feita com os indígenas Macuxi, fundamental na arbitragem do conflito pelo rei da Itália.

Outros viajantes estiveram presentes na região, como será comentado nesta tese, mas o trabalho de Schomburgk foi mais minucioso na Geografia Física, coleções botânicas e nos relatos sobre a cultura indígena na região de fronteira brasileira com a Guiana Inglesa. Em 1838, a região amazônica brasileira, denominada de Província do Grão Pará, vinha passando por muitos problemas devido à Revolta da Cabanagem, fazendo com que o presidente da província, brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andréia, considerado cruel e impiedoso, tivesse que buscar solução e encaminhar para o governo central no Rio de Janeiro a expulsão do missionário Youd do Pirara. A historiografia brasileira argumenta que a Itália arbitrou seguindo o pedido da Inglaterra, fazendo o Brasil perder dois terços do território contestado para ter favores futuros ou talvez dívidas perdoadas. Mas observamos que essa hipótese foi levantada inicialmente pela própria historiografia italiana.

Fala-se no mérito da expedição de Schomburgk, da ajuda italiana no laudo de arbitragem favorável aos ingleses, mas não podemos esquecer do foco central estratégico que foi a aliança estabelecida com os indígenas Macuxi, que escolheram ficar do lado do missionário protestante Youd. As estratégias utilizadas pelos ingleses de convertê-los ao cristianismo protestante, as trocas e a ausência da escravidão foram moeda de troca em que a contrapartida indígena se deu através de serviços gerais prestados, da ajuda na

proteção contra a invasão de outras etnias, em casamentos com colonos, o que ajudou a promover e fortalecer a colonização inglesa.

Segundo Erwin Frank (2007), os textos de Schomburgk, na sua grande maioria escritos após o final feliz dos seus empreendimentos, ou em momentos e lugares relativamente seguros como na aldeia Macuxi de Pirara, ou na missão Bartica Point, raramente revelou preocupações diretas. Pois a mudança de postura dos alemães diante a maneira oposta com que tratavam os indígenas da costa, se deu devido a aliança e elogios aos Macuxi e os Wapishana do interior que ajudaram na realização das suas metas, como:

a progressiva desorientação e concomitante dependência dos moradores regionais e o medo de encontros com ‘inimigos’ (imaginados ou reais) reforçavam constantemente a disposição dos Schomburgk de ‘se entregarem’ à boa vontade e à iniciativa dos indígenas, e também de reconhecerem esta boa vontade como ‘prova irrefutável’ do Volkscharakter desses índios, ainda não ‘estragados’ pela civilização (FRANK, 2007, p.125).

A situação difícil em que se encontrava o governo brasileiro na época, tornou evidente a sua falha de enviar uma comissão de delimitação de fronteiras na região do Pirara a tempo. Além disso, o soldo (salário) no forte São Joaquim estava trinta e sete meses atrasado, o que não reforçava a lealdade de seus defensores. A declaração, citada por Rivière (1995), de José de Araújo Ribeiro, enviado a Londres pelo governo brasileiro em 1843 para negociar um novo tratado comercial, lança luz sobre a conveniência política do argumento dos britânicos: quanto à proteção dos indígenas, à qual se dava tanta importância, era, de fato, sem sentido, pois:

os mesmos índios visitaram o forte São Joaquim solicitando a proteção do governo brasileiro, o que era sua estratégia para obter presentes, que normalmente ganhavam nessas ocasiões. Portanto, o tão batido argumento levantado pelos britânicos, de que eles estavam atendendo à solicitação dos índios de serem protegidos, revela-se como mais uma estratégia dos índios para ganhar bens manufaturados (BAINES, 1996, p.271).

Joaquim Nabuco (1904), reconheceu em estudos sobre a documentação que durante a primeira expedição de Robert Schomburgk em 1835-36 este afirmava que a posse efetiva do Brasil se estendia até Annay e Rupununi. Comprovou através de documentos apresentados na disputa do litígio

Schomburgk foi enviado no final de 1834 pela Royal Geographical de Londres, para estudar geografia física e astronômica do interior da Guiana, principalmente no Demerara, o Essequibo e outros rios desta colônia imediatamente contíguo. Nabuco não sabia com que autoridade, mas reconhece o fato de consenso, ele fazia apontamentos

apenas relativamente ao córrego Annay e a sua afirmação era positiva em relação ao Rupununi, o limite entre as possessões inglesas e portuguesas.

Na primeira expedição a Guiana Inglesa, Schomburgk explorou o Rupununi e não o Tacutu, porque segundo Joaquim Nabuco (1904, p.126) este rio era designado como sendo, desde as suas nascentes até à sua curva, o limite entre o Guiana Inglesa e o Território brasileiro. Inclusive Alexandre de Humboldt anunciou aos estudiosos do mundo o resultado da investigação de Schomburgk, concordando com os antigos mapas portugueses de que eram reconhecidos na Europa.

Segundo Nabuco, as autoridades brasileiras colaboraram com Robert Schomburgk e a sua expedição em sua visita:

De Annay escreveu ao Comandante do Forte S. Joaquim, pedindo-lhe que enviasse ao Bispo do Pará uma carta que trouxera. O mensageiro do Forte o espera no desembarque (1. Foi com a ajuda desses mapas que Humboldt transformou e fixou a geografia da bacia do Rio Branco, restabelecendo o crédito de d'Anville após a confusão causada por Juan de la Cruz) do Rupununi e comunicou sua chegada ao Comandante, que estava em Pirara. O Comandante chega com cavalos para trazer Schomburgk e sua comitiva para a aldeia; mandou abater um boi para os seus hóspedes, e no dia seguinte transportou para S. Joaquim um dos membros da expedição com febre. (NABUCO, 1904, pp.127-128).<sup>36</sup>

Na sua segunda expedição, Schomburgk em 1838 chegou munido por documento verbal de Lord Palmerston, pedindo passaporte ao Ministro do Brasil em Londres, dizendo que ia continuar com a exploração da cordilheira que forma a linha divisória das bacias da Amazônia e do Essequibo.

Nabuco (1904) revelou através de documentos relacionados a segunda expedição de Schomburgk a prova mais positiva de que ele afirmou que a fronteira entre Brasil e a Guiana Inglesa era o Rupununi. Assim, quando Schomburgk se indignava com o sequestro dos indígenas recrutados, ao que parece, para o serviço da marinha durante a guerra civil no Pará, ele tinha a preocupação do Rupununi como fronteira, por isso, o que ele queria saber era se os indígenas haviam sido removidos para o oeste ou para o leste do Rupununi: deste lado, pensou, seria o caso, para a Inglaterra, de intervir em seu favor (NABUCO, 1904).

---

<sup>36</sup> Tradução Nossa. No original: D'Annay il écrit au Commandant du Fort S. Joaquim, en le priant de faire parvenir à l'Évêque de Pará une lettre dont il était porteur. Le messenger du Fort l'attend au débarcadère (1. Ce fut à l'aide de ces cartes que Humboldt transforma et fixa la géographie du bassin du Rio Branco, rétablissant le crédit de d'Anville après la confusion causée par Juan de la Cruz) du Rupununi et prévient de son arrivée le Commandant, qui se trouvait à Pirara. Le Commandant arrive avec des chevaux pour amener Schomburgk et sa suite au village; il y fait abattre un boeuf pour ses hôtes, et le lendemain transporte à S. Joaquim un des membres de l'Expédition atteint de la fièvre (NABUCO, 1904, pp.127-128).



O próprio Schomburgk às vezes admitia que as fontes das quais ele utilizou para realizar suas pesquisas nas suas expedições não eram todas científicas e sim indígenas. Um viajante nunca pode ser muito autoconsciente de informação falsa. O desejo dos indígenas de fazerem os viajantes acreditarem que conhecem bem a sua região, onde viajaram muito, como dizem, e às vezes entendem mal o significado da informação dada que segundo Joaquim Nabuco (1904) eles afirmaram numa língua que deixa muito a adivinhar pela disposição das palavras ou pelo tom em que são pronunciadas, dão origem a erros grosseiros de geografia e história natural, especialmente quando o viajante é obrigado a recorrer a dois intérpretes.

Junto de guias indígenas principalmente Macuxi e Wapishana, Schomburgk atestou que quando eles viram o emissário brasileiro junto dele, sentiu que despertou desconfiança entre os indígenas, que suspeitavam que a mensagem para vir ajudar como guias na sua expedição fosse apenas um artil dos brasileiros para prendê-los e levá-los como escravos para o Amazonas. Por isso um número maior de indígenas havia se escondido em um matagal, onde haviam pernoitado. Segundo Robert Schomburgk (1840) a distância dos seu acampamento até a aldeia era de 15 milhas sobre savanas e terrenos pantanosos, intransitáveis na época das chuvas e quando os rios começam a transbordar.

Recebeu ajuda do missionário Sr. Youd, que recrutou indígenas para lhe acompanharem ao monte Roraima, pois lhe prometeram serem bastante uteis, pois tiveram alguma influência com os Macuxi que formaram a sua tripulação de expedição:

Como não tínhamos perspectiva de encontrar outras habitações nos próximos três dias, fomos obrigados a vos fornecer provisões etc. Independentemente dos artigos que levávamos. Provavelmente exigiriam em nosso relacionamento futuro com os índios da tribo, seja por escambo ou por pagamento de carregadores, guias etc (SCHOMBURGK, 1840, p.36).<sup>37</sup>

Este relato traz a dádiva da troca, levada tão a sério pelos povos indígenas da região e as funções que colaboraram para as expedições europeias. Quando aproximou a hora de partir para o monte Roraima, os indígenas ficaram indecisos, e foi necessário Schomburgk entender e tentar contrabalancear as relações conflituosas. Pois os Macuxi estavam há anos em guerra com os Arecunas, que habitam a região ao redor do monte Roraima. Não havia na época desta expedição hostilidades abertas por algum tempo entre eles. Ainda assim, uma visita a seus antigos inimigos, poderia estar ligada a um perigo

---

<sup>37</sup> Tradução Nossa. No original: As we had no prospect of meeting with any other habitations in the next three days, we were obliged to supply ourselves with provisions, &c., independently of the articles we were likely to require in our future intercourse with the Indian tribes, either for barter or for payment of carriers, guides etc" (SCHOMBURGK, 1840. p.36).

peçoal, e alguns deles que há poucos dias estavam ansiosos para o acompanhar, agora precisavam de muita persuasão para induzi-los a aderir aos seus compromissos (SCHOMBURGK, 1840).

Para manter a carga bem firme, ela era fixada por outras amarrações nos ombros, como os soldados carregam suas mochilas. Este ainda é o modo geral que os indígenas adotam, seja homem ou mulher, para carregar fardos. “Os pertences da expedição eram embalados em pequenas latas, cada uma pesando cerca de 25 libras, que os índios carregavam em uma faixa larga, suspensa na testa, trançada pelas folhas jovens da palmeira Ita (*Mauritia flexuosa*), ou pedaço da casca de *Lecythis*” (SCHOMBURGK, 1840, p.37).<sup>38</sup>

Robert Schomburgk (1848), escreveu sobre as características anatômicas dos indígenas da região do rio Branco e da Guiana Inglesa, comparava os habitantes do norte, com os das partes do sul da América, como altos e robustos. Também observou como uma semelhança nacional poderia ser facilmente traçada, especialmente nas mulheres. Tanto em homens como em mulheres descrevia a cabeça como grande em comparação com o corpo e o tronco com os membros: “O cabelo, embora ocasionalmente de cor vermelha, é em geral preto, liso, grosso e de crescimento luxuriante. A íris do olho é preta, os cílios longos e as sobrancelhas finamente arqueadas e esguias” (SCHOMBURGK, 1848, p.253).

Em 1848 foi publicado em jornal o artigo “On the Native of Guyana” de Robert Schomburgk, onde ele descreveu seu estudo anatômico em destaque logo abaixo sobre o crânio dos Macuxi:

O crânio do índio Macuxi é mais oblongo e elipsóide visto de cima: a testa é mais larga, a região parietal mais estreita, ou pelo menos não mais larga do que nos crânios mais curtos das tribos Caribe e Taruma. Os seios frontais fazem com que as cristas supraorbitárias se projetem além do espaço interorbital: os ossos nasais são mais proeminentes do que nos índios Caribe e Taruma; os ossos malares são igualmente proeminentes: o ângulo externo do processo malar dos ossos maxilares sobrepõe-se ao côncavo. linha que conduz daí aos processos alveolares. O caráter geral da parte facial do crânio assemelha-se ao do índio patagônico; mas o occipital convexo proeminente e a forma geral do crânio se aproximam mais da forma caribe. "Em um crânio de Macuxi, a fissura eseno-orbital é tão dilatada anteriormente quanto nos outros caribenhos; mas em um segundo espécime, era tão estreita quanto na Patagônia. Os ossos nasais

---

<sup>38</sup> Tradução Nossa. No original: “Our effects were packed in small tin-canisters, each of the weight of about 25 lbs., which the Indians carried on a broad band, suspended from the forehead, either plaited of the young leaves of the Ita-palm (*Mauritia flexuosa*), or consisting of a piece of the bark of *Lecythis*” (SCHOMBURGK, 1840, p.37).

são mais planos no segundo do que no primeiro espécime. do crânio Macuxi (SCHOMBURGK, 1848, p. 257).<sup>39</sup>

Observou nos guianeses a vantagem de uma figura bem proporcionada que podiam até competir com os europeus. Destacou nos Macuxi a obliquidade do olho, que para ele era muito aparente, o canto externo sendo elevado em direção à têmpora. A distância entre os olhos talvez uma peculiaridade que o americano compartilha com o mongol (SCHOMBURGK, 1848).

Neste passo, os irmãos Schomburgk descreveram sobre as pequenas aldeias e o chefe delas em que os indígenas formavam entre seis à dez casas e nas comunidades presidia um chefe, chamado na língua caribe Yuputorikung, e no Macuxi Toyeputori, naquela época esta autoridade só era reconhecida em toda a sua extensão durante brigas e guerras. O poder e a influência que um chefe (hoje conhecido como Tuxaua) mandava, dependia de sua superioridade pessoal em força e iniciativa. A dignidade hereditária deriva da mãe; mas é fácil para qualquer um que tenha talento e coragem assumir o comando após a morte de seu antecessor, sem a vantagem de parentesco, e sua autoridade é mais frequentemente mantida por sua superioridade indiscutível do que por qualquer eleição formal. Descreveu o costume de algumas nações indígenas que antes de uma criança nascer, os pais se sujeitavam a um jejum rígido:

No dia seguinte ao seu nascimento, ele é levado ao ar sem cobertura na cabeça, ou, como entre os Macuxi, a cabeça é pintada com arnotte ou urucum. Suas cabeças são geralmente mais cobertas de cabelos do que as das crianças europeias, e aprendem a falar e a andar mais cedo. Eles são frequentemente amamentados até os cinco ou seis anos de idade. Com o nascimento do filho, o marido recebe os parabéns dos amigos, e as mulheres da aldeia estão atentas às necessidades da mãe, que em poucos dias é restituída à sua habitual força e ocupação” (SCHOMBURGK, 1848, p. 268).<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Tradução Nossa. No original: The cranium of the Macusi Indian is more oblong and el- lipsoïd viewed from above: the forehead is broader, the parie- tal region narrower, or at least not broader than it is in the shorter crania of the Carib and Taruina tribes. The frontal sinuses cause the supraorbital ridges to project beyond the interorbital space: the nasal bones are more prominent than in the Carib and Taruma Indians; the malar bones are equally prominent: the outer angle of the malar process of the maxil- lary bones overhangs the concave line leading thence to the alveolar processes. The general character of the facial part of the skull resembles that of the Patagonian Indian; but the prominent convex occiput, and general form of the cranium approaches nearer to the Carib form. In one Macusi skull, the spheno-orbital fissure is as much dilated anteriorly as in the other Caribbeans; but in a second specimen, it was as narrow as in the Patagonian. The nasal bones are flatter in the second than in the first specimen of Macusi cranium (SCHOMBURGK, 1848, p. 257).

<sup>40</sup> Tradução Nossa. No original: The day after its birth it is carried into the air without a covering on its head, or, as among the Macusis, the head is daubed over with arnotte or rucu. Their heads are generally more covered with hair than those of European children, and they learn to speak and to walk at an earlier period. They are frequently nursed until they are five or six years of age. At the birth of the child the husband receives the congratulations of his friends, and the women of the village are attentive to the wants of the

Em nenhum lugar Schomburgk encontrou qualquer razão para supor que algum bebê era sempre destruído. Relatou que os gêmeos raramente nasciam para eles. Em contradição direta, afirmou que viu uma mãe Macuxi com gêmeos nos braços. A criança era nomeada pelo pajé, que recebia uma oferenda de valor considerável, pela força dos encantamentos, que ele pronuncia naquela ocasião (SCHOMBURGK, 1848).

Relatou as perfurações dos lábios, orelhas e septo do nariz ocorrem em tenra idade e que os pais eram muito afetuosos com os seus filhos e, em poucas exceções, ele nunca os viu aplicar correção pessoal, pois para Schomburgk, eles suportam qualquer inconveniência, ou mesmo insulto, em vez de puni-los com violências e castigo.

Dentre as atividades da criança Macuxi:

A primeira satisfação do menino Macuxi é um arco e flecha, a mãozinha segura o arco leve e, com a maior autossatisfação e destreza infantil retratada em seu rosto, ele tenta sua habilidade e toma pequenos lagartos e gafanhotos como seu. A menina auxilia a mãe no preparo do pão, da bebida preferida, ou, por meio de um fuso primitivo, de fio do algodão indígena, para a confecção da rede. Acompanham suas mães aos campos de abastecimento, e ajudar a cultivar o solo, e estão acostumadas desde cedo a carregar as pesadas raízes de cassava para suas casas. Essas crianças selvagens da floresta e savanas são modestas e, sem serem tuteladas por suas mães, são reservadas para estranhos (SCHOMBURGK, 1848, p.269).<sup>41</sup>

Além da prática de caçadas com o arco e flecha do menino e o auxílio da menina Macuxi no preparo de alimentos e de trabalho no campo, o viajante prussiano não observou muitas brincadeiras entre as crianças, mas a prática de atividade física que presenciou com frequência foi a luta livre, e uma espécie de tênis, que os indígenas usavam bolas de borracha, ou espigas de milho produzidas por eles.

Quando os meninos chegavam à idade adulta, tinham que se submeter a severas lacerações nos seios, feitas com dentes de porco bravo ou bico de tucano. Para Robert Schomburgk (1848, p.269): “Existem várias outras cerimônias que parecem simbólicas de coragem, destemor e resistência à dor, como ser colocado em um saco onde há

---

mother, who is restored in a few days to her wonted strength and occupation (SCHOMBURGK, 1848, p.268).

<sup>41</sup> Tradução Nossa. No original: The first delight of the boy is a bow and arrow. His little hand grasps the light bow, and with the greatest self-satisfaction and infantine prowess depicted on his face, he tries his skill, and takes small lizards and locusts as his mark. The girl assists her mother in the preparation of bread, of the favourite drink, or, by means of a primitive spindle, of thread from the indigenous cotton, for the manufacture of the hammock. They accompany their mothers to the provision fields, and help to cultivate the ground, and are accustomed at an early age to carry the heavy cassava roots to their homes. These wild children of the forest and savannahs are modest, and, without being tutored by their mothers, are reserved towards strangers. (SCHOMBURGK, 1848, p.269).

formigas que picam; e se os suportam sem gritar, são aceitos como companheiros dos homens”.<sup>42</sup>

Afirmou que nunca poderia provocar um chefe caribe, que era um homem sensato, a provar a menor fatia de presunto, pois os Macuxi não comiam a carne de gado. Os rebanhos de gado bravo nas savanas de Rupununi e rio Branco, não eram assassinados pelos Macuxi que habitavam essas regiões, pois para eles este tipo de carne era considerado impura. Eram mais acostumados com carne de caça, comiam principalmente seus porcos nativos e a cassava (mandioca) fornecia o sustento principal dos Macuxi, podemos logo abaixo conferir os diversos preparos com ela, segundo, Robert Schomburgk (1848, p.271):

A raiz desta planta (Janipha manihot), que no seu estado natural é tão venenosa, é, por um processo simples, convertida em alimento nutritivo. Depois de lavada e raspada, é ralada e pressionada em um tubo elástico, que é chamado de matappi, e foi feito das hastes trançadas de um calathea. O tubo sendo preenchido, sua extremidade superior é amarrada a um das vigas da cabana, de modo que sua extremidade oposta, que possui um orifício, fique a poucos metros do solo; uma longa vara é empurrada através do orifício, cuja extremidade mais curta é fixa, enquanto a mais longa é pressionada, serve como uma alavanca poderosa, e a elasticidade do tubo pressiona a cassava ralada com força, e o suco venenoso escapa pelos interstícios das tranças, e, se necessário, um pouco da farinha, depois de peneirada, é colocada em uma panela sobre o fogo, e em poucos minutos um bolo, semelhante a um bolo de aveia na aparência, está pronto. Violento como o suco venenoso da raiz de cassava prova ser, seu princípio narcótico é tão volátil, que escapa ao ser exposto para disparar; o índio forma, portanto, um molho do suco, que lembra ketchup ou soja.<sup>43</sup>

Além de ter aprendido sobre os hábitos alimentares dos Macuxi, Schomburgk junto destes visitou as fontes do Tacutu, na Guiana Inglesa, no ano de 1842. Em seus estudos astronômicos na região relatou que os nativos ficaram impressionados com a

---

<sup>42</sup> Tradução Nossa. No original: There are several other ceremonies which appear symbolical of courage, fearlessness, and endurance of pain, such as being put into a bag where there are stinging ants; and if they endure these without shrieking, they are accepted as the companions of men (SCHOMBURGK, 1848, p.269).

<sup>43</sup> Tradução Nossa. No original: The root of this plant (Janipha manihot), which, in its natural state, is so poisonous, is, by a simple process, converted into nutritious food. After it has been washed and scraped, it is grated and pressed into an elastic tube, which is called a matappi, and has been made of the plaited stems of a calathea. The tube being filled, its upper end is tied to one of the beams in the hut, so that its opposite end, which possesses a loop hole, remains a few feet from the ground; a long pole is pushed through the loop-hole, the shorter end of which is fixed, while the longer being pressed down, serves as a powerful lever, and the elasticity of the tube presses the grated cassava forcibly together, and the poisonous juice escapes through the interstices of the plaits. The mass, deprived of its juice, is then gradually dried, and, if required, some of the flour, after it has been sifted, is put upon a pan over a fire, and in a few minutes a cake, resembling an oatmeal cake in appearance, is ready. Violent as the poisonous juice of the cassava root proves to be, its narcotic principle is so volatile, that it escapes by being exposed to fire; therefore, a sauce of the juice, which resembles ketchup or soy (SCHOMBURGK, 1848, p.271).

constelação no local: e o indígena Macuxi, dedicou ao espírito do Cerrado e afirmou que quando a crucis (cruz é a estrela mais brilhante do meridiano celeste do observador) da constelação fica ereta, o pássaro Pauluima (*Powis, Ourax erythorynchus*) começa seu gemido baixo pela manhã. As margens do Tacutu são famosas pelo número dos pássaros da savana, e Schomburgk teve uma segunda oportunidade de verificar se havia alguma verdade na afirmação do indígena Macuxi. Como podemos conferir no relato abaixo:

Em 4 de abril de 1842, quando eu estava tomando altitudes circum-meridianas de um Crucis, o pássaro começou seu gemido solene, que durou cerca de um quarto de hora. A estrela estava no meridiano naquele dia aos 25 minutos. depois das onze da noite, de modo algum uma hora habitual para os powis serem ouvidos; a coincidência, portanto, foi a mais notável. O desenhista da expedição, que anotou a hora das minhas altitudes, e a quem eu havia relatado alguns dias antes a informação que recebera dos índios, ficou igualmente espantado com a estranha coincidência (SCHOMBURGK, 1842, p.7).<sup>44</sup>

As águas do rio Tacutu, segundo Schomburgk (1842), possuíam leve tom azulado, já o Maú oferecia uma aparência bem diferente, embora mais baixo do que geralmente, contava com uma massa de água marrom onde os Macuxi se divertiam caminhando até a margem oposta. Apreciava com sua equipe o banho de rio, embora apreensivos por causa do voraz pirai (*serrasalmo migerf*), e seus numerosos congêneres, entre os quais o *S. Piranka* (Piranha talvez seja o mais perigoso,) inclusive em destaque aos seus trabalhos como naturalista publicou sobre os peixes no intitulado: “The Natural History of the Fishes of Guiana” de 1841.

Observou os Macuxi provarem numerosos peixes pescando com o anzol e a linha na foz do Tacutu. O céu esteve nublado durante a sua permanência na confluência do Maú e Tacutu, e uma brisa fresca do Leste também contribuiu para diminuir em grande medida o calor que sentiam (SCHOMBURGK, 1842). Embarcavam os instrumentos e outros embrulhos que convenientemente encontravam lugar nos botes, para iniciarem a subida do Tacutu preferia companhia dos indígenas, o artista Goodall e o seu irmão Richard Schomburgk foram em canoas separadas.

Mantiveram-se ao longo dos arredores dos matagais e encontraram muita dificuldade para abrir caminho através da grama muito alta e dos pântanos que, embora secos na época, ofereciam por sua vegetação rala muitos obstáculos ao progresso da

---

<sup>44</sup>Tradução Nossa. No original: On the 4th of April, 1842, when I was taking circum-meridian altitudes of a Crucis, the bird commenced its solemn moan, which lasted about a quarter of an hour. The star was on the meridian that day at 25 min. past 11 P.M., by no means an usual hour for the powis to be heard; the coincidence, therefore, was the more remarkable. The draughtsman of the expedition, who noted the time of my altitudes, and to whom I had some days previously related the information I had received from the Indians, was equally astonished at the strange coincidence (SCHOMBURGK, 1842, p.7).

expedição. Esses pontos estavam cobertos de numerosas palmeiras de *Mauritia* (Buriti), e os indígenas aproveitaram esta oportunidade para fazerem novas sandálias. A palmeira *Mauritia*, ou Ita do colono (*Mauritia flexuosa*), é segundo Schomburgk, uma das mais úteis da interessante ordem *Linnaeus* que tão apropriadamente chamou de os príncipes do reino vegetal. Podemos com mais detalhes observar a importância dessa fruta e palmeira relatas abaixo:

Os índios mergulham essa fruta na água até que o caroço amarelo fique macio, quando é considerada apta para comer; e os europeus, embora a princípio não gostem, logo adquirem gosto por ela. Os veados da savana, os javalis, os aguris, os papagaios, parecem todos igualmente afeiçoados a esta fruta; e a anta pesada, a caminho do seu local de alimentação, faz numerosos caminhos pela vegetação rasteira de qualquer mangue onde há uma palmeira com frutos maduros, que quem não conhece o fato imaginaria ter sido feita por pés humanos (SCHOMBURGK, 1842, p.8).<sup>45</sup>

Além da importância alimentar os indígenas, usam sandálias (salza em Macuxi) feitas das bases das folhas do Buriti (Ita), que segundo eles são mais adequadas para esse fim do que as de qualquer outra palmeira. Segundo Schomburgk (1842) elas são presas de uma forma não muito diferente da dos antigos, e um par dessas sandálias dura pelo menos alguns dias de viagem sobre as planícies rochosas que habitam. Sobre mais detalhes relacionado ao Buriti (Ita):

Mesmo em sua decadência o Ita tem alguma utilidade. Quando seu tronco está prostrado no chão, um grande besouro (o *Calandra pal marum*) deposita nele suas larvas, que são consideradas uma grande iguaria não só pelos indígenas, mas também por muitos europeus, especialmente pelos franceses em Caiena, Martinica e Lupa Guada. Os índios frequentemente derrubavam essas palmeiras e, tendo feito vários buracos no tronco, certamente encontrariam numerosas larvas de *Calandra* no devido tempo. Não devo deixar de mencionar que os índios preparam uma espécie de sal das cinzas das folhas queimadas (SCHOMBURGK, 1842, p.9).<sup>46</sup>

Procurou com os Macuxis as folhas de Maurícias que crescem apenas em solo úmido ou pântanos e, quando não conseguiam obter água cavando ao pé dos troncos, ele

---

<sup>45</sup> Tradução Nossa. No original: The Indians immerse this fruit in water until the yellow heart becomes soft, when it is considered fit to eat; and Europeans, though they dislike it at first, soon acquire a taste for it. The deer of the savannah, the peccary monkeys, aguris, parrots, all appear equally fond of this fruit; and the heavy tapir, on its way to its feeding-place, forms numerous paths through the rank vegetation of any swamp where there is an Ita palm with ripe fruit, which one unacquainted with the fact would imagine to have been made by human feet (SCHOMBURGK, 1842, p.8).

<sup>46</sup> Tradução Nossa. No original. Even in its decay the Ita is of some use. When its trunk lies prostrate on the ground a large beetle (the *Calandra pal marum*) deposits its larvae in it, which are considered a great delicacy not only by the Indians but likewise by many Europeans, especially by the French in Cayenne, Martinique, and Guada loupe. The Indians frequently fell these palms, and, having cut several holes in the trunk, are sure to find numerous larvae of the *Calandra* there in due time. I must not omit to mention that the Indians prepare a kind of salt from the ashes of the burnt leaves (SCHOMBURGK, 1842, p.9).

soube através dos indígenas que a busca seria inútil em qualquer outro lugar da vizinhança. Viajaram bastante pelo Tacutu, notou que as vezes as savanas se estendiam até a beira do rio e formavam margens íngremes, que agora o rio parecia quase em seu nível mais baixo de água. Nessas seções naturais de estudo no rio Tacutu com os Macuxi, Schomburgk (1842) em observação geológica, notou a estrutura da savana adjacente de argilas brancas e ocre, portanto, considerou inútil cultivar nessas savanas e, no entanto, elas eram mais úteis usadas como pastagem de gado.

Fez uma série de ângulos nas margens elevadas do Tacutu, onde caçou com os indígenas vários veados que pastavam em grupos de quatro a dez. Essas regiões eram raramente perturbadas pela presença do homem. Sempre que a água da savana se tornava rasa demais, com seus guias indígenas tentavam recuperar o caminho do rio, onde tiveram algumas dificuldades em fazer, tendo que abrir caminho com facas cutelos e machados pelos matagais que margeavam o córrego. Sofreram ataques de formigas, empurradas pelas águas da savana, refugiavam-se nos arbustos e nas árvores e estas os atacaram por todos os lados, sofreram mordidas e picadas impiedosas. Aquela espécie que, como a abelha e a vespa, tem ferrão, felizmente é escassa; pois a dor que as formigas causaram a Schomburgk (1842) e seus guias superou em violência a da abelha ou da vespa.

Esteve de passagem em aldeia Wapishana, de lá enviou mensageiro por terra a Watu Ticaba, para avisar os indígenas que estavam chegando, pediram que trouxessem pão para a foz do rio Waruwau ou Awarra. Quando Schomburgk (1842) chegou nas savanas circundantes, avistou várias pessoas em duas ou três cabanas temporárias, a alguma distância do grupo percebeu um indivíduo, aparentemente vestido de acordo com a moda e costume europeu: “a distância não me permitiu descobrir a cor de seu rosto; mas vi que ele usava na cabeça algo como um boné militar que seus lombos eram cingidos por um cinto que sua postura era ereta e que ele se destacava dos demais, que permaneciam a uma distância respeitosa”(SCHOMBURGK, 1842, p.19).<sup>47</sup>

Além de Schomburgk (1848) perceber a presença de roupas e costumes europeus descreveu a música indígena dos Macuxi, como o quamah que é uma flauta oca de bambu, construída por eles, e principalmente em uso entre os Caribes. O som da flauta soava ao se aproximar de sua casa como sinal de chegada, como nos bosques silenciosos, ou entre

---

<sup>47</sup> Tradução Nossa. No original: “the distance did not allow me to discover the colour of his face; but I saw that he wore upon his head something like a military cap—that his loins were girded by a belt—that his bearing was upright—and that he stood apart from the rest, who remained at a respectful distance” (SCHOMBURGK, 1842, p.19).



as montanhas, era ouvido a uma distância considerável, com isso os preparativos para sua recepção são feitos imediatamente.

Na opinião do viajante, a música própria dos Macuxi, provavelmente descende de séculos da selvageria que tornou os caribes tão formidáveis, como relatado abaixo:

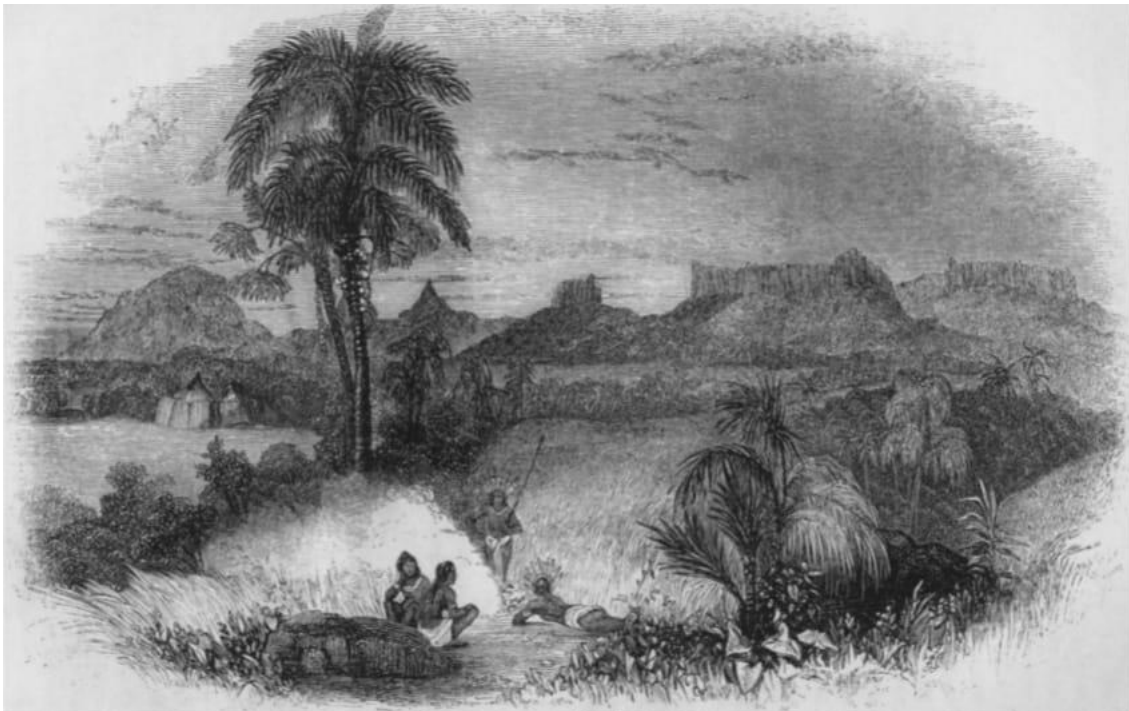
Os indígenas Macuxi se divertem por horas, cantando uma canção monótona, cujas palavras, hai-a, hai-a, não têm mais significado. Os indígenas não são desprovidos de sentimento poético. Irai, o chefe dos caribes, antes de se converter, perdeu seu filho em 1835 no Rupununi. Conheci-o por volta dessa época e, enquanto peregrinamos por algumas semanas em seu assentamento, ouvi-o geralmente cantando palavras em um tom melancólico. Perguntei-lhe o significado, e ele me disse que lamentou seu filho. (SCHOMBURGK, 1848, p.274).<sup>48</sup>

Inclusive a partitura da música Macuxi foi transcrita na obra de Schomburgk (1848) que esteve a 3.135 pés acima da vila dos indígenas Arecuna, tinha 466 pés de altura e, em sua parte mais larga, 381 pés. Seguiu Wayaca-piapa, ou a árvore derrubada, que, segundo os indígenas, era onde o espírito de Macunaíma cortou durante sua passagem por ali. Também observou e consultou com seus guias três montanhas, Carauringtebuh, Yuruaruima e Irutibuh, concluem o grupo; Carauringtebuh, o mais alto deles, fica a 4.943 pés acima da vila de Arecuna. O monte Roraima (Figura 7) raramente estava livre de nuvens, Schomburgk (1840) só viu isso em duas ocasiões, a circunstância de florestas densas estendendo-se em sua frente desde a sua extremidade norte até à costa atlântica, enquanto a sul estendiam-se as grandes savanas, pode ser uma das causas da umidade constante bem como das frequentes trovoadas destas regiões.

---

<sup>48</sup> Tradução Nossa. No original: The Macusi Indians amuse themselves for hours, singing a monotonous song, the words of which, Hai-a, hai-a, have no farther signification. The Indians are not without poetical feeling. Irai, the chieftain of the Caribs, before he was converted, lost his child in 1835 at the Rupununi. I became about this time acquainted with him, and as we sojourned for some weeks at his settlement, I heard him generally singing words in a melancholy strain. I asked him the signification. and he told me he bewailed his child (SCHOMBURGK, 1848, p.274).

Figura 7. Monte Roraima



The Mountain range of Roraima, in Guayana.

Fonte: SCHOMBURGK, Robert. Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and Thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9. Source: The Journal of the Royal Geographical Society of London, 1840, Vol. 10 (1840), pp. 191-207+209-247. Published by: Wiley on behalf of The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers) Stable URL:< [Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and Thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9 on JSTOR](#)>. Acesso em: 18/06/2022.

Relatou a aparência magnífica dessas montanhas com suas cataratas trovejantes e espumantes que se precipitam de uma altura de 1.400 ou 1.500 pés, especialmente quando cheias pelas chuvas, como a:

A montanha do Roraima tem  $3^{1/2}$  milhas de extensão, mas de largura desprezível. Do seu lado oriental corre o Cotingo, que mistura suas águas com as do Tacutu, Branco e Negro, e finalmente deságua no Amazonas. Um pouco N. dele o Cuya, um afluente do Cako, que se junta ao Mazuruni, desemboca no Essequibo. Do lado sudoeste de Roraima vários córregos desembocam no Cukenam, que tem sua nascente na vizinha montanha Icukenam, e forma com os Yuruani o rio Caroni, um afluente do Orinoco (SCHOMBURGK, 1940, p.209).<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Tradução Nossa. No original: The mountain of Roraima is  $3^{1/2}$  miles long, but of inconsiderable breadth. From its eastern side flows the Cotinga, which mingles its waters with those of the Takutu, Branco, and Negro, and ultimately falls into the Amazons. A little N. of it the Cuya, a tributary to the Cako, which joining the Mazuruni, flows into the Essequibo. From the south-western side of Roraima several streams flow into the Cukenam, which has its source in the neighbouring mountain Icukenam, and forms with the Yuruani the river Caroni, a tributary of the Orinoco (SCHOMBURGK, 1940, p.209).

Na expedição para o monte Roraima, conseguiu juntar guias Macuxi e Arecuna para chegar ao local, observamos a importância da aliança e companhia indígena para Robert Schomburgk, sendo esse o primeiro viajante europeu a relatar o monte Roraima, sendo escalado por outro membro da Royal Geographical Society em 1884, chamado Everard Thurn.

#### **1.4. De passagem entre os Wapishana, Wai Wai, Mayopitan, Pianogotos e Taruma**

Robert Schomburgk, descreveu os Wapishana (povo vizinho ao sul dos Macuxi, de filiação linguística Arawak) como um povo indígena pertencente às savanas do alto Rupununi e às margens do Parima. Diversas observações sobre estes indígenas foram relatadas por ele, como as formas anatômicas, a linguagem, parentesco, construções das cabanas, as atividades exercidas por homens e mulheres, preparação alimentar, artesanatos, vasos, símbolos, mitos, crenças, cerimônias, religião etc.

Em seu trabalho sobre anatomia indígena, Robert Schomburgk (1848) descreveu que o crânio Wapishana apresenta a forma oval, mas o occipital é bastante proeminente e mais circunscrito: o espaço interorbital é levemente deprimido, devido à projeção das cristas supra orbitais: “a cabeça é um pouco mais convexa do que nos Caribes; mas o gene-semelhança real é tão próxima quanto aquela que geralmente se obtém entre os crânios de dois indivíduos da mesma raça” (SCHOMBURGK, 1848, p.257).<sup>50</sup>

A mesma observação pode ser aplicada a linguagem do indígena do norte que é notavelmente abundante assim como é a do Wapishana:

As palavras para irmão e irmã são múltiplas; e sua significação mostra se o irmão ou irmã é mais velho ou mais novo que o falante, se é casado e possui um filho ou filhos. Para cada caso a esse respeito, os Wapishana têm uma palavra, cujo resumo é irmão ou irmã, mas que indica a idade comparativa e a história doméstica do indivíduo de que se fala. O adjetivo na língua do europeu torna-se verbo na do Delaware e do Wapishana, e passa por modos e tempos. Os verbos ter e ser não existem; eles são compostos com a posse e a existência de uma coisa, e expressos conforme o substantivo é animado ou inanimado (SCHOMBURGK, 1848, p.258).<sup>51</sup>

---

<sup>50</sup> Tradução Nossa. No original: “the fore- head is a little more convex than in the Carib; but the general resemblance is as close as that which usually obtains between the skulls of two individuals of the same race” (SCHOMBURGK, 1848, p.257).

<sup>51</sup> Tradução Nossa. No original: The words for brother and sister are manifold; and their signification shews whether the brother or sister is older or younger than the speaker, whether married, and in possession of one child or children. For every case in this respect the Wapishana have a word, the abstract of which is brother or sister, but which points out the comparative age and domestic history of the individual spoken of. The adjective in the language of the European becomes a verb in that of the Delaware and Wapishana, and passes through moods and tenses. The verbs to have and to be do not exist; they are compound with

Através destes exemplos da estrutura da linguagem, frequentemente idêntica, das línguas Delaware e Wapishanas, Schomburgk (1848) relatou que podem ser provados ponto a ponto, de acordo com as peculiaridades que Du Ponceau, Pickering e outros filólogos observaram.

Schomburgk, também estudou as construções em forma de cabanas piramidais dos indígenas do interior da Guiana. Principalmente dos Macuxi, Wapishana e Taruma, que são notáveis por seu tamanho, e as paredes são ora de barro ou de casca de árvore, cobertas de folhas de palmeira, que se tornam impermeáveis à chuva, por serem lançadas argila sobre elas (SCHOMBURGK, 1848).

Descreveu que a cabana dos Wapishana era construída em forma de cúpula e apresentava considerável habilidade arquitetônica, tratou que estas casas, na sua maioria, têm apenas um piso térreo. Notou entre os caribes, cabanas de um só andar sendo a comunicação efetuada por uma escada do lado de fora e observou que:

Várias famílias ocupam uma única cabana, que não é de forma alguma dividida. Em cada aldeia existe uma casa exclusivamente dedicada ao acolhimento de estranhos. Geralmente está situado no meio da comunidade e é mobiliado e abastecido pelo chefe e sua família. Essa casa é chamada de Tapoi pelos Macuxi e Wapishana. Os Ewakus e Kirishanas nos rios Parima e Orinoco, e os Muras no Amazonas, não têm habitações fixas (SCHOMBURGK, 1848, p.267).<sup>52</sup>

Comparou os Wapishana e demais indígenas aos ciganos nômades que mantinham poucas relações com estrangeiros, vagavam de um lugar para outro e construíam galpões temporários. Segundo suas observações nenhum indígena escondia sua nudez.

Quanto aos utensílios dos Wapishana, estes eram constituídos por vários tipos de vasos de barro de diferentes tamanhos e formas, semelhantes aos vasos etruscos. As mulheres fabricavam principalmente a cerâmica e moldavam com a mão os vasos maiores, frequentemente ornamentados com desenhos gregos e arabescos (SCHOMBURGK, 1848). Além disso descreveu mais utensílios produzidos pelos indígenas, encontrados dentro de suas habitações:

---

the possession and existence of a thing, and expressed according as the noun is animate or inanimate. (SCHOMBURGK, 1848, p.258).

<sup>52</sup>Tradução Nossa. No original: Several families will occupy a single hut, which is in no way partitioned off. In every village there is a house exclusively dedicated to the reception of strangers. It is usually situated in the midst of the community, and is furnished and provisioned by the chieftain and his family. This house is called Tapoi by the Macusis and Wapisianans. The Ewakus and Kirishanas on the rivers Parima and Orinoco, and the Muras on the Amazon, have no fixed habitations (SCHOMBURGK, 1848, p.267).

Alguns bancos baixos esculpido em madeira maciça, e semelhantes às almofadas de madeira ou bancos de cabeça dos egípcios, os utensílios necessários para a preparação do pão de cassava, e os utensílios da caça e da guerra, formam o mobiliário da cabana. Os habitantes costumam sentar-se em seus banquinhos ou descansar em suas redes. Cada tribo tem seu próprio campo de caça, e cada família suas próprias plantações, que, depois que as árvores são derrubadas pelo marido e pelos filhos crescidos, são cultivadas pelas mulheres (SCHOMBURGK, 1848, pp.267-268).<sup>53</sup>

Notamos a presença no relato acima das atividades indígenas dos homens com a derrubada de árvores e das mulheres na plantação de suas roças, além disso, Schomburgk (1848) não deixou de tratar sobre o importante preparo de diferentes bebidas de diversas frutas e milho, no relato abaixo, destacou as bebidas fermentadas paiwori (paiwari<sup>54</sup>) ou pajuarú) e cassiri:

mas a bebida preferida dos indígenas é o paiwori, que é preparado com pão de cassava (mandioca). O pão é para isso engrossado e carbonizado na sua superfície; é então quebrado em pedaços e, depois de derramada água fervente sobre ele, as mulheres começam a girá-lo com as mãos, os grandes pedaços são retirados e mastigados, e depois colocados novamente na panela. Esse processo, dizem eles, aumenta a fermentação da decocção e a torna inebriante. O Cassiri, que é um licor fermentado de batata-doce ou inhame, é feito de forma semelhante (SCHOMBURGK, 1848, p.272).<sup>55</sup>

Paiwori (“paiwari”, “piawori”, “paricari”, “paracari”, “pajuarú”, “payuá”) é o termo utilizado pelos irmãos Schomburgk para designar a principal bebida consumida pelos índios nas festas, cujo preparo e teor alcoólico se distingue do caxiri, igualmente feita à base de mandioca (MUNHOZ, 2015). Robert Schomburgk trouxe relato como

---

<sup>53</sup> Tradução Nossa. No original: A few low stools carved out of a solid piece of wood, and resembling the wooden pillows or head stools of the Egyptians, the necessary utensils for the preparation of the cassava bread, and the implements of the chase and of war, form the furniture of the hut. The inmates usually sit on their stools, or rest in their hammocks. Each tribe has its own hunting ground, and each family its own plantations, which, after the trees have been felled by the husband and grown-up sons, are cultivated by the women (SCHOMBURGK, 1848, pp.267-268).

<sup>54</sup> Dos registros de Richard Schomburgk, nota-se que a ocorrência desse tipo de festa se estendia por centenas de quilômetros, desde a Costa Atlântica do território guianense, atravessando as bacias dos rios Orinoco e Essequibo, ultrapassando as cordilheiras do Roraima, sendo executadas por diferentes povos de modo muito semelhante (MUNHOZ, 2015, p.12).

<sup>55</sup> Tradução Nossa. No original: but the favourite drink is paiwori, which is prepared from cassava bread. The bread is for that purpose made thicker, and is carbonized on its surface; it is then broken into pieces, and, after boiling water has been poured over it, the women begin to turn it about with their hands, the large lumps being taken out and chewed, and then put into the pot again. This process, they say, increases the fermentation of the decoction, and renders it intoxicating. Cassiri, which is a fermented liquor from the sweet potato or yam, is made in a similar way (SCHOMBURGK, 1848, p.272).

exemplo de cerimônia comemorada com paiwori<sup>56</sup> (costume também realizado pelos Macuxi) e caça realizadas pelos Arawaak na morte de um homem de alguma posição:

Após o período de doze luas, os parentes e amigos do falecido são convocados e a cassava que foi plantada no momento de sua morte já madura, os convidados são festejados com paiwori e caça. Uma dança é realizada sobre seu túmulo, e os dançarinos açoitam uns aos outros com chicotes preparados para esse fim, que eles penduram no colo do falecido quando a cerimônia termina. Cerca de seis luas depois, outra dança segue, quando esses chicotes são sepultados, e com eles a lembrança dos mortos, bem como qualquer ressentimento que possa ter sido sentido em consequência dos severos açoites que foram infligidos uns aos outros (SCHOMBURGK, 1848, pp. 275-276).

Além da cerimônia dos Wapishana presenciada por Schomburgk (1842) esteve com eles em um bosque que se estendia até uma colina, onde sentiu um cheiro delicioso soprado em sua direção das inúmeras árvores de grande porte, cobertas de flores brancas e folhas verde-escuras que espalhavam delicioso perfume. “Poderia ser uma nova espécie de planta com inflorescência terminal e de folhas alternadas” (SCHOMBURGK, 1842, p.20).<sup>57</sup>

Relatou, também a impressão sobre ódio dos indígenas pelos negros, presenciados por ele: “Assim que souberam que o Wapishana, era da nossa parte, que faltava um negro, deixaram de sentir a menor vontade de se mexer: “Esse ódio do homem vermelho pelo preto é notável e não se limita aos índios da Guiana, mas prevalece igualmente entre os do Chile e do Peru” (SCHOMBURGK, 1842, p.40).<sup>58</sup>

Presenciou que a aldeia Wapishana chamada Eischalli Tuna, da qual esteve em 1837, não existia mais, de seus habitantes viveu apenas uma mulher e três crianças. Muitos de seus antigos conhecidos entre os Taruma estavam enterrados e percebeu também rápida diminuição dos Macuxi. Mas a imagem mais comovente que Schomburgk presenciou entre os indígenas reunidos foi Miaha, a última remanescente da poderosa tribo dos Amaripas.

---

<sup>56</sup> Termo “festas de paiwari” foi utilizado por cronistas do século XIX para designar as grandes festas de bebedeira dos índios guianenses. Paiwari se refere à bebida alcoólica, fermentada a partir do processamento da mandioca, e especialmente produzida para as grandes festas. O “paiwari” ou “pajuarú”, “payuari”, “pajuá”, tem uma maior concentração alcoólica dentre as variantes de cerveja de mandioca produzida pelos índios. O caxiri, por sua vez, bebida cotidianamente consumida pelos Macuxi, já não possuiu elevada graduação etílica (ver Schomburgk 1922, 1923 e Munhoz, 2015); (MUNHOZ, 2020, p.201).

<sup>57</sup> Tradução do autor.

<sup>58</sup> Tradução Nossa. No original: “This hatred of the red man towards the black is remarkable, and is not confined to the Indians of Guiana, but prevails equally among those of Chili and Peru” (SCHOMBURGK, 1842, p.40).

Familiares, amigos e conhecidos de Miaha estavam mortos, só ela permaneceu como memória de seu povo, com isso, Schomburgk previa o destino de extinção aos indígenas da região, depois do contato com os europeus:

Infelizmente! um destino semelhante aguarda outras tribos; desaparecerão daquelas partes da terra em que Makunaima, o bom espírito, os colocou, e que, desde a chegada dos europeus, tornou-se o vasto cemitério das raças originais. Miaha parece ter cerca de 60 anos de idade; seu cabelo, no entanto, não é branqueado pela idade ou pela dor, e ainda seria chamado de luxuriante se ela o deixasse crescer; ela tem um grande nariz aquilino (característica de ocorrência frequente entre os Wapishana e Atorai), e testa baixa, e o aspecto geral de seu rosto é judeu (SCHOMBURGK, 1845, p.27).<sup>59</sup>

Os indígenas se mantiveram distantes das relações com os colonos e mostraram a grande aversão ao uso do porco em sua alimentação, segundo o viajante, um hebreu não poderia rejeitá-lo com maior repugnância do que um Wapishana, inclusive, um velho deste povo, cujos filhos, acompanhou Robert Schomburgk (1845) em uma viagem ao monte Roraima, só permitiu que eles a fizessem com a condição de nunca comerem nenhuma iguaria preparada pelo cozinheiro, por medo de que ele pudesse ter usado carne de porco em preparação em suas refeições.

Encontrou outro exemplo sobre os Wapishana em Watu Ticaba. Teve o episódio de uma jovem indígena que às vezes era mimada a ponto de ter recebido os restos de comida da mesa de Schomburgk (1845) e sua equipe, logo após, ela começou a reclamar e ficou gravemente doente e seus parentes imediatamente atribuíram isso ao fato de ela ter se alimentado da comida da expedição, com isso, ocorreu que:

Ela sofria da mais forte dor de cabeça, e seu tio, que fingia habilidade médica, insistiu em sangrá-la, operação que ele realizou fazendo três incisões no lado da cabeça com a espinha serrilhada da arraia, com a finalidade de abertura da artéria temporal. Ele fez disso um mau negócio, no entanto; pelo menos os outros homens sábios da aldeia não acharam a incisão suficientemente alta e condenaram sua prática. A jovem sentiu vontade de repetir a operação e logo se recuperou aceitando nossos remédios (SCHOMBURGK, 1845, p.29).<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Tradução Nossa. No original: Alas! a similar fate awaits other tribes; they will disappear from those parts of the earth on which Makunaima, the good spirit, placed them," and which, since the arrival of the European, has become the vast cemetery of the original races. Miaha appears to be about 60 years of age; her hair, however, is not bleached either by age or grief, and would still be called luxuriant if she allowed it to grow; she has a large aquiline nose (a feature of frequent occurrence among the Wapisianas and Atorais), and a low forehead, and the general cast of her face is Jew (SCHOMBURGK, 1845, p.27).

<sup>60</sup> Tradução Nossa. No original: She suffered the severest headache, and her uncle, who pretended to medical skill, insisted upon bleeding her, an operation which he performed by making three incisions on the side of her head with the serrated spine of the sting-ray, for the purpose of opening the temporal artery. He made a bad business of it, however; at least the other sapient men of the village did not think the incision high enough, and condemned his practice. The young woman felt no inclination to have the operation repeated, and accepting our remedies soon recovered (SHOMBURGK, 1845, p.29).

Este último relato sobre os Wapishana, finaliza com uma das estratégias que mexeram com a aculturação dos povos indígenas na região do rio Branco e da Guiana Inglesa, os remédios alopáticos trazidos pelos viajantes e missionários, devido ao forte surto de doenças e mortes que o contato dos europeus com os nativos indígenas provocou. Como uma prova de força entre a medicina científica com o xamanismo, isto ocorreu também com os Wai Wai trabalhado na sequência.

“Os Wai Wai vivem na Amazônia setentrional, na região onde a Serra Acaraí delimita a fronteira entre o Brasil e a Guiana, e são falantes de uma língua da família Caribe” (LAPOLA, 2019, p.18). No Brasil, as comunidades Wai Wai estão em três Terras Indígenas: Wai Wai, no sudoeste de Roraima, Nhamundá-Mapuera, no noroeste do Pará e norte do Amazonas, e Trombetas-Mapuera, que abrange uma grande área entre o extremo sul de Roraima, o extremo norte do Amazonas e o noroeste do Pará (CAIXETA DE QUEIROZ, 2008). Na Guiana, os Wai Wai são encontrados no extremo sul do país, na região administrativa Upper Takutu-Upper Essequibo (cf. ISA, 2006).

Segundo Niels Fock (1963), Wai Wai não é um etnônimo, mas um termo criado pelos Wapishana para designar índios que tinham uma pele mais clara; portanto, o termo Wai Wai quer dizer “farinha branca” ou “tapioca”. Para Catherine Howard (2002), o termo Wai Wai caracteriza um coletivo de moradores de quatro aldeias: uma localizada no Rio Essequibo, na Guiana, e três situadas ao Norte do Brasil, nos rios Mapuera, Anauá e Jatapuzinho. Essas aldeias são compostas por diversos grupos: os Wai Wai originários, os Parukwoto, os Tarumá, os Mawayana, os Xerew, os Katuena, os Tunayana, os Cikyana e os Karafawyana.

No século XIX, três viajantes fizeram relatos sobre os Wai Wai. Os primeiros contatos entre viajantes europeus com os indígenas Wai Wai ocorreram nas regiões dos rios Essequibo (Guiana), Orinoco (Venezuela) e do Mapuera (Brasil), e foram realizados, respectivamente, pelo explorador prussiano Robert Hermann Schomburgk (1835, 1839 e 1843), pelo geólogo canadense Charles Barrington Brown (1870), ambos a serviço da coroa inglesa, e pelo viajante francês Henri Coudreau em 1886 e 1889. Esses três viajantes constataram a existência de uma ampla rede de relações de trocas entre os Wai Wai e os diferentes grupos étnicos da região, conforme atestam Jorge Souza (1998), Peter Rivière (2001), Catherine Howard (2002) e Evelyn Schuler (2010).

Catherine Howard (2002) e Evelyn Schuler (2010) demonstram que existem processos seculares e redes de relações de comércio na região, nas quais os Wai Wai eram



reconhecidos e procurados para o fornecimento de raladores de mandioca, papagaios falantes e cães de caça. Lembramos que o tempo estudado é o século XIX, período no qual foi influenciado pelo iluminismo, evolucionismo e o romantismo (OLIVEIRA, 2016). Segundo Oliveira (2016), “foi buscada a existência dos indígenas nas veredas do curioso, do exótico e do acidental”.

Trazemos aqui alguns relatos de Robert Schomburgk (1841-1845) dos primeiros encontros com os Wai Wai em que descreveu a distribuição e o tamanho das aldeias e se assemelham aos registros realizados um século mais tarde, mas não se deve esquecer que as doenças (SCHOMBURGK, 1845) “como gripe, varíola e tuberculose, transmitidas para os indígenas, podem ter começado a causar mortes e danos antes da chegada dos primeiros europeus. No momento, a situação foi revertida e em toda a região a população está crescendo de modo expressivo” (RIVIÈRE, 2001, p.35).

Para Richard Schomburgk (1923) um terceiro povo indígena vizinho aos Wapishanas eram os Wai Wai, que se estendiam até os afluentes do rio Amazonas. Relatou que estes indígenas prendem particularmente a destruidora Harpia por suas penas de avestruz, e seus membros são conhecidos como caçadores hábeis, devem contribuir em “medida muito grande para a diminuição desta bela ave que anteriormente ocupava a bacia do Essequibo em grandes números” (SCHOMBURGK, 1923, p.309).<sup>61</sup>

Para levar a cabo uma investigação detalhada da Serra Acaraí, o viajante deveria passar a estação chuvosa em um dos assentamentos das savanas e, com o início da estação seca, avançar por terra até o Cuyuwini, segundo Robert Schomburgk (1838) o que lhe permitiria chegar ao primeiro assentamento Wai Wai no início de setembro. Na região arborizada a estação chuvosa começa em meados de dezembro e continua até março. Durante esta época, o clima seco prevalece nas savanas, onde a chuva não começa até abril. “Enquanto o Essequibo transborda, o Rupununi, rio da savana, está em seu nível mais baixo, os meses de junho, julho e metade de agosto, parecem igualmente úmidos nas savanas e nas montanhas” (SCHOMBURGK, 1838, p.14).<sup>62</sup>

A revelação da existência de três aldeias Wai Wai por Robert Schomburgk (1837), cuja população ele estimou em 150 pessoas, se constituiu como primeiro relato sobre os

---

<sup>61</sup> Tradução Nossa. No original: “large measure to the decrease of this beautiful bird which previously occupied the basin of the Essequibo in large numbers” (SCHOMBURGK, 1923, p.309).

<sup>62</sup> Tradução Nossa. No original: “while the Sipu or Essequibo overflows its banks, the Rupununi, a savannah river, is at its lowest level; the months of June, July, and half August, appear to be equally wet at the savannahs and in the mountains” (SCHOMBURGK, 1838, p.14).

Wai Wai da região da serra Acaraí na Guiana Inglesa que se estendem aos formadores e ao alto curso do rio Mapuera como porção meridional. O alto curso do Essequibo e as drenagens adjacentes que concorrem para a sua formação seria a porção setentrional do território. São informações produzidas por Robert Schomburgk na sua primeira viagem de exploração ao interior da Guiana, publicadas em 1841 (SOUZA, 1998).

“O que não parece ter acontecido foi o controle exercido por determinados indivíduos sobre o fornecimento desses bens tão altamente valorizados. Se isso tivesse ocorrido, a estrutura política da região teria passado por algumas mudanças drásticas” (RIVIÈRE, 2001, p.35).

Concordando com Queiroz (1996) e Guppy (1958), sobre a relevância dos escritos de Schomburgk, associada ao drama da depopulação indígena, de que ela expressa a situação dos Wai Wai, após os três primeiros anos de contato com os missionários, como sendo de altíssimo índice epidêmico na região.

Podemos dizer que Schomburgk fez etnografia ao se referir à origem e à extinção dos Tarumas (conhecidos como anfíbios por viverem mais em cavernas com água) e suas proximidades com os Wai Wai, Pianoghoto e Mayopitan. Mencionou todos esses indígenas como altos, com mais de um metro e oitenta. Descrevia beleza como feiura, como seu irmão Richard confirmou em seus relatos (SCHOMBURGK, 1923). Schomburgk (1848), destacou os Wapishanas como os indígenas com o formato de rosto mais bonito, inclusive em uma de suas visitas a aldeias, relatou uma indígena Pianoghoto, que por ser natural, apresentava o estilo de beleza que ele mais apreciava, como veremos adiante.

Referia-se também aos ornamentos, à estatura, as armas, ao tamanho do arco e flecha. Observou armas com os Tarumas e percebeu que não atiravam pois tinham medo do barulho que a arma de fogo produzia. Descreveu moradias e canoas, práticas agrícolas, atividades de pesca e caça, os animais usados como alimento, cães de caça, os raladores que trocavam por machados, as facas e miçangas que trocavam com outros indígenas, europeus e maroons (mucambeiros). Conviveu com os homens que tinham os maiores arcos da região, os Mayopitan, conhecidos como “homem sapo”, de estatura alta. Eles ajudavam Schomburgk a se comunicar com outros povos indígenas, como exemplo os Pianoghtos e os Wai Wai, com quem comerciavam. Schomburgk tinha admiração pela estética e pela organização desses povos.

De um outro lado relatou que os Mayopitan não eram de confiança pois quando avistaram uma maloca que estava sem ninguém, com produtos holandeses, machados,

facas, miçangas e alimentos, pediu para pousarem por lá e prometeram não mexerem em nada. Justificando a fome, os indígenas fugiram e os que foram atrás deles retornaram logo. De noite, membro da equipe Wapishana de maior confiança para Schomburgk, relatou que os Mayopitan planejavam fugir. Este indígena recarregou a espingarda para advertir os demais índios que, se fugissem, seriam caçados. Ao despertar pela manhã, Schomburgk deu conta de que três deles haviam fugido, mas o seu intérprete e o indígena preferido Wapishana ainda estavam presentes. Depois disso os Mayopitan, cuja anatomia Schomburgk, descreveu como povo de cabeça achatada e meio prensada, e que possuíam canoas com casca de madeira desgastada, foram na frente preparar o contato com outro povo indígena chamado Pianoghoto.

Segundo Rivière, em seu primeiro relatório viagem ao sul da Guiana Inglesa, Schomburgk (2006) descreveu os Wai Wai como moradores da região do alto Essequibo e alto Trombetas, um povo de língua Caribe que absorveu subgrupos étnicos vizinhos. Schomburgk, também descreveu a distribuição e o tamanho das aldeias dos Wai Wai, que, nas palavras de Rivière (2001, p.34), “se assemelham aos registros realizados um século mais tarde”.

Os diários de Robert Schomburgk, estão repletos de referências às trocas intertribais, às trilhas constantemente palmilhadas e à circulação de mercadorias europeias pelo interior (HOWARD, 2002). Ele também fez denúncias associadas ao drama da depopulação de sociedades indígenas distribuídas na área do interflúvio Branco-Amazonas:

As depopulações ou reduções demográficas aqui se processam em razão de dois principais elementos: as guerras intertribais e as epidemias, estas provocadas e verificadas logo após situações de contato frente a exploradores europeus nos últimos dois séculos e por não-índios no século presente. (CAIXETA DE QUEIROZ, 1996; GUPPY, 1958; SOUZA, 1998).

Acredita-se que, devido às epidemias, ocorreu uma redução demográfica, fazendo os Wai Wai se juntarem aos subgrupos étnicos que mantinham relações de troca entre si, através de casamentos intertribais, para procriar e evitar a extinção daquele povo. Schomburgk conta o que viu em uma aldeia Pianoghoto de um afluente do Trombetas:

Oito ou dez terçados, vários machados novos, facas e tesouras, todos de fabricação holandesa, encontrou também um pacote de miçangas pendurados e um facão de boa qualidade de fabricação inglesa e ainda usavam uma

profusão de miçangas nos braços e atravessadas pelo peito (SCHOMBURGK, 1845, p.69, 76 e 78).<sup>63</sup>

Notamos nesse relato a introdução de ferramentas de metais e adornos introduzidos por holandeses, através da prática da troca, de favores, com alimentos ou apoio aos indígenas para dominarem o local. “Os grupos que trocavam com os Wai Wai, como os Pianoghotto, comerciavam com os marrons<sup>64</sup> do Suriname, dando cães de caça, tangas, redes, raladores de mandioca, facas e terçados que, conforme observamos, possuíam em abundância” (HOWARD, 2002, p.32). O barqueiro Wapishana de Schomburgk descreveu o medo que os Pianoghotto tinham de um possível contato com o homem branco:

Enquanto trabalhavam com ele, várias vezes irrompiam em lamentações como a dos primeiros Pianoghotto que nos visitaram. Soreng entendeu que entre eles havia uma tradição de que a chegada do primeiro branco pressagiava a extinção de sua raça. Se é assim que devemos admirar a sua hospitalidade, em nada diminuída por quaisquer sentimentos de rancor contra aqueles que lhe haviam feito lembrar de modo tão contundente esta terrível tradição e que definiram o período de sua extinção (SCHOMBURGK, 1845, p. 87).<sup>65</sup>

Tal como um presságio de extinção em contato com os homens brancos, os Pianoghotto, também se juntaram aos Wai Wai, pois a forte epidemia que ocorreu entre eles antes da viagem de Schomburgk ameaçou a sobrevivência de vários grupos que estavam em contato com missionários e exploradores europeus. “As relações interétnicas eram, grosso modo, bastante influenciadas pela presença europeia, com tantas novas ameaças (guerras, escravizações, epidemias) e atrações (instrumentos de ferro, armas de fogo, aliados poderosos)” (ALMEIDA, 2003, p.48).

“Contudo, essa superioridade bélica deve ser relativizada, sobretudo se considerarmos a imensa maioria indígena e as limitações técnicas da época: entre dois tiros de arcabuz, voavam milhares de flechas envenenadas pelo poderoso curare” (ALMEIDA, 2003, p.48). Howard (2002) apontou que Schomburgk mencionou apenas de passagem os Wai Wai propriamente ditos. Visitou três de suas aldeias nos rios

---

<sup>63</sup> Tradução de HOWARD, 2002, p.32.

<sup>64</sup> No século XIX: Mocambos (Quilombolas).

<sup>65</sup> Tradução Nossa. No original: while working with him in lamentations similar to those of the first Pianoghotto who came to visit us. Soreng understood that a tradition prevailed among them that the arrival of the first white man betokened the extinction of their race. If that be the case, we have to admire their hospitality, which was no way diminished by any angry feelings against those who brought this dread tradition so forcibly to their minds, and rendered the period of their extinction definite (SCHOMBURGK, 1845, p. 87).

Essequibo e Mapuera, relatando uma população de cinquenta pessoas em cada uma. Segundo o relato do próprio em relação a sua visita:

A imundície do Waccawai é proverbial entre os índios, mas certamente o que eu vi das cabanas dos Wai Wai, supera a sensualidade dos anteriores. O número de habitantes da tribo que eu vi na minha jornada, era aproximadamente 150, mas grande número vive no Alto Assimari, e para julgar por suas expressões, não pode haver menos de 300 a 400 Wai Wai (SCHOMBURGK, 2006, p.250).<sup>66</sup>

Adentrou e observou as cabanas dos Wai Wai, assim como apontou a localização e o número de habitantes das aldeias e suspeitava haver mais habitantes espalhados na região. Richard Schomburgk, irmão de Robert, descreveu o encontro com os animais que os Wai Wai lidavam:

Encontrei o mundo animal nesses novos apartamentos abertos para mim com a maioria dos representantes vegetais. Embora não mais se ouviu aquele uivo horrível dos macacos, aqueles de rachar a orelha, mas sim gritos de inumeráveis papagaios e falcões. Os pequenos falcões empoleirados em cima das colinas como formigas esperam durante a metade do meio-dia para a sua presa vir visitar as árvores isoladas, enquanto as grandes águias, o Caracará (Polyborus Caracara) voam pelas almofadas indianas, e o Falcão (Cachinnans Linn), espia a partir de seu topo de árvore cada lagarto e cobra (SCHOMBURGK, 1923, pp.308-309).<sup>67</sup>

Notou também que os Wai Wai eram conhecidos pela qualidade de seus cães de caças, pelo uso de penas da harpia, pelo cultivo do algodão para tangas masculinas, artigos que trocavam com os Mawayana (HOWARD, 2002). Estas qualidades foram também observadas e relatadas pelo viajante Charles Barrington Brown, que, a serviço da coroa inglesa foi designado para ir à Guiana, para fazer o mapeamento geológico que veremos mais adiante no próximo capítulo desta tese.

Schomburgk, adentrou e observou as cabanas dos Wai Wai, assim como apontou a localização e número de habitantes das aldeias e suspeitava haver mais habitantes espalhados na região, por isso a diferença em seus dois relatos de publicações diferentes,

---

<sup>66</sup>Tradução Nossa. No original: The filthiness of the Waaccawai is proverbial among the Indians, but surely what I have seen of the huts of the Woyaways, surpasses in sluttishness those of the former. The number of inhabitants of that tribe whom I saw in my journey, amounted to about 150, but a great number live in the upper Assimari, and to judge from their expressions, there can not be less than from three to four hundred Woyawais (SCHOMBURGK, 2006, p.250).

<sup>67</sup>Tradução Nossa. No original: I found the animal world on these free open flats just as new to me as most of the vegetable representatives. Although one no longer heard that crude and awful howling of the monkeys, those ear-splitting screeches of innumerable parrots and social Small falcons perched on top of the ant-hills lie in wait during the mid-day hour for their prey to come and visit the isolated trees while the large Caracara Eagles (Polyborus Caracara) fly along the Indian pads, and the Falco cachinnans Linn, spies down from its tree top upon every lizard and snake (SCHOMBURGK, 1923, pp.308-309).

em número de habitantes Wai Wai apontando no geral 350 na do ano de 1840 e 150 em 1845. Notamos o estranhamento deste com aspecto de higiene com os povos indígenas Wacawai da costa marítima, elogiando mais os costumes presente aos habitantes do interior da região estudada.

Robert Schomburgk (1845) recebeu informações dos Maopityans e parecia que eles falavam a verdade quando disseram que os Pianoghotto negociavam com os indígenas e os negros marrons (mocambeiros do Suriname). Deu ordens estritas aos indígenas que os acompanhavam a não tocar em nada dos diferentes artigos que haviam sido abandonados pelos fugitivos. Os guias Macuxi e Wapishana que acompanhavam sua expedição, obedeciam às suas ordens, mas não os Maopityans, que não aguentaram e comeram os alimentos, alegando como desculpa sua fome excessiva. Os indígenas que Schomburgk (1845) havia enviado atrás dos indígenas fugitivos, voltaram para a tarde sem sucesso, haviam rastreado por alguma distância, mas que depois os perdeu. Achou que as provisões da expedição que os Maopityans viram ao chegar à vila deserta foram provavelmente a causa do retorno.

Schomburgk desconfiou que os Maopityans eram ladrões e desonestos mais do que nunca e decidiu que precisava vigiá-los. Estava descansando na sua rede, quando um Wapishana, chamado Moller, que era o único que parecia entender seus guias da expedição, veio com a informação que ele os ouvira planejando roubar o local durante a noite e depois os deixar à própria sorte. Segundo o relato de Robert Schomburgk (1845), os Maopityans estavam ocupados desde o anoitecer na preparação do pão de mandioca, e enquanto isso juntaram quantos comestíveis poderiam colocar nas mãos. Ao descobrir, a sua providência foi chamar membros de sua expedição como o artista:

Sr. Goodall e o timoneiro, depois de receberem suas ordens, pus um fim aos preparativos dos maopitanos e os coloquei todos os seis na cabana redonda, e carregando nossas armas diante de seus olhos com bolas duplas, garantiram que seriam usadas se tentassem escapar. Muito depois da meia-noite, joguei-me na rede por uma hora e levantei-me antes do amanhecer, o timoneiro tendo o relógio às quatro da manhã. Eu o interroguei sobre se tudo estava certo, e ele pensou que estava; mas, ao inspecionar, descobri que três dos prisioneiros haviam escapado: felizmente os outros três, e entre eles nosso guia precioso e o chefe de seu número, não tiveram o mesmo sucesso (SCHOMBURGK, 1845, p.69).<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> Tradução Nossa. No original: Mr. Goodall and the coxswain having received their orders, I put an end to the preparations of the Maopityans, and placed them all six in the round hut, and loading our guns before their eyes with double balls, assured them they would be used if they made any attempt at escape. Long after midnight I threw myself into my hammock for an hour, and was up before dawn, the coxswain having the watch from four in the morning. I interrogated him as to whether all was right, and he thought it was;

Schomburgk (1845) e seus guias encontraram marcas evidentes de que as pessoas estavam frequentando a cabana, devido ao número de pertences deixados nela. Encontraram dentro dela pedaço de contas pendurado, talheres de marca inglesa, com a sigla G. R. e a coroa sobre as letras, escondidos entre as folhas da cabana.

Descreveu a Castanheira e a importância de seus frutos para os indígenas da expedição e como a floresta se tornava majestosa com a presença da *Bertholletia* que traz as deliciosas castanhas-do-pará, e estavam dando frutos jovens, mas muitos da última temporada estavam caídos no chão, proporcionaram aos indígenas e a expedição um ótimo presente, estavam sentados no jantar, quando uma tempestade, acompanhada por ventos muito fortes, varreu o local e uma das frutas, com uma casca tão dura quanto a do coco, caiu perto de onde o viajante estava sentado com tanta força que parcialmente se enterrou no chão (SCHOMBURGK, 1845).

Os três maopitanos que, contrariamente às expectativas, permaneceram com Schomburgk e a sua expedição, disseram a Sororeng que deveriam chegar a um assentamento dos Pianoghotto. Foram orientados a começar uma hora antes deles, a fim de evitar qualquer apreensão e maior fuga dos indígenas (SCHOMBURGK, 1845).

Sobre as vestimentas dos homens Pianoghotto, Schomburgk (1845), afirmou que usavam contas em volta dos pulsos e sobre os ombros e uma faixa de algodão abaixo do joelho, com uma longa borla pendurada. Os tornozelos estavam amarrados com tiras de folhas de palmeira, ornamentadas com tinta vermelha e preta.

A cintura deles era cingida por um largo pedaço de casca, da qual a cintura estava suspensa. Quase todo homem usava um daqueles pentes que vimos pela primeira vez entre os maopitanos, foram amarrados a um barbante e pendurados no pescoço, de forma que caíram sobre o peito. As mulheres não usavam esse ornamento peculiar. Os arcos e flechas dessas pessoas eram longos, os primeiros amarrados como os dos maopitanos; mas essa arma formidável para brigas íntimas, o clube de guerra, como entre os maopitanos, não foi usado (SCHOMBURGK, 1845, p.78).<sup>69</sup>

As mulheres Pianoghotto, eram menos favorecidas pela natureza que os homens, segundo o viajante, seus ornamentos, exceto suas próprias contas fabricadas, elas usavam

---

but on inspection I found that three of the prisoners had escaped : fortunately the other three, and among them our pre cious guide and the chief man of their number, had not been equally successful (SCHOMBURGK, 1845, p.69).

<sup>69</sup> Tradução Nossa. No original: Their waist was girded with a broad piece of bark, from which their waistlap was suspended. Almost every man wore one of those combs which we first saw among the Maopityans; they were tied to a string, and hung round the neck, so that they fell upon the breast. The females did not wear this peculiar orna ment. The bows and arrows of these people were long, the former strung like those of the Maopityans; but that formidable weapon for close fight, the war-club, as among the Maopityans, was not used (SCHOMBURGK, 1845, p.78).

poucas, como se a moda fosse revertida, as mulheres tinham o cabelo curto, o que estragava a aparência delas, destacou duas que tinham cabelos cumpridos como os homens. Também relatou a troca de contas (miçangas), anzóis por alimentos e a construção das cabanas dos Pianoghotto:

Trouxeram-nos presentes de cana-de-açúcar, abacaxi, caju (*Anacardium occidentale*) e um pouco de pão fresco, pelo qual de bom grado lhes dei algumas contas de vidro e anzóis. O povoado era constituído por três cabanas, uma redonda que lembrava na sua estrutura as dos Macuxi, e dois galpões abertos. Com exceção de cães e algumas aves de cor branca pura, eles tinham poucos animais domésticos (SCHOMBURGK, 1845, p.78).<sup>70</sup>

Os Pianoghotto, negociavam seus cães de caça, cintos, redes e raladores de mandioca com os negros marrons que davam em troca machados, facas, que Robert Schomburgk viu possuírem em abundância. Notamos que o viajante teve dificuldade em apontar número correto de marrons presentes na região.

Um dos maiores ornamentos da floresta descrito nessa viagem que rodeava Schomburgk e seus guias era uma árvore alta, coberta por uma infinidade de flores rosa. Além de ter problemas com chegada de mais da metade da sua bagagem e, grande parte de suas coleções ficar para trás, nem poderia induzir nenhum dos indígenas estranhos a empreender tal trabalho. Devido a longa jornada percorrida pela segunda vez, resolveu partir na manhã seguinte. Uma de suas novas canoas de casca de árvore havia se partido durante a noite, e o reparo necessário atrasou em certa medida a sua partida.

Robert Schomburgk, passou por uma daquelas cabanas temporárias que os indígenas deixavam quando estavam em expedição de pesca, caçavam ou viajavam. Construída na margem do rio, a descreveu como miserável e ao mesmo tempo, percebeu a importância de ter servido como moradia para esses indígenas, como observamos no seu relato entre essas e outras impressões:

Uwiya parece ser o “Ultima Thule” dos Maopityans no rio, e a cabana que havíamos acabado de passar “o mais distante” dos índios Pianoghotto para cima, enquanto os 80 quilômetros intermediários eram o ponto de encontro da onça-pintada e da anta, e, como nossos índios, sem dúvida, acreditam, morada de todos os tipos de duendes e outros espíritos, maliciosamente inclinados para a raça humana (SCHOMBURGK, 1845, p.63).<sup>71</sup>

<sup>70</sup> Tradução Nossa. No original: They brought us presents of sugar-cane, pine-apples, cashews (*Anacardium occidentale*), and some new-made bread, for which I gladly gave them some glass-beads and fish-hooks. The settlement consisted of three huts, a round one resembling in its structure those of the Macusís, and two open sheds. With the exception of dogs, and some fowls of a pure white colour, they had but few domestic animals (SCHOMBURGK, 1845, p.78).

<sup>71</sup> Tradução Nossa. No original: Uwiya appears to be the “Ultima Thule” of the Maopityans down the river, and the hut we had just passed “the furthest” of the Pianoghotto Indians upwards, while the intermediate



Seguindo em frente, encontraram um homem, uma jovem mulher (esposa), um menino e uma jovem garota nua, a qual ficou deslumbrado por sua beleza e afirmou: como o poeta, pareciam pensar que “a beleza é, quando não adornada, adorna mais” (SCHOMBURGK, 1845, p.63)<sup>72</sup> admirava a beleza exótica da puberdade, acreditava-se que essa família estava desprovida de bens e moravam perto dos Taruma, povo indígena que visitou em 1837, neste eles possuíam apenas duas armas antiquadas que infelizmente tinham medo de disparar, segundo o viajante a proximidade destes ficou claro para ele que os indígenas maopitano poderiam facilmente adquirir essas armas, tão superiores aos seus arcos, quanto mais considerados bons treinadores de cães de caça, e entre os índios do interior, quem possuía um bom cão de caça, como uma menina casável, comanda uma arma de fogo.

Como os Taruma não cultivam muito algodão, eles preparavam suas redes de fibras feitas das folhas jovens da palmeira Mauritia (Buriti). “Os panos da cintura são de algodão fiado, mas eles os trocam com os vizinhos próximos, os Wai Wai, que, ao que parece serem grandes cultivadores do útil algodão” (SCHOMBURGK, 1845, p.54).<sup>73</sup>

Descobriu um pequeno povoado de indígenas Taruma que moravam próximos aos Maopityan, viviam juntos numa grande cabana circular, formando uma comunidade de 60 pessoas isoladas de outros indígenas por densas florestas e altas montanhas: seus vizinhos mais próximos eram ao sul, os Wai Wai, a oeste, os Tarumas, em Essequibo, a cerca de 4 ou 5 dias de viagem deles. Eles se chamam Mawakwa; os Wapishana, no entanto, os chamam de Maopityan, de "mao", um sapo e "pityan" povo ou tribo (SCHOMBURGK, 1845, p.55).<sup>74</sup>

Os campos de provisão eram extensos, eram imponentes, plantavam bastante mandioca. Robert Schomburgk (1945) teve informações com seu guia que os Maopityan misturavam madeira podre com a farinha de mandioca para durar mais tempo. As

---

70 miles was the haunt of the jaguar and tapir, and, as our Indians no doubt believe, the abode of all kinds of hobgoblins and other spirits, mischievously inclined towards the human race (SCHOMBURGK, 1845, p.63).

<sup>72</sup>Tradução Nossa. No original: “like the poet, seemed to think that “beauty is, when unadorned, adorned the most” (SCHOMBURGK, 1845, p.63).

<sup>73</sup> Tradução Nossa. No original: “Their waist-cloths are of spun cotton, but they barter them from their next neighbours, the Woyawais, who, it appears, are great cultivators of the useful cotton-plant” (SCHOMBURGK, 1845, p.54).

<sup>74</sup> Tradução Nossa. No original: “They call themselves Mawakwa; the Wapisianas, however, call them Maopityans, from “mao,” a frog, and “pityan,” people or tribe” (SCHOMBURGK, 1845, p.55).

miçangas e facas eram no entanto muito sedutoras para as mulheres que prontamente se interessavam.

Os índios sapos (Maopityan), foram duramente criticados, como não eram grandes navegadores, e tinham uma frota miseravelmente ineficiente, consistindo apenas em algumas canoas de casca em um estado podre. Por isso, o viajante deu as ordens necessárias a seus apoiadores indígenas para a construção de canoas de casca para navegação e, na expectativa de tais estreitos. O timoneiro<sup>75</sup> recebeu ordens de fornecer as ferramentas necessárias e, principalmente, um bom par de machados americanos a eles, todas as mãos se envolveram em derrubar árvores para a construção da embarcação (SCHOMBURGK, 1845).

Em suas notas, Schomburgk (1845), não deixou de mencionar a grande importância do machado americano para um viajante como ele que percorreu pelas florestas do interior, a utilização desta ferramenta era reconhecida como a mais indispensável, superando as europeias.

Os irmãos Schomburgk previram devido ao contato dos indígenas da região com o europeu e grande parte dos diferentes povos que na época foram diminuídos, sucumbidos pelas epidemias de doenças letais, entre alguns exemplos, os Taruma tiveram o mesmo destino, por isso retornamos a esse assunto. Para Richard Schomburgk (1923), eles ocuparam o Essequibo superior com seus tributários, os Cuyuwini e os Yuawanri. Segundo algumas lendas misteriosas, eles parecem ter ocupado o rio Negro. Uma parte dos Taruma foi convertida pelas missões portuguesas, enquanto outra se sentiu impedida a mudar seus antigos hábitos e seguiram para Serra Acarai e se estabeleceram nas nascentes do Essequibo da Guiana Inglesa. Entre os que se converteram e ficaram no rio Negro, morreram com muita violência que logo desapareceram, Richard Schomburgk, afirmou ser esse o motivo pelo qual Von Martins, para quem a outra parte dos indígenas que estavam na Guiana Inglesa permaneceu desconhecida, considerou os Taruma já extintos. Segundo ele, os Taruma eram mais anfíbios que humanos, porque viviam em cavernas sob a água e evitavam a vizinhança de qualquer homem, também relatou observações sobre os Taruma, descritas por seu irmão Robert:

Meu irmão, no ano de 1837, foi o primeiro europeu a visitar essa tribo e a descobrir seus assentamentos, nos quais as mulheres se destacavam especialmente por sua feiura e sujeira indescritível. Com exceção de uma cabeça menor, eles correspondiam inteiramente em conformação física às tribos remanescentes de índios, mas variavam ainda mais deles não apenas na

---

<sup>75</sup> Barqueiro condutor.

linguagem, mas principalmente na pronúncia das palavras (SCHOMBURGK, 1923, p.309).<sup>76</sup>

Os Tarumas são aclamados entre as tribos do interior pelo excelente treinamento de seus cães de caça, cintos de avental e raladores de mandioca. Notamos acima que Schomburgk descrevia a sujeira, como a organização, a feiura e a beleza, impressões em seus relatos do século XIX, recheado de importância e descrições de costumes, e atividades de sobrevivência, como dependendo do humor, a situação de conhecimento, descoberta, ajuda através da aliança com os indígenas e a dificuldade com a qual o viajante se deparava, alternava com palavras preconceituosas como as de reconhecimento ao protagonismo indígena.

Por meio da obra dos irmãos Schomburgk e principalmente de Robert, percebemos os interesses territoriais da Inglaterra na Guiana Inglesa, materializados em relatos, imagens, mapas e na iniciativa em fazer alianças com os indígenas da região. Os viajantes fizeram etnografia de vários povos, sem os quais não conseguiriam sobreviver e cumprir a missão destinada pela Coroa Britânica.

Schomburgk foi duramente criticado por Nabuco (1903), como um vassalo político da Inglaterra que desconhecia a astronomia, cartografia e geografia feita pelos portugueses da região da fronteira do Brasil com a Guiana Britânica e que ambicionava a região do Pirara não só por disputas territoriais e religiosas e sim por saber da riqueza de diamantes e ouro presentes. A atual Guiana é um local que apresenta até os dias atuais grande quantidade de minérios, como a exploração de diamantes e a descoberta de grande quantidade de petróleo.

Em missão pela Royal Geographical Society, compreendermos que suas viagens ocorreram em aliança com os povos indígenas, utilizando-os como guias e serviços gerais e com esses conseguiam negociar sua participação em uma disputa territorial entre um país europeu e o Brasil. Schomburgk, influenciou outros exploradores e estudos sobre os povos indígenas na região estudada.

Portanto, sem preconceitos, devemos entender o contexto da época e ao mesmo tempo a troca e a forma como o contato desigual demonstrou a esses homens o quanto tinham de aprender com os indígenas amazônicos, pois sem a ajuda em diversos serviços

---

<sup>76</sup> Tradução Nossa. No original. My brother in the year 1837 was the first European to visit this tribe, and to discover their settlements, in which the women especially distinguished themselves by their ugliness and their indescribable filth. With the exception of a smaller head, they entirely corresponded in physical conformation with remaining tribes of Indians, but they varied all the more from them not only in language but especially in the pronunciation of words (SCHOMBURGK, 1923, p.309).

e trabalhos na expedição e conhecimento compartilhado, dificilmente estes homens viajantes triunfariam com seus relatos em suas missões.

Seguimos em continuidade no próximo capítulo com o geólogo Charles Barrington Brown, que esteve na Guiana Inglesa, inspirado por Robert Schomburgk, relatou sua convivência e muitos costumes e habilidades dos indígenas, realizando algo próximo de uma etnografia bem apurada, além do mapeamento geológico para a Royal Geographical Society de Londres.

## Capítulo 2: Charles Barrington Brown (1839-1917): um geólogo entre os indígenas nas terras do rio Branco e na Guiana Inglesa.

Tendo em vista os objetivos do presente estudo, isso é visto como uma constante, embora haja todo um estudo, aliás fascinante, a ser feito sobre as respostas e reações dos diferentes grupos às formas de contacto que eles vivenciaram (RIVIÈRE, 2001, p.35).

### 2.1: Percurso da viagem:

Figura 8- Expedição de Charles Barrington Brown na Guiana Britânica



Fonte: (BROWN, 1876) Map of British Guiana from Canoe and Camp Life in British Guiana.

O mapa que Brown desenhou durante sua expedição à Guiana Inglesa (Figura 8) é baseado no de Robert Hermann Schomburgk, ao qual foram adicionados seus “levantamentos de esboço dos rios Potaro, Siparuni, Burro-burro, Novo e Mazaruni, os pontos neste último foram determinados por observações de latitude e longitude”.<sup>77</sup> O curso das suas viagens está marcado no mapa por uma linha azul, para localizar o leitor. Nesse passo, Thurn, em um artigo sobre a questão da fronteira publicado em Demerara em 1879, disse:

Schomburgk marcou o limite como concebido por ele em um mapa que, depois de permanecer inédito por cerca de trinta anos, formou a base do mapa geológico publicado em 1873, por Charles Barrington Brown, e que foi publicado em 1877 (embora datado de 1875) sob os auspícios do Governo da Guiana Britânica. Ou este último mapa publicado ou o mapa geológico de Brown pode ser consultado um mapa com vista a apurar os limites que parecia mais adequado para Schomburgk (SCRUGGS; STORROW, 1896, p.43).<sup>78</sup>

Notamos que Brown além de influenciado, continuou o trabalho de Schomburgk na Guiana Inglesa e suas fronteiras. Mapeou rios e territórios, documentou os povos indígenas que habitavam a região. Um dos maiores desejos da coroa britânica além do mapeamento geológico, era que ele continuasse e completasse o trabalho demarcatório de Schomburgk. Para cumprir essa missão, Brown passou muitas dificuldades, como doenças e por conquistas proporcionadas pela sua habilidade de liderar e se aliar com os povos indígenas. Além da Guiana Inglesa, também esteve na região do rio Branco e em terras brasileiras, onde foi recebido no Forte São Joaquim e até provou de um passeio a cavalo nos campos de savana.

Entre os estudiosos dos indígenas da região circum Roraima, Brown foi muito pouco trabalhado, citado e traduzido no Brasil. Por isso, é com grande empenho que traremos seus relatos sobre os indígenas que estudou na região.

Os livros que publicou são ilustrados com desenhos e pinturas, visto que as limitações tecnológicas ainda eram presentes no início da década de 1870, Brown não fez uso da fotografia, devido ao pesado e sensível material que teria de ser carregado nas

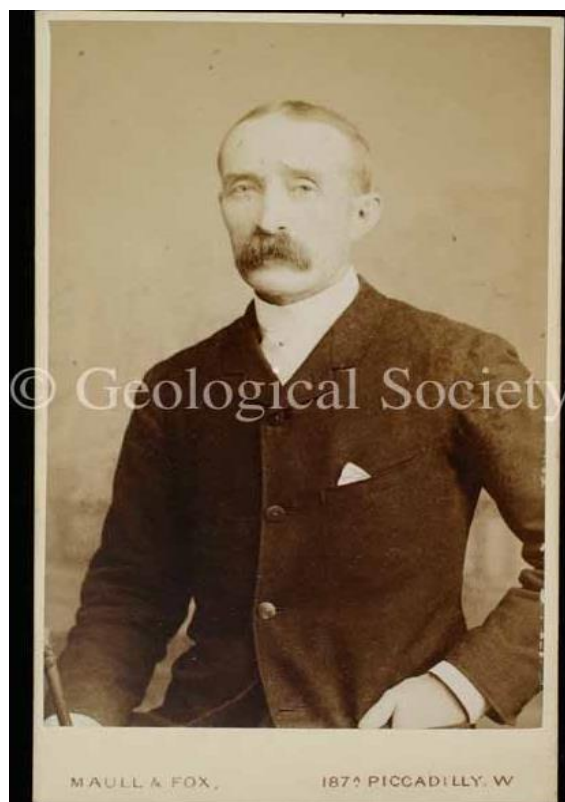
---

<sup>77</sup> Tradução do autor: BROWN, 1876, pp.5-6.

<sup>78</sup> Tradução Nossa. No original: Schomburgk marked the boundary as conceived by him in a map which, after lying unpublished for some thirty years, formed the basis of the geological map published in 1873 , by Charles Barrington Brown , and which was itself published in 1877 ( though dated 1875) under the auspices of the Government of British Guiana. Either this last published map or Brown's geological map may be consulted with a view to ascertaining the boundaries which seemed most suitable to Schomburgk (SCRUGGS; STORROW, 1896, p.43).

longas distâncias percorridas de canoa, em caminhadas e acampamentos na região entre o extremo norte brasileiro e a Guiana Inglesa.

Figura 9- Charles Barrington Brown

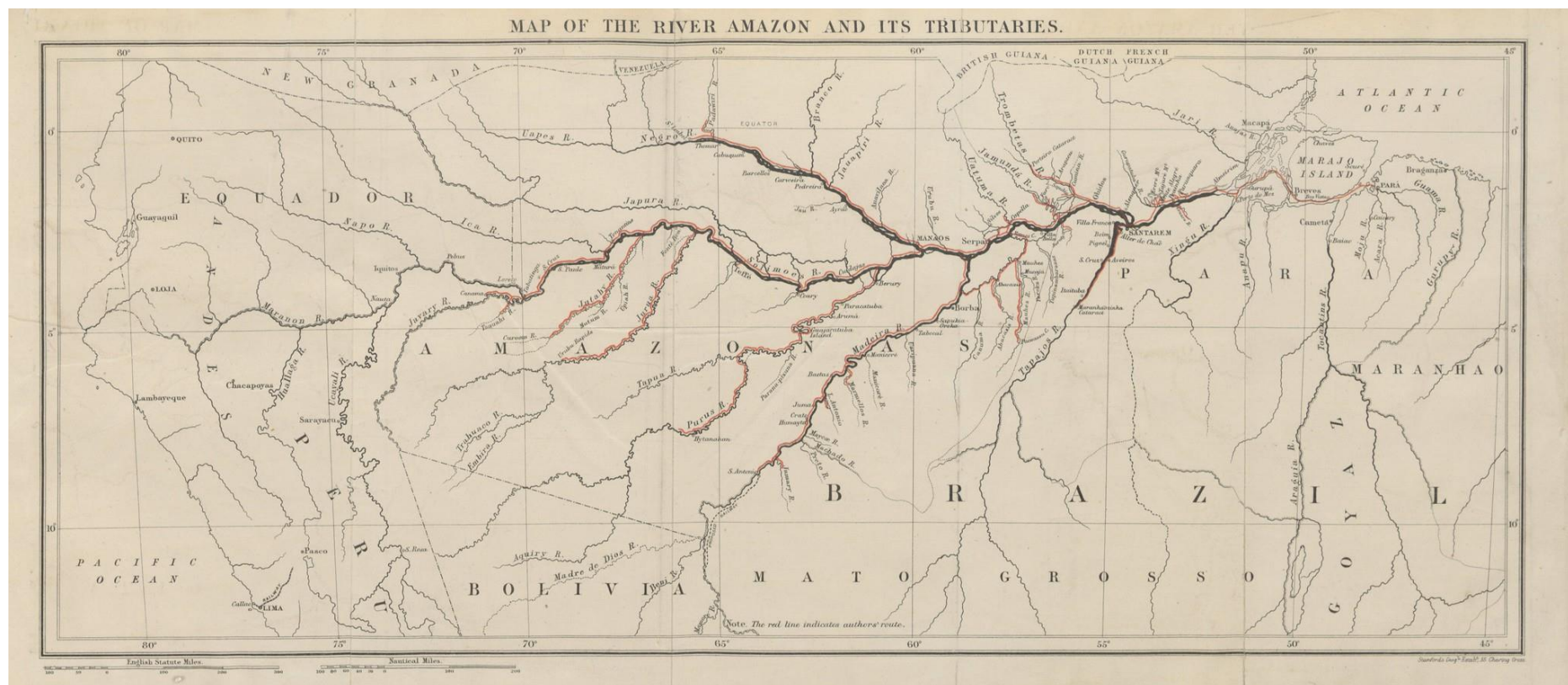


Fonte: Porta Retrato de Charles Barrington Brown de 8 de janeiro de 1879.

In: <http://geolsocarchives.org.uk/Record.aspx?src=CalmView.Catalog&id=GSL%2fPOR%2f43%2f16-3&pos=2> . Acesso em: 06/07/2022.

Charles Barrington Brown (23 de agosto de 1839, Ilha do Cabo Breton, Canadá, 13 de fevereiro de 1917, Londres, Inglaterra) foi um geólogo e explorador canadense. Pesquisou na Jamaica e na Guiana Britânica, na qual serviu com agrimensor e artista James Sawkins de 1864 a 1870. Nos quatro anos seguintes, de 1870 a 1873, ele foi o único encarregado da pesquisa. Seus relatórios sobre a geologia da Guiana Inglesa e da Jamaica, permanecem importantes até os dias atuais e inclusive, receberam a homenagem dos antigos governadores dessas ex-colônias. Podemos conferir na sequência o mapa que trata sobre a expedição do geólogo Barrington Brown (Figura 9) com o engenheiro civil e desenhista Willian Lidstone pelo rio Amazonas e os seus afluentes (Figura 10), nele encontramos toda a rota percorrida em destaque entre os anos de 1873 e 1875. O leitor pode localizar a sua passagem pelo rio Branco. Traremos parte dessa experiência a seguir, quando esteve no local e conversou com um major brasileiro sobre o Pirara, apreciou um serviço religioso e logo um baile lúdico, que nunca havia presenciado.

Figura 10- O rio Amazonas e seus afluentes



(BROWN, LIDSTONE, 1878) Map of the River Amazon and its Tributaries.



Brown com Lidstone no livro, “Fifteen thousand miles on the Amazon and Its tributaries” (1878), demonstram a ousada expedição de 1873 por quinze mil milhas no rio Amazonas e seus afluentes (Figura 10), partindo de Belém. Descreveram pessoas e circunstâncias dos locais e incluíram uma conversa na foz do rio Branco com um major e fazendeiro sobre Robert Schomburgk e o Pirara:

Fomos apresentados ao chefe do distrito, um Major M, que tem uma casa aqui e uma fazenda de gado no rio Branco, parecia um homem muito gentil, viril, educado e tudo mais; mas sua língua corria tão rapidamente que às vezes ele era simplesmente irresistível. Ao falar do bairro do Forte São Joaquim, no Rio Branco, mencionou ter ali conhecido Sir Robert Schomburgk, e a seguir detalhou a história da ocupação do Pirara pelos brasileiros, do ponto de vista de seus próprios conterrâneos (BROWN; LIDSTONE, 1878, pp.366).<sup>79</sup>

De acordo com isso, os soldados de Georgetown haviam sido enviados para expulsar o Frei José dos Santo Innocentos, que fora ao Pirara para montar uma missão e converter os Macuxi em aliança ao catolicismo e permanência do lado brasileiro. Na opinião de Barrington Brown (1876), o missionário John Youd havia formado primeiro missão com os Macuxi pela primeira vez e que foi Frei José que o expulsou antes que ele fosse obrigado pelos ingleses a partir, contrariando a opinião do major brasileiro.

Neste relato observamos como Barrington Brown estava atento ao que acontecia na questão de disputa entre brasileiros e ingleses na região do Pirara, citando a atração feita por missionários junto aos Macuxi, em ambos os lados, reconhecendo e ouvindo o ponto de vista do major e fazendeiro brasileiro que conheceu no Forte São Joaquim, sobre Robert Schomburgk ao seu próprio ponto de vista, algo contestado futuramente por Joaquim Nabuco.

Brown e Lidstone, também de passagem pela foz do rio Branco, tiveram o direito a participarem de demonstração do serviço religioso e um baile:

Permanecemos naquela noite na aldeia e vimos um serviço religioso realizado na igreja; na frente do qual havia um mastro alto, enfeitado com folhas e flores, como um mastro, mas tendo além de algumas bananas e plátanos presos a ele. Em seguida, deu-se um baile, num baile diferente de todos os que havíamos visto até então, que nos chamou a atenção pelo seu caráter lúdico e pela

---

<sup>79</sup> Tradução Nossa. No original: We were introduced to the chief man of the district, a Major M, who has a house here, and a cattle farm on the Rio Branco, He appeared to be a most gentle manly man, polite, and all that sort of thing; but his tongue ran so very rapidly that he was simply overpowering at times. In speaking of the district of Fort St. Joaquim, on the Rio Branco, he mentioned having met Sir Robert Schomburgk there, and then detailed the story of the occupation of Pirara by the Brazilians, from his own countrymen's point of view (BROWN; LIDSTONE, 1878, pp.366).

maneira engenhosa como era executado” (BROWN; LIDSTONE, 1878, pp.366-367).<sup>80</sup>

Além dos costumes religiosos e festejos na região sul do rio Branco, trazemos Gomes (2018) que citou e traduziu o relato de Brown e Lidstone (1878) em “Fifteen thousand miles on the Amazon and Its tributaries” (1878), que traz descrições sobre a captura de tartarugas para a tripulação nos afluentes do rio Amazonas:

De manhã bem cedo é a hora favorita para depositar os ovos, e algumas vezes os homens desembarcavam um pouco antes da gente ancorar para interceptar as tartarugas no seu retorno para a água. Eles algumas vezes pegavam uma ou duas, mas quando a manhã chegava nós fazíamos uma gloriosa aquisição. O “Guajara” fazia a volta, e nós podíamos ver praias abertas que eram literalmente pretas com centenas delas. As cabeças de outras centenas apareciam na superfície da água na beira da praia, como muitas, cortiças flutuando na água. Neste sinal o barco era desligado e rapidamente reduzido, e vários homens corriam para capturar todas que eles podiam [...] no final de uma hora trinta tartarugas largas foram colocadas a bordo do “Guajara” – o máximo que nós podíamos carregar convenientemente – e as outras eram viradas de volta e permitidas a escapar (GOMES, 2018, p.139).<sup>81</sup>

Um estoque de carne fresca de tartaruga para muitos dias foi adquirido para a expedição de Brown e Lidstone, que observaram e relataram como os povos ribeirinhos e indígenas as estocavam em currais no rio Amazonas e seus outros tributários, onde frequentemente viam: “pequenos currais/tanques fechados atrás das casas dos moradores com estoque de tartarugas nele; e sempre ouvíamos os moradores dizerem, como uma forma de piada meiga “o gado do Amazonas”.<sup>82</sup>

Ainda, segundo Gomes (2018), Brown e Lidstone, afirmavam que a dieta alimentar de populações ribeirinhas era fortemente concentrada em recursos aquáticos, incluindo a carne de tartaruga, também apreciada na dieta dos próprios viajantes e por seus acompanhantes.

Nestes relatos observamos como Brown, estava atento da dieta alimentar na região e ao que aconteceu na questão de disputa entre brasileiros e ingleses na região do Pirara, citando a atração feita por missionários junto aos Macuxi, em ambos os lados, reconheceu e ouviu o ponto de vista do major e fazendeiro brasileiro que conheceu no Forte São

---

<sup>80</sup> Tradução Nossa. No original: We remained that night at the village, and saw a service held at the church; in front of which was a high pole, dressed out with leaves and flowers, like a may-pole, but having besides some bananas and plantains attached to it. A ball was afterwards held, at which was a dance unlike any we had hitherto seen, which attracted our attention by its amusing nature and the clever way in which it was executed (BROWN; LIDSTONE, 1878, pp.366-367).

<sup>81</sup> Tradução de: GOMES, 2018, p.139. (BROWN; LIDSTONE, 1878, pp.431-432).

<sup>82</sup> *Ibidem*.

Joaquim o viajante Robert Schomburgk. Devido ao major ter expressado a sua opinião em defesa do Brasil, no litígio entre o Brasil e a Inglaterra pela região do Pirara, Brown expressou seu próprio ponto de vista, no caso, defendeu a Inglaterra, e mencionou que o inglês missionário Youd formou primeiro a missão religiosa com os Macuxi no Pirara, antes do brasileiro Frei José. Damos sequência aos lugares onde ocorreram os relatos de Brown.

## **2.2: Lugares onde ocorreram os contatos relatados**

Durante o tempo em que Barrington Brown esteve no interior da Guiana Inglesa, em trabalho oficial, escrevia todas as noites os acontecimentos ocorridos durante o dia. Em “Canoe and Camp Life in British Guiana” (1876),<sup>83</sup> anotava os incidentes na ordem em que ocorreram, juntamente com as rotas seguidas.

Por dias seguidos, Brown ficava completamente nas mãos dos homens que conheciam os rios. “Evitavam a canoa longa como imprópria para atravessar as cataratas, e consideravam seus indígenas como inúteis, por desconhecimento do tipo de trabalho que os aguardava” (BROWN, 1876, p.6).<sup>84</sup> Brown foi induzido a comprar a única embarcação própria à venda no distrito e fez reparos extensivos com o construtor de barcos do assentamento. “Como levaria alguns dias para realizar este trabalho, deixamos uma tripulação para trazer o barco e se juntar a nós na "Mina de Ouro", cerca de trinta milhas acima do Cuyuni” (BROWN, 1876, p.7).<sup>85</sup>

O Sr. Sawkins que estava com a expedição de Brown (1876), descobriu que sua tripulação de indígenas Arawaak (Wapishana) não estavam suficientemente familiarizados com o trabalho para vadear e nadar em fortes correntes, e que era perigoso prosseguir com eles. Nesse passo, reparou que os ribeirinhos trabalhavam esplendidamente nas cataratas, nadando, mergulhando nas fortes correntes de rocha em rocha, enquanto puxavam as cordas de reboque e puxavam os barcos. Durante sua jornada encontrou sucessão de corredeiras e cataratas, como a "Style Fall", que tinha cerca de dois metros e meio de altura.

---

<sup>83</sup> Obra que nos atentaremos mais neste capítulo por trazer relatos da experiência vivida com os povos indígenas conhecidos pelo geólogo Brown na região do rio Branco (extremo norte brasileiro) e a Guiana Inglesa, foco do nosso estudo.

<sup>84</sup> Tradução do autor.

<sup>85</sup> Ibidem.

A paisagem no rio é bonita, mas as dificuldades para navegá-la foram descritas com Brown (1876, pp.10-11):

As principais características observáveis são intervalos de águas relativamente paradas entre grandes áreas rochosas baixas e de formato irregular, cortadas por amplos canais de água espumante, onde o rio corre sobre obstruções de granito ou gnaisse. Cada trecho de nível é mais alto do que o anterior em alguns centímetros quando uma corredeira intervém e em dois ou três pés quando ocorre uma catarata. Nas ilhas rochosas onde o solo se acumulou há aglomerados de árvores baixas de vários tipos, cujos caules e grandes ramos estão cobertos por várias plantas parasitas, orquídeas e pinheiros bravos.<sup>86</sup>

A medida em que os dias passavam, Brown lutava junto com seus apoiadores pela sobrevivência na Guiana Inglesa. Muitas vezes o seu grande grupo passava miséria com pouca quantidade de comida, que podia ser coletada nas aldeias vizinhas. Parte dessa dificuldade ocorreu devido alguns povos indígenas que a expedição encontrou no caminho, serem difíceis de aceitarem a troca, conforme o relato do próprio Brown (1876, p.88): “Como o povo da aldeia Apiopai desistiam da troca de vender parte de um campo de mandioca e ameaçava colocar um Kanaima, ou assassino secreto, sobre seus homens por um deles tê-los tocado, o que os assustou muito”.<sup>87</sup> Podemos observar mais detalhadamente a um relato de Brown (1876, p.88) sobre Kanaima, também chamado de Canaima ou Canáime:

O "Didi" é considerado pelos índios um homem selvagem, baixo, atarracado e poderoso, cujo corpo é coberto de pelos e que vive na floresta. A crença na existência dessa criatura fabulosa é universal em toda a Guiana Inglesa, Venezuelana e Brasileira. No rio Demerara, alguns anos depois, conheci um lenhador mestiço, que relatou um encontro que teve com dois Didi - um macho e uma fêmea - no qual resistiu com sucesso aos ataques deles com seu machado. Na briga, ele afirmou que estava bastante arranhado. Sua história deve ser encarada com um grande grão de sal<sup>88, 89</sup>.

---

<sup>86</sup> Tradução Nossa. No original: The chief features observable are intervals of comparatively still water lying between large, low, irregularly-shaped rocky areas, cut up by wide channels of foaming water, where the river rushes over granite or gneiss obstructions. Each level patch is higher than the last by a few inches when a rapid intervenes, and by two or three feet where a cataract occurs. On the rocky islands where soil has accumulated are clusters of low trees of various sorts, the stems and large branches of which are covered with various parasitic plants, orchids, and wild pines (BROWN, 1876, pp.10-11).

<sup>87</sup> Tradução do autor.

<sup>88</sup> Expressão latina, que significa em português, em versão popular: Com um pé atrás!

<sup>89</sup> Tradução Nossa. No original: The " Didi " is said by the Indians to be a short, thick set, and powerful wild man, whose body is covered with hair, and who lives in the forest. A belief in the existence of this fabulous creature is universal over the whole of British, Venezuelan, and Brazilian Guiana. On the Demerara river, some years after this, I met a halfbred woodcutter, who related an encounter that he had with two Didi—a male and female—in which he successfully resisted their attacks with his axe. In the fray, he stated that he was a good deal scratched. His story requires to be taken with a very large grain of salt (BROWN, 1876, p.88).

O viajante Schomburgk chamara canaima de fonte de todo mal. Koch-Grünberg ofereceu uma definição semelhante, mas também se referiu a ele como o imprevisto e como tribos vizinhas hostis. Responsável, em última instância pela morte, canaima está ligado a sentimentos negativos e de vingança às pessoas que transmitem esses sentimentos, e ao poder maligno dos pajés (SÁ, 2017, p.84).

Imediatamente após a chegada do geólogo viajante ao Assentamento Penal, o Sr. Sawkins desceu para Georgetown, enquanto Brown, começava a preparar suas coisas para uma viagem ao monte Roraima, com a intenção de subir os rios Essequibo e Rupununi, e fazer uma jornada a pé através das montanhas Pacaraima. O conserto dos barcos para serem usados durante a viagem da expedição e o envio a Georgetown para fazer compras causaram um atraso de duas semanas, em que passou junto com funcionários que fez amizade no Assentamento Penal (BROWN, 1876).

Encontrou apoiadores caribes para a sua expedição, um dos quais falava inglês fluentemente e inclusive o informou que eles vieram da foz do rio Repununi e estavam a caminho de Georgetown com redes e outros produtos para vender. Este homem foi educado pelo missionário Sr. Bernau que morou na Missão Bartika Grove.

Ele e os outros caribes atuavam como comerciantes para muitas tribos do interior, comprando seus artigos de manufatura, como redes de algodão, raladores de mandioca, filtros etc., e, fazendo visitas anuais a Georgetown, trocando-os por sal, facas, machados, cutelos etc. Alguns desses caribenhos apresentavam indícios de mistura de sangue negro e vinham originalmente de Orealá, no rio Corentyne, para o Rupununi, na época em que Sir Robert Schomburgk estava viajando na colônia (BROWN, 1876, p.93).<sup>90</sup>

Brown e seus apoiadores viajavam em barcos muito carregados, com isso avançavam lentamente e no caminho acabaram encontrando um grupo de indígenas Macuxi, o chefe deles, que passou por eles em Itaballi a caminho de suas casas nas savanas. “Eram, em sua maioria, homens de meia-idade, de boa estatura, com semblantes severos e pele avermelhada, aparentemente escurecida pela exposição ao sol na região aberta em que vivem” (BROWN, 1876, p.94).<sup>91</sup> Estes indígenas foram também relatados por Brown como:

---

<sup>90</sup> Tradução Nossa. No original: He and the other Caribs acted as traders for many tribes of the interior, by purchasing their articles of manufacture, such as cotton hammocks, cassava graters, strainers, &c, and, making annual visits to Georgetown, exchanged them for salt, knives, axes, cutlasses, &c. Some of these Caribs showed signs of a mixture of negro blood, and originally came from Orealá, on the Corentyne river, to the Rupununi, at the time when Sir Robert Schomburgk was travelling in the colony (BROWN, 1876, p.93).

<sup>91</sup> Tradução do autor.

uma raça quieta e dócil, que ainda não chegou ao estágio mencionado acima, nem cultua ídolo ou divindade invisível; e embora reconheçam a existência de um grande e bom espírito, nunca peça ajuda a ele em tempos de dificuldade. A doutrina deles é que, sendo bom, ele não os aflige, mas que todos os seus males procedem da ação de vários espíritos maus. Esses males, eles acreditam, podem ser anulados ou curados por seus feiticeiros ou Peaimans, que chamam em sua ajuda uma multidão de bons espíritos. Esta é sua única religião, e seus ataques só acontecem durante os períodos de doença (BROWN, 1876, pp.96-97).<sup>92</sup>

Depois dessa experiência, chegou à foz de um riacho chamado Watama, de onde um caminho o levou a duas aldeias Macuxi na savana, desembarcou e caminhou com o objetivo de conseguir a tempo um intérprete para a língua Macuxi, conhecido por seus apoiadores por morar lá. Após uma hora de caminhada no cascalho duro da savana chegou a uma pequena aldeia, composta por cinco casas, onde conseguiu um guia e seguiu para a montanha Annai a seis quilômetros de distância (BROWN, 1876).

Na aldeia, contratou um Macuxi chamado Henry para vir consigo para expedição como intérprete, pois falava um pouco o inglês e o dialeto holandês com fluência, por ter morado no Grove por um período considerável (BROWN, 1876, p.104).<sup>93</sup>

Após a jornada ao Watama, Brown subiu o Rupununi, e daí em diante, viajou em direção ao sul por dois dias e terminou a sua jornada pela água desembarcando no Pirara. Na entrada de uma pequena enseada, começou a empacotar cargas de provisões para sua jornada a pé até o monte Roraima. Mandou intérprete para a aldeia de Carenacru, onde o cacique Macuxi Passico, vivia, para conseguir contratar indígenas como guias e carregadores até Roraima (BROWN, 1876, p.106).<sup>94</sup> Notamos que a aliança e a negociação para conseguir apoio indígena na expedição que era tratada em primeiro lugar com a liderança da aldeia.

Atravessou o rio Ireng e chegou no rio Pirara no lugar onde os indígenas eram acostumados a acampar e ali ficou por uma noite. Segundo Brown (1876), o caçador da expedição foi malsucedido durante toda a jornada, ficou muito irritado com sua falta de sorte com a caça, afirmou que conhecia parte do local e saiu durante o dia atrás de animais para caçar para reverter o seu azar. Ao anoitecer, ele se juntou ao acampamento, onde

---

<sup>92</sup> Tradução Nossa. No original: a quiet, docile race, who have not arrived at the stage mentioned above, nor worship either idol or unseen deity; and though they acknowledge the existence of one great and good spirit, never (p.96) appeal to him for aid in time of trouble. Their doctrine is, that being good he does not afflict them, but that all their ills proceed from the workings of a number of bad spirits. These ills, they believe, can be nullified or cured by their sorcerers or Peaimans, who call to their assistance a host of good spirits. This is their only religion, and its fits come on only during seasons of illness (BROWN, 1876, pp.96-97).

<sup>93</sup> Tradução do autor.

<sup>94</sup> Ibidem.

trouxe consigo dois animais que ele havia matado, entre eles um grande veado, com chifres cobertos de veludo, e o outro uma jovem corça, os quais ele carregava nos ombros. “A corça ele matou ao meio-dia e, portanto, a carregou por seis horas. Nenhuma partícula desses animais foi desperdiçada, nem mesmo as pernas, pés e entranhas sendo fervidos em pimenteiro pelos índios” (BROWN, 1876, p.131).<sup>95</sup>

Os Macuxi visitaram Brown em grande número, imploraram para ver seu caderno de anotações, que os indígenas que estavam com ele lhes haviam falado. Eles ficaram muito satisfeitos com isso e gritaram de alegria ao reconhecer as formas animais que ele havia tentado desenhar. Entre os Macuxi que estavam mais curiosos que pediram para ver este caderno era segundo o viajante:

um bando de jovens donzelas, algumas das quais eram muito bonitas. Eles levaram algum tempo para reunir coragem para fazer o pedido, mas à medida que se interessaram pelos esboços sua timidez foi passando e eles se aglomeraram ao meu redor, enquanto eu passava de uma imagem para outra, expressando seu deleite de uma forma mais natural e divertida (BROWN, 1876, p.131).<sup>96</sup>

Notamos como Brown admirava a beleza feminina indígena com esse relato acima. Com um Macuxi como guia, Brown continuou sua jornada subindo o sinuoso e sombrio rio Burro-burro, e em dois dias alcançou um braço daquele rio que entrava pelo Norte, chamado Sipariparu. Um dia, neste rio, chegou a uma aldeia, que visitou com o objetivo de obter pedaços de madeira para a sua próxima viagem. Ao passar por uma grande enseada na margem sul, o guia disse a Brown (1876) que alguns Kanaimas da tribo Patamona, um ramo dos Ackawoise, viviam lá longe e que só saíam de lá para matar os Kanaima membros de outras tribos. Perderam muito tempo durante os dois dias que passaram no Burro-burro cortando com machados algumas árvores mortas muito grandes e duras que se estendiam do outro lado do rio de margem a margem. “No Sipariparu teve que cortar os caules e galhos de uma árvore de madeira macia, que crescia em qualquer uma das margens e se encontrava no meio do riacho” (BROWN, 1876, p.179).<sup>97</sup> Os Macuxi que pertenciam à aldeia Peropoo, trouxeram consigo um indígena Ackawoise que

---

<sup>95</sup> Tradução do autor.

<sup>96</sup> Tradução Nossa. No original: a bevy of young damsels, some of whom were very pretty. It took them some time to muster up courage to make the request, but as they became interested in the sketches their shyness wore off, and they clustered around me, as I turned from one picture to another, expressing their delight in a most natural and enjoy able manner (BROWN, 1876, p.131).

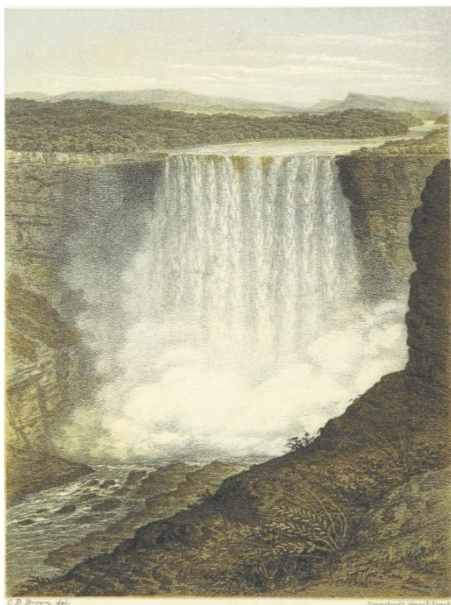
<sup>97</sup> Tradução do autor.

disse que vinha do rio Potaro e estava fugindo do Kanaima. Brown (1876, p.186) desconfiado do indígena afirmou:

Era evidente que ele havia cometido uma má ação em seu próprio território, e estava fugindo do castigo; e não admira, quando esse castigo seria a morte. Ele usava o cabelo comprido e repartido ao meio à maneira usual do Ackawoise, costume que contrastava fortemente com o estilo em que os Macuxi, Wapishana e Atorais usam os seus.<sup>98</sup>

Conforme a sua expedição avança pela Guiana Inglesa e no Brasil, junto de seus guias e intérpretes indígenas, começou a se interessar e se aprofundar em conhecer os costumes dos povos indígenas da região. Em 24 de abril de 1870, Brown (1876) foi um dos dois geólogos nomeado pelos ingleses para ser inspetor do governo para a colônia da Guiana Britânica. Nesse mesmo ano, ele foi o primeiro europeu a ver as quedas de Kaieteur na Guiana Inglesa. Sobre essa emoção, Brown (1876, p.236), comentou que: “Não estava preparado para algo tão grandioso e surpreendente, a princípio não pude acreditar nos meus olhos, mas senti que era tudo um sonho”.<sup>99</sup>

Figura 11- Kaieteur Falls



Fonte: BROWN, 1876, p.02.



As quedas de Kaieteur no rio Potaro, na antiga Guiana Inglesa em 1878, Fotografia tirada de Everard Thurn, 1878: Fonte: STEWART; TABORI; CHANG, 1998, p.28.

<sup>98</sup> Tradução Nossa. No original: It was evident that he had committed an evil deed in his own territory, and was fleeing from punishment; and no wonder, when that punishment would be death. He wore his hair long and parted down the middle in the usual Ackawoise way, a custom which contrasted strongly with the style in which the Macusi, Wapishana, and Atorais wear theirs (BROWN, 1876, p.186).

<sup>99</sup> Tradução do autor.



Podemos reparar acima o desenho feito por Brown e a primeira fotografia tirada da Kaieteur Fall (Figura 11) pelo também expedicionário Everald Thurn, anos depois esteve no local a serviço pela Royal Geographical Society da coroa britânica. Esta cachoeira ficou conhecida e atualmente e ainda considerada como a sexta maior do mundo.

Uma das lendas contadas sobre a origem da palavra Kaieteur relata que o nome foi dado em homenagem a Kaie, um líder da tribo Patamona, que vivia acima do rio Potaro. Ele, para salvar seu povo sob ataque de uma tribo caraíba inimiga, sacrificou-se ao grande espírito Makunaima ao atirar-se das quedas d'água. Esta é a história que foi relatada a Barrington Brown:

Era uma vez, havia uma grande aldeia acima da queda, situada na pequena savana, entre os habitantes da qual estava um velho índio, que havia chegado a esse período de existência humana, quando sua vida se tornou um fardo para si mesmo e um problema para seus parentes. Entre outras funções, cabia a seus parentes próximos o enfadonho de arrancar os jiggers (bicho do pé) dos dedos dos pés, que ali se acumulavam dia a dia. Essas tarefas se tornando enfadonhas, finalmente foi arranjado que o velho deveria ser ajudado em seu caminho para sua longa casa, aquela terra espiritual situada a dois dias de jornada além do sol poente. Ele foi conseqüentemente transferido, com sua estaca de bens materiais, de sua casa para um lenhador no rio acima da cabeceira da grande queda, e lançado na correnteza. O dilúvio silencioso o carregou até o limite, onde as águas impetuosas o receberam em suas garras mortais, levando seu corpo enfraquecido até o túmulo aquoso na bacia abaixo. Não muito depois, é estranho relatar, sua pele de madeira apareceu na forma de uma rocha pontiaguda, que até este dia é vista não muito longe de nossa estação barométrica inferior; enquanto na massa inclinada de talude a oeste da bacia, diz-se que uma enorme rocha quadrada é sua pegall ou vasilha petrificada. Assim, a queda foi batizada de Kaieteur, em memória da vítima desse trágico acontecimento (BROWN, 1876, pp.214-215).<sup>100</sup>

Brown (1876) pediu a seu intérprete que perguntasse aos seus amigos indígenas sobre o significado da palavra Kaieteur que traduzida para o inglês, significa "Old Man

---

<sup>100</sup> Tradução Nossa. No original: Once upon a time, there was a large village above the fall, situated on the little savanna, amongst the inhabitants of which was an old Indian, who had arrived at that period of human existence, when his life had become a burden to himself and a trouble to his relatives. Amongst other duties, there devolved upon his near relations the tedious one of extracting the jiggers from his toes, which there accumulated day by day. These duties becoming irksome at last, it was arranged that the old man should be assisted on his way to his long home, that spirit land lying two days' journey beyond the setting sun. He was accordingly transferred, with his pegall of worldly goods, from his house to a woodskin on the river above the head of the great fall and launched forth upon the stream. The silent flood bore him to its brink, where the rushing waters received him in their deadly grasp, bearing his enfeebled body down to its watery grave in the basin below. Not long after, strange to relate, his woodskin appeared in the form of a pointed rock, which to this day is seen not far from our lower barometer station; while on the sloping mass of talus to the west of the basin, a huge square rock is said to be his petrified pegall or canister. Thus has the fall been named Kaieteur, in memory of the victim of this tragic event (BROWN, 1876, pp.214-215).

Fall". A forma como adquiriu este nome "foi de uma tragédia encenada no local, em conexão com a queda, em um momento da história dos indígenas, sobre a qual não há certeza de data, e que pode ser chamado de período tradicional" (BROWN, 1876, p.214).<sup>101</sup>

Além do relato e registro das quedas de Kaieteur, Brown partiu para novas expedições, como relatadas abaixo:

Em 1871, Brown descobriu o New River, que ele considerou a verdadeira fonte do Courantyne. Isso deu origem à disputa de fronteira do New River Triangle entre o Suriname e a Guiana Britânica (atual Guiana). Barrington também visitou o monte Roraima, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, e foi o primeiro a descrever o Tok-Wasen, uma formação rochosa localizada no extremo sul da montanha, e sugeriu sua ascensão em balão.<sup>102</sup>

Grande parte de sua expedição utilizou-se da canoa, do conhecimento e dos braços indígenas para adentrar em alguns locais na região de savana, onde acampava, com isso intitulou seu livro como "Canoe and Camp Life in British Guiana" (1876). De 1873 a 1875, ele se dedicou a novas explorações no rio Amazonas e seus afluentes para a Amazon Steam Navigation Company. O relato dessas viagens é feito em "Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries" (1878). Novamente, em 1887, 1889 e 1891, ele examinou garimpos de ouro e recifes na Guiana Britânica e em outras ocasiões no Suriname. Durante este período, foi nomeado pelo Secretário de Estado da Índia para fazer um relatório sobre as minas de rubi da Birmânia, "o que resultou em um artigo, escrito em conjunto com o Professor JW Judd, que foi publicado no *Philosophical Transactions of the Royal Society of London* em 1896. Esta obra é considerada uma contribuição clássica para a história do coríndon<sup>103</sup>".<sup>104</sup>

Em sequência a sua viagem, na noite em que passou em Carenacru, um indígena da serra de Canucu veio com a informação de que um grupo armado de brasileiros do Forte São Joaquim havia subido o Tacutu em cinco bateaux e apreendido alguns Macuxis, que posteriormente escaparam. Ele disse que "eles tinham cavalos e estavam do lado

---

<sup>101</sup> Tradução do autor.

<sup>102</sup> Tradução do autor. HISTORY ARCHIVE. *Charles Barrington Brown*. In:< <https://historyarchive.org/works/creators/charles-barrington-brown>> Acesso em: 04/08/2022.

<sup>103</sup> Minério a base de alumínio.

<sup>104</sup> Tradução do Autor: OBITUARY - *Charles Barrington Brown*, R.S.M., F.G.S.1917, p.237. In:< <https://www.cambridge.org/core/journals/geological-magazine/article/charles-barringtonbrown-associates-1871-1917>>. Acesso em: 04/08/2022.

inglês do Tacutu, marchando sobre a aldeia de Passico” (BROWN, 1876, p.261).<sup>105</sup> Os indígenas ficaram alarmados, e o chefe Passico no dia seguinte indagou a verdade sobre o assunto. Na segunda aldeia por onde Brown e sua comitiva passou, ficou sabendo que os brasileiros haviam voltado, com isso Passico e seus indígenas abandonaram a expedição. Posteriormente, Brown (1876) soube em Yarewah que nenhum brasileiro tinha estado recentemente no Tacutu e que não havia uma palavra de verdade na história levada pelo índio a Carenacru: “A julgar pela nossa subida do Cotingo que éramos brasileiros do Forte, ficaram assustados, sabendo que o Cariwas, como chamam portugueses e brasileiros, não os visitariam por nenhum motivo” (BROWN, 1876, pp.273-274).<sup>106</sup> Falaram aos apoiadores da expedição de Brown que o grupo de indígenas, que tinham passado de canoa por eles em Aratiari, os espiara e temeram que fossem brasileiros (cariwas), com isso voltaram assustados para casa por terra para avisar os demais.

Conseqüentemente os movimentos de Brown e seus apoiadores foram vigiados por alguns dias, e a notícia da subida do rio era conhecida de todos os habitantes das redondezas. Com isso Brown (1876, p.274), tomou a seguinte providência, como:

Esses índios, embora Wapishanas, falavam a língua Macuxi, e com meu intérprete, poderíamos conversar livremente com eles. Percorremos uma curta distância e acampamos na catarata de Tuanu-sararu, enquanto os índios se dirigiam à sua aldeia para dizer ao seu povo que não havia perigo de ser apreendido por nós. Não foi particularmente agradável refletir sobre a inteligência e comunicado a nós pelos índios, que havíamos sido tomados por inimigos e observados como tal por dias, e que poderíamos a qualquer momento durante aqueles cinco dias ser marcados e abatidos.<sup>107</sup>

Após isso ao cair da noite, Brown (1876) recebeu a visita de um grupo de quarenta e um Wapishanas, que trouxe a seu acampamento alguns alimentos frescos, entre as quais uma pequena quantidade de arroz sem casca, que eles próprios haviam cultivado. Também foram bem recebidos na catarata de Panatsikameru por alguns Macuxi, que tinham vindo os encontrar na margem do rio ao desembarcarem na aldeia deles localizada no riacho Wirina, onde, em resposta a indagações, os informaram que viriam, com isso

---

<sup>105</sup> Tradução do autor.

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> Tradução Nossa. No original: These Indians, though Wapisianas, spoke the Macusi language, and my interpreter was able to converse freely with them. We went on a short distance and camped at Tuanu-sararu cataract, whilst the Indians went off to their village to tell their people that no danger was to be apprehended from us. It was not particularly pleasant to reflect upon the intelligence communicated to us by the Indians, that we had been taken for enemies, and watched as such for days, and that we might at any time during those five days have been set upon and slaughtered (BROWN, 1876, p.274).

decidiu Brown (1876, p.274): “É melhor deixarmos os nossos barcos durante a nossa viagem terrestre pelas montanhas, visto que o Cotingo na altura não era navegável muito mais longe”.<sup>108</sup>

Chegando à foz do Cotingo, no dia 14 de fevereiro, aproveitaram novamente o vento, e içando velas, Brown (1876) e seus apoiadores seguiram rio abaixo rumo ao que imaginava e considerava a fronteira brasileira, o Forte de São Joaquim, no entroncamento do Tacutu com o rio Branco, algo que não era realidade, segundo Joaquim Nabuco em defesa dos limites fronteiriços brasileiros.

Enquanto Brown tomava o café da manhã, um cachorro, que foi criado por um de seus guias chamado Schomburgk (em homenagem ao viajante), foi enviado para a floresta para caçar e logo depois saiu em plena perseguição de uma labba (paca), que foi para a água para escapar o cão, e assim caiu presa das flechas dos indígenas. Este cão foi comprado por Schomburgk de um indígena em Weynamou, no Cuyuni, e ficou extremamente apegado a ele. Era um cachorro do tamanho de um bull terrier de cor branca e impecável que encantou Brown (1876, pg. 60):

Suas orelhas estavam eretas e davam-lhe um olhar muito inteligente e vigilante, enquanto sua cauda, que havia sido cortada em um comprimento mais judicioso, era portada de maneira alegre. Atendia pelo nome de Chickerine, que é a palavra ackawoise para aquela praga horrível dos dedos dos pés, o jigger. Eu me apaixonei por esse cachorrinho e comprei.<sup>109</sup>

Brown (1876) e sua equipe de expedição acampou uma noite na margem leste do rio, em terreno elevado, a maioria dos homens, com todos os índios, pendurava suas redes em varas fincadas na praia abaixo. À noite estava ocupado escrevendo cartas, para descer à Colônia Penal pelo barco que pretendia mandar de volta, quando sua atenção foi atraída por dois cachorros, que estavam amarrados, latindo furiosamente, seguido por uma grande agitação no acampamento. Então algumas vozes proclamaram em voz alta:

“Os tigres estão chegando!” e um homem me chamou para descer o mais rápido possível até os barcos e trazer minha arma. Pensando no momento que um casal de onças havia sido ouvido por perto, peguei minha arma e descii a ladeira até o acampamento, pulando a margem baixa, ansioso para atirar em um, quando, para minha surpresa, encontrei a praia deserta. Onde cerca de vinte índios estavam acampados, agora não restava nem mesmo uma rede;

---

<sup>108</sup> Tradução do autor.

<sup>109</sup> Tradução Nossa. No original: Its ears stood erect, and gave it a most intelligent, watchful look, while its tail, which had been docked to a most judicious length, was carried in a jaunty manner. It went by the name of Chickerine, which is the Ackawoise word for that horrid toe pest, the jigger. I took a fancy to this little dog and purchased it (BROWN, 1876, p.60).

todos desapareceram repentina e completamente, deixando apenas duas ou três fogueiras fumegantes e seus postes de rede (BROWN, 1876, p.72).<sup>110</sup>

Seus homens que fugiram para o barco, gritaram para Brown (1876) ir rápido, pois tigres de Warracaba estavam chegando, com isso ocorreu uma grande agitação de alívio entre eles quando o barco foi empurrado para o meio do rio Curiebrong em fuga. Muito curioso ao conversar com seus guias indígenas, Brown (1876, p.72) perguntou: “o que eram tigres de Warracaba, e foi rapidamente informado de que eram tigres pequenos e extremamente ferozes, que caçavam em bando e não se assustavam com fogueiras ou qualquer coisa, exceto o latido de cães. Eles têm uma aversão especial à água[...]”<sup>111</sup>

Acreditou que alguns animais terríveis quase os atacaram, caso contrário os indígenas nunca teriam agido desta maneira. Quando silenciaram, um grito estridente rasgou o ar noturno, vindo do lado oposto do rio, a menos de 200 metros: “Isso foi respondido por outro grito vindo das profundezas da floresta, o intervalo entre eles sendo preenchido por rosnados baixos e sons de trombetas, que atingiam mais desagradavelmente os ouvidos” (BROWN, 1876, p.73).<sup>112</sup> Gradualmente, os gritos tornaram-se cada vez mais fracos, à medida que o bando se afastou dali e desapareceram completamente. Não vendo nada deles, e apenas ouvindo seus gritos diabólicos e altos na floresta. Caminhando até a parte alta da praia, Brown (1876, pp.73-74) “encontrou um dos seus guias indígenas voltando, que disse que sim foi o primeiro a chegar e correr pela praia, quando viu cinco dos tigres saírem para a beira da água e, depois de caminhar um pouco ao longo dela, voltarem para a floresta”.<sup>113</sup> O geólogo viajante não tinha ideia e certeza da família de carnívoros a qual eles pertenciam, mas pela caçada em matilha, imaginava que devia ser uma espécie de lobo ou, para alguns, uma espécie de cachorro do mato, esse foi um dos mistérios de relatos ainda não totalmente desvendados da expedição de Brown pela Guiana Inglesa.<sup>114</sup>

---

<sup>110</sup> Tradução Nossa. No original: “The tigers are coming!” and one man called to me to come down as quickly as possible to the boats, and bring my gun. Thinking at the moment that a couple of jaguars had been heard nearby, I seized my gun and made a rush down the slope to the camp, jumping down the low bank, eager to get a shot at one, when, to my surprise, I found the beach deserted. Where some twenty Indians had been camped, there was now not even a hammock left; all had suddenly and completely vanished, leaving only two or three smouldering fires and their hammock poles (BROWN, 1876, p.72).

<sup>111</sup> Tradução do autor.

<sup>112</sup> Ibidem.

<sup>113</sup> Ibidem.

<sup>114</sup> Para saber mais sobre, ler em: < <http://karlshuker.blogspot.com/2017/04/the-warracaba-tiger-and-other-south.html> > . Consultado dia 22/07/2022.

Descreveu até a semelhança dos gritos desses animais com o canto de uma ave: “O canto desses animais assemelha-se ao da ave de Warracaba ou trombeta (*Psophia crepitans*), e por isso receberam o nome de tigres de Warracaba. Os índios Ackawoise os chamam de "Y'agamisheri" e dizem que variam em tamanho e cor” (BROWN, 1876, p.74).<sup>115</sup>

Devido a suas experiências e seus vários encontros na floresta com diversos tipos de “tigres” como era de seu costume chamar as onças, Brown se tornou um caçador obsessivo. Se interessou muito pelos felinos e começou a consultar os indígenas e homens brancos que trabalhavam em sua expedição, como podemos conferir a experiência vivida por Peterson alguns anos antes da época em que contou a Brown:

um bando desses tigres visitou os fundos dos assentamentos perto de Cataboo, na foz do Cuyuni, onde ele morava, e que ele e todos os seus os vizinhos imediatamente deixaram o local e atravessaram para os assentamentos na margem leste do Mazaruni e em outros lugares, onde permaneceram, deixando os tigres na posse indiscutível de suas terras. Desejando voltar para suas casas, eles se reuniram e concordaram em formar um grupo armado com canhões, para reconhecer a região circundante para ver se os tigres haviam deixado a vizinhança (BROWN, 1876, p.75).<sup>116</sup>

Depois desse acontecimento, somente depois de três meses o grupo armado resolveu voltar para suas casas.

Na manhã seguinte à visita dos tigres warracaba ao acampamento da expedição, Brown (1876) partiu com os principais homens do seu grupo, composto pelo Sr. Sawkins, doze de seus homens e dezesseis indígenas, avançando pelo rio Carabung. Nesse local Brown descreveu que havia um homem cuja cabeça estava inclinada para um lado quase até o ombro, devido a uma lesão nos tendões do pescoço, produzida pela mordida de uma onça:

Ele e outro índio estavam voltando da caça quando uma onça (*Felis onça*) saltou sobre ele e o derrubou no chão. Seu companheiro correu para a fera, que pulou do homem prostrado para atacá-lo, quando ele atirou e a matou. Ele então olhou para o homem caído, que estava insensível, e pensando que ele estava morto, o deixou e voltou para a aldeia. Ao cair da noite as pessoas do lugar ficaram espantadas ao ver o homem ferido rastejando lentamente para sua casa. Depois de uma longa doença ele se recuperou, mas os tendões do

---

<sup>115</sup> Tradução do autor.

<sup>116</sup> Tradução Nossa. No original: a few years previous to the time of which I am writing, a band of these tigers visited the back of the settlements near Cataboo, at the mouth of the Cuyuni, where he then lived, and that he and all his neighbours at once left the place and crossed over to the settlements on the east bank of the Mazaruni and elsewhere, where they remained, leaving the tigers in undisputed possession of their lands. Wishing to return to their homes, they met together, and agreed to form a party armed with guns, to reconnoitre the surrounding country to see whether the tigers had left the vicinity (BROWN, 1876, p.75).

pescoço estavam feridos, ele nunca mais conseguiu endireitar a cabeça (BROWN,1876, p.183).<sup>117</sup>

Jovens Macuxi vieram ao acampamento, ao saberem que Brown e seu grupo estavam indo por terra de Surama para o Ireng, os informaram que o povo de Quonga no distrito que estava indo era perigoso, e recentemente havia matado um negro que estava entre eles. Ao retornar ao desembarque de Surama, Brown passou dois dias por lá, instalado na aldeia. Seus homens entre eles a maioria indígenas foram empregados fazendo viagens do desembarque ao barco, para trazer provisões para suas viagens por terra e na última viagem, mandou colocar três pequenas peles de madeira dentro de três grandes, para economizar trabalho.

Nessa época os indígenas do distrito fizeram uma grande excursão de envenenamento para pegar peixes pelo local, e o viajante enfrentou grande dificuldade para conseguir qualquer tipo de ajuda deles, depois de muita insistência, Brown (1876) conseguiu convencer o filho do chefe de Surama a ir com ele como guia, por uma viagem de ida para Annai, no Rupununi, onde andou por um dia e meio de travessia, e por duas grandes aldeias, uma em que parou uma noite chamada de Palarouta. Descreveu inclusive sua terrível experiência com carrapatos na mata: “Na savana, a maior parte do nosso caminho passava pelo mato, fervilhando de horríveis carrapatos de todos os tamanhos, de modo que eu tinha que estar constantemente tirando-os da roupa” (BROWN, 1876, p.184).<sup>118</sup>

Saindo de Annai, guiado por um indígena, chamado Jermain, Brown (1876) seguiu para o norte pela floresta e, após nove horas e meia de caminhada, voltaram para Surama, onde soube que o Waramambo havia chegado ao lugar onde havia deixado seu barco. Ficou por quatro dias em Surama preparando as coisas para a próxima viagem por terra e experimentou grande atraso por ter que enviar muito longe todos os pertences rio abaixo até os seus barcos, pois havia muita madeira caída próximo aos barcos, por eles não podiam ser trazidos para cima. Ao cruzar a savana de Surama uma tarde, Brown (1876), viu um pequeno tigre cruzando o caminho:

---

<sup>117</sup> Tradução Nossa. No original: He and another Indian were returning from hunting when a jaguar (Felis onça) sprung upon him and bore him to the ground. His companion ran at the beast, which jumped off the prostrate man to attack him, when he fired and killed it. He then looked at the fallen man, who was insensible, and thinking him dead, left him and returned to the village. At nightfall the people of the place were astonished to see the wounded man crawling slowly to his home. After a long illness he recovered, but the sinews of the neck being injured, he never could straighten his head again (BROWN,1876, p.183).

<sup>118</sup> Tradução do autor.

Eu então avancei em posição agachada em direção ao tigre, mas antes de chegar bem dentro do alcance ele me viu e correu. Levantando-me rapidamente, fiz uma mira curta e atirei, a carga sendo como de costume BB-shot. Estava então a dez metros de um grande bosque de árvores, mas ao receber um tiro, deu um salto, afastando-se do mato, e dando um curto-circuito veio de volta ao mesmo local, onde com um ou dois saltos mergulhou no mato. A maneira como ele saltou para o lado que eu mirava e saltou para cima, provou claramente que foi duramente atingido (BROWN, 1876, p.185).<sup>119</sup>

Brown (1876) mandou os indígenas trazerem na manhã seguinte da aldeia para o bosque cerca de vinte cães magros para tentar encontrar o animal, caso ele permanecesse ali ferido. Só que, logo após, descobriu que esses cães não eram muito úteis para caça, pois andavam lentamente entre as árvores. Depois disso, voltou para a aldeia, deixando a maioria deles para trás. “Alguns eram cães fracos, imbecis, velhos, que logo se perderam no mato, onde ficaram uivando por socorro à tarde toda para a aldeia, e sentando-me a desfrutar do ar fresco da tarde, vi uma grande cascavel” (BROWN, 1876, pp.185-186).<sup>120</sup>

Brown nessa expedição, devido ao seu grande interesse, aprendeu um fato curioso sobre os hábitos da onça que fez questão de registrar. Certa ocasião, quando desembarcou com seus guias e trabalhadores indígenas para caçar uma manada de porcos do mato, deixou dois homens encarregados do barco, não estavam na floresta caçando a mais de três minutos:

quando os homens no barco ouviram passos pesados na margem acima deles e, olhando para cima, viram uma grande onça olhando para eles do ponto em que tínhamos escalado. Eles imediatamente empurraram o barco para o riacho por segurança, temendo um ataque da onça, pois não tinham arma para se defender. Disseram-me que essa onça era o que os índios chamam de dono do rebanho de porcos que estávamos caçando; que os segue onde quer que vão; e que quando está com fome e encontra um porco a pouca distância do resto, salta sobre ele, matando-o com um golpe de sua enorme pata (BROWN, 1876, p.242).<sup>121</sup>

---

<sup>119</sup> Tradução Nossa. No original: I then advanced in a crouching position towards the tiger, but before I got well within range it saw me and ran. Standing up quickly, I took a short aim and fired, the charge being as usual BB-shot. It was then within ten yards of a large grove of trees, but on receiving a peppering with shot, sprang round, heading away from the bush, and taking a short circuit came back to the same spot, where with one or two bounds it plunged into the thicket. The way it sprang round to the side I aimed at, and bounced upwards, clearly proved that it was hard hit (BROWN, 1876, p.185).

<sup>120</sup> Tradução do autor.

<sup>121</sup> Tradução Nossa. No original: when the men in the boat heard a heavy foot tread on the bank above them, and looking up saw a large jaguar gazing down on them from the very spot up which we had clambered. They immediately pushed the boat off into the stream for safety, fearing an attack from the tiger, as they had no gun to defend themselves with. They told me that this jaguar was what the Indians call the master of the flock of hogs we had been hunting ; that it follows them wherever they go ; and that when it is hungry, and finds a pig a little distance from the rest, it pounces upon it, killing it with one blow of its huge paw (BROWN, 1876, p.242).



O guincho de dor do porco ferido traz todo o rebanho para o local, pois é nesse instante que a onça sobe em uma árvore para se proteger até que os porcos tenham deixado o local, quando ela desce para alimentar-se da carne de sua vítima (BROWN, 1876). Supunha o viajante que quando a onça terminava de se alimentar de um rebanho inteiro de porcos do mato, ela procurava outro.

Brown (1876) relatou outra história que é a de um indígena que seguia um bando de porcos, quando viu uma onça derrubar um membro dela, o rebanho se abateu sobre a onça, só que ela conseguiu pular apenas em cima de uma árvore baixa e foi imediatamente cercada pelos porcos enfurecidos: “Infelizmente para o jaguar não estava fora de seu alcance, e em um minuto foi arrastado para baixo entre eles, pisoteado e despedaçado” (BROWN, 1876, p.243).<sup>122</sup>

Concordamos com Brown que o número de porcos do mato é reduzido dessa maneira por grandes onças de vários tipos que os atacam, mas o que foi mais difícil para ele entender era o que mantinha o aumento do número dessas onças:

Elas parecem não ter inimigos, nada as ataca, e as poucas mortas pelos índios não afetariam seu número em nenhum grau sensato. Ambos os animais crescem na mesma proporção, a onça tendo de dois a três filhotes ao nascer, e o queixada quase o mesmo número de filhotes (BROWN, 1876, p.243).<sup>123</sup>

Em outro encontro ao subir a porção do Corentyne abaixo das rochas de Tehmeri, Brown (1876) viu uma grande onça parada em uma rocha de granito, perto da margem do rio que imediatamente disparou para dentro da floresta enquanto seus guias remavam para a ver. Olhando para o lugar onde a onça havia desaparecido, viu-a sentada olhando para ele sem dar o menor sinal de medo, foi aí que com sua segunda oportunidade, agiu, como podemos conferir com suas próprias palavras:

Mirei atrás de seu ombro e dei-lhe uma carga de tiro grande, o que a fez saltar para a frente, cair e rolar. Mas, imediatamente recuperando seus pés, partiu para a floresta. Nós pousamos e o seguimos pela floresta pelas gotas de sangue nas folhas por um quarto de milha, e então perdemos todo o rastro; mas havia pouca dúvida de que estava gravemente ferido e provavelmente morreria. Com um cachorro para rastreá-lo, ele certamente teria sido encontrado (BROWN, 1876, p.331).<sup>124</sup>

---

<sup>122</sup> Tradução do autor.

<sup>123</sup> Tradução Nossa. No original: They appear to have no enemies, nothing preys upon them, and the few killed by Indians would not affect their number in any sensible degree. Both animals increase at the same rate, the jaguar having from two to three cubs at a birth, and the peccarie about the same number of Young (BROWN, 1876, p.243).

<sup>124</sup> Tradução Nossa. No original: “I took aim behind its shoulder and gave it a charge of large shot, which caused it to bound forwards, fall, and roll over. But, immediately regaining its feet, it made off into the

Durante diferentes períodos de sua jornada, em quatro outras ocasiões, Brown (1876) atirou em onças e foi igualmente infeliz em todos os casos. Destes, duas foram feridas e outras duas ele errou os tiros, pelo que não pode explicar: “a menos que minha ansiedade excessiva para matar tornou meu objetivo incerto. Não há dúvida de que a tenacidade da vida nesses animais é muito grande, e que, mesmo quando gravemente feridos, eles podem correr uma longa distância antes de sucumbirem” (BROWN, 1876, p.331).<sup>125</sup>

A segunda onça com que Brown (1876) se deparou com seus guias estava deitada sobre uma rocha plana tomando sol, isso permitiu ele remar até a trinta metros dela, perto o suficiente para estudar o olhar do animal que sacudiu as orelhas para espantar as moscas que pousavam sobre eles. Carregou a arma com cartucho de bala e puxou o gatilho, esperando vê-la completamente, mas para o desespero de sua obsessão, a onça muito forte, saltou para dentro da floresta e desapareceu (BROWN, 1876). Conseguiu rastrear com seus guias cem metros de sinais sangue que deve ter escorrido do ferimento grave sofrido pelo animal, mas pela segunda vez perdeu todos os sinais e a segunda onça que tentou matar.

A terceira onça que tentou matar estava estendida sobre um tronco inclinado, com uma extremidade apoiada na margem e a outra na água, neste instante estava descendo o rio, então virou o barco que estava em frente a ela, a não mais de dez metros de distância. Relatou Brown (1876, p.332) que:

À medida que nos aproximávamos, trabalhava as garras no tronco, à maneira dos gatos, mas nunca mexia o corpo. Pensei comigo mesmo que, se ferido, deveria cair na água e ser despachado para lá; mas não foi esse o caso, pois ao ouvir o barulho ela saltou com surpreendente agilidade e correu pelo tronco para dentro da floresta.<sup>126</sup>

Mesmo com a ajuda, através da habilidade e aprendizado de caça indígena, Brown foi malsucedido pela quarta e última tentativa de matar uma onça na floresta da Guiana Inglesa. Um dos homens que o acompanhava estava alguns metros atrás de um dos

---

forest. We landed and tracked it through the forest by the blood drops on the leaves for a quarter of a mile, and then lost all further trace; but there was little doubt that it was badly wounded and would probably die. With a dog to track it out, it would most assuredly have been found” (BROWN, 1876, p.331).

<sup>125</sup> Tradução do autor.

<sup>126</sup> Tradução Nossa. No original: As we approached it worked its claws on the log, after the manner of cats, but never moved its body. I thought to myself that, if wounded, it must fall into the water and be there despatched; but such was not the case, for at the report it jumped round with surprising agility and ran up the log into the forest (BROWN, 1876, p.332).

acampamentos, quando ouviu um movimento atrás dele, quando se virou, viu uma onça observando-o vagorosamente. Ele fugiu para o acampamento com sua história, e Brown (1876) foi em busca do animal, acompanhado por um homem armado com um cutelo. Não foram muito longe e perceberam os rastros da onça no leito arenoso de um curso de água seco e concluíram que ela havia desaparecido. Perderam todas as esperanças de vê-la e estavam a ponto de voltar para o acampamento, quando seu companheiro exclamou de repente:

Olhando para o local indicado, a vi agachada em uma moita com a cabeça abaixada, o corpo balançando de um lado para o outro, olhando para nós com olhos de um tom metálico esverdeado. A bruta evidentemente nos seguia enquanto procurávamos por ela, e estava ficando furioso. Mirei na cabeça dela o máximo que pude e atirei; mas em vez de vê-la morta, ouvi-a saltando e se despedaçando pela floresta em um ritmo assustador (BROWN, 1876, p.333).<sup>127</sup>

Depois disso relatou os encontros que teve com um outro tipo de onça (jaguar), um grande puma (*Felis concolor*) que avançou em direção, com o focinho no chão. No momento em que a viu, ficou parado e no mesmo instante ele jogou a cabeça para cima e, vendo-a, também parou. Ela estava com o corpo meio agachado, a cabeça erguida e os olhos redondos e negros, por causa das pupilas dilatadas na penumbra, parecia ao mesmo tempo uma visão nobre e terrível. Brown (1876) olhou para trás para ver se algum dos seus homens estavam vindo, pois naquele momento sentiu que não era nada bom ficar ali sozinho sem ao menos estar com alguma arma de defesa, e sabia que um dos homens no acampamento tinha uma arma. Mas nada pode fazer, como podemos acompanhar no relato:

Enquanto eu não me movia, o puma também permanecia imóvel, e assim ficamos, a uns quinze metros de distância um do outro, olhando um para o outro com curiosidade. Ouvi dizer que a voz humana é potente para assustar a maioria das feras e, sentindo que havia chegado a hora de fazer algo desesperado, acenei com os braços no ar e gritei bem alto. O efeito sobre o tigre foi elétrico; virou rapidamente de um lado, e em dois saltos foi perdido na floresta (BROWN, 1876, p.334).<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> Tradução Nossa. No original: Glancing at the spot indicated I saw it crouching in a thicket with its head bent down, its body swaying from side to side, glaring at us with eyes of a greenish metallic hue. The brute had evidently been following us whilst we were searching for it, and was working itself into a rage. I took as good aim at its head as I could and fired; but instead of seeing it lying dead, I heard it bounding and crashing through the forest at a fearful pace (BROWN, 1876, p.333).

<sup>128</sup> Tradução Nossa. No original: As long as I did not move the puma remained motionless also, and thus we stood, some fifteen yards apart, eyeing one another curiously. I had heard that the human voice is potent in scaring most wild beasts, and feeling that the time had arrived to do something desperate, I waved my arms in the air and shouted loudly. The effect on the tiger was electrical; it turned quickly on one side, and in two bounds was lost in the forest (BROWN, 1876, p.334).

Esperou que seus homens indígenas chegassem, porém, averiguou a possibilidade de encontrar a onça puma, mas ela sumiu, deixando-o mais uma vez frustrado.

Durante a viagem de Brown do New River para o Essequibo, enquanto preparava o café da manhã, ouviu um tremendo barulho vindo em sua direção através da floresta, e então junto com seus ajudantes vislumbrou a ver um accourie (cutia) correndo em direção a uma onça preta (pantera). Segundo Brown (1876) a cutia deu um grito de cortar o coração quando a onça preta a agarrou, mas quando seus homens correram para o local, a pantera deixou sua presa completamente morta e fugiu. Evidentemente o matou saltando sobre ela com o peso de seu corpo dando um golpe tão grande que a vida da cutia foi praticamente nocauteada. Ao retornar à cabeceira do New River foram seguidos por muitos quilômetros por outra onça, pois ao voltar viram seus enormes rastros nos lugares pantanosos que passaram (BROWN, 1876).

Brown, aprendeu e percebeu junto de seus apoiadores indígenas a utilidade dos ótimos cães de caça, considerado um dos bens mais valiosos dos índios em suas aldeias e acampamentos e relatou que a utilização destes na prática de caça de qualquer tipo de onça, como a pintada, parda e preta, facilitava encontrá-la nas margens de rio na floresta, onde o viajante sem dúvida percebeu que eram mais numerosas.

Segundo Brown (1876), os cães de caça eram treinados pelos indígenas para ajudar a rastrear e caçar veados, antas e onças. Quando estavam no rastro de qualquer um desses animais, e sentiam o cheiro de uma onça, sua maneira ansiosa e confiante era imediatamente alterada:

com o cabelo em suas costas eriçado eles ficam cautelosos e nervosos a um ponto, grau, pulando até mesmo ao quebrar um galho. Abandonando a caça, eles pegam o rastro do tigre e o seguem. Mas se o caçador os chamar de lá, ou não os animá-los com sua voz de vez em quando, eles demonstram grande medo, e mantendo-se perto de seus calcanhares não podem ser induzidos a caçar mais naquele distrito durante o dia. Pelo contrário, se for permitido seguir o tigre, eles o perseguem com cautela, estando plenamente conscientes da astúcia praticada por aquele animal; isto é, quando o cão está próximo, saltar para o lado e ficar emboscado até que ele passe, quando com um salto o cão é agarrado (BROWN, 1876, p.336).<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> Tradução Nossa. No original: and with the hair on their backs erect they become cautious and nervous to a degree, jumping at even the snapping of a twig. Abandoning the hunt they take up the tiger's track and follow it. But should the hunts man call them from it, or not cheer them on with his voice from time to time, they exhibit great fear, and keeping close to his heels cannot be induced to hunt any more in that district for the day. On the contrary, if allowed to follow the tiger, they track it up with caution, being fully aware of the cunning dodge practised by that animal; which is, when the dog is close at hand, to spring to one side and lie in ambush until it passes, when with one spring the dog is seized (BROWN, 1876, p.336).

Cães comuns caíam nessa armadilha, mas não os cães de caça treinados pelos indígenas e que possuíam uma habilidade autodidata para rastrear e atrair as onças através de seus poderes olfativos os avisavam da aproximação da presa. Brown (1876), observou que quando os cães avançavam com grande cautela, nunca deixavam de detectar a onça a tempo, e quando seus olhos estavam sobre o inimigo, não tinham chance de escapar e com seu orgulho de força, a onça desprezava os cães que escapavam facilmente delas. Ele calculou que quando atiravam nas onças os cães agiam com grande rapidez, dando um beliscão severo ao lado delas e as atraindo para perto do caçador. Sobre os vários tipos de tigres (onças) na Guiana Inglesa, Brown (1876, p.337), afirmou que:

Segundo os índios, existem vários tipos de tigres e gatos-tigre, cada um dos quais caça um tipo de animal em particular, cujo canto pode imitar. Assim, há o cervo, a anta, o abouyah e o tigre keroonie etc. O veado tigre é o puma, e ouvi afirmar que os índios foram enganados pela maneira como imita o balido do veado da floresta. O tigre wailah ou anta é preto puro e diz-se que é de grande tamanho. A mansidão de onças e pumas neste rio deve-se à quase total ausência de seres humanos nesta parte do país, pois ao longo de seu curso sinuoso do quinto ao terceiro paralelo de latitude, no Corentyne principal, não há índios agora vivendo.<sup>130</sup>

Após todos estes relatos de encontros com o maior felino da América do Sul que é a onça (jaguar) e cães de caça treinados por indígenas, Brown (1876) passou pelo Alto rio Berbice, onde viu a Victoria régia com folhas de 1,20 m de diâmetro e no interior de suas flores grandes besouros marrons e acreditou ser o mesmo local onde Schomburgk avistou essa bela planta.

Após sua passagem pelo rio Carowuring, que desemboca ao norte, o guia informou a Brown (1876) e seus homens que, quando o nível da água é alto, é navegável para canoas com duração de meio dia de viagem, até o sopé de uma queda alta, onde há uma grande praia de areia, marcada com pegadas misteriosas semelhantes às feitas pelo pé humano:

A areia também é jogada para cima como se as crianças estivessem brincando lá. Se os índios que visitam o local pisoteiam esses montes e se afastam por pouco tempo, ao retornarem os encontram lá novamente como antes. Os índios acreditam que homens selvagens vivem perto do local, mas nunca conseguiram

---

<sup>130</sup> Tradução Nossa. No original: According to the Indians there are various kinds of tigers and tiger cats, each of which hunts one kind of animal in particular, the call of which it can imitate. Thus there is the deer, tapir, abouyah, and keroonie tiger, &c. The deer tiger is the puma, and I have heard it affirmed that Indians have been deceived by the manner in which it imitates the bleating of the forest deer. The wailah or tapir tiger is pure black, and is said to be of great size. The tameness of jaguars and pumas on this river is owing to the almost entire absence of human beings in this part of the country, for along its winding course from the fifth to the third parallel of latitude, on the main Corentyne, there are no Indians now living (BROWN, 1876, p.385).

vê-los. Ao longo desta parte do rio existem muitas piscinas profundas, onde as margens são formadas por leitos horizontais de pedra de areia, cujas bordas deságuam no rio (BROWN, 1876, p.385).

Sob essa água, em três dessas piscinas, o guia de Brown disse a ele que viviam enormes onças pretas e de cauda curta: “Ele disse que, descendo o rio certa manhã, viu duas dessas criaturas saindo de um riacho lateral, nadando uma curta distância e mergulhando sob uma saliência de arenito, uma caverna, alcançada passando debaixo d’água, na qual os tigres vivem” (BROWN, 1876, p.385).<sup>131</sup>

Muitos indígenas frequentemente dormiam nas rochas no meio do rio. Chegando a uma aldeia chamada Ackar, onde Brown (1876) mencionou indígenas de boa aparência, entre os quais uma mulher singularmente bonita, e um homem forte de cabelos compridos e encaracolados e bem constituído como belo exemplar de atleta indígena. Notamos que Brown repetiu o costume que Schomburgk tinha em seus relatos ao descrever seu encantamento pela beleza das mulheres indígenas em suas passagens pelas aldeias.

Brown (1876) mandava intérpretes para as aldeias, para conseguir homens para apoiar a sua expedição como a de Carenacru, aldeia onde morava o cacique Macuxi Passico, para pedir autorização e contratar indígenas como guias e carregadores. Afirmou que seu acampamento neste local era bonito, mas sentia monotonia por seu sossego e imobilidade, ocasionalmente quebrada de forma desagradável “pelo barulho pesado do enorme peixe-flecha (*Suidas gigas*) na enseada, ou pelo rugido do jacaré, dos quais répteis havia grande número neste lugar. No início, estes últimos eram muito mansos, por nunca terem sido molestados pelos índios” (BROWN, 1876, p.106).<sup>132</sup> Mas durante a sua passagem no local Brown (1876) reparou que seus homens golpeavam os jacarés com pedras para se afastarem, estes quando eram atingidos, ficavam muito enfurecidos e nadavam apressadamente, inflando o corpo com ar, flutuavam alto na água com a cabeça e o rabo e davam uma grande bufada.

Também observou e relatou como os indígenas pescavam com flechas os peixes que saltavam:

Os paimas de flechas tinham um truque, ao chegarem à superfície, de derrubar suas caudas sobre a água, com um golpe que parecia o estrondo de uma pistola, e, como eles o praticavam principalmente à noite, teve um efeito surpreendente. Meus homens atiraram em um desses peixes com flechas, que

---

<sup>131</sup> Tradução do autor.

<sup>132</sup> *Ibidem*.

tinha cerca de um metro e meio de comprimento, com cabeça longa e grandes escamas esverdeadas orladas de vermelho (BROWN, 1876, p.106).<sup>133</sup>

No relato acima notamos que Brown relata salto ornamental de peixe presenciado pelos seus próprios olhos, fato também constatado por Robert Schomburgk em seu livro sobre os peixes da Guiana Inglesa: *“The Natural History Fishes of the Guiana, vol.1”*. Descobriu nesta região uma vegetação exuberante e grande lago na cabeceira da enseada, que estava coberto pelo belo lírio da Vitória Régia, cujas folhas cobriam completamente a água, aves aquáticas, que ficavam em busca de moscas (BROWN, 1876).

Brown também esteve presente no Forte São Joaquim e relatou sobre o povo indígena Macuxi, repetindo e complementando o trabalho de seu predecessor Schomburgk, que conferimos a seguir.

### **2.3. Com os Macuxi no Forte São Joaquim**

Brown, esteve em vários acampamentos junto aos Macuxi<sup>134</sup>, marchando juntos com armas de fogo, arcos e flechas. Por meio de um intérprete, organizou as expedições com os indígenas. A principal dificuldade residia em conseguir guias que conhecessem todo o caminho. Chegando à foz do Cotingo, esteve na fronteira brasileira, no entroncamento do Tacutu com o rio Branco, seguindo a rota de Robert Schomburgk. Depois, acampou em uma praia de areia a cerca de 20 quilômetros do Forte São Joaquim<sup>135</sup> e relatou: “Depois de escurecer, ouvimos as batidas dos remos de um barco subindo o rio, cujos puxadores cantavam uma canção em português. Eles pousaram abaixo de nós onde o latido de cães no interior proclamou a existência de uma aldeia indígena” (BROWN, 1876, pp.294-295).<sup>136</sup>

---

<sup>133</sup> Tradução Nossa. No original: The arrow paimas had a trick, on coming to the surface, of bringing their tails flat down on the water, with a blow that sounded like the report of a pistol, and, as they practised it chiefly at night, it had a most startling effect. My men shot one of these fish with arrows, which was some five or six feet in length, with long head, and large greenish scales rimmed with red (BROWN, 1876, p.106).

<sup>134</sup> Tradução do autor: Os Caribes e Macuxis colocam faixas tecidas de algodão em volta das pernas de seus bebês e os braços, abaixo da panturrilha no primeiro, e abaixo do bíceps no segundo com o propósito de aumentar os músculos desses membros. À medida que a criança cresce, eles trocam por faixas maiores e os usam como enfeites no estado adulto (BROWN, 1876, p.317).

<sup>135</sup> Sabedores da existência de espanhóis na região do vale do rio Branco, o governo português contratou o capitão alemão Philip Sturm para expulsá-los e construir a fortaleza, que ficou pronta apenas em 1776, recebendo o nome Forte de São Joaquim do Rio Branco. A construção teve um papel importante na conquista definitiva da região do rio Branco, transformando-se na primeira repartição pública oficial, servindo como base de evangelização dos nativos, assim como moradia de um Capitão Carmelita e de um pároco Capuchino (GARMATZ, 2013, p.14).

<sup>136</sup> Tradução do autor.

Neste acampamento em terras brasileiras, Brown (1876, p.295) e sua equipe estavam bastante atentos e escutando tudo o que se passava, na linda paisagem: “Da savana a oeste vinham os sons agradáveis do mugido do gado trazido pela leve brisa noturna”.<sup>137</sup> No dia seguinte visitou com sua equipe o forte, foram recebidos por dois soldados brasileiros, não sabendo falar uma palavra em português e o comandante não falando inglês, chamou um dos seus intérpretes, chamado Johanes Cornelius:

Johannes havia aprendido uma língua chamada Nicariecaru com os brasileiros que moram no Essequibo, nas proximidades da ilha de Yucurit, e um dos soldados também o conhecia. Contando a ele o que eu queria dizer ao Comandante em inglês, ele disse ao soldado em Nicariecaru, e o soldado passou em português; enquanto a resposta, é claro, funcionou na ordem inversa (BROWN, 1876, p.296).<sup>138</sup>

Percebemos que um intérprete e um soldado do forte utilizaram a língua chamada Nicariecaru, desconhecida de Brown e do comandante. Destacamos a seguir dois relatos sobre os indígenas que falavam essa língua. O primeiro é de Nabuco (1903, p.210): “Há em Brown, sobre esses indígenas, um detalhe muito interessante que os representa mais como agentes da penetração da influência brasileira, entre os outros índios, no território que habitam”.<sup>139</sup> O segundo é de Thurn (1880, p.472): “Os nikari-karus, são híbridos entre brasileiros e índios de várias tribos, vivem na fronteira do território britânico e brasileiro, no Essequibo, são desertores dos fortes de fronteira e fazendas de gado, onde até recentemente, o trabalho realizado era forçado”.<sup>140</sup> Acredita-se que o Nicariecaru, seja uma língua crioula usada como estratégia brasileira na região de fronteira, devido aos problemas de disputa pela região do Pirara.

Foi nas margens desse lago, segundo Humboldt, que a tradição indígena colocou a famosa e mítica cidade de El Dorado. A oitocentos metros a oeste de Quatata, chegamos a uma terraplenagem quase circular, com um metro e meio de altura e cerca de trinta metros de diâmetro, cercada por uma vala rasa, dentro da qual estavam os restos

---

<sup>137</sup> Tradução do autor.

<sup>138</sup> Tradução Nossa. No original: Johannes had learned a language called Nicariecaru from the Brazilians who live on the Essequibo in the vicinity of Yucurit island, and one of the soldiers also knew it. Telling him what I wished to say to the Commandant in English, he told it to the soldier in Nicariecaru, and the soldier passed it on in Portuguese; while the answer of course worked back in the reverse order (BROWN, 1876, p.296).

<sup>139</sup> Tradução do autor.

<sup>140</sup> Tradução e adaptação nossa. No original: These people, called Nikari-karus, are hybrids between Brazilians and Indians of various tribes. Their proper home is on the frontier of British and Brazilian territory; and the few settled on the Essequibo are deserters from the frontier forts and cattle farms, where, at any rate till recently, the labour done was forced (THURN, 1880, p.472).



quebrados de muitas garrafas de cerveja e vinho. Este é chamado de Forte Nova Guiné no mapa de Sir R. Schomburgk, e foi feito pelas tropas negras enviadas de Georgetown, no ano de 1840, com o propósito de expulsar os soldados brasileiros que naquela época haviam sido enviados do forte fronteiro de São Joaquim, no rio Branco, para ocupar o Pirara. Parece que este procedimento por parte dos então brasileiros foi motivado pelo ciúme com que eles viam o estabelecimento de uma missão protestante no local pelo reverendo T. Youd. Junto com as tropas brasileiras veio um frade que, depois que o Sr. Youd foi expulso, erigiu uma enorme cruz em frente à igreja da missão e a transformou em um estabelecimento católico romano (BROWN, 1876).

Depois que a notícia chegou a Georgetown, o governo britânico enviou algumas companhias de um regimento das Índias Ocidentais em grandes barcos, que, ao chegarem ao desembarque de Pirara:

desembarcaram e, procedendo a cerca de uma milha do local onde os brasileiros se entrincheiraram, jogaram a terra acima mencionada. Deram então aos brasileiros um certo número de horas para evacuar o local, ou então, se ficassem, para arcar com as consequências. O comandante brasileiro preferiu acatar o pedido de evacuação do Pirara e, depois de providenciadas todas as preliminares, voltou com seus homens para o rio Branco (BROWN, 1876, pp.135-136).<sup>141</sup>

Em 1874, no rio Negro, no Brasil, encontrou Major Mordel, que o informou do frade que estava com as tropas brasileiras no Pirara era o Padre Frei José. Presenciou os postes de madeira da igreja do Sr. Youd carbonizados enquanto todos os vestígios das numerosas casas indígenas que constituíam a aldeia sucumbiram ao tempo: “Olaria quebrada, pedaços de louça e ossos de animais branqueados, só permanecem para mostrar onde a aldeia ficava” (BROWN, 1876, p.136).<sup>142</sup>

No dia em que passou com seus ajudantes na Cartunariba, encontrou dois indígenas que haviam fugido de uma fazenda perto do Forte São Joaquim, onde trabalhavam como criadores de gado. Brown (1876, p.133) os descreveu como: “Ambos gordos e bem, embora dissessem que haviam sido maltratados”.<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Tradução Nossa. No original: disembarked, and, proceeding to within about a mile of the spot where the Brazilians had entrenched themselves, threw up the above mentioned earthwork. They then gave the Brazilians a certain number of hours in which to evacuate the place, or else, if they remained, to take the consequences. The Brazilian commander preferred to accede to the demand to evacuate Pirara, and, after all preliminaries had been arranged, returned with his men to the Rio Branco (BROWN, 1876, pp.135-136).

<sup>142</sup> Tradução do autor.

<sup>143</sup> Ibidem.

Brown (1876) chegou a jantar no Forte com o Comandante Abreu, sua esposa e três dos seus quatro filhos pequenos. Depois do jantar, ele selou três cavalos, em um dos quais montou e fez uma longa cavalgada pela grande planície gramada ao sul, descritos nesse trecho, em que comenta sobre o gado do Forte: “A água que cai sobre esta planície durante uma parte do ano produz capim fino para oitenta ou noventa cabeças de gado mantidas nas proximidades para uso do forte. Desfrutei de um bom galope de volta para casa sobre um solo liso como um tapete” (BROWN, 1876, p.296).<sup>144</sup>

Barrington Brown, descreveu no relato abaixo, características do Forte São Joaquim, repetindo o que Robert Schomburgk havia feito no passado entre os rios Uraricoera e Tacutu, formadores do rio Branco em terras brasileiras:

O forte, que é construído de arenito vermelho sobre uma crista baixa, não muito acima do nível das enchentes, tem um grande portal na frente, recuado de forma a ser comandado das ameias acima. As paredes são de espessura considerável, e as canhoneiras foram construídas em alvenaria. Havia cinco canhões não montados espalhados, um dos quais era de fabricação inglesa, com uma coroa e as letras G.R. sobre ele. Em ambos os lados da porta de entrada estão as guaritas ocupadas pelos cinco soldados que vigiam o local, enquanto a casa do Comandante ocupa toda a largura da parte de trás do forte. Todo o lugar estava em uma condição degradada e desordenada, porcos, cães e aves vagando por toda parte. Existem outras três construções antigas à beira do rio, a oeste do forte, sendo uma delas os vestígios de uma antiga capela e as outras duas casas de burriqueiro ou criadores de gado” (BROWN, 1876, p.297).<sup>145</sup>

Percebemos a precariedade da construção e da estrutura do Forte São Joaquim e o descaso por parte do império brasileiro e as principais fazendas e o transporte de gado nas terras do rio Branco em que Brown novamente repetiu e continuou em seus relatos o trabalho de seu predecessor Robert Schomburgk:

Na margem oeste do Parima ou rio Branco há uma fazenda de gado ou fazenda do governo, chamada São Bento, com 3.000 cabeças de gado, enquanto na margem leste do Parima, mais acima, fica a fazenda chamada São Miguel. Um grande batelão ou embarcação sem convés, coberto a ré com um toldo de palha de palmeira, que estava no patamar de São Bento, é usado para transportar gado até Manaus, capital da província do Amazonas, na foz do Rio Negro. Pequenos navios a vapor do governo sobem o rio Branco até algumas

---

<sup>144</sup> Tradução do autor.

<sup>145</sup> Tradução Nossa. No original: The fort, which is built of red sandstone on a low ridge, not much above the level of floods, has a large gateway in front, set back so as to be commanded from the battlements above. The walls are of considerable thickness, and the embrasures have been built in with masonry. There were five unmounted cannon lying about, one of which was of English manufacture, having a crown and the letters G.R. upon it. On either side of the gateway are guardhouses occupied by the five soldiers who man the place, while the Commandant's house occupies the full width of the back of the fort. The whole place was in a most untidy dilapidated condition, pigs, dogs, and fowls roaming about everywhere. There are three other old buildings along the river's edge, west of the fort, one being the remains of an old chapel, and the other two, houses of the burriqueiro or cattle minders (BROWN, 1876, p.297).

corredeiras não muito abaixo do forte, e na época de minha visita era esperado diariamente com provisões e vinte soldados para consertar o forte (BROWN, 1876, pp.297-298).<sup>146</sup>

Brown notou o tamanho do rebanho bovino e como era feito o transporte por uma empresa com ligação a Manaus durante a estação das chuvas. Os indígenas foram trabalhadores fundamentais na pecuária do rio Branco. Para Vieira (2019), muitos indígenas que tinham as suas terras roubadas pelos fazendeiros, encontraram, como solução para a sobrevivência, a mudança para países fronteiriços, como a Guiana Inglesa e Venezuela. Segundo Vieira (2019, p.13), “outros passaram a trabalhar em fazendas de gado dos não índios, onde se percebia o hábito corriqueiro de atrair índios ainda jovens para criá-los como agregados das famílias”.<sup>147</sup>

No dia de partir do Forte São Joaquim, o Comandante presenteou Brown com dois quartos de um boi recém abatido, expressando seu profundo pesar por não ter nada de maior valor para oferecer como presente de despedida. Na primeira noite de viagem de volta ao Pirara, Brown e seus ajudantes secaram a carne de boi e fizeram um churrasco. Pediu para seus apoiadores levarem um conhaque como retribuição ao comandante do forte e teve dificuldades de subir o rio Tacutu como podemos conferir no relato de Brown (1876, p.304):

De Yarewah, enviei Peterson e um homem para o Forte St. Joaquim, com um presente de conhaque para o Comandante, e com o resto do grupo, o Sr.Pollard e eu continuamos nossa jornada. Fizemos uma tentativa de subir o Tacutu em corais, mas ao percorrermos uma ou duas milhas, descobrimos que era tão raso e coberto de pedras que desistimos da ideia.<sup>148</sup>

Saindo de Yarewah, Brown (1876) seguiu direto para as montanhas de Canucu e, ao chegar perto do sopé do Monte Ilamikipang, virou para sudoeste, para algumas lagoas, nas quais acampou. Alguns indígenas da expedição caçaram naquela noite um belo cervo

---

<sup>146</sup> Tradução Nossa. No original: On the west bank of the Parima or Rio Branco is a government cattle farm or fazenda, called St. Bento, with 3000 head of cattle, while on the east bank of the Parima higher up lies the fazenda called St. Miguel. A large batelon or undecked craft, covered aft with a toldo of palm thatch, which was lying at the landing of St. Bento, is used for conveying cattle down to Manãos, the capital of the province of Amazonas, at the mouth of the Rio Negro. Small government steamers come up the Rio Branco to some rapids not far below the fort, and at the time of my visit one was expected daily with stores, and twenty soldiers to put the fort in thorough repair (BROWN, 1876, pp.297-298).

<sup>147</sup> Tradução do autor.

<sup>148</sup> Tradução Nossa. No original: From Yarewah I sent Peterson and one man on to Fort St. Joaquim, with a present of brandy to the Commandant, and with the rest of the party, Mr.Pollard and I continued our journey. We made an attempt to ascend the Takutu in corials, but on going a mile or two, found it was so shallow and barred across with rocks, that we gave up the idea (BROWN, 1876, p.304).

Beyou. Deste acampamento, seguiu em direção oeste para a aldeia de Cartunariba, a residência de um indígena Atorai, chamado Robert, que:

falava um inglês muito bom e se autodenominava o "Capitão da nação Atorai". A aldeia ficava perto de Pinniyettenow, onde tínhamos saídos de algumas de nossas provisões, e onde agora as procuramos, mas descobrimos que uma mochila havia sido levada pelo grupo de índios que nos havia deixado naquele local (BROWN, 1876, p.305).<sup>149</sup>

Segundo Brown (1876), o capitão Robert era estranho de se relacionar, possuía um belo pônei brasileiro, sela e freio, dos quais ele parecia bastante orgulhoso. Nesse dia viu a morte de um menino causada pela febre de tipo maligno na aldeia Pinniyettenow. Uma forte epidemia na aldeia assustou a Brown e a todos os seus apoiadores. O senhor Pollard, membro da expedição não se sentiu bem devido à má qualidade da água que havia bebido na aldeia, emprestou um cavalo, mas não suportou ritmo acelerado, preferiu descer e caminhou até a próxima aldeia (BROWN, 1876).

Ao chegarem à aldeia de Daruwow, se instalaram em uma grande casa pertencente a um jovem indígena Atorai, chamado Christian, que Brown (1876) descobriu ser outro chefe como Robert, vestindo roupas, também afirmou ser chefe dos Atorai por descendência linear. “Fora enviado por seu pai, o antigo chefe Atorai original, para a escola em Grove e depois para uma escola em Georgetown, onde aprendera a ler, escrever e cifrar. Ele falava inglês, quase posso dizer fluentemente, e perguntou-me quais eram as novidades” (BROWN, 1876, p.316).<sup>150</sup>

Um comerciante crioulo do litoral, chamado John Bracey, que tinha residência nesta aldeia e que esteve longe de casa, desceu ao bosque com redes que havia comprado dos indígenas e levado a maior parte dos habitantes do lugar com ele (BROWN, 1876). Ele disse que vivia de farinha, deixada lá pelo indígena brasileiro que o criara, e não tinha mais nada para comer. Com isso, Brown (1876, pp.316-317): “Pensando nas circunstâncias em que ele estaria ansioso para ir embora, ofereci-lhe uma passagem no meu barco, que, no entanto, ele recusou. Disse-lhe que deixaria para ele um pouco de peixe salgado e biscoito em Karinambo”.<sup>151</sup>

---

<sup>149</sup> Tradução Nossa. No original: spoke very fair English, and styled himself the "Captain of the Atorai nation."The village was close to Pinniyettenow, where we had left some of our stores, and where we now sought them, but found that one pack had been taken away by the party of Indians who had left us at that place (BROWN, 1876, p.305).

<sup>150</sup> Tradução do autor.

<sup>151</sup> Ibidem.

Na segunda manhã da estada da expedição, Brown (1876) ouviu gritos altos dos indígenas e logo depois um bando de guerreiros pintados e de chapéu de penas da tribo Macuxi marchara para o acampamento, armados com armas de fogo, arcos e flechas, encabeçados pelo chefe velho Passico. Agachados no chão em volta de Brown, ouviram a palestra que fez com Passico, por meio do intérprete, sobre os preparativos para os homens irem consigo ao monte Roraima:

Atravessando um desfiladeiro nas montanhas, chegamos ao vale do rio Urumara e, atravessando-o para oeste, passamos por duas pequenas aldeias Macuxi, e chegamos a uma terceira, chamada Enamouta, onde uma grande dança estava acontecendo no festival de bebida paiworie. Sobre a dura argila queimada pelo sol, em frente às casas da aldeia, trinta Macuxi dançavam ao som de tambores e de flautas de osso, da maneira mais solene, enquanto paiworie circulava (BROWN, 1876, pp.113-114).<sup>152</sup>

Após o festival da bebida paiworie (pajuaru) e dança indígena, experiência também presenciada e relatada por Robert Schomburgk, Barrington Brown (1876) e seus homens andaram e descansaram um pouco sob o galpão aberto, chamado de casa dos estranhos, com a qual todas essas aldeias são mobiliadas, e, tendo atraído a atenção de uma pequena multidão que não estava dançando, os indígenas ofereceram todos os alimentos da aldeia, já que estavam com dificuldade para comer: “Todas as pessoas, em estado de excitação, apenas zombaram de nós no início, mas, vendo o que oferecemos em troca, ficaram maravilhadas e logo encheram o mercado com todos os restos de comida que conseguiram reunir”(BROWN, 1876, p.114).<sup>153</sup>

Depois de sua chegada na aldeia, muitos indígenas de um ramo da tribo dos Macuxi, “chamados Tasoulemas, vieram de outra aldeia para se juntar à dança, equipados da maneira mais pitoresca com cocares, tippets e saias curtas, feitos da folha jovem amarelo-clara da Palma Itah” (BROWN, 1876, p.115).<sup>154</sup> Muitos deles segundo o viajante eram fornecidos com longos tubos de madeira, pintados com anéis de vermelho e preto, e com extremidades planas entalhadas de madeira, nas quais sopravam, produzindo uma espécie de som semelhante ao de um chifre.

---

<sup>152</sup> Tradução Nossa. No original: Crossing a low pass in the mountains, we came upon the valley of the Urumara river, and, traversing it westward, passed through two small Macusi villages, and arrived at a third, called Enamouta, where a great dance and paiworie-drinking festival were going on. On the hard sun-baked clay, in front of the village houses, thirty Macusis were dancing to the sound of drums and bone flutes, in a most solemn manner, whilst paiworie was being handed round (BROWN, 1876, pp.113-114).

<sup>153</sup> Tradução do autor.

<sup>154</sup> Ibidem.

Brown, relatou também sobre os instrumentos, a dança, a música e a festa bastante movimentada dos Macuxi:

Ao som de tambores, flautas de osso e esses chifres de madeira, todos dançaram, cantando o tempo todo o acompanhamento infinito de "Hi-yiihHi-yah-Hi-yah-Ha-aaa," desde o momento de nossa chegada até nós partirmos na manhã seguinte. Tive que ir pendurar minha rede para passar a noite nas árvores, a certa distância na savana, para fugir da horrenda fila da festa (BROWN, 1876, p.115).<sup>155</sup>

Notamos que a bebida, a música e o canto, funcionava como uma espécie de mantra em que os indígenas festejavam em estado de transe. Brown se incomodou com o barulho e a quantidade de indígenas na festa que classificou como horrenda, com isso dormiu distante do local. Com este relato encerramos esta parte deste capítulo, que demonstrou sua relação com o povo Macuxi e a sua passagem histórica sobre o Forte São Joaquim no lado brasileiro para adentrarmos na sua experiência com outros povos indígenas na região entre o rio Branco e a Guiana Inglesa.

#### **2.4: De passagem entre os Wai Wai, Taruma, Wapishana e os Pemon**

Os Wai Wai voltam a ser mencionados na literatura, e ainda assim de modo indireto, em 1870, no relato de Barrington Brown, como afirmou Howard (2002, p.33): “Passou por um grande grupo de Tarumá, Wapishana e Mawayana que acabava de voltar de uma viagem de troca a aldeias Wai Wai, carregado de raladores de mandioca e de cães de caça”.<sup>156</sup>

Seu encontro com os Wai Wai se deu navegando no rio Essequibo em uma expedição na qual observou a rede de trocas entre os povos indígenas, como os Wapishanas, Tarumás e Mawayanas.:

Essas pessoas nos disseram que os membros de sua tribo, cujas casas tínhamos visto rio abaixo, tinham ido com três Wapishanas para visitar os Wai Wai, que vivem perto das fontes do Essequibo. Os Wapishanas passaram pelo rio

---

<sup>155</sup> Tradução Nossa. No original: To the music of drums, bone flutes, and these wooden horns, they all danced, chanting all the while the endless accompaniment of " Hi-yiihHi-yah-Hi-yah-Ha-a-a-a," from the time of our arrival until we left next morning. I had to go and hang my hammock for the night to trees, some distance off on the savanna, to get away from the horrid row of the festival (BROWN, 1876, p.115).

<sup>156</sup> Tradução do autor.

Cuyuwini com o propósito de trocar com aqueles índios raladores de mandioca e cães de caça. (BROWN, 1876, p.248).<sup>157</sup>

Brown visitou aldeias e continuou sua viagem no rio Essequibo, em um ponto teve grande dificuldade com o barco utilizado na sua expedição sobre as águas e teve a experiência de navegar na chuva, embora desde que estava no Alto Essequibo à tarde, tinha ouvido rumores de trovoadas distantes. Brown, descreveu também entre os Taruma e Wai Wai a habilidade com os cães de caça e papagaios falantes, como já havia sido relatado por Schomburgk:

nós conhecemos os Taruma - vinte e dois em número - pertencendo a aldeia mais baixa, descendo rio em sua visita aos Wai Wai. Eles não pareceram estar alarmados, mas vieram ao lado. Eles tinham um grande número de cães de caça preto e branco, que latiam furiosamente o tempo todo, com medo e raiva, pois alguns pularam no rio e nadaram até a praia para se afastar de nós. Um jovem bonito do grupo, que falava a língua Wapishana, informou ao intérprete que eles haviam deixado as Wapishanas e parte de seu próprio povo na região dos Wai Wai, e que a maior parte de sua jornada havia sido por uma grande distância (BROWN, 1876, pp.248-249).<sup>158</sup>

Percebe-se as relações entre os Wapishana, que visitavam os Wai Wai para realizar trocas de raladores de mandioca e cães de caças. Observou também o grande número de cães que os Taruma tinham, que também desciam o rio para visitar a aldeia dos Wai Wai e realizar trocas, demonstrando a intensidade do comércio entre povos.

A linguagem dos Taruma é áspera e desagradável, com um som que lembra um pouco o chinês. Suas casas são cônicas e cobertas por folhas de palmeira entrelaçadas. Embora cultivem algodão, não fabricam redes com essa substância, mas sim com barbante feito com a folha jovem da palmeira Itah[...] (BROWN, 1876, p.247).<sup>159</sup>

Brown (1876) iniciou a jornada de retorno, de um ponto 528 milhas acima da foz do Essequibo, e 828 pés acima do nível do mar, e correndo rapidamente rio abaixo,

---

<sup>157</sup> Tradução Nossa. No original: These people told us that the members of their tribe, whose houses we had seen lower down river, had gone with three Wapisianas up to visit the Woyawaise tribe, who live near the sources of the Essequibo. The Wapisianas had come through by the Cuyuwini river for the purpose of bartering with those Indians for cassava graters and hunting dogs. (BROWN, 1876, pp.248).

<sup>158</sup> Tradução Nossa. No original: we met the Tarumas—twenty-two in number—belonging to the lower village, coming down river in corials from their visit to the Woyawaise. They did not appear at all alarmed but came alongside. They had a large number of black-and-white hunting dogs, which barked furiously the whole time, more in fear than in anger it appeared, for some jumped overboard and swam ashore to get away from us. One good-looking young man of the party who spoke the Wapisiana language, informed the interpreter that they had left the Wapisianas and some of their own people up in the Woyawaise country, and that most of their journey had been overland for a great distance. (BROWN, 1876, pp.248-249).

<sup>159</sup> Tradução Nossa. No original: The language of the Tarumas is a harsh and unpleasing one, in sound somewhat resembling Chinese. Their houses are conical and thatched with plaited palm leaves. Although they grow cotton they do not manufacture hammocks out of that substance, using those of twine, made from the young leaf of the Itah palm[...] (BROWN, 1876, p.247).

chegou à aldeia de Taruma no dia seguinte. “Na descida, passamos por todos os índios Taruma que havíamos encontrado antes de acampar, que pegaram seus barcos e nos seguiram até a aldeia” (BROWN, 1876, p.250).

Os Taruma não tinham armas, mas as conheciam bem pelo nome indígena de "Aracaboosa":

Um velho pediu licença para atirar em uma das nossas. Quando a arma foi colocada em suas mãos, ele parecia muito animado e, colocando-a no ombro, preparou-se com firmeza, abrindo bem as pernas para obter uma boa base para a operação. Bang foi a peça, seguido de gritos de alegria de seus companheiros, enquanto o velho se virava para eles com o rosto radiante de sorrisos, parecendo ser o momento mais orgulhoso e feliz de sua vida” (BROWN, 1876, p.248).<sup>160</sup>

O senhor Taruma citado no relato já tinha experiência e atirava bem com a arma de Brown, que demonstra como os objetos circulavam na fronteira da Guiana Inglesa com o Brasil, e como os indígenas se assustavam ou se impressionavam com os avanços tecnológicos dos europeus.

A primeira queda d'água que realmente ofereceu uma barreira difícil ao progresso de Brown, foi chamada por Sir R. Schomburgk, a queda do rei William IV:

Certamente tinha um aspecto formidável, e em 1836 impediu Schomburgk de avançar rio acima em seu caminho até suas nascentes, fazendo com que ele mudasse de rota, voltasse ao Rupununi e atravessasse por terra até o Cuyuwini, de onde entrou no Essequibo. Assim, cerca de setenta milhas de latitude no Essequibo nunca foram exploradas; embora um chefe índio, chamado Manarowah, há quase cem anos, tivesse conseguido a façanha de passá-la, provavelmente com pequenas canoas, em uma viagem que fez ao país de Taruma para capturar índios, como escravos para os holandeses, que então eram mestres da costa de Demerara. Este homem, porém, encontrou tantas dificuldades que retornou pelo rio Cuyuwini, passando pela região Wapishana até o Rupununi (BROWN, 1876, p.235).<sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> Tradução Nossa. No original: “One old man begged leave to be allowed to fire off one of ours. When the gun was placed in his hands he appeared a good deal excited, and putting it to his shoulder, braced himself up firmly, spreading his legs wide apart so as to get a good base for the operation. Bang went the piece, followed by shouts of delight from his companions, while the old fellow turned round towards them with a face beaming with smiles, looking as if it was the proudest and happiest moment of his life” (BROWN, 1876, pp.248).

<sup>161</sup> Tradução Nossa. No original: It certainly had a formidable aspect, and in 1836 prevented Schomburgk from proceeding farther up the river on his way to its sources, causing him to change his route, return to the Rupununi, and cross by land to the Cuyuwini from which he entered the Essequibo. Thus, about seventy miles of latitude on the Essequibo had never been explored; although an Indian chieftain, named Manarowah, nearly a hundred years ago, had succeeded in accomplishing the feat of passing up it, probably with small canoes, on a journey he made to the Taruma country to capture Indians, as slaves for the Dutch, who then were masters of the coast of Demerara. This man, however, encountered so many difficulties that



Por mais difícil que parecesse a subida da cachoeira, para Brown e seus apoiadores, não havia nada nela que espantasse os homens que haviam passado de barco pelas cataratas do Potaro. Existia, segundo Brown (1876, p.23): “de fato, duas quedas, uma de cada lado de uma ilha montanhosa íngreme, delimitada a leste e a oeste por colinas que se elevavam abruptamente da beira da água, de modo que era impossível passar por elas puxando o barco por terra”.<sup>162</sup>

O segundo relato sobre os Wai Wai, aparece na escrita de Barrington Brown quando ele navegava em direção à aldeia deles:

chegamos à tarde a um local de desembarque onde três coriais estavam amarrados, e de onde um caminho levava ao interior da região dos Wai Wai. Logo depois de passarmos por este, encontramos nosso avanço completamente interrompido por grandes árvores caídas do outro lado do rio e, portanto, retornamos ao outro braço. Subimos alguns quilômetros até chegarmos novamente a árvores caídas, através de cinco ou seis das quais cortamos nosso caminho” [...] (BROWN, 1876, p.249).<sup>163</sup>

Neste relato, percebemos a dificuldade e os fatos inesperados impostos pela natureza e pelo clima, como quando Brown insiste em não seguir viagem por haver muitos troncos nos rios, difíceis e demorados de serem retirados e com a ameaça de grande tempestade. Nessa ocasião, ele decidiu retornar pelo baixo Essequibo para não correr risco de acidente ou uma catástrofe.

Brown e Schomburgk, perceberam a rede de relações dos povos indígenas da região e sua habilidade nas trocas comerciais, sobretudo dos Wai Wai com outros povos e com europeus na fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa. Vale lembrar que foi depois de uma epidemia e da conseqüente redução populacional, que estes indígenas se uniram com outros grupos étnicos para aumentar a população. Posteriormente, o Wai Wai se tornou uma língua franca, absorveu outros povos indígenas na região dos rios Trombetas Mapuera, Nhamundá e Anauá, no Brasil, e na Serra do Acaraí e no rio Essequibo na República da Guiana.

Importante não deixarmos de mencionar que os dois viajantes, Schomburgk, e Brown, influenciaram outros exploradores e estudos sobre os povos indígenas daquela

---

he returned by way of the Cuyuwini river, through the Wapisiana country to the Rupununi. (BROWN, 1876, p.235).

<sup>162</sup> Tradução do autor.

<sup>163</sup> Tradução Nossa. No original: we came in the afternoon to a landing place where three corials were tied, and from which a path led inland to the Woyawaise country. Soon after passing this we found our advance completely cut off by large fallen trees lying across the river, and therefore returned to the other branch. Up it we proceeded a few miles when we again came to fallen trees, through five or six of which we cut our way [...] (BROWN, 1876, p.249).

região. Por exemplo, o francês Henri Coudreau, que num primeiro momento viajou a serviço das colônias marítimas francesas, mas depois passou para o serviço do Governo do Pará. Ele teve mais tempo de contato com os Wai Wai, e por conta disso deixou mais relatos.

Depois de Schomburgk e Brown outros quatro viajantes mencionaram os Wai Wai, são eles: Henri Coudreau, em “La France Équinoxiale. Voyage. A Travers Les Guyanes et e'l Amazonie” (1887) e “Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au Haut Trombetta” (1886); a sua viúva esposa, Octavie Coudreau (1903) em 1899, que rapidamente passou por eles, cujas fotografias e relatos foram divulgados em seu livro “Voyage au Mapuera”. Na sequência, tivemos um aprofundamento maior sobre os Wai Wai com o escocês, John Ogilvie (1942) e o norte americano William Farabee (1924). Ogilvie visitou duas aldeias Wai Wai em 1910 com o objetivo de fazer fotografias e coleções etnológicas para a Universidade de Harvard; Farabee, no final de 1913, fez a etnografia dos Wai Wai, produzindo um mapa com a rota dos contatos, descreveu a dança, as bebidas, as etiquetas, caça e pesca, suas casas, as artes, a cremação na morte, e documentou mitos sobre a origem da etnia.<sup>164</sup> Também previu o futuro dos Wai Wai, afirmando que restavam apenas cinco indígenas Wai Wai de “sangue puro”. Alertou que, se continuasse assim, eles desapareceriam e todos seriam conhecidos no futuro como Tarumas.<sup>165</sup> Notamos o equívoco, pois o resultado futuro mostrou justamente o contrário.

Brown conseguiu um intérprete para a língua Wapishana dos índios brasileiros no Rupununi. Chegou à foz do Rewa em 29 de setembro de 1869, onde se separou, do Sr. Sawkins que continuou sua jornada subindo o rio Rupununi, combinou o reencontrar no dia 18 de novembro, na aldeia da Apoterie, para regressarem juntos à costa (BROWN, 1876).<sup>166</sup>

Decidido a visitar uma rocha, que ficava a cerca de dez quilômetros do rio, consultou alguns indígenas Wapishana, e eles se ofereceram como guias. Nesse passo, afirmaram que a viagem de ida e volta teria que ser feita em um dia, pois: “seria impossível passar uma noite perto da rocha, por conta de uma matilha de tigres de Wanacaba que habitava o local. Sabendo que se eu voltasse como eles desejavam, não

---

<sup>164</sup> Tradução do autor: FARABEE, 1924, p. 153 e 181.

<sup>165</sup> Ibidem.

<sup>166</sup> Tradução do autor.

poderia completar minhas investigações do lugar, eu tinha provisões para dois dias” (BROWN, 1876, p.149).<sup>167</sup>

No Ataraipu, observou indígenas Wapishana acima das cataratas se alimentarem de larvas:

estavam ocupados em colher e comer as larvas de uma vespa, do favo de um ninho desse inseto, que eles haviam derrubado dos galhos pendentes de uma árvore. As crianças pareciam gostar especialmente das pequenas larvas brancas parecidas com larvas, como uma criança civilizada apreciaria as ameixas (BROWN, 1876, p.156).<sup>168</sup>

Depois disso, Brown (1876) passou um dia na aldeia Maturuwow, onde esteve com o chefe do lugar, o velho Yacobus, que passou a ser seu guia. Juntou seus homens e mais sete Wapishana e iniciou sua jornada para as montanhas Carawaimintow. Para chegar neste local atravessou uma região de savana, pontilhada por uma linha uniforme de floresta a leste, parando na aldeia de Curawashinang, a qual um de seus carregadores pertencia. Neste lugar percebeu “uma bela vista ao norte, das altas montanhas que se estendem na direção leste e oeste, entre os rios Rupununi e Quitaro, que, estando distantes, são de uma bela cor azul. A oeste, há uma singular montanha alta e isolada com três picos, chamado Saererie” (BROWN, 1876, p.148)<sup>169</sup>, local que o viajante reconheceu como um marco na região, pois todas as partes do distrito era visível.

Dois dos homens que acompanhavam Brown (1876) ficaram incapacitados durante o caminho, um deles machucou a sola de um pé, e o outro tinha ambas as coxas muito inchadas, com isso, ficaram na aldeia e foram substituídos por indígenas, neste passo:

Ao distribuir as cargas para os índios, um homem riu com desprezo por ser fornecido com o que considerava leve e implorou que lhe permitissem transportar dois. Estes foram dados a ele e pesavam conjuntamente cinquenta libras. Ele tinha as pernas tortas e, enquanto caminhava à minha frente, pude imaginar que vi suas pernas ficando mais arqueadas sob o peso nas costas. Essa carga ele carregou corajosamente por quase uma semana antes que qualquer coisa fosse usada para aliviá-la (BROWN, 1876, p.158).<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> Ibidem.

<sup>168</sup> Tradução Nossa. No original: “were then busily engaged in picking out and eating the larvae of a wasp, from the comb of a nest of that insect, which they had knocked from the overhanging branches of a tree. The children especially seemed to enjoy the little white grub-like larvae, as a civilized child would sugar-plums” (BROWN, 1876, p.156).

<sup>169</sup> Tradução do autor.

<sup>170</sup> Tradução Nossa. No original: In apportioning the loads to the Indians, one man laughed with scorn at his being supplied with what he considered to be a light one, and begged to be allowed to carry two. These were given him, and weighed conjointly fifty pounds. He was bow-legged, and as he walked along before

Isso demonstrou a grande quantidade de força e resistência que os indígenas possuíam, inclusive foi reconhecido por Brown (1876) que carregar tanto peso, dia após dia ao norte do equador, é realmente um trabalho árduo.

Seguindo curso de viagem com os Wapishana, foi para o sul onde passou por duas aldeias, e depois em: “uma terceira, chamada Watertecow, a Watuticaba de Schomburgk. Nossa aproximação de uma aldeia era sempre anunciada por alguns de nossos índios tocando uma espécie de melodia em suas flautas de osso, e nossa entrada nela por seus gritos” (BROWN, 1876, p.158).<sup>171</sup>

Foram constatados na aldeia dez habitantes, que segundo Brown (1876), eram de cor amarela clara e pele muito mais clara do que os Wapishana e Macuxi. Isso pode ser explicado por não estarem expostos aos raios do sol como os que vivem nas savanas abertas. Sua linguagem, era diferente e lembrava um pouco a dos Wapishana.

Acompanhado pelo chefe como guia, Brown (1876) caminhou até a montanha Carawaimintow, onde subiu a uma altura de 1200 pés, por uma trilha de caça, retornando ao acampamento no final da tarde, depois de dez horas a pé. Nesta expedição caminhou bastante além de andar muito de canoa. No caminho passou por uma grande árvore, cujo caule estava coberto de um lado por muitas de lagartas cinzentas. No caminho de volta, o guia lhe mostrou uma pequena cabana na qual fabricava veneno de Woualli para zarabatana e outras flechas, onde, segundo Brown (1876, p.162):

O principal ingrediente desta substância é o suco de uma planta (Strychnos toxifera), que cresce nas montanhas de Canucu, mas não no distrito de Carawaimintow. Na cabana havia uma longa lareira feita de pedras, uma grande cabaça em forma de funil usada como coador e um pequeno cesto.<sup>172</sup>

Depois de presenciar e relatar o poderoso veneno usado nas flechas e zarabatanas nos atentamos que os Wapishana para Brown (1876, p.165) “eram companheiros muito alegres, cheios de diversão e risadas, brincando e zombando uns dos outros sem parar, de

---

me I could imagine that I saw his legs becoming more bowed under the weight on his back. This load he carried manfully for nearly a week before anything was used from it to lighten it (BROWN, 1876, p.158).

<sup>171</sup> Tradução do autor.

<sup>172</sup> Tradução Nossa. No original: The chief ingredient in this substance is the juice of a plant (Strychnos toxifera), which grows in the Canucu mountains, but not in the Carawaimintow district. In the hut was a long fireplace made of stones, a large funnelshaped gourd used as a strainer, and a small basket (BROWN, 1876, p.162).

modo que, por sua solicitação urgente, fiquei algumas horas no local, para permitir que eles saciassem sua propensão natural para a cerveja do país”.<sup>173</sup>

No dia em que deixou a Apoterie em seu barco, o "Roraima", com uma tripulação de oito homens, entre eles o capitão caribe que serviu de intérprete entre os membros da expedição e quaisquer índios Taruma que encontrassem no Essequibo, segundo Brown (1876, p.231): “Ele foi o único intérprete que conseguimos, e propôs se comunicar com os Taruma por meio da língua Wapishana, que ele supunha que os primeiros podiam entender, pois negociavam com os Wapishanas”.<sup>174</sup>

Por mais difícil que fossem as subidas de cachoeira, não havia nada nelas que espantassem os indígenas que haviam navegado pelas cataratas do Potaro:

Assim, cerca de setenta milhas de latitude no Essequibo nunca foram exploradas; embora um chefe índio, chamado Manarowah, há quase cem anos, tivesse conseguido realizar a façanha de ultrapassá-lo, provavelmente com pequenas canoas, em uma viagem que fez a região dos Taruma para capturar índios, como escravos para os holandeses, que então eram mestres da costa do Demerara. Este homem, porém, encontrou tantas dificuldades que retornou pelo rio Cuyuwini, passando pelas aldeias Wapishana até o Rupununi (BROWN, 1876, p.235).<sup>175</sup>

Havia, de fato, duas quedas, uma de cada lado de uma ilha montanhosa íngreme, que segundo Brown (1876) era delimitada a leste e a oeste por colinas que se elevavam abruptamente da beira da água, de modo que era impossível passar por elas puxando o barco por terra, por isso para o viajante tal façanha só seria possível através da canoa.

O intérprete Parmu imediatamente se comunicou com os Taruma na língua Wapishana, afirmando, conforme as instruções que recebeu de Brown (1876, p.246):

que estavam apenas viajando em sua região, eram comparativamente inofensivos e que tudo que queríamos deles eram provisões frescas. Eles nos trouxeram alguns bolos de mandioca e alguns inhames, pelos quais lhes demos algumas negociações. Este pagamento imediato parecia assegurar-lhes as nossas intenções pacíficas, e os homens tornaram-se muito amigáveis, mas as mulheres mantiveram-se o mais longe possível. Logo outros que haviam

---

<sup>173</sup> Tradução do autor.

<sup>174</sup> Ibidem.

<sup>175</sup> Tradução Nossa. No original: Thus, about seventy miles of latitude on the Essequibo had never been explored; although an Indian chieftain, named Manarowah, nearly a hundred years ago, had succeeded in accomplishing the feat of passing up it, probably with small canoes, on a journey he made to the Taruma country to capture Indians, as slaves for the Dutch, who then were masters of the coast of Demerara. This man, however, encountered so many difficulties that he returned by way of the Cuyuwini river, through the Wapishana country to the Rupununi (BROWN, 1876, p.235).

fugido à nossa aproximação foram chegando um a um, até que seu número chegasse a quatorze ao todo.<sup>176</sup>

No final da tarde, Brown (1876) chegou em outra aldeia Wapishana, onde parou para pernoitar com seus apoiadores e no dia seguinte foram conduzidos à aldeia de Yarewah, na margem leste do rio Tacutu, onde o chefe do lugar era um Macuxi alto, de fisionomia aquilina. Brown (1876, p.263) relatou o efeito doloroso ao ser atacado por moscas pretas ao tomar banho no largo rio perto da aldeia que estava raso: “por aquelas pragas horríveis, as pequenas moscas pretas, ou Cabowroos, que literalmente enegreceram nossas peles no momento em que saímos da água, quando milhares foram esfregadas até a morte sob a toalha”.<sup>177</sup>

Os indígenas Wapishana, foram muito úteis a expedição de Charles Barrington Brown, como guias, carregadores e intérprete da língua Macuxi. O seu intérprete podia conversar livremente com eles. Apesar de desconfiados, o viajante estabeleceu uma boa troca e comunicação entre os Wapishana, isto inclusive evitou de serem tomados como inimigos e serem massacrados e a aliança com esses indígenas trouxe segurança e o cumprimento de parte dos objetivos da expedição.

Brown não deixou de relatar um dos principais alimentos da dieta indígena do Brasil e Guiana Inglesa, a farinha, que:

É feita a partir da farinha da mandioca, que foi embebida em água por um período considerável, assada em um grande forno aberto e mexida o tempo todo. Esse processo o endurece e faz com que ela adira em pequenas bolinhas, duras como seixos. No Amazonas e em seus afluentes, essa substância é o principal cajado da vida (BROWN, 1876, p.169).<sup>178</sup>

Além de alimento e considerada o “ouro da maloca” a farinha também foi um produto de comércio e sobrevivência entre os indígenas na região da Amazônia Caribenha.

---

<sup>176</sup> Tradução Nossa. No original: “that we were merely travelling in their country, were comparatively harmless, and that all we wanted from them were fresh provisions. They got us a few cakes of cassava and a few yams, for which we gave them some negotias. This prompt payment seemed to assure them of our pacific intentions, and the men became very friendly, but the women kept as far off as possible. Soon others who had fled at our approach dropped in one by one, until their number amounted to fourteen in all” (BROWN, 1876, p.246).

<sup>177</sup> Tradução do autor.

<sup>178</sup> Tradução Nossa. No original: It is made from the meal of the cassava, which has been soaked in water for a considerable period, baked on a large, open oven, and stirred about all the while. This process hardens it and causes it to adhere in little pellets, as hard as pebbles. On the Amazon and its tributaries this substance is the chief staff of life (BROWN, 1876, p.169).

Após termos analisado os relatos de Brown que demonstraram a importância dos indígenas Wapishana em sua expedição, daremos sequência nos atentando a sua passagem ao Monte Roraima e experiência junto aos povos indígenas Pemon, como os Arecuna, por exemplo, que o viajante teve contato para ser conduzido com seus apoiadores.

Segundo Garmatz (2013, p.201), “Roraima, ou Roro-imã, na língua dos índios Taurepang, quer dizer “montanha verde-azulada. Na Venezuela, os Pemons, indígenas habitantes da Gran Sabana, denominam as formações rochosas como o monte Roraima<sup>179</sup> de Tepuys”. Esse termo quer dizer mesa. Os povos indígenas que o habitam foram analisados por Santilli (2001, p.15):

Os povos que se designam Pemon e Kapon habitam a área do Monte Roraima – o divisor de águas que vertem para os rios Amazonas, Essequibo e Orinoco, entre 3° e 7° N. Lat e 59° e 64° O. Long. – na região das Guianas. A designação Kapon engloba os Akawaio – que vivem nos altos rios Mazaruni e Cotingo, junto as vertentes ao norte e a leste do Roraima, na Cordilheira Pacaraima – e os Patamona, que habitam as cabeceiras dos rios Potaro, Siparuni e Maú ou Ireng, a leste da Cordilheira. Já a designação Pemon abrange os grupos a oeste e a sudoeste da região: os Karamukoto, os Arecuna os Taurepang e os Macuxi que habitam os vales dos rios Cuyuni, Caroni, Paragua, Uraricoera, Tacutu e Rupununi, compreendendo a área conhecida como “Gran Sabana”, ao norte e a oeste do Monte Roraima, e campos naturais ou “lavrado”, ao sul e a sudeste da Cordilheira Pacaraima.

É importante nos localizarmos, conhecendo os povos indígenas e a área que habitam, para compreendemos como Brown conduziu sua viagem com guias indígenas para o monte Roraima. Brown ouviu os gritos altos dos indígenas no caminho do rio à savana, logo após, encontrou-se com guerreiros Macuxi, com o velho chefe Passico, e marchou com eles para o acampamento. Os indígenas ouviram o discurso que Brown fez com Passico por meio do intérprete sobre os preparativos para irem com ele ao monte Roraima, pois:

As principais dificuldades residiam em conseguir guias que conhecessem todo o caminho e em vencer a relutância dos Macuxi em entrar na terra dos índios Arecuna. Um belo jovem índio foi finalmente apontado como o único que já tinha estado em Roraima, e foi declarado que ele e seu irmão seriam nossos

---

<sup>179</sup> Segundo consta na maioria dos livros antigos de geografia, o Monte Roraima tem 2875m de altitude em relação ao nível do mar. Porém, em 2005, o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em parceria com o IME (Instituto Militar de Engenharia) e através do Projeto Pontos Culminantes fez uma nova medição com auxílio de GPS e constataram que o Monte Roraima tem exatos 2.734,06m, tornando-se dessa maneira o sétimo ponto mais alto do Brasil. O monte fica localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e República da Guiana. O Marco Tríplice das três fronteiras, implantado sobre o platô em 1931 pelo militar brasileiro Marechal Rondon, funciona como um divisor de águas (GARMATZ, 2013, p.201).

guias. Em relação ao medo dos índios Arecuna, Passico fez pouco caso, por não ser um dos partidários, e resolveu a questão apontando cada homem que deveria ir, em uma espécie de régia maneira (BROWN, 1876, pp.107-108).<sup>180</sup>

Evidencia-se no relato acima que os Macuxi eram relutantes em entrar na terra dos Arecuna, termo que, segundo Santilli (2009, p.64), “é composto de *are*, um animal roedor, e *cuna*, cova, sepultura, designação pejorativa aos moradores do local onde, segundo o mito, jazem enterrados esses animais predadores de humanos”. Segundo Brown (1876), os Arecuna são indígenas de boa aparência, de uma cor mais clara que os Ackawoise, vistos como os melhores guerreiros da Guiana, por isso eram temidos por todas as outras tribos.

Reforçamos que as principais dificuldades que Brown precisou resolver foi conseguir guias que conhecessem todo o caminho do monte Roraima e vencer o medo e o conflito dos Macuxi em relação aos Arecuna, por isso: “Um belo e robusto jovem índio foi finalmente apontado como o único que já esteve em Roraima, e foi dito que ele e seu irmão seriam nossos guias” (BROWN, 1876, p.107).<sup>181</sup> O chefe Macuxi Passico resolveu a questão, fazendo com que seu povo deixasse de lado todo o medo e a desconfiança que sentiam dos Arecuna e seguissem com dois deles para o monte Roraima.

Com isso Brown, passará a escutar e seguir o rastro desses dois membros Arecuna, inclusive a caminho do monte Roraima, outros indígenas da expedição acreditavam terem chegado à cabeceira de um braço do rio Cotingo, mas na sequência foram corrigidos por um inteligente Arecuna que era a nascente do rio Caroni, um braço do Orinoco (BROWN, 1876).<sup>182</sup>

Brown (1876) voltou ao vilarejo de Ackar para convidar indígenas a irem até a cachoeira de Chichi Fall para ajudar a carregar madeira, e foi para o interior de um vilarejo, chamado Cowaeng, perto do monte Camooda. Local onde conseguiu alguns indígenas para acompanharem a sua expedição. O chefe de Cowaeng tinha quatorze filhos, onde segundo Brown (1876, pp.387-388):

---

<sup>180</sup> Tradução Nossa. No original: The chief difficulties lay in getting guides who knew the path all the way, and in overcoming the reluctance of the Macusis to go into the country of the Arecuna Indians. A fine strapping young Indian was at last pointed out as the only one who had ever been to Roraima, and the statement was made that he and his brother would be our guides. With regard to the fear of the Arecuna Indians Passico made light of it, as he was not to be one of the party, and settled the question by pointing out each man that was to go, in a regal sort of way (BROWN, 1876, pp.107-108).

<sup>181</sup> Tradução do autor.

<sup>182</sup> Ibidem.



o que constituía uma família extraordinariamente grande para um índio, o número usual raramente ultrapassando quatro. Isso se deve, suponho, a muitas crianças que morrem quando pequenas, porque seus pais as carregam em longas viagens. Todos os índios parecem muito apegados aos filhos, e as mães sempre os carregam nos quadris assim que conseguem segurá-los. Anteriormente a isso eles os carregavam em uma larga faixa tecida sem fim, passada em um ombro e no quadril oposto.<sup>183</sup>

Além de descrever como os casais indígenas e como as mães os carregavam, Brown também notou as quatro filhas crescidas do chefe Cowaeng e as descreveu fisicamente como: “sendo três moças esfoladas e bonitas, solteiras, enquanto a quarta era feia e casada. Tenho notado muitas vezes que os homens indígenas, geralmente, escolhem mulheres feias para suas esposas; e parece-me que suas ideias de beleza consistem na simplicidade” (BROWN, 1876, p.388).<sup>184</sup>

Acampando com indígenas perto da beira da água a frente da floresta por volta da meia-noite, descreveu que foi despertado em sua rede de um sono profundo pela chuva que caiu em torrentes sobre ele, Brown (1876) correu até o banaboo (espécie de maloca indígena), e alcançou depois de quase ser decapitado por cipós do outro lado do caminho, e lá encontrou sete indígenas e três de seus homens sob o pequeno abrigo. Segundo suas descrições:

Três dos índios estavam pendurados em suas pequenas redes vermelhas suspensas contra o teto, como tantos morcegos, enquanto o resto de nós se agachava em volta de uma pequena fogueira que mantivemos acesa para nos secar e aquecer, todos completamente encharcados. Assim passamos o resto da noite lúgubre, até que veio a tão desejada luz do dia, ouvindo o tamborilar da chuva nas árvores e no chão (BROWN, 1876, p.389).<sup>185</sup>

Depois de oito horas a chuva cessou e logo depois seus carregadores saíram andando pela trilha carregando provisões. Descendo o rio Ireng encontrou indígenas Arecuna que estavam indo ao rio Rupununi, que “com bolas de algodão e zarabatanas para troca, nos pediram para transportá-los, pois não tinham outro meio de chegar ao

---

<sup>183</sup> Tradução Nossa. No original: which constituted an extraordinary large family for an Indian, the usual number seldom exceeding four. This is owing, I suppose, to many children dying when young, from their parents lugging them about on long journeys. All Indians seem much attached to their children, and the mothers always carry them on their hips as soon as they are able to hold on. Previously to that they carry them in a wide endless woven band, passed across one shoulder and the opposite hip (BROWN, 1876, pp.387-388).

<sup>184</sup> Tradução do autor.

<sup>185</sup> Tradução Nossa. No original: Three of the Indians hung in their small red hammocks suspended against the roof, like so many bats, whilst the rest of us crouched round a small fire which we kept going in order to dry and warm us, all being in a thoroughly soaked condition. In this way we spent the rest of the dreary night, until the long-wished-for daylight came, listening to the patter of the rain on the trees and ground (BROWN, 1876, p.389).

outro lado. Assim fizemos, e eles seguiram seu caminho sem uma palavra de agradecimento” (BROWN, 1876, p.299).<sup>186</sup>

Com o tempo, tornou-se, evidente para Brown (1876) que os indígenas os enganavam em relação a madeira, pois tentaram impedir a entrada de seu grupo na aldeia deles, por terem sido informados por alguns indígenas Arecuna de que estavam caçando escravos para a expedição.

Além disso, em sua jornada relatou sobre as grandes árvores de Mora Excelsa, que eram usadas pelos indígenas da região “como artigo de comida, depois de ferver, mergulhadas em água fria por um ou dois dias, raladas e misturadas com farinha de mandioca. Eles fazem os bolos de mandioca parecerem grosseiros e escuros, mas dão um sabor agradável e adocicado” (BROWN, 1876, p.383).<sup>187</sup>

Ao tratarmos sobre os indígenas Arecuna, e os acontecimentos vividos no percurso do viajante até o monte Roraima, percebemos a importância do chefe Macuxi Passico, com quem Brown conseguiu os mais corajosos e preparados guias para ir ao monte Roraima, e que relatou como os indígenas que os acompanharam preparavam seus próprios calçados para a longa caminhada: “Todos usavam sandálias, feitas da base do caule da folha da palmeira Itah (*Mauritia flexuosa*), amarradas ao pé de maneira engenhosa por um cordão feito da parte externa da folha jovem da mesma palmeira” (BROWN, 1876, p.108).<sup>188</sup> Com isso, os homens que acompanhavam Brown tiveram que receber e usar estas sandálias:

A superfície das partes mais altas da savana, sendo coberta por pelotas afiadas de óxido de ferro, tornou necessário que os viajantes descalços tenham alguma proteção para as solas dos pés ao atravessá-las. Meus homens tiveram que receber essas sandálias e, devido ao seu desgaste rápido, tiveram que comprar um novo par cada, a cada três dias, à medida que marchávamos, os índios geralmente as fazia quando parávamos para o café da manhã (BROWN, 1876, p.108).<sup>189</sup>

Brown, também com a ajuda de Passico, conseguiu reunir trinta e sete indivíduos para a expedição ao monte Roraima. O curso inicial se deu na direção oeste e noroeste-

---

<sup>186</sup> Tradução do autor.

<sup>187</sup> Ibidem.

<sup>188</sup> Ibidem.

<sup>189</sup> Tradução Nossa. No original: “The surface of the higher parts of the savanna being covered with sharp pellets of iron oxide, renders it necessary for barefooted travellers to have some protection for the soles of their feet in traversing them. My men had to be provided with these sandals, and, owing to their soon wearing out, had to get a new pair each, every third day, as we marched along, the Indians generally making them when we stopped to breakfast” (BROWN, 1876, p.108).

oeste, sobre a savana ondulante, passando ao sul da antiga vila de Pirara, no Lago Amucu, no rio Ireng, que corria para o sul até o rio Branco, pelo qual eram transportados quatro ou cinco homens por vez em uma canoa furada (BROWN, 1876).<sup>190</sup> Dentre as dificuldades nessa expedição, relatadas por Brown (1876, pp.111-112): “Ao chegar a alguns poços de água em um pequeno rio além, de onde a direção oeste de nossa jornada deveria ser mudada para uma mais norte, fomos obrigados a acampar por não haver mais água obtida sob seis ou sete horas de boa caminhada”.<sup>191</sup>

Brown (1876) pendurou sua rede em postes do lado de fora da casa e quando foi dormir escutou ruídos diabólicos, pensou que era algum índio maníaco delirante, mas, para sua surpresa, soube que o som era produzido por uma grande coruja domesticada.

Visitou a aldeia Karakanang, semelhante em aparência aos Macuxi. Era um povo como os Tasoulamas, e eram chamados de Karakanang-otas. Diziam que muitos deles tinham ido ao monte Roraima para ver um feiticeiro indígena, que tinha o poder de se tornar invisível quando quisesse (BROWN, 1876).

Começou a se sentir mal e a ficar doente a caminho do monte Roraima, relatando o trabalho dos carregadores indígenas em sua expedição como podemos conferir:

Tive um pouco de febre no dia que passei em Karakanang e no dia seguinte, durante a marcha, fui novamente acometido por um forte ataque daquela doença, acompanhado de vômito, que me jogou completamente de pernas para o ar. Tive de deitar em minha rede entre duas árvores de savana rasteira e baixa, que quase não ofereciam abrigo dos raios do sol, por cerca de cinco horas, até me sentir bem o suficiente para prosseguir. Cerca de metade do grupo de carregadores indígenas estavam adiantados quando fui obrigado a parar, haviam continuado e carregado a maior parte das minhas coisas com eles (BROWN, 1876, p.127).<sup>192</sup>

Alguns dos indígenas que contratou para expedição, permaneceram com ele e no início da manhã seguinte partiu e, após três horas de marcha, chegou com os membros avançados de seu grupo, que haviam acampado perto de um pequeno riacho, em cujo leito havia grandes áreas de rochas de arenito planas, com buracos, que estavam com sangue coagulado. Foi aí que descobriu mais um costume indígena da região:

---

<sup>190</sup> Tradução do autor.

<sup>191</sup> Ibidem.

<sup>192</sup> Tradução Nossa. No original: I had a touch of fever the day I spent at Karakanang, and the following day, whilst on the march, was again seized with a sharp attack of that malady, accompanied by vomiting, which threw me completely on my beam-ends. I had to lie in my hammock between two low scrubby savanna trees, which afforded hardly any shelter from the sun's rays, for some five hours, until I felt well enough to proceed. About half of the party of Indian carriers being in advance when I was obliged to stop, had gone on, and carried most of my things with them (BROWN, 1876, p.127).

Algumas dessas cavidades estavam cheias de sangue coagulado, que, após investigação, eu descobri que tinha sido retirado dos braços e pernas dos índios. Quando os índios sofrem de qualquer dor ou rigidez nos membros, causada por fadiga ou outro sentido, eles procuram uma pedra dura, ou um pedaço de vidro quebrado, com o qual marcam a parte afetada em longos cortes paralelos, perfurando apenas a pele e permitindo que o sangue escorra em pequenas gotas semelhantes a contas. Raspando os cortes com o fio de uma faca, as gotas de sangue são removidas e mais sangue escorre; mas, ao deixar as contas permanecerem, elas coagulam e impedem qualquer fluxo adicional. Dessa forma, eles podem tirar tanto sangue quanto quiserem da peça (BROWN, pp.127-128).<sup>193</sup>

Saindo de Karakanang, subiram novamente a escarpa de arenito até seu topo, a uma altura de 2.800 pés acima do mar, e segundo Brown, (1876, p.119): “passamos por um trecho notavelmente estéril do país, coberto com grama seca e blocos de jaspe, onde dificilmente uma árvore atrofiada estava a ser vista”.<sup>194</sup>

Podemos conferir no relato de Brown a sua emoção ao ter uma excelente vista do monte Roraima, com excelente guia indígena, o velho Ackawoise, que se juntou e ajudou e levar a sua expedição até um grande planalto aberto que se estende ao sul a uma altitude de 3500 pés acima do mar.:

Virei em qualquer direção que eu gostaria que o cenário mais maravilhoso fosse apresentado à minha vista, desde o grande precipício rosa do Roraima no Noroeste, parecendo uma enorme fortificação cercada por um glacis gigantesco, até a grande planície ondulante que se estende para o sul até onde a vista alcança, onde no horizonte o louvor se derreteu no céu. Uma grande camada de nuvem fofa branca pairava sobre o Roraima, obscurecendo seu topo, que, impulsionada pelo vento, raramente a dissipava antes que outra nuvem, seguindo em sua esteira, envolvesse sua outra extremidade. Descendo até a aldeia, encontramos a abandonada temporariamente pelos seus donos, membros da tribo Arecuna, e nela instalamos residência (BROWN, 1876, p.122).<sup>195</sup>

---

<sup>193</sup> Tradução Nossa. No original: Some of these hollows were filled with clotted blood, which, upon inquiry, I learned had been drawn from the arms and legs of the Indians. When Indians suffer from any pains or stiffness in their limbs, caused by fatigue or otherwise, they procure a sharp flinty stone, or piece of broken glass, with which they score the affected part in long parallel cuts, just piercing the skin, and allowing the blood to ooze out in little bead-like drops. By scraping down the cuts with a knife's edge the beads of blood are removed and more blood oozes out; but on letting the beads remain they coagulate and prevent any further flow. In this way they can draw just as much blood as they like from the part (BROWN, pp.127-128).

<sup>194</sup> Tradução do autor.

<sup>195</sup> Tradução Nossa. No original: Turn in any direction I would most wonderful scenery was presented to my view, from the great pink precipiced Roraima in the northwest, looking like a huge fortification surrounded by a gigantic glacis, to the great undulating plain stretching southward as far as the eye could reach, where at the horizon laud melted into sky. A great layer of white fleecy cloud hung over Roraima, obscuring its top, which, driven by the wind, seldom cleared it before another cloud, following in its wake, enveloped its farther end. Descending to the village we found it abandoned temporarily by its owners, members of the Arecuna tribe, and took up our abode in it (BROWN, 1876, p.122).

Junto de um guia e outro indígena, Brown cruzou o pé do Roraima e subiu sua parte inclinada a uma altura de 5.100 pés acima do nível do mar. Ao observar a paisagem, achou interessante especular se alguns mamíferos viveram sobre o monte Roraima, quando o mar lavou as bases de seus penhascos e sobre a possibilidade dos descendentes desses mamíferos ainda poderem existir lá. Tal observação nos fez lembrar o livro “The Lost World” de Arthur Conan Doyle (1998), que teve a sua primeira edição lançada em 1912 e, cuja história de ficção foi inspirada nos relatos do botânico Everard Thurn sobre o monte Roraima. Essa estória gira em torno da visita de pesquisadores a um platô na Amazônia, onde animais do tempo jurássico, incluindo dinossauros, ainda viviam.

Brown (1876), relatou vários cristais que se interpunham entre ele e o sopé do Roraima. Para ele a área da superfície do monte de Roraima devia ser considerável, pois inspirou-se em:

Sir R. Schomburgk, que visitou sua extremidade sul, a oeste do ponto ao qual subiu, descreve algumas belas cachoeiras como saltando de seus lados, formando a drenagem de parte de seu topo; ao observá-lo de uma montanha no Alto Mazaruni, em 1872, a uma distância de trinta milhas, vi distintamente uma enorme cachoeira, no seu lado nordeste, de largura muito considerável e altura extraordinária (BROWN, 1876, p.124).<sup>196</sup>

Também afirmou que qualquer visitante poderia passar um mês no local sem esgotar os maravilhosos tesouros da paisagem que ali se encontram. Em sua jornada registrou inclusive o clima do local:

À medida que a noite se aproximava, as grandes massas de nuvens felpudas que envolviam os mil pés superiores de Roraima pareciam afundar cada vez mais, até repousar no glaciis inclinado. Em seguida, a temperatura caiu rapidamente, de 79 ° ao pôr do sol para 59 ° ao amanhecer. Com o sol nascente as nuvens voltaram ao seu nível normal (BROWN, 1876, p.125).<sup>197</sup>

Brown recomendou a utilização de um balão para se conseguir atingir o platô do monte Roraima, devido às dificuldades de acesso ao topo. Realizado na década seguinte, através da Venezuela, por Thurn em 1884, também a serviço da Royal Geographical Society. Na sequência de sua expedição, Brown, acometido pela malária, no meio da

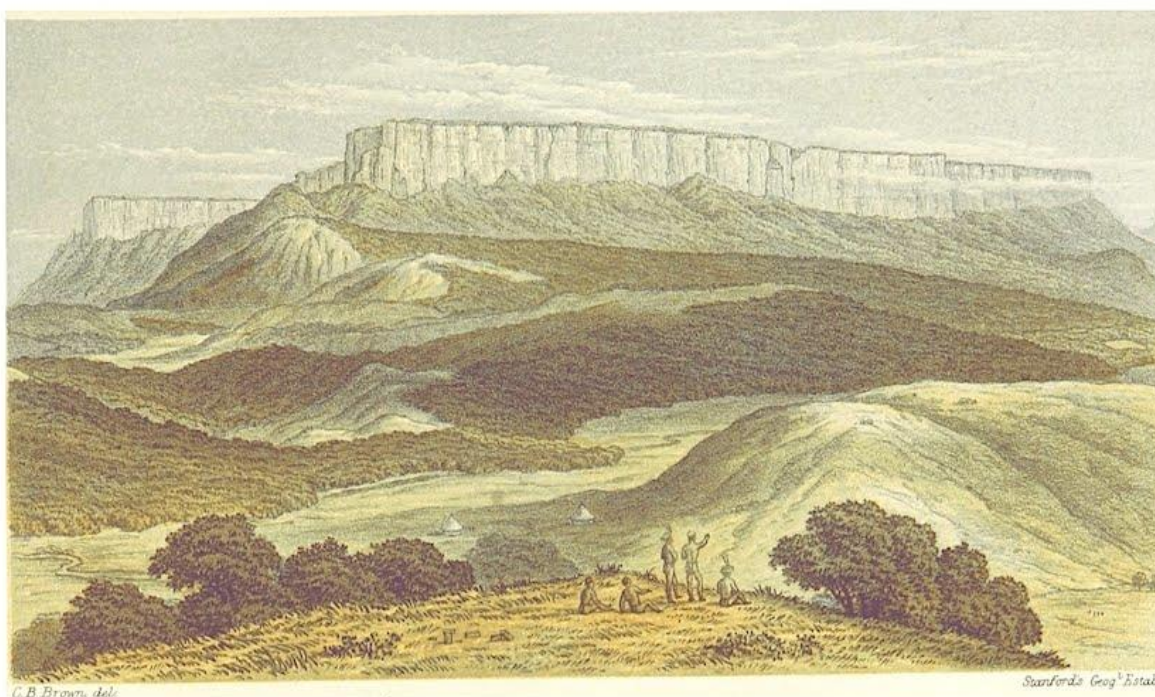
---

<sup>196</sup> Tradução Nossa. No original: Sir R. Schomburgk, who visited its southern end, to the westward of the point to which I ascended, describes some beautiful waterfalls as leaping from its sides, forming the drainage of part of its top ; when viewing it from a mountain on the Upper Mazaruni in 1872, at a distance of thirty miles, I distinctly saw an enormous waterfall, on its north-east side, of very considerable width and extraordinary height (BROWN, 1876, p.124).

<sup>197</sup> Tradução Nossa. No original: As night closed in the great masses of fleecy clouds that enveloped the upper thousand feet of Roraima seemed to sink lower and lower, until they rested on the sloping glaciis. Then the temperature fell rapidly, from 79° at sunset to 59° at daybreak. With the rising sun the clouds lifted to their usual level again (BROWN, 1876, p.125).

marcha, foi obrigado a parar, ficar deitado na rede até melhorar, enquanto metade dos seus carregadores indígenas seguiram em frente com suas bagagens. Surpreso ao ter presenciado a relação dos indígenas com os cupins, Brown (1876, p.127) relatou: “Alguns dos que permaneceram conosco se empenharam durante o dia em capturar numerosas espécies de cupins, que constroem pequenos montículos de terra e, depois de assados, os comeram com evidente prazer”<sup>198</sup>. Após sua recuperação, voltou à marcha, encontrando suas bagagens em segurança. Logo abaixo podemos observar o desenho do monte Roraima (Figura 12) feito na expedição de Brown.

Figura 12: Monte Roraima



Fonte: BROWN,1876, p.123.

Em uma colina baixa acima do Waiquah, a expedição de Brown parou por um curto período para ele observar um enorme monte artificial de terra e pequenas pedras, que o seu indígena guia disse ser o túmulo do irmão do Makunaima, como podemos conferir detalhadamente:

Parece que o Grande Espírito é um morador desta região, pois uma montanha rochosa isolada, vista do Cotingo mais abaixo, na cabeceira do rio Mautzie, é chamada de Mackunaima-outa, que significa a "casa do Grande Espírito". Tenho frequentemente observado pequenos montes artificiais de pedras, com

<sup>198</sup> Tradução do autor.

cerca de três ou quatro pés de altura, nas laterais dos caminhos sobre as montanhas da savana, aos quais os índios que estavam de passagem acrescentaram, pegando uma pedra próxima e deixando-a cair na pilha. (BROWN, 1876, p.276).<sup>199</sup>

Makunaima é o herói de tradição oral da região circum-Roraima, levado ao ambiente acadêmico europeu de forma mais abrangente pelo etnólogo alemão T. Koch-Grünberg e logo introduzido no circuito literário brasileiro por Mario de Andrade. No entanto, outros viajantes mencionaram o mito antes de Koch-Grünberg, como lembra Carvalho (2015, p.42-43):

É na condição, portanto de povoador do mundo para os povos Macuxi, Taurepang, Arekuna e Karamakoto, que até a segunda década do século XX Makunimi/Makunaima, era quase ilustre desconhecido para o restante da sociedade brasileira. Digno de menção é que esta era a primeira década do século XX uma região “primitiva” e quase inexplorada, sobre a qual se dispunha de pouquíssimas informações, em geral coletadas por alguns viajantes e aventureiros, entre os quais se destacam os irmãos Richard e Robert Schomburgk, que tinham viajado pelos campos gerais do Rio Branco e haviam navegado as corredeiras do Uraricoera antes de Koch-Grünberg.

Robert e Richard Schomburgk, Barrington Brown e Everard Thurn, fizeram expedições na região, antes de Koch-Grünberg, na condição de naturalistas, geógrafos, geólogo e funcionários da Coroa britânica. Tiveram destaque pela qualidade dos dados etnográficos, linguísticos e de história natural. Mesmo que brevemente, os irmãos Schomburgk, Brown e Thurn descreveram Makunaima antes de Koch-Grünberg, que o descreveu em sua pesquisa de forma mais abrangente, conforme análise de Carvalho (2015, p.45):

Até o início da segunda década do século XX, Makunaima era quase exclusivamente herói transformador do mundo no âmbito da cultura da região circum-Roraima, na qual circulava como realização oral entre os povos aparentados, porém diversos, com as feições marcadas pelo nomadismo, da errância, do múltiplo e da ambiguidade. Desde então, iniciou a expansão de seu território de atuação, quando patrocinado pelo Baessler- Institut de Berlim, o etnógrafo alemão Theodor Koch Grünberg colheu o lendário dos povos Taurepang e Arekuna em uma viagem que percorreu milhares de quilômetros na companhia de índios e manteve próxima e íntima convivência durante pouco mais de dois anos com os habitantes daquela isolada e pouco conhecida região.

---

<sup>199</sup> Tradução Nossa. No original: It would seem that the Great Spirit is a dweller in this region, for an isolated rocky mountain, seen from the Cotinga lower down, at the head of the Mautzie river, is called Mackunaima-outa, which means the "Great Spirit's house." I have frequently observed small artificial heaps of stones, some three or four feet in height, on the sides of the paths over the savanna mountains, to which the Indians with me in passing have added, by picking up a stone near by and dropping it on the heap (BROWN, 1876, p.276).

Entre os diversos mitos relatados, apontamos como exemplo alguns trechos que o Taurepang<sup>200</sup> José-Mayuluaípu, contou para Koch-Grünberg sobre o mito de Makunaíma, o herói da tribo, como a: “-do grande dilúvio; do grande incêndio que destruiu toda vida humana; de um homem que teve aqui na terra, uma das pernas decepada por sua mulher adúltera; então ele foi para o céu e ainda hoje pode ser visto nas Plêiades, no grupo Aldebarã e numa parte de Ório” (KOCH-GRÜNBERG, 2006, p.148). Também segue outro exemplo com um trecho da lenda do Dilúvio que o chefe Inácio contou a Grünberg (2006, p.159): “Se deixarmos a arca e as duas pombas de lado e substituímos o “Nuá-Jesu Cristo” pelo herói da tribo, Makunaíma que segundo a verdadeira lenda dos Makuschí e dos Taulipáng, foi quem causou o dilúvio, então teremos o verdadeiro mito indígena”.

Acreditamos que Koch-Grünberg leu Brown, Thurn e os irmãos Schomburgk antes de desenvolver a sua pesquisa sobre o mito de Makunaima de maneira mais densa, com o apoio de narração de dois indígenas, um Taurepang e outro Arecuna. Podemos também afirmar que, antes do século XX, leitores europeus leram sobre Makunaima em *Canoe and Camp Life in British Guiana*, que foi publicado no Reino Unido no ano de 1876. Entre estudiosos da região circum-Roraima, Brown é citado brevemente e por poucos, entre eles Joaquim Nabuco. Notamos que este foi bastante atento às publicações da segunda metade do século XIX sobre a fronteira brasileira e da Guiana inglesa, devido à toda sua perspicácia na atuação em defesa do Brasil na arbitragem demarcatória com a Inglaterra.

Pouco antes de terminar a sua viagem através do rio Mazaruni na Guiana Inglesa, ao desembarcar na aldeia Sororieng, ocorreu um acidente com um grupo de indígenas, tarde da noite, devido uma arma colocada descuidadamente nas vigas de uma cabana, que ao cair:

disparou entre eles, ferindo um homem na coxa, outro no dedo e uma mulher nas costas. O primeiro indivíduo mencionado estava muito gravemente ferido, e o encontramos deitado em sua rede em estado de desmaio. Ele levou três tiros na coxa e no joelho direito, um no joelho esquerdo e um ferimento no lado esquerdo. Administramos láudano e conhaque, aplicando bálsamo de Frade em fiapos nos buracos dos tiros. Os outros dois estavam levemente feridos, o homem com um tiro no dedo e a mulher com um leve arranhão nas costas (BROWN, 1876, p.400).<sup>201</sup>

---

<sup>200</sup> Taurepang – termo igualmente composto de *tauron*, falar, e *pung*, errado -, que denota os que falam a língua Pemon incorretamente, portanto designação da mesma forma pejorativa atribuída por seus vizinhos (SANTILLI, 2001, p.18).

<sup>201</sup> Tradução Nossa. No original: falling and going off amongst them, wounding one man in the thigh, another in the finger, and a woman in the back. The first-mentioned individual was very severely injured,



Depois de uns dias ficou sabendo através do povo de Sororieng que o homem ferido ficou muito bem e foi para sua casa no rio Cukuie. Em Sororieng, Brown (1876) comprou uma Jaguatirica (*Felis pardalis*) dos indígenas e o levou a bordo de um dos barcos usados: “Embora mal-humorado no início, logo nos conheceu e foi, até sua morte, cerca de seis meses depois, um animal de estimação muito divertido” (BROWN, 1876, p.400).<sup>202</sup>

Descendo agradavelmente o rio Mazaruni, Brown (1876) chegou à Colônia Penal no dia 2 de dezembro, e de lá seguiu para foz do Essequibo, onde se juntou ao navio costeiro, e através dele chegou com seus homens salvos em Georgetown, encerrando assim a última de suas viagens ao interior da Guiana Inglesa.

Por meio da obra dos irmãos Schomburgk e de Brown, percebemos os interesses territoriais da Inglaterra na Guiana Inglesa, materializados em relatos, imagens, mapas e na iniciativa em fazer alianças com os indígenas da região. Os viajantes fizeram etnografia de vários povos, sem os quais não conseguiriam sobreviver e cumprir a missão destinada pela Coroa Britânica.

Brown se influenciou e completou o trabalho percorrido pelo viajante Robert Schomburgk, trouxe uma grande contribuição em seus relatos sobre o costume e atividades dos indígenas, inclusive relacionados ao meio natural e animal. Se tornou nessa expedição pela Guiana Inglesa e no rio Branco (Brasil), um caçador de onças obcecado e foi apontado como um viajante geólogo a serviço do interesse pela mineração, pois o maior desejo da Coroa britânica era que fosse realizado um mapeamento geológico para se achar principalmente ouro, influenciado pelo mito do Eldorado. A atual Guiana é um local que apresenta até os dias atuais grande quantidade de minérios, como a exploração de diamantes e a descoberta de grande quantidade de petróleo.

Em missão pela Royal Geographical Society suas viagens ocorreram em aliança com os povos indígenas e com esses povos conseguiu negociar sua participação em uma disputa territorial entre um país europeu e o Brasil. Schomburgk, e Brown, influenciaram outros exploradores e estudos sobre os povos indígenas na região estudada. Por exemplo, o francês Henri Coudreau, que num primeiro momento viajou a serviço das colônias marítimas francesas, mas depois passou para o serviço do Governo do Pará. Ele, teve

---

and we found him lying in his hammock in a fainting condition. He had three shots in the right thigh and knee, one in the left knee, and a wound in his left side. We administered laudanum and brandy, applying Friar's balsam on lint to the shot-holes. The other two were wounded very slightly, the man having one shot in his finger, and the woman a slight graze in the back (BROWN, 1876, p.400).

<sup>202</sup> Tradução do autor.

mais tempo de contato com os povos indígenas, e por conta disso deixou mais relatos, por isso será o viajante trabalhado no próximo capítulo.

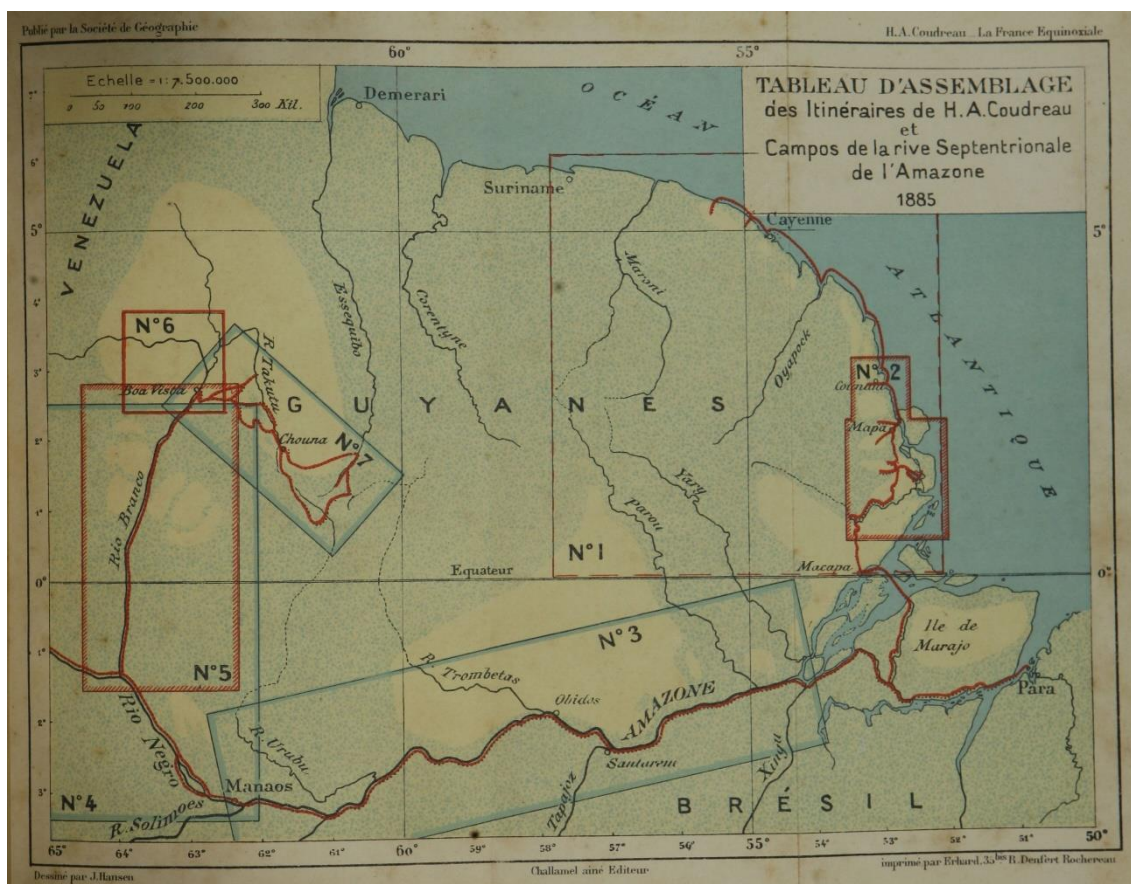
Portanto, considerado um “homem de ferro”, Brown viveu até os 78 anos. Além de suas contribuições na Jamaica e Guiana Inglesa, esteve na Birmânia, locais onde passou e deixou grande contribuição principalmente como geólogo, e neste capítulo tivemos o compromisso de destacar a sua experiência relatada junto com os experientes indígenas que conheceu no século XIX entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

### Capítulo 3: Henri Anatole Coudreau (1859-1899) e a experiência na fronteira brasileira com a Guiana Inglesa.

Pode-se disso concluir que o indivíduo é feito também dos contatos com outros, e que, sendo esses outros múltiplos e ocupando em relação a ele posições diversas, ele próprio está condenado à diversidade ao infinito (TODOROV, 2005, p.130).

#### 3.1: Percurso da viagem:

Figura 13: Mapa do Itinerário de Henri Coudreau na Amazônia de 1885



Fonte: COUDREAU, 1887.

1. Guiana Francesa.
2. Mapa e baixo Araguari. -Região ao norte do Amapá.
3. Amazonas com seus afluentes da margem norte.
4. Rios Negro e Uaupés. -Cachoeiras do Rio Negro. -Cachoeiras do Rio Uaupés. - Nascentes do rio Uaupés.
5. Rio Branco.
6. Mapa das Fazendas do alto Rio Branco.

## 7. Mapa das fontes do Tacutu, Mapuera, Trombeta, Essequibo etc.

Dentre os itinerários das viagens do expedicionário francês Henri Anatole Coudreau na Amazônia setentrional até o ano de 1885 (Figura 13), mencionados acima, nos atentaremos mais aos relatos referentes aos indígenas do 5 ao 7.

Importante compreendermos que o viajante veio a Guiana Francesa para lecionar no Liceu de Caiena as disciplinas de Geografia e História, mas na verdade quando consegue vir, declara às autoridades coloniais francesas a sua vontade de conseguir um patrocínio para fazer expedição na Amazônia Caribenha das Guianas.

Primeiramente a serviço das colônias francesas se mete na contenda na região do Araguari, onde se declarava ser uma República que a França ambicionava disputar a ganhar território do Brasil na região do Amapá para se ter grande posse e acesso a uma vasta área no Rio Amazonas.

Coudreau, como um colonialista convicto, viajou e conheceu grande parte do território Amazônico brasileiro fazendo itinerário de pretensão territorial para a França através dos rios Amazonas, Negro e Uaupés, adentrou na sequência onde é o foco do nosso estudo na região do rio Branco e em suas fazendas e seguiu para os rios Tacutu, Mapuera e Trombetas. Locais onde teve contato e relatou as atividades, costumes e comportamentos de povos indígenas.

Apesar de grande dificuldade de condições de navegação, Coudreau viajou em um Batelão<sup>203</sup> lotado de gado com indígenas para Boa Vista, viagem descrita com minúcia de detalhes, como estilo de navegação, clima extremo, calor e a grande presença de nuvens de mosquitos, como pium e carapanã, que presenciou velejando na região do baixo rio Branco. Além de fugas e mau tratos a indígenas Macuxi que foram submetidos a punições severas quando resgatados.

Em sua passagem pelo rio Mapuera e Essequibo teve a experiência com o povo indígena Wai Wai, sobre os quais elogiou o protagonismo, a pureza do povo da tapioca e a habilidade deles com cães da caça e raladores de mandioca, repetiu e demonstrou influência condicionada pelas leituras de viajantes que estiveram na região como Robert Schomburgk e Charles Barrington Brown.

Coudreau, relatou os indígenas de toda essa região estudada como amistosos, podendo ser atenciosos, prestativos, mas ao mesmo tempo mentirosos, traiçoeiros e

---

<sup>203</sup> Barco utilizado para transportar gado.

ladrões. Mas seus relatos também vão reconhecer, apesar de sua preocupação com a estética e comportamento, o lado bom desses indígenas como o exemplo de terem o deixado em uma maloca com uma indígena xamã que o salvou da morte durante uma de suas graves crises de Malária em sua passagem nas terras do rio Branco. Pensou que os haviam abandonado e roubado seus pertences, mas se enganou, quando chegou na aldeia curado, teve todos seus pertences de volta e o fim do medo dos indígenas que o acompanhava serem responsabilizados, caso tivesse morrido. Assuntos que veremos com mais detalhes adiante nesse capítulo.

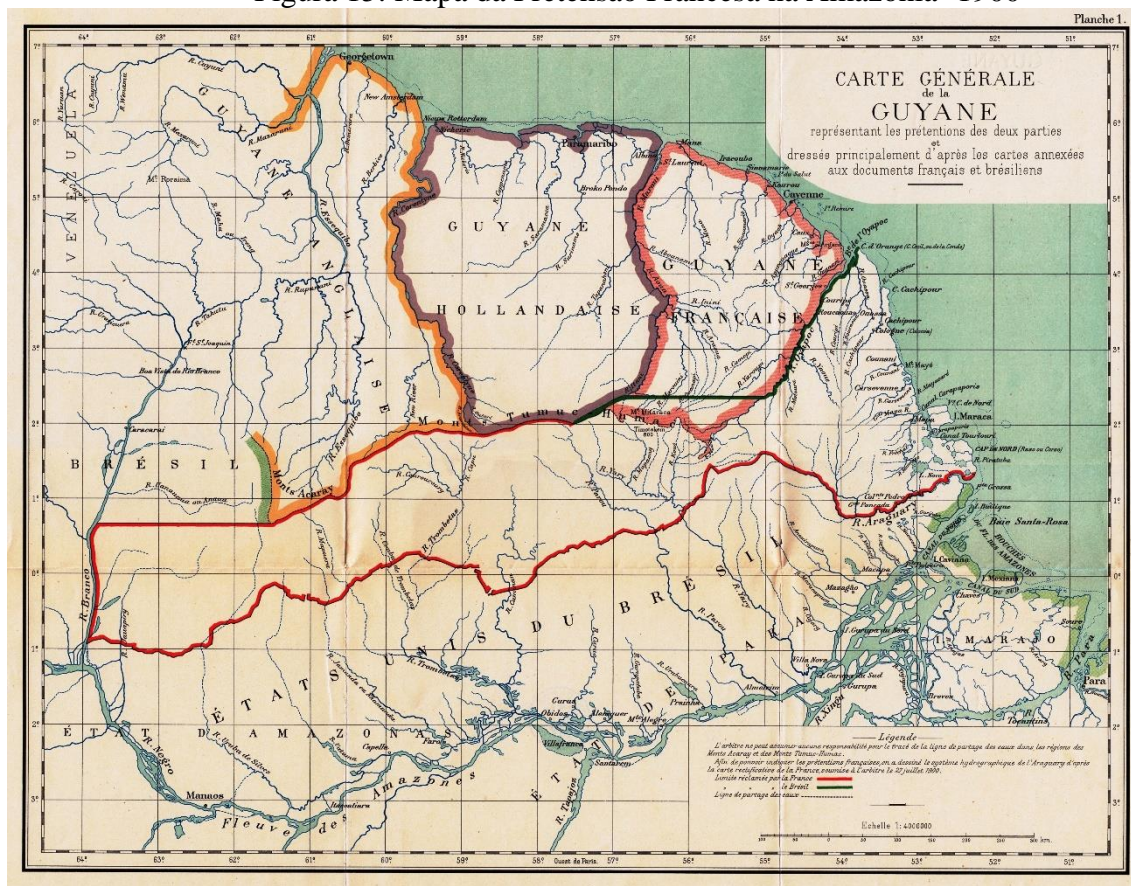
Figura 14: Mapa Manuscrito de Coudreau para Reclus-1893



Fonte: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/744>. Consultado em: 24/08/22

Segundo Frederic Ferreti, 2013, a prova decisiva é a presença, no Département des Cartes et Plans, deste mapa manuscrito citado no documento do Conselho Municipal. É um exemplar inédito, assinado por Coudreau que data de 1893 (Figura 14) e que representa a costa do Canal do Norte da foz do Rio dos Amazonas até o Rio Carsevenne: exatamente a parte meridional da costa reivindicada pelos franceses (Figura 15). Segundo estudiosos da Geografia, contém bastante erros e imprecisões.

Figura 15: Mapa da Pretensão Francesa na Amazônia -1900



### O fundo Reclus- Perron- 1900

Fonte: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/744>. Consultado em 24/08/22

No mapa acima presenciaremos que Élisée Reclus com a ajuda de Charles Perron, aperfeiçoaram o de Henri Coudreau (Figura 14) que foi descoberto nos arquivos suíços após mais de cem anos da pretensão da França pela região Amazônica. O mapa de Reclus-Perron (Figura 15) foi usado na disputa entre o Brasil e a França, com árbitro na Suíça em 1900 pela região. Este mapa foi um dos elementos que acabou ajudando o Brasil em ganho territorial na disputa com a França.

Podemos conferir no mapa acima (Figura 15) a linha vermelha que demonstra a área de limite reivindicado pela França que se estende do rio Araguari até o rio Branco, a

verde se refere a reivindicação do Brasil e a linha pontilhada se referia aos limites de Bacia Hidrográfica.

Este episódio foi reconhecido na História como o “Contestado Franco Brasileiro” que ocorreu devido a imprecisão da fronteira definida entre o Brasil e a Guiana Francesa, próximo do rio Amazonas, disputa que provocou três séculos de rivalidade até a arbitragem internacional de 1900, dando razão ao Brasil.

A arbitragem internacional tornou-se essencial para resolver uma disputa que remontava a quase duzentos anos. O Brasil se ofereceu em 1856 para dividir o território disputado tomando como limite o rio Calçoene. Mas a França recusou esta partilha, reivindicando os seus direitos sobre o Araguari (BROUSSEAU, 1899). O território em questão, portanto, incluía todo o norte do estado do Pará, nordeste do estado do Amazonas e parte do leste de Roraima. Representava uma área de 550.000 km<sup>2</sup>, maior que a França continental. A descoberta de ouro na região reacendeu o interesse mútuo pela posse definitiva do território, com a fundação de duas repúblicas não reconhecidas na região (SARNEY, 2000; BENTO, 2021).

Em 1895, tensões fronteiriças eclodiram num evento conhecido no Brasil como Intrusão Francesa no Amapá, uma escaramuça que envolveu 340 tropas e causou mais de 100 mortes de militares e civis (LE TERRITORE CONSTESTÉ, 1895; MEIRA, 1975; BENTO, 2021). Sob grande pressão da sociedade em ambos países, uma arbitragem por parte do presidente da Suíça, Walter Hauser, deu parecer favorável ao Brasil em 1900 (SARNEY, 2000; SILVA, 2018).

O Barão de Rio Branco foi responsável por representar o Brasil no tratado de arbitramento, buscando pôr fim às discordâncias quanto à delimitação territorial. O Barão notou que a Inglaterra também tinha interesse na área, e não desejava ver a França dominando toda a região das Guianas através do território reivindicado pelos colonos franceses tal como no episódio da República de Cunani, ameaçando sua própria colônia da Guiana Inglesa ao cercá-la pelo sul.

O protocolo de 1º de abril de 1897, assinado entre os dois governos, determinou de maneira mais ou menos precisa os limites desse território disputado. O Governo francês tentou introduzir a possibilidade do árbitro recorrer a uma transação, mas o Brasil insistiu que o mesmo se restringisse à eliminar as ambiguidades sobre o território, em particular o rio Oiapoque.<sup>204</sup> Os fatos foram definitivamente resolvidos com a sentença

---

<sup>204</sup> «O Arbitramento No Amapá». [artigos.netsaber.com.br](http://artigos.netsaber.com.br). Consultado em 15 de maio de 2022.

suíça em favor do Brasil, cujas conclusões foram anunciadas em 1 de dezembro de 1900, pelo presidente suíço, Walter Hauser.

### **3.2: Lugares onde ocorreram os contatos relatados**

A serviço das colônias da marinha francesa o viajante explorador francês chamado Henri Anatole Coudreau, realizou expedições científicas na Amazônia Brasileira e nas Guianas, relatando sobre os indígenas, visando a expansão de conquista de territórios para a França. O desprendimento com o qual viveu e conviveu na floresta amazônica o elevou à categoria de etnógrafo e etnólogo por excelência, apesar das controvérsias de cientistas presentes no Brasil, extremamente imbuído da missão de aventureiro no trabalho em que esteve dedicado.

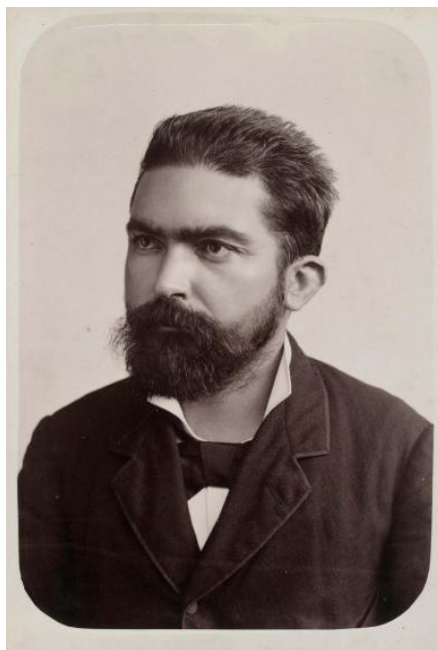
As riquezas nos detalhes dos relatos de Coudreau promoveu a interação com os habitantes indígenas, trazendo grande volume de informações que necessitam serem mais bem estudadas. Sobre a vida doméstica afirmou que os indígenas da Guiana já foram muito bem descritos por Crevaux, de modo que apresentou apenas algumas particularidades dos indígenas que encontrou. E assim apresentou “os casamentos, a forma de receber as visitas, a “organização política e social”, o “caráter”, a língua, os adornos, a música e seus instrumentos, tudo de maneira muito rápida em poucos, ou mesmo em um parágrafo” (FERNANDES; CARVALHO, 2020, p. 152).

Mais tarde, esteve a serviço das autoridades brasileiras quando rompe com autoridades francesas, antes que sua esposa, Octavie o ajudasse e continuasse seu trabalho. Partindo de Belém, capital do Pará que liga a imensa rede fluvial da Amazônia à Europa, explorou as rotas de navegação que uniam o interior do Brasil à bacia amazônica (BENOIT, 2000).

Também buscou através de seus levantamentos científicos, mapear e exigir direitos de territórios que se estendem do rio Araguari ao rio Branco, entre eles parte do Estado do Amapá que traria a posse de acesso ao rio Amazonas aos franceses. Portanto, o objetivo de revisitar estes relatos em representação a indígenas na Amazônia é trazer à tona costumes, atividade, estilo de vida e de época do século XIX.



Figura 16: Henri Coudreau (1885)



Fonte: <<https://www.bnf.fr/fr/mediatheque/octavie-coudreau-1867-1938-et-henri-coudreau-1859-1899>>. Acesso: 08/08/2022.

Henri Anatole Coudreau, (6 de maio de 1859, Sonac-França -9 de novembro de 1899, Estado do Pará/Brasil). Professor de História e de Geografia foi, em 1881, com a idade de 21 anos, enviado à América do Sul, como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims (RBG, 1943). Em 1883 seus desejos foram satisfeitos. A serviço do Ministério da Marinha e das Colônias, estudou numa primeira missão, nos anos de 1883, 1884 e 1885, os imensos territórios, então contestados, entre a Guiana Francesa e o Brasil (COUDREAU, 1940).

Mas Henri Coudreau (Figura 16), segundo seu biógrafo Benoit (2000), não se dedicou exclusivamente à Guiana Francesa, era um homem de cooperação internacional. Muito cedo, começou a trabalhar na fronteira entre a França (Guiana Francesa) e anos depois com o Brasil (Estado do Pará), local onde levantou estudos sobre a rede fluvial da Amazônia paraense. Sobre a importância de tal feito e seu momento histórico podemos conferir que: “Desse ponto de vista, o papel que ela desempenhará é fundamental, pois o Brasil vive o famoso ciclo da borracha neste exato momento, e o conhecimento dessa rede fluvial continua sendo condição essencial para o desenvolvimento do Norte do país...” (BENOIT, 2000, p.10).<sup>205</sup>

---

<sup>205</sup> Tradução do autor.

Na opinião de Durval Souza Filho (2008), em campo Coudreau portou-se como um indigenista, diferenciou-se dos exploradores da Amazônia Brasileira do século XX como no caso do Marechal Rondon, por este ter contado com razoável escolta em suas expedições e ele apenas com a palavra. “Aliás, a comunicação nunca foi problema para esse poliglota versado em línguas ameríndias. Em pouco tempo, Coudreau foi capaz de aprender a maioria dos idiomas falados pelas populações das Guianas” (SOUZA FILHO, 2008, p.33).

Coudreau se interessou em aprender alguns idiomas durante suas expedições, com isso: “Para as viagens ao Rio Negro e fronteira com a Venezuela, bem como pelo interior do Pará, contava com o seu excelente português e vasto conhecimento da língua geral da Amazônia, o Nheengatu” (SOUZA FILHO, 2008, p.34).

Henri Coudreau mostra verdadeiro talento como linguista e se mostra capaz, além de fluente em crioulo, português, língua geral (espécie de esperanto brasileiro) e wayana (índios Roucouyenne do Tumuc-Humac), de entender e estudar brevemente algumas línguas Tucano e Tariana (Rio Uapés), Wapishana e Macuxi (alto Rio Branco), Wai Wai (nascentes do Rio Urubú de Silves) e Oyampi (alto Guiana) (BENOIT, 2000, p.27-28).<sup>206</sup>

Devido ao seu interesse e capacidade de aprender idiomas e línguas indígenas: “Muitas vezes ele próprio servia de intérprete em diálogos entre índios de etnias diferentes” (SOUZA FILHO, 2008, p.34). Em 1886 e 1892, foi condecorado na França por seus feitos na América do Sul:

Em 1892, no Grande Anfiteatro de la Sorbonne, Coudreau recebeu uma medalha de ouro da Société de Géographie de Paris por seus dez anos de estudo na região das Guianas: honra máxima, depois da medalha de ouro da Société de Geografia Comercial de Paris (1886) e o prêmio trienal da Sociedade de Estudos Coloniais e Marítimos (1887) (BENOIT, 2000, p.26).<sup>207</sup>

A serviço da França, Henri Coudreau, realizou expedição científica na Amazônia Brasileira e nas Guianas, visando a expansão do território colonial francês. Em razão do desprendimento com o qual viveu e conviveu na floresta amazônica, Coudreau pode ser

---

<sup>206</sup> Tradução Nossa. No original: Henri Coudreau fait montre d'un véritable talent de linguiste et se révèle capable, en plus de parler couramment le créole, le portugais, la lingua geral (sorte d'espéranto brésilien) et le wayana (Indiens roucouyennes des Tumuc-Humac), de se faire comprendre et d'étudier sommairement quelques langues aussi peu connues que le tucano et le tariana ( rio Uapés) le ouapichiane et le macouchi (haut rio Branco), le ouayeoué (sources du rio Urubú de Silves) et l'oyampi (haute Guyane) (BENOIT, 2000, p.27-28).

<sup>207</sup> Tradução Nossa. No original: Em 1892, das le Grand Amphithéâtre de la Sorbonne, Coudreau reçoit une médaille d'or de la Société de Géographie de Paris pour ses dix ans d'études dans la région des Guyanes: ultime honneur, après la médaille d'or de la Société de Géographie commerciale de Paris (1886) et le prix triennal de la Société de Études coloniales et maritimes (1887) (BENOIT, 2000, p.26).

considerado um etnógrafo, embora também estivesse imbuído da missão de aventureiro no trabalho em que estava dedicado (CARDOSO, 2014). Os relatos detalhados de Coudreau sobre os habitantes indígenas, trazem grande volume de informações, que necessitam ser mais bem estudadas. Ele também buscou, através de seus levantamentos científicos, mapear e justificar supostos direitos franceses sobre territórios que se estendem do rio Araguari ao rio Branco, os quais colocariam sob controle da França o acesso ao rio Amazonas.

As riquezas nos detalhes dos relatos de Coudreau promoveram a interação com os habitantes indígenas, trazendo grande volume de informações que necessitam serem mais bem estudadas. Coudreau, através de seus mapeamentos científicos, buscou mapear e exigir direitos de territórios que se estendem do rio Araguari ao rio Branco, entre eles parte do Estado do Amapá, que traria a posse de acesso ao rio Amazonas aos franceses. Mais tarde rompeu com a França, devido a desentendimentos com as autoridades, e passou a prestar serviço para o governador Lauro Sodré do Pará no Brasil.

Entre as obras importantes de Henri Coudreau trabalhadas no tema tratado aqui, destacamos: “Voyage au rio branco aux montagnes de la lune au haut trombeta” (1886), lançado à parte e presente em “La France Équinoxiale”, obra em três volumes publicadas em 1886 e 1887. Finalizados por Octavie Coudreau, foram os seguintes livros “Voyage au Trombetas” (1900) e “Voyage à la Mapuerá” (1903).

Desde muito cedo, o jovem Coudreau reuniu condições para conseguir patrocínio para realizar viagens científicas. Por isso, ele tinha consciência do perigo que corria: “Não é fácil, sem proteção, obter autorização para gastar a fortuna, a saúde e, algumas vezes, a vida, pela glória da pátria e da ciência” (COUDREAU, 1887, p.7).<sup>208</sup> De fato, podemos afirmar que logrou êxito em seus propósitos, uma vez que, em 1883, conseguiu patrocínio para estudar os territórios contestados entre a Guiana Francesa e o Brasil, a serviço do Ministério da Marinha e das Colônias do Governo Francês (FERNANDES; CARVALHO, 2020, p.141).

Henri Coudreau fez parte de uma estirpe de geógrafos viajantes, profissionais a serviço dos interesses de diferentes Estados (ROMANI, 2013). Partindo da Aldeia de Cunani, passou depois ao rio Branco indo até o rio Negro, permanecendo nessa viagem

---

<sup>208</sup> Tradução de (FERNANDES; CARVALHO, 2020, p.141).

de estudos dois anos cheios de aventuras, sozinho entre os naturais da região (ROMANI, 2013).

Um local na Amazônia Caribenha das Guianas no qual penetrou e fez contato foi a região do rio Branco do lado brasileiro. “Os povos indígenas na região de campos e serras do médio e alto rio Branco que representa a porção nordeste do estado de Roraima, fronteira à República da Guiana, com especial referência à ocupação de suas terras” (FARAGE; SANTILLI, 1992, p.267). Esta área é habitada pelos Macuxi, Wapixana, Ingarikó, Taurepang e Wai Wai.

Ainda sobre a região da Amazônia Caribenha das Guianas: “A complexidade geográfica desenhada pelo planalto das Guianas, pelas serras Pacaraima com o Monte Roraima, Parima, Tumucumaque e outras de pequeno porte, marca os limites das fronteiras nacionais e internacionais nessa Ilha” (OLIVEIRA, 2014, p.10). Os dois principais troncos linguísticos Caribe (Macuxi, Wai Wai, Taurepang e Ingarikó) e Arawak (Wapishana), com diferentes famílias indígenas e distintas relações socioculturais nas terras das Guianas e nas ilhas do mar Caribe, incorporaram elementos específicos tais como relações comerciais e organizações de parentesco.

Nesta articulação sociocultural e regional, os povos indígenas Caribe e Arawak desempenharam papel fundamental como conhecedores das diferentes trilhas (aquáticas e terrestres) e produtores de alimentos, em especial a conhecida culinária da mandioca. “Para o europeu que chegava nessa região desconhecida e ocupava a terra como sua propriedade, ele tomava posse também do índio que era visto como parte da terra e era um bem a mais a ser explorado” (OLIVEIRA, 2014, pp.5-6).

Sua segunda missão durou ainda dois anos (maio de 1887 a abril de 1889), percorreu um itinerário de 4.000 quilômetros, realizou levantamentos considerados completos do rio Oiapoque, do Maroni e do Moronini, da embocadura à nascente. Viajou bastante em terras brasileiras, fazendo levantamentos, inclusive percorreu grandes trechos caminhando. Em seu intenso deslocamento encontrou no Mapuera os indígenas Wai Wai nas fronteiras entre o Brasil e a Guiana Inglesa. Em seu relato:

Os índios do Rio Branco, o mais civilizado, aqueles que falam português, quando eles vão para o Tacutu e Mapuera, no mínimo não duvidam que eles deixem o território brasileiro para viajar ao solo inglês e depois voltam ao Brasil. Eles estão indo visitar amigos, os Taruma e Wai Wai, sabem que o caminho é longo e doloroso, e que pelo sul da estrada tem emboscada de Chiricoumes, os Coucoichis e outros Canaemés. Mas nunca vai entrar na

cabeça desses índios que todos os brancos não são da mesma nação (COUDREAU, 1886, pp.71-72).<sup>209</sup>

Neste trecho de relato observa-se longo caminho percorrido dos indígenas do rio branco, principalmente os Wapishana, para visitar os índios Taruma e Wai Wai, realizando trocas de mercadorias. Descreveu também perigos que o caminho pode propiciar como os tipos de canaimés que é uma metamorfose de uma alma humana transformada em um animal perigoso, dentro do perspectivismo indígena.

Henri Coudreau (1886), comparou os indígenas selvagens em relação aos indígenas civilizados, dentro do sistema de troca e serviços:

Os índios selvagens são orgulhosos. Eles não recebem mais presentes, mas fazem por troca produtos e serviços. Aqueles que são civilizados são muito menos sensíveis, pois eles aceitam bem presentes de branco, eles ainda são mendigos superlativos. Se você lhes der a sua riqueza por um dia de trabalho. Eles consideram com prazer o branco como uma Providência, que fornece sem que isso custe nada a ele, facas, espadas, machados, camisas, calças, rifles, chumbo e em pó para o índio, como o bom Deus dispensa chuva livre, não, nós não fizemos nada para merecer isso. Também eles têm sempre a mão estendida (COUDREAU, 1886, p.125).<sup>210</sup>

Notamos que Coudreau (1886), acabou em seus relatos comparando os indígenas selvagens como orgulhosos e os civilizados menos sensíveis em relações a trocas e mercadorias, chamando estes últimos de mendigos superlativos, podemos notar nele um gesto mais etnocêntrico, preconceituoso, do que os relatos mencionados por Schomburgk sobre a sujeira e falta de higiene os indígenas Waaccawai e Warau. Notamos também em Coudreau a alteridade pelo indígena civilizado e o interesse maior pelo indígena selvagem (puro). Isso é devido a influência do “mito do bom selvagem” elaborado pelo filósofo Rousseau, que via o indígena como exótico, e também devido à questões mais complexas, baseadas no interesse.

---

<sup>209</sup> Tradução Nossa. No original: Les indiens du Rio Branco, j'entends les plus civilisés, ceux qui parlent portugais, quand ils se rendent du Takutu au Mapuerre, ne se doutent pas le moins du monde qu'ils laissent la terre brésilienne pour voyager en terre anglaise puis revenir en terre brésilienne. Ils savent qu'ils vont chez des amis, les Taraoumans et les Ouayeoués, que le chemin est long et pénible, et qu'un peu au sud de la route sont embusqués des Chiricoumes, de Coucoichis et autres canaémés. Mais on ne fera jamais entrer dans la même nation (COUDREAU, 1886, pp.71-72).

<sup>210</sup> Tradução Nossa. No original: Les Indiens sauvages sont fiers. Ils ne reçoivent pas de cadeaux, mais font avec vous échange de produits et de services. Ceux qui sont civilisés sont beaucoup moins délicats, ils acceptent fort bien des cadeaux des blancs mais ils ne leur en font jamais, ils sont même mendicants au superlaif. Si vous leur donniez toute votre fortune pour une journée de travail. Ils considèrent volontiers le blanc comme une Providence qui dispense, sans que cela ne lui coûte rien, couteaux, sabres, haches, chemises, pantalons, fusils, plomb et poudre à l'Indien, comme le bon Dieu dispense la pluie, gratuitement, sans qu'on ait rien fait pour la mériter. Aussi ont-ils toujours la main tendue (COUDREAU, 1886, p.125).

Coudreau relatou suas dificuldades e perigos da viagem que passou depois de mais de um mês de espera em Manaus entre 31 de maio a 09 de julho de 1884, para viajar para o rio Branco: “eu encontrei enfim uma ocasião para ir ao rio Branco: um senhor José Thomé Gonçalves, filho dos Alagoas recentemente estabelecido no Uraricuera, me oferece passagem a bordo de seu barco” (COUDREAU, 1887, p.229).<sup>211</sup>

Precisou esperar por alguns dias em Manaus para ir ao alto rio Branco, nesse tempo de espera se informou que iria em um dos grandes barcos dos fazendeiros que desciam carregados de gado e subiam carregados de mercadorias, para conseguir chegar até Boa Vista. Nesse passo, relatou os perigos e riscos que geralmente ocorriam nesse transporte e caminho:

Primeiro, seus homens podem muito bem abandoná-lo em uma praia onde você terá uma séria chance de morrer de fome. Depois, há os índios Jauaperi. Esses ex-canibais foram domesticados muito recentemente pelo diretor do Museu Botânico da Amazônia, M. Barbosa Rodrigues. Os pobres selvagens se entregam quase diariamente às fantasias menos tranquilizadoras. Saqueiam o povo de Moura e os batelões que passam e massacram de vez em quando uns poucos civilizados (COUDREAU, 1887, pp.229-230).<sup>212</sup>

Dois incidentes trágicos deram a esta viagem um ar pitoresco e dramático bastante atraente. O primeiro deles havia ocorrido a alguns meses antes de seu embarque, um empregado do hotel em Manaus que Coudreau (1887) ficava, morreu perto de Vista Alegre, no mesmo barco que viajou. O mistério da morte do Sr. Miranda foi complicado devido o sumiço de todos seus pertences, que não foram nunca encontrados.

O segundo incidente teve um interesse especial por Coudreau (1887, p.230):

Fernando, fazendeiro do alto rio Branco, partiu em 1882 de São Joaquim, para Manaus. Ele levava com ele vinte índios, que logo lhe abandonaram. O último que foi embora foi o Wapishana José que se encontrava precisamente no meu hotel, José Thomé Gonçalves. Depois disto, Fernando não apareceu mais. José o abandonou perto da nascente do Anauá. Alguns dizem que José assassinou Fernando; outros que Fernando morreu de fome ou foi morto por índios bravos; outros enfim, que o viajante infeliz estava prisioneiro de uma dita Maloca das Mulheres. O percurso que o Fernando fez até o ponto onde ele desapareceu é também o que pretendo seguir.<sup>213</sup>

---

<sup>211</sup> Tradução do autor.

<sup>212</sup> Tradução Nossa. No original: D'abord vos hommes peuvent très bien vous abandonner sur une plage où vous aurez des chances sérieuses de mourir de faim. Ensuite il y a les Indiens du Jauapiry. Ces ex-cannibales ont été trop récemment domestiqués par le directeur du Musée Botanique de l'Amazone, M. Barbosa Rodrigues. Les pauvres sauvages se livrent presque quotidiennement aux fantaisies les moins rassurantes. Us pillent les gens de Moura et les batelões qui passent et massacrent de temps à autre quelques civilisés (COUDREAU, 1887, pp.229-230).

<sup>213</sup> Tradução Nossa. No original: Fernando, fazendeiro du haut rio Branco, partit en 1882 de São Joaquim, se dirigeant sur Manãos. Il emmenait avec lui une vingtaine d'Indiens, qui tous l'abandonnèrent' bientôt.

Ao passo que em Manaus acusavam os indígenas de insubordinação, roubo, assassinato, durante sua passagem aprendeu sobre a Maloca das Mulheres que é uma lenda do Rio Branco, que cada indígena ou civilizado, conta à sua maneira muito próximo a lenda das Amazonas.

O asseguraram que no interior, próximo da nascente do Anauá ou do Jauapiry, uma tribo de mulheres vivia sozinhas e com um cuidado ciumento, tomavam conta da liderança de suas malocas. Estas mulheres foram descritas por terem cor clara e serem muito bonitas, de beleza provocante. Coudreau explica melhor sobre isso:

A Maloca das Mulheres não era mais que uma associação de prazer, um convento de jovens hereditariamente experientes, sabiamente e passionadamente voluptuosas. O prazer constituía sua principal ocupação, o objetivo de sua vida, e elas se entregavam o tanto quanto suportava sua constituição física. Elas faziam pouco caso dos homens que elas não conheciam senão, para variar o prazer, e também para ter filhas. As crianças doentes eram por elas imoladas logo após seu nascimento em cerimônias solenes. Elas não queriam criar castas de homens escravos, elas seguidamente os faziam prisioneiros de tribos vizinhas. É o mais picante, e o menos perigoso para a manutenção do seu status social. Elas admitiam também a entrada de voluntárias. As mulheres se alimentavam bem e alimentavam bem os seus homens; o uso de afrodisíacos era frequente (COUDREAU, 1887, pp.230-231).<sup>214</sup>

Elas não pertenciam a homens e tinham amantes entre elas e se mostravam muito ciumentas, além disso: “Elas tinham armazéns, cozinhas, casinhas privativas, salas comuns de prazer, bosquezinhos. Elas usavam ornamentos de festas, adornos à moda dos antigos Tupis, mas vivem ordinariamente num estado de nudez completa, sem tanga” (COUDREAU, 1887, p.232).<sup>215</sup>

Entre as versões que escutou sobre a Maloca das Mulheres, Coudreau (1887) destacou que quando elas chegam a um estado de impotência sexual incurável, próximo

---

Celui qui s'enfuit le dernier fut le ouapichiane José, qui se trouve précisément être le patron de mon hôte, José Thomé Gonçalves. Depuis, Fernando ne reparut plus. José l'avait abandonné vers la source de l'Anauá. Les uns disent que ce José aurait assassiné Fernando; d'autres que Fernando serait mort de faim ou aurait été tué par les Indiens « braves »; d'autres, enfin, que l'infortuné voyageur serait prisonnier d'une prétendue Maloca des Femmes. Or, l'itinéraire que suivit Fernando jusqu'à l'endroit où il disparut est aussi celui que j'entends parcourir (COUDREAU, 1887, p.230).

<sup>214</sup> Tradução Nossa. No original: La Maloca des Femmes ne serait qu'une association de plaisir, un couvent de jouisseuses, héréditairement expertes, savamment et passionnément voluptueuses. Le plaisir constituerait leur principale occupation, le but de leur vie, et elles s'y adonneraient autant que peut le supporter leur constitution physique. Elles feraient peu de cas des hommes quelles ne connaîtraient que comme à-point, pour varier le plaisir, et aussi pour en obtenir des filles. Pour les enfants mâles, elles les immoleraient peu après leur naissance dans des cérémonies solennelles. Elles ne veulent point créer de castes d'hommes asservis, elles les prennent de rencontre, le plus souvent en les faisant prisonniers sur quelque tribu voisine. C'est plus piquant, et en somme moins périlleux pour le maintien de leur état social. Elles admettraient aussi des engagés volontaires. Les femmes se nourrissent bien et nourrissent bien leurs hommes ; l'usage des aphrodisiaques est fréquent (COUDREAU, 1887, pp.230-231).

<sup>215</sup> Tradução do autor.

aos quarenta anos, essas mulheres se aposentavam do amor na cultura dos jardins, na pesca, nas práticas da caça e da guerra, com isso asseguravam o sucesso nas expedições que elas realizavam ou nos ataques que elas sofriam. Também possuíam uma habilidade extraordinária na preparação de venenos com os quais elas envenenavam suas flechas, com isso: “Elas são fortes e hábeis no tiro de arco. Portanto, seu humor é doce, pacífico e bom. Em suas frequentes orgias, elas têm seguidamente acessos de furor histérico, não engendrando, portanto, senão raramente doenças nervosas ou sendo violentas” (COUDREAU, 1887, p.232).<sup>216</sup>

Foi no baixo rio Negro em frente à região dos Jauapirys que o contaram pela primeira vez a história da Maloca das Mulheres. Coudreau, afirmou que nunca encontrou as lésbicas do Amazonas, com isso tratou a história como um mito. Mas chamou a atenção por outro lado que os frequentes assassinatos na região dos Jauapirys cometidos pelos Tobas do rio Negro não permitia aos civilizados duvidar de sua existência. Rapidamente de início, é uma região pouco hospitaleira, mas muito interessante (COUDREAU, 1887).

O baixo rio Branco foi relatado pelo viajante explorador mais como um arquipélago do que um rio:

De cada lado do verdadeiro curso de água estão os paranás, uma espécie de falso rio, canais naturais, às vezes em número de oito ou dez de cada lado, juntando-se à artéria principal e fluindo entre inúmeras ilhas. Às vezes esses paranás não são mais largos que um riacho, às vezes são mais largos que o Sena ou o Loire na foz. Apresentam uma topografia labiríntica, perspectivas bizarras, fugas fantásticas que animam a monotonia destas florestas virgens, sempre silenciosas, que as raras aves que as habitam não conseguem animar. (COUDREAU, 1887, p.233).<sup>217</sup>

Navegando em 1884 pelo Baixo rio Branco, Coudreau o comparou a um deserto, pois não encontrou quase ninguém neste rio. Os povos que habitavam a região sentiram pavor da varíola que se alastrou em Manaus, devido aos terríveis estragos que ela fez entre a população indígena, as pessoas se colocavam em quarentena. “Quando a varíola é contraída por alguém, ela mata toda a família, e a última pessoa atacada não tem

---

<sup>216</sup> Tradução do autor.

<sup>217</sup> Tradução Nossa. No original: “De chaque côté du cours d'eau véritable sont les paranas, espèces de fausses rivières, canaux naturels, parfois au nombre de huit ou dix de chaque côté, se rattachant à l'artère principale, et coulant entre des îles innombrables. Parfois ces paranas ne sont pas plus larges qu'un ruisseau, parfois ils sont plus larges que la Seine ou la Loire à l'embouchure. Us présentent une topographie de labyrinthe, des perspectives bizarres, des échappées fantastiques qui animent la monotonie de ces forêts vierges, toujours silencieuses, que ne réussissent pas à égayer les rares oiseaux qui les habitent” (COUDREAU, 1887, p.233).



ninguém para lhe fechar os olhos e preservar o seu cadáver dos abutres” (COUDREAU, 1887, p.233).<sup>218</sup>

Os sítios, de Manaus ao Ayrão, eram mais numerosos na margem direita do que na margem esquerda. Já do Ayrão à embocadura do rio Branco, não havia nenhum sítio na margem esquerda, todos ficavam na margem direita. “Na margem esquerda existia apenas uma casa civilizada: o sítio-fazenda do capitão Hilário, pequeno velho mameluco inteligente e hospitaleiro” (COUDREAU, 1887, p.234).<sup>219</sup>

Este abandono quase completo da margem esquerda é devido a presença dos Jauapirys e outros indígenas considerados ferozes, que desde o fim do século passado são o pavor do baixo rio Negro. Inclusive até um barco salva-vidas de guerra estacionava em Moura para proteger os civilizados. Chamavam estes indígenas de Jauapirys devido ao nome do seu rio, mas entre eles se tratavam pelo nome de Uaimiri (Waimiri). Que segundo Coudreau (1887) seriam da mesma família dos Krichanas do alto Uraricuera, inclusive existiu uma história sobre êxodo pelo Tacutu, no qual a nação Krichana se encontra dividida em duas partes, a do alto Uraricuera, e a do Jauapiry.

A língua dos Uaimiri para o viajante ofereceu muita analogia entre as línguas Krichana, Porocoto, Macuxi, Chiricumó, Yaricuno, povos que formaram no século passado, no alto da bacia do rio Branco, um grupo compacto de tribos bravas. Os Uaimiris devem possuir muitos dos elementos Aroaquis e Pariquis. Estes Uaimiri habitam no baixo da primeira cachoeira do rio Jauapiry. Relatou também a existência dos Assahys que habitavam entre o médio Jauapiry que impediam a tribo mansa dos Wai Wai de descerem até Manaus.

O Taruman-Assú, pequeno rio que desemboca no rio Negro próximo de Manaus, é quase no reduto dos Jauapiry, onde se encontravam os mucambos de escravos fugitivos e de soldados de Manaus, assassinos desertores. Estes mucambos eram muito hostis e os civilizados não se aventuravam (COUDREAU, 1886).

Estes grupos de tribos bravas seguiam até o sul da cordilheira do Caiirrid para os Cucoachis e os Chiricumos. As tribos que não eram perigosas e nem faziam guerra com os civilizados e os mansos, eram consideradas das tribos Canaimés, segundo alguns indígenas do alto rio Branco eram tribos de assassinos profissionais, que a cada geração promoviam assassinos e ladrões, matando por prazer. Coudreau (1887), afirmou que não

---

<sup>218</sup> Tradução do autor.

<sup>219</sup> Ibidem.

comiam suas vítimas, mas utilizam suas tíbias para fazer flautas, seus dentes para fazer colares. Coudreau repetiu o gesto de seus predecessores viajantes Schomburgk e Brown ao relatar sobre os Canaimés.

Para os indígenas tudo que não era associado ao povo indígena era atacado pelos Canaimés logo que tivessem oportunidade. É dessa forma que segundo Coudreau (1887) se compreendiam o patriotismo e se aplicava um preceito antigo: estrangeiro, inimigo. Os Canaimés o faziam pensar e comparar com as seitas shivaístas da Índia. E no mais:

As tribos mansas têm um medo terrível destes animais ferozes, com os quais não possuem nenhuma relação, a não ser a de vítima-assassino. Dos índios de uma dúzia de tribos diferentes, me afirmaram que existe entre os Canaimés uma corporação de pajés (sacerdotes-bruxos), que exercem grande influência. A coisa que parece tanto mais provável é que as diversas tribos Canaimés são aliadas e mais ou menos unidas (COUDREAU, 1887, p.236).<sup>220</sup>

Após o relato dos Canaimés, Coudreau chegou na boca do rio Branco. Não deixou de festejar o 14 de julho (Revolução Francesa) com José Tomé Gonçalves, que era republicano ardente, e se uniu com entusiasmo à sua comemoração. Como homens civilizados, manifestaram sua alegria queimando pólvora todo o dia, assustados com o barulho, o patrão dos indígenas presentes na embarcação, um Wapishana explicou aos seus camaradas: “Nrouaré caraï aouna caïmène”, disse ele. O que significa: “todos estes brancos estão meio loucos” (COUDREAU, 1887, p.237).<sup>221</sup>

Coudreau (1887) vigiou e relatou o efeito sobre os indígenas que estavam no barco que acreditaram no início da queima de pólvora ter sido um ataque dos Canaimés, mas como não viram aparecer nada no Jauapiry, somente o olharam com espanto.

Afirmou que o rio Branco é cheio de ilhas como o rio Negro. Durante todo o inverno, estas ilhas são inundadas assim como as margens a uma grande distância em direção ao interior. Observou inúmeros lagos imensos ou minúsculos (COUDREAU, 1887).

No século XVIII, os habitantes das povoações hoje desaparecidas, praticamente não navegavam no baixo rio Branco, segundo Coudreau (1887), mas pelos lagos que costeiam seu curso, assim como os pântanos ocupavam também uma imensidão. Ainda, segundo o

---

<sup>220</sup> Tradução Nossa. No original: Les tribus mansas ont une peur terrible de ces bêtes fauves, avec lesquelles elles n'entretiennent aucune relation, si ce n'est celle de victime à assassin. Des Indiens d'une douzaine de tribus différentes, m'ont affirmé qu'il existait chez les canaèmés une corporation de pagets (prêtres-sorciers), disposant d'une grande influence. La chose paraît d'autant plus probable que l'on sait que les diverses tribus canaèmés sont alliées et plus ou moins solidaires (COUDREAU, 1887, p.236).

<sup>221</sup> Tradução do autor.

viajante, quando se viajava no inverno na região se escutava sempre a pergunta se onde havia chegado era terra firme, devido a enorme presença de pântanos (terras alagadas).

Em pleno século XIX, no inverno, a navegação apresentava muito perigo, como as grossas árvores de palmeira podres, que com sua queda podiam esmagar um barco, ou até faziam uma onda com violência fazendo balançar ou tombam como se estivessem em um mar bravo.

As margens do rio Branco também eram costeadas com árvores de embaúba e as suas folhas eram de inumeráveis formigas terríveis que segundo Coudreau (1887) “os brasileiros chamam “formiga de fogo”. Este suplício, junto às pragas, tiraram todo o charme da navegação no rio Branco, sobretudo durante o inverno. No mais, há o aborrecimento de não poder executar qualquer trabalho intelectual em uma embarcação”.

O batelão que Coudreau viajou de Manaus para Boa Vista estava carregado de bois, dentro dele dispunham apenas de um pequeno espaço de um metro quadrado, onde podiam esticar redes para dormir. O gado, na maioria das vezes não suportava uma longa viagem, emagrecia ou morria em grande número, por isso, paravam a embarcação para os indígenas cortarem o capim (erva) para alimentar os bois. (COUDREAU,1887). Além desse, ocupavam os indígenas com trabalhos árduos como cuidar da cozinha, remar e até punir outros indígenas que tentavam fugir. Abordaremos este assunto com mais detalhes na próxima parte deste capítulo.

Ainda em seu livro “La France Équinoxiale” (1887), Coudreau em suas passagens pela Guiana Inglesa e na região do rio Branco no Brasil, mencionou os outros dois viajantes tratados nos outros capítulos desta tese. Por três vezes citou o viajante Charles Barrington Brown e por duas o explorador Robert Hermann Schomburgk.

Durante sua viagem pelo rio Branco no inverno, relatou a grande quantidade de insetos, presente em suas margens. Nesse passo, comparou o seu relato em que cita pela primeira vez Charles Barrington Brown, que teve sua experiência no local no período do verão:

O viajante inglês B. Brown (1860) pretendeu o contrário. Este viajante subiu o rio durante o verão, em dezembro. É evidente que no canal onde as águas se aproximam entre as praias de areia ele não encontrou muitos insetos. Mas se Brown tivesse passado nas margens ou um pouco mais no interior, ele teria, mesmo que ele se encontrasse no verão, ao menos durante alguns dias uma lembrança dessas pragas, que ele afirma não existir exceto que em quantidade negligenciada. Os carapanãs, os mosquitos e principalmente os piuns, rareiam na entrada da região dos campos que é completamente livre. Mas toda a região e floresta virgem são infestadas, principalmente nas proximidades de Carmo e da Cachoeira. Todavia, mesmo em locais privilegiados, as “pragas” do rio

Branco são bem mais suportáveis que seus concorrentes, estes do Amapá e do Purus (COUDREAU, 1887, p.240).<sup>222</sup>

Encontramos pela segunda vez Brown em seus relatos quando ele mencionou que em 1862, uma outra nação europeia havia posto os olhos em Aporema, rio que hoje pertence ao estado brasileiro do Amapá. Como estava de olho na região desse rio seguindo os interesses franceses, preocupado com a interferência dos ingleses, Coudreau foi à conferência franco-brasileira para definir os limites, e afirmou que:

A Inglaterra, vendo que esta terra não pertencia a ninguém, pensou naturalmente que devia ser dela. Ela imediatamente despachou o Capitão Brown para inspecionar Apurema e baixo Araguari. O capitão permaneceu vários meses no país. As melhores cartas da região devem ser encontradas hoje em Londres. A Inglaterra, no entanto, não estava feliz em seu empreendimento. O gabinete do Rio tinha uma mão mais rápida do que o de Saint-James. Apurema é colônia brasileira há vinte anos, colônia civil até hoje, mas logo uma colônia militar como veremos mais adiante. Estudaremos em outro lugar, em seu lugar, a atual organização política de Apurema. Apurema tem uma dúzia de fazendas com um total de seis a oito mil cabeças de animais com chifres e uma população de cem indivíduos (COUDREAU, 1887, pp.72-73).<sup>223</sup>

E na terceira vez que mencionou o viajante geólogo, Coudreau chama atenção pelo fato de Brown não ser lembrado pelos nativos por sua importante passagem e trabalho na Guiana Inglesa: “Por outro lado, nem um tuxaua, nem um pajé da região conservou a memória de Brown que, em 1871, explorou o país entre o alto Essequibo e o alto Corentyne” (COUDREAU, 1887, p.346).

Em sequência encontramos em Coudreau (1887) duas vezes o nome de Robert Schomburgk mencionado em seus relatos, o primeiro dele ocorre quando passou por

---

<sup>222</sup> Tradução Nossa. No original: Le voyageur anglais B. Brown (1860), prétend le contraire. C'est que ce voyageur remonta la rivière pendant l'été, en décembre. Il est évident que dans le chenal que les eaux se ménagent entre les plages de sable, il ne saurait y avoir beaucoup d'insectes. Mais si Brown était allé chasser sur les rives et quelque peu dans l'intérieur, il aurait, bien qu'il se trouvât alors en été, gardé au moins pendant quelques jours un cuisant souvenir de ces « pragas », qu'il représente comme n'existant qu'en quantité négligeable. Les carapanas, mosquitos et principalement les piôes, cessent à l'entrée de la région des campos qui en est complètement libre. Mais toute la région de la forêt vierge en est infestée, principalement aux environs de Carmo et de la Cachoeira. Toutefois, même dans ces endroits « privilégiés », les « pragas » du rio Branco sont encore bien plus supportables que leurs émules, ceux du Mapa et du Purûs (COUDREAU, 1887, p.240).

<sup>223</sup> Tradução Nossa. No original: L'Angleterre, voyant que ce terrain n'était à personne, pensa tout naturellement qu'il devait être à elle. Elle expédia incontinent un capitaine Brown faire la topographie de l'Apurema et du bas Araguay. Le capitaine resta plusieurs mois dans le pays (p.72). Les meilleures cartes de la contrée doivent se trouver aujourd'hui à Londres. Cependant l'Angleterre ne fut pas heureuse dans son entreprise. Le cabinet de Rio eut la main plus prompte que celui de Saint-James. L'Apurema est depuis vingt ans une colonie brésilienne, colonie civile jusqu'à ce jour, mais bientôt colonie militaire comme on le verra plus loin. Nous étudierons ailleurs, en son lieu, l'organisation politique actuelle de l'Apurema. L'Apurema compte une douzaine de fazendas possédant en totalité de six à huit mille têtes de bêtes à cornes et une population de cent individus (COUDREAU, 1887, pp.72-73).

várias fozes de afluentes na Guiana Inglesa, à direita, no Coudoui, Maraca, o Carichie e o Piriti e Je Baraka:

Paramos em uma cachoeira onde meus homens me mostram uma cabeça toscamente esculpida em uma rocha; foi Schomburgk quem fez seu retrato aqui, digamos os Atorai. O velho viajante é lendário do Essequibo ao Orinoco. 7 de dezembro. — Imprudente como um índio, navego agora à noite. Passamos por quatro corredeiras ao luar fraco. Acabamos perdendo o instinto de perigo e a noção de conservação. Hoje conto quatorze horas em uma canoa, de Schomburgk até a confluência do Tchipe Ouâ (COUDREAU, 1887, pp.345-346).<sup>224</sup>

Passando longa cadeia que fica ao sul do Urariquera que é povoada quase exclusivamente por Wapishana, em terras brasileiras na região do rio Branco, Coudreau menciona pela segunda vez Robert Schomburgk e o guia indígena que ganhou o seu nome: “É lá que mora, na Serra Taiana, um dos guias de Schomburgk, um índio que se entregou, e leva há quarenta e cinco anos, o nome do famoso viajante hanoveriano, seu antigo mestre”. (COUDREAU, 1887, p.396).<sup>225</sup>

Henri Coudreau (1887) afirmou que nenhuma dessas tribos da Guiana Inglesa falava a língua geral. Nesta parte da Guiana há um número bastante grande de mucambos ou refúgios para fugitivos, algo que ele e sua mulher Octavie Coudreau, sentiam preconceito e repulsa. Para o viajante a salvação se encontrava no homem mameluco que é mestiçagem do cruzamento entre o indígena e o branco, ele e sua esposa não gostavam e não confiavam nos negros e quilombolas, e eram contra a miscigenação desses principalmente com os indígenas.

Segundo Fernandes e Carvalho (2020), Coudreau chegou ao rio Branco em julho de 1884 e apresentou relatos que abordaram diversas questões pertinentes para se pensar a configuração desse espaço, em razão de que tratou de assuntos recorrentes em relatos anteriores e posteriores a sua estada no rio Branco. “Dentre essa tópica, se destaca a própria narrativa e os comentários que faz sobre a dificuldade de se chegar a essas terras; bem como sobre sua “vocação” para a criação de gado; as questões de litígio nas fronteiras e, especialmente, a representação que fornece sobre os povos com os quais manteve

---

<sup>224</sup> Tradução Nossa. No original: Nous nous arrêtons à une cachoeira où mes hommes me montrent une tête grossièrement diessinée à l'entaille sur un rocher; c'est Schomburgk qui a fait son portrait ici, disent les Atorradis. Le vieux voyageur est légendaire de l'Essequibo à l'Orénoque .7 décembre. — Imprudent comme un Indien, je navigue maintenant la nuit. Nous passons quatre rapides par un faible clair de lune. On finit par perdre l'instinct du danger et la notion de la conservation. Je compte aujourd'hui quatorze heures de pirogue, de Schomburgk au confluent du Tchipe Ouâ (COUDREAU, 1887, pp.345-346).

<sup>225</sup> Tradução do autor.

contato, em especial, com os Macuxi, Wapichana e os Atorai” (FERNANDES; CARVALHO, 2020, pp.142-143).

Em sua passagem na região do rio Branco se informou que dos cinco povoados, o de Nossa Senhora do Carmo sobrevivia com o nome de Boa Vista. Além disso:

A população de Boa Vista compõe se de brancos, mamelucos e índios que prestam serviços domésticos e trabalham para os brancos. Contei dois europeus em Boa Vista, o simpático José Campos, português, e um italiano, Salvatore Barone. Os outros brancos são amazonenses, paraenses e cearenses. (COUDREAU, 1887, 257).<sup>226</sup>

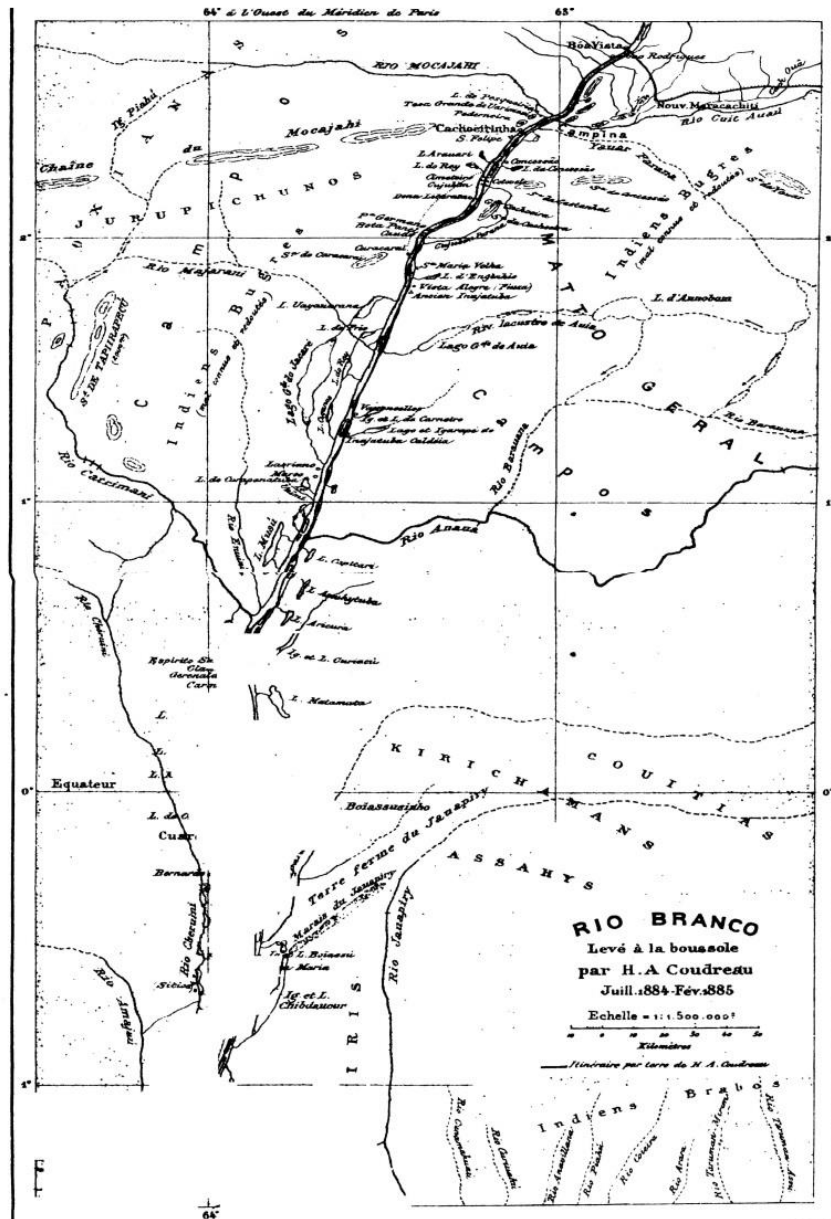
Em suas passagens pela cidade de Boa Vista e demais localidades na região do rio Branco no Brasil e na Guiana Inglesa, Coudreau (1887) observou que os Wapishana e Macuxi eram duas nações que viviam pacificamente lado a lado ou misturadas, embora fossem inimigas. Portanto damos sequência, com a próxima parte deste capítulo, nos atentando aos relatos das experiências vividas pelo viajante explorador francês com o povo indígena Macuxi em terras brasileiras.

---

<sup>226</sup> Tradução de: (CIDR, 1989, p.25).



Figura 18: Mapa completo do Rio Branco de Henri Coudreau



Fonte: (COUDREAU, 1886): "Voyage au Rio Branco aux montagens de la Lune"

Este mapa (Figura 18) se encontra logo no início do livro de Henri Coudreau "Voyage au Rio Branco aux montagens de la Lune" (1886), e que cujo autor pesquisando a bússola o traçou na sua viagem que durou de julho de 1884 a fevereiro de 1885. Neste mapa percebemos a presença de escala, do nome das terras, vilas, cidades, fronteiras, rios, aldeias e etnias indígenas, inclusive a localização dos rios onde estavam presentes os indígenas considerados bravos. Antes de sua chegada no rio Branco, teve a experiência de conviver com indígenas Macuxi.



Henri Coudreau (1887), viajou de Manaus a Boa Vista de Batelão que é uma categoria de barco exclusivo para transportar o gado, que podem levar de dez a trinta bois. Composto de oito a dez homens, quase sempre indígenas Macuxi do alto rio Branco, e um patrão. Coudreau, reparou que o gado na longa viagem emagrece consideravelmente ou morre em grande proporção, o barco só atracou uma vez de Boa Vista a Manaus. Mencionou o trabalho do indígena que cortava o capim (erva) para dar de comida aos bois. A tripulação do barco de Manaus para Boa Vista era composta de cinco indígenas que remavam. Os homens eram bem tratados: café da manhã, chá à noite, boa farinha, carne seca e cachaça (COUDREAU, 1887).

O viajante francês, também relatou maus tratos e castigo a indígenas Macuxi fugitivos durante sua viagem de Manaus à Boa Vista, onde ocorreram duas histórias de fuga, na primeira delas:

Um índio está foragido, ele roubou uma das duas montarias<sup>227</sup> a bordo. O chefe do barco, meu amigo José Thomé, perseguiu o engraçadinho dois dias e duas noites. O índio, após se perder entre os rios, não encontrou mais seu caminho e quase morrendo de fome neste deserto, à espreita da passagem do barco, que acabou por reencontrá-lo. José Thomé xingou o fugitivo, mas não bateu nele. Ele lhe disse simplesmente: “eu te executarei esta noite”. Após o jantar, um longo interrogatório iluminado por uma lâmpada de fumaça que deixava mais escura ainda a noite em nosso meio. Censuras severas, depois a execução. Um índio, este em que a lona de pagamento de seu trabalho foi roubada pelo fugitivo, se arma de um ferro de pá e bate nele com grandes golpes na mão do pobre diabo, que uiva de dor e se contorce, mas logo passa a lamentações desoladoras, quando José Thomé lhe inflige, com um ardor crescente, o cruel castigo (COUDREAU, 1887, p.242).<sup>228</sup>

Neste relato, notamos a minuciosa descrição de punição e torturas realizadas para correção, devido à fuga do indígena, logo após esse relato, Coudreau ficou frustrado, pois, mesmo após esses severos exemplos, no decorrer da viagem todos os indígenas a bordo fugiram, deixando ele o dono do barco apenas para se virarem para atingir o destino da viagem.

<sup>227</sup> Canoa ligeira, de um só madeiro, em geral escavada a fogo (na Amazônia brasileira).

<sup>228</sup> Tradução Nossa. No original: Un Indien est en fuite, il a volé une des deux montarias du bord. Le maître, mon ami José Thomé, se jette dans l'autre et poursuit le drôle deux jours et deux nuits. L'Indien, après s'être perdu dans les paranas, ne trouvant plus sa route et craignant de mourir de faim dans ces déserts, guette le passage du batelão, qu'il finit par rencontrer. José Thomé raille amèrement le fugitif, mais il ne le frappe pas. Il lui dit simplement : « On t'exécutera ce soir. » Après le dîner, sur l'avant, long interrogatoire à la lueur d'une lampe fumeuse qui fait plus noire encore la nuit obscure qui nous environne. Remontrances sévères, puis l'exécution. Un Indien, celui dont la toile qui paye son travail a été volée par le fugitif, s'arme d'un fer de bêche et en frappe à plat de grands coups dans la main du pauvre diable, qui hurle de douleur avec des contorsions pitoyables, mais bientôt passe à des lamentations déchirantes, quand José Thomé lui inflige à son tour, avec une ardeur croissante, le cruel châtime (COUDREAU, 1887, p.242).

Para Coudreau (1887) era grave o inconveniente para os donos da embarcação e passageiros das viagens nos barcos a fuga dos indígenas, algo comum, para o viajante francês o melhor tratamento era nada fazer, pois até a pior perspectiva não os assustava.

Após o indígena fugitivo ter recebido uns cinquenta golpes na mão com a pá, em seguida, “José Thomé atou suas mãos atrás das costas, colocou-lhe as algemas e o mandou se deitar nessa posição sobre uma tábua, de barriga pra baixo, na chuva. No outro dia, apesar de suas mãos doloridas e mortificadas ele segue junto, remando o barco com seus camaradas” (COUDREAU, 1887, p.243).<sup>229</sup>

José Thomé era branco, foi educado no Rio de Janeiro, e Coudreau (1887) não o considerava cruel. Ele pensava que convinha um gênero especial de penalidade para cada erro de comportamento dos indígenas.

Sobre a planta dos pés do fugitivo e sobre as costas lhe aplicaram até cem golpes de ferro de pá, com refinamento que colocou o infeliz na impossibilidade de caminhar por mais de quinze dias. O índio podia trabalhar, mas ele não podia mais fugir pelos campos (COUDREAU, 1887).

Na outra história de fuga indígena contada por Coudreau, faltava um pouco mais de um mês e meio antes do barco chegar a Boa Vista. A tripulação que era composta por cinco indígenas era bem tratada, com café da manhã, chá à noite, boa farinha, carne seca, cachaça e carne de caça que Coudreau e José Thomé dividiam com eles. Com isso:

Uma noite, após uma temível caçada na chuva, nós dormimos profundamente. Dois macuxis, se aproveitaram das circunstâncias para fugir. Um deles era uma espécie de bruto, um ser estúpido; o outro, um menino gracioso, doce, sorridente, amável, inteligente e submisso. Os dois pareciam satisfeitos, contentes de sua sorte. Um dormia, o outro ficava acordado para prevenir seu companheiro quando a hora chegava. A meia noite, eles entraram na barraca, onde José, eu e um macuxi dormíamos. Os dois fugitivos se encheram de pacotes de pano que constituíam seu pagamento (um pagamento verdadeiramente generoso), roubaram farinha, queijo, biscoitos, tabacos e utensílios de roça, conversaram longamente a voz baixa com o terceiro macuxi bebendo nossa cachaça, fazendo um chibé<sup>230</sup>, um cigarro, depois os ladrões presentearam seu compatriota com biscoitos que ficou porque não poderia retirar seu baú sem nos acordar, e os dois engraçados partiram depois de dar adeus ao amigo que os encarregou das comissões para a maloca (COUDREAU, 1887, p.243).<sup>231</sup>

---

<sup>229</sup> Tradução do autor.

<sup>230</sup> Bebida feita com farinha, jajuba, ticuara e tiquara.

<sup>231</sup> Tradução Nossa. No original: Une nuit, après une chasse pénible sous la pluie, nous dormîmes profondément. Deux Macuchis profitèrent de la circonstance pour s'enfuir. L'un d'eux était une espèce de brute, un être stupide; l'autre, un garçon de mine avenant, «doux, souriant, aimable, intelligent et soumis. Tous deux /paraissaient satisfaits, contents de leur sort. L'un dormit, l'autre, resta éveillé pour prévenir son compagnon quand l'heure serait venue. A minuit, ils pénétrèrent sous la tolde où José, moi et un Macuchis,

Cansados da caçada na chuva, dormiram um sono muito pesado. Coudreau acusou os indígenas Macuxi fugitivos de roubo, com isso continuaram a viagem tristes. No dia seguinte, o terceiro Macuxi, que não havia conseguido fugir, contou tudo, com a maior naturalidade do mundo, e os colocou a par das particularidades do projeto de fuga de seus amigos:

O complô foi elaborado dias antes, o Macuxi em questão, sabia tudo, e neste caso, um índio não trai outro índio, à menos que seja de uma tribo diferente. A dissimulação e a placidez são características distintas em um índio. Os fugitivos sabiam que seriam provavelmente presos e punidos (e eles foram), que José Thomé, após lhes encontrar não conseguiria recuperar o que foi roubado, eles sabem o quanto isto lhes custara, eles são bem nutridos e bem tratados a bordo, porque eles fogem, violando as regras, deixando o barco na quase impossibilidade de continuar a viagem? (COUDREAU, 1887, p.244).

Além disso, o Macuxi denunciador os explicou que a fuga e o roubo só foram possíveis porque eles se entediam a bordo, se fossem de etnias e línguas diferentes isso talvez não teria acontecido. Coudreau (1887, 1886) afirmou que a fuga de dois indígenas não era nada, por muitas vezes acontecia de toda tripulação fugir, deixando o patrão sozinho, em uma região deserta, com o barco carregado de gado ou de mercadorias. Era impossível obter uma penalidade qualquer contra os miseráveis indígenas referidos pelo viajante, pois: “Se o fazendeiro na ingenuidade procurar as autoridades, eles lhe responderão com o cliché conhecido: Os pobres selvagens, não sabem o que fazem e estão mais para o compadecimento do que para a censura” (COUDREAU, 1887, p.244).<sup>232</sup>

Ainda sobre o trabalho que se realizava nos batelões que transportavam gado: “Os indígenas não gostavam muito de trabalhar nas viagens de batelões para os brancos, estimam que vinte mil réis (quarenta francos) por três meses de trabalho não constituem uma remuneração suficiente” (FARAGE, 1995, p.7). Em contrapartida os indígenas iam trabalhar nas vilas: “Mas vão sem repugnância trabalhar em Boa Vista ou nas vizinhanças, tirar e cortar a madeira, auxiliar na calafetagem dos batelões, construir casas. Estão vestidos, mas se dão frequentemente o prazer de esquecer que são civilizados”

---

dormions. Les deux fugitifs s'emparèrent des paquets de toile qui constituaient leur paiement (un paiement véritablement généreux), volèrent de la farinha, du fromage, des biscuits, du tabac, des outils pour la culture de la roça, causèrent longuement à voix basse avec le troisième Macuchi, burent ensemble notre cachaça, firent un çhib'é, une cigarette, puis les voleurs firent présent de quelques biscuits à leur compatriote, qui restait parce qu'il n'aurait pu retirer sa malle sans nous néveifief, et les deux drôles partirent après avoir fait leurs adieux à lami qui les chargea de commissions pour la maloca (COUDREAU, 1887, p.243).

<sup>232</sup> Tradução do autor.

(COUDREAU, 1887, p.264).<sup>233</sup> Sobre isso na opinião de Farage (1995, p.7): “H. Coudreau assim resume a situação sociológica a que assiste”.

Concordamos com Fernandes e Carvalho (2020, p.146) que: “Presume-se que em ambas as ocasiões o desfecho dos episódios ocorre com os castigos impostos aos fugitivos, uma vez que eram tratados numa condição de subalternidade próxima da escravidão”. Coudreau apontava em seus relatos o indígena como belo, bom, importante, trabalhador e em outros momentos como interesseiro, ladrão, miserável, pobre selvagem, vagabundo, traidor etc.

A narrativa de Coudreau em representação aos indígenas com adjetivos bastante desqualificativos, não difere tanto dos viajantes na Amazônia do século XIX, embora Fernandes e Carvalho (2020) afirmaram que suas vivências tenham demonstrados outras práticas. Coudreau no seu livro, “La France Équinoxiale: Voyage a travers les Guyanes et l’Amazonie”:

parece reunir as condições de felicidade para se tornar um texto importante em termos historiográficos, sociológicos, políticos, culturais e literários, em razão de que contém elementos que podem ajudar a aprofundar e, por conseguinte, a melhorar a compreensão sobre o homem e a paisagem do vale do rio Branco, senão também sobre as relações sociais mantidas pelas estruturas do poder local (FERNANDES; CARVALHO, 2020, pp.153- p.154).

Na serra Pelada na região do rio Branco, Coudreau (1887) encontrou Pepena, tuxaua dos Macuxi do rio Tacutu, que andava infeliz, com isso certa vez, anunciou solenemente ao comandante do forte de São Joaquim que toda a tribo dos Arecuna ia se revoltar. Com isso marcharam, a pé e a cavalo, contra a tribo rebelde e não encontraram nenhum indígena guerreiro armado. Devido ao pânico que causou, o tuxaua Pepena pagou por algumas semanas com vinha. “Desde então, seus índios tornaram-se mais civilizados, esqueceram-se da obediência, suas filhas começaram a calçar botas e praticar a indústria muito civilizada da prostituição” (COUDREAU, 1887, pp.255-256).<sup>234</sup>

Nessa época o forte São Joaquim não desempenhava mais nenhuma função. “Ficam ainda um sargento e quatro soldados enquanto as construções, que nunca chegaram a ser completadas, estão totalmente abandonadas. Só um barracão e uma casa coberta de palha são utilizados e, periodicamente, são alongados durante o inverno” (CIDR, 1989, p.25).

---

<sup>233</sup> Tradução de Nádya Farage (1995, p.7).

<sup>234</sup> Tradução do autor.

Relatou também sobre o contato dos ingleses com a prática de troca entre os Macuxi e Wapishana por puro espírito de propaganda, Coudreau (1887) observou que estes indígenas obtiveram apenas uma espingarda de um único tiro, no valor de vinte francos, em troca por dois meses de trabalho. Segundo Nádía Farage (1995, p.13):

Em 1884, data de sua viagem ao Rupununi, Coudreau comentava o temor brasileiro de invasão insidiosa dos ingleses na fronteira, à época objeto de disputa entre Brasil e Inglaterra. Ledo engano - ponderava Coudreau -, na região do Rupununi viviam apenas dois ingleses, cujo interesse era a mão de obra indígena, antes que o aliciamento da população com vistas à anexação territorial.

Um dos homens era James Percy, em Duruwow, que Coudreau (1887) caracterizava como um velho bom e muito bêbado, cuja obsessão era “produzir o maior número possível de filhos em cada uma das tribos vizinhas. Ele tem doze que reconheceu e adotou, tem mães de Wapishana, Atorai, Macuxi, Paochiano e Negra. É sua própria maneira de fazer propaganda pela ação” (COUDREAU, 1887, p.272).<sup>235</sup>

Os Macuxi, os Wapishana e os Atorai<sup>236</sup> na fronteira eram muito menos civilizados do que os das margens do rio Branco, reforçando a sua crítica ao péssimo relacionamento dos ingleses com estes povos indígenas, Coudreau diz que: “As duas casas inglesas de Rupununi me parecem muito mais preocupadas em pagar o mínimo possível a seus índios do que ensiná-los a arranhar a linguagem de Shakespeare e fetichizar a religião de Sua Graciosa Majestade (COUDREAU, 1887, p. 272).<sup>237</sup>

As mais importantes aldeias Macuxi encontravam-se na curva interior do rio Tacutu, nas serras do Tucano e Cuandu, onde Coudreau (1887) afirmou ter visto muitos Macuxi como em todas as outras aldeias juntas. Referiam-se a eles como selvagens e meio ferozes. Nesse passo as duas casas inglesas do Rupununi tinham alguns deles a seu serviço, mas eles não entendiam inglês. A aldeia de “Cuandu fica oito dias de canoa acima do forte de São-Joaquim, subindo o rio. A montanha é muito rica em madeiras preciosas.

---

<sup>235</sup> Tradução do autor.

<sup>236</sup> Não se encontra estabelecido se seriam os Atorai e Mapidiana povos em estreita relação cultural e linguística com os Wapishana, ou de sub-grupos destes últimos. Certo é que, por volta da década de quarenta, os etnônimos Atorei e Mapidiana já estariam em desuso, o que levou alguns autores a inventar a hipótese de que estes grupos haveriam-se incorporado aos Wapishana (A. Colson, 1962:85; E. Migliazza, 1980:119-120). Inclino-me, no entanto, a subscrever a posição da J. Forte e L. Pierre (1990:4), que entendem haver o etnônimo Wapishana se estendido aos Atorai no leste do alto rio Branco e no rio Tacutu, mantidas as variações linguísticas que os separavam dos Wapishana no rio Uraricoera. No presente texto, estarei tomando estas etnônimos enquanto unidade (NÁDIA FARAGE, 1995, p.1).

<sup>237</sup> Tradução do autor.

Apenas um fazendeiro do Rio Branco foi buscar nela para a construção de seu batelão” (COUDREAU, 1887, p.395). Outros fazendeiros não se atreviam, por medo de indígenas desonestos.

Segundo Nádia Farage (1995) existiam três palavras que simbolizavam o trabalho compulsório dos indígenas, vindo da lógica patronal que Henri Coudreau concordou e relatou:

"Pão, panno e páo" - dizia o provérbio local registrado por H. Coudreau (1887.IX:326) - era de que necessitavam os índios, desvelando a naturalização, à época, do fato do trabalho compulsório. Com efeito, a julgar pela crônica, não faltava qualquer dos três ingredientes nas relações de trabalho que então se estabeleciam com os índios (FARAGE, 1995, p.11).

Ainda segundo Farage (1995) o discurso de Coudreau não escapou à lógica patronal da obrigatoriedade do trabalho indígena: “Os bons tratos, as boas pagas, a humanidade não surtem qualquer efeito sobre ele. Toma por fraqueza por parte dos brancos. Mas é bastante sensível às demonstrações de força, estas são seu único motor” (COUDREAU, 1886, p. 78).<sup>238</sup>

Os Macuxi, no início do século, eram famosos por suas flechas envenenadas, quando Coudreau esteve entre eles vários as abandonaram por armas de fogo (rifle). “Acima dos Macuxi de Amajari a Mazanaruni, e principalmente no Roraima onde seria seu centro principal, vivem os Arecuna, tribo aparentada dos Macuxi” (COUDREAU, 1887, p.395).<sup>239</sup>

Sobre a população e os locais que habitam: “Os Arecuna, que são quase tão numerosos quanto todos os Macuxi juntos, têm apenas um tuxaua, Ignacio, que tem sua maloca e um igarapé no baixo Amajari. São donos do Parime, do Maruaye e do alto Surumu” (COUDREAU, 1887, p.396).<sup>240</sup> É curioso notar que, além dessa tutela, são as tribos que civilizam mais rapidamente que também desaparecem mais rapidamente. A expressão “tutela inteligente” na opinião de Nádia Farage (1995, p.11):

ocorre no discurso de Coudreau desvinculada da figura jurídica que naquele momento, mal se esboçava na legislação indigenista brasileira. Ao contrário, a referência de Coudreau é o missionamento jesuítico no Paraguai (COUDREAU,1888, p.76), referência que, no contexto laico a que o cronista

---

<sup>238</sup> Traduzido por: Nádia Farage (1995, p.11).

<sup>239</sup> Tradução do autor.

<sup>240</sup> Ibidem.

aplica a noção de tutela, circunscreve o campo de sua intervenção, qual seja o trabalho.

Os Wapishana na opinião de Coudreau (1887) civilizaram-se mais rápido que os Macuxi. Gostavam de ensinar seu dialeto aos civilizados, muitos deles falavam português, já os Macuxi eram mais rebeldes à disciplina da civilização. Além disso: “Os Wapishanas eram, há um século, a tribo mais importante do rio Branco. Os Macuxi, ao contrário, são muito mais numerosos hoje do que no século passado. Formam a maior tribo da região, podemos contar três ou quatro mil” (COUDREAU, 1887, pp.400-401). Notamos o destaque aos Wapishana como a tribo mais famosa da região entre o rio Branco e a Guiana Inglesa por colaborarem com os brancos civilizados. Coudreau, mesmo considerando os Macuxi rebeldes e indolentes, não deixou de destacar a superioridade numérica deles.

Segundo Fernandes e Carvalho (2020), o início da narrativa de Coudreau nos campos do rio Branco seu estado de saúde foi exposto, tendo sido acometido da doença de malária por três meses, período em que esteve preso em “uma sombria prostração, as vezes agitado pelas super excitações da febre, passando da atonia do desespero a um barulhento delírio, beirando a demência” (COUDREAU, 1887, p. 261).<sup>241</sup> Nessas ocasiões, pensou sobre os indígenas que, em sua concepção, queriam apenas ajudá-lo a morrer para roubarem suas bagagens (COUDREAU, 1887). Depois desse período, acrescentou:

Quando eu voltei a mim, eu estava em uma maloca vazia, o sol estava alto, eu tinha frio, uma velha índia, grande e magra, estava em pé perto da minha cama, me cantando a canção do pajé, a canção que faz curar. Os indígenas que compunham a sua expedição o haviam abandonado, deixando aos cuidados de “Mascounan”: a velha, a grande mãe” (COUDREAU, 1887, p. 293).<sup>242</sup>

Na sequência, ele narrou como teve de voltar sozinho para Malacacheta (aldeia malacacheta), sem dinheiro e nada para trocar, com uma rede nos ombros, uma faca e um pedaço de cassabe<sup>243</sup> no bolso, abraçou Mascounan, e teve vontade de chorar. Na viagem, pensou no azar e felicidade (FERNANDES; CARVALHO, 2020).

Quando chegou à maloca na aldeia da Malacacheta, que é próxima a Boa Vista, não encontrou mais sua equipe, “a maior parte havia se dispersado, fosse nas fazendas, fosse nas malocas” (COUDREAU, 1887, p. 300). No entanto, encontrou todas as suas malas, na casa do João, intactas, onde nenhum pacote faltou na sua bagagem (FERNANDES;

<sup>241</sup> Tradução do autor.

<sup>242</sup> Traduzido por: (CARVALHO; FERNANDES, 2020, pp.152-153).

<sup>243</sup> Pão de mandioca.

CARVALHO, 2020). Ficou surpreendido pelo acolhimento dos Wapishana que demonstraram a ele uma alegria que acreditou ser sincera. Como resposta ao fato de o terem deixado sozinho obtém a seguinte explicação: “Nós te abandonamos porque achamos que você ia morrer e não queríamos ser acusados de matar você. Todo povo tem seu costume” (COUDREAU, 1887, p. 300). Sobre as acusações e desconfianças de como Coudreau representou nesta pequena passagem os indígenas concordamos com Carvalho e Fernandes (2020, p.153): “podemos perceber as representações com que esse viajante foi compondo a imagem dos indígenas: taxados, primeiramente, como ladrões, que somente queriam pilhar suas bagagens, ele teve de voltar atrás e reconhecer o fato de tê-las encontrado intactas”.

Relatou sobre o cotidiano e os perigos que viveu nos campos da aldeia Malacacheta, como quase perdeu a vida quando se afogou em duas ocasiões: “Quase me afoguei ali uma vez, neste Cuit Auau, e sem o tuxaua Luc, que me trouxe de volta inerte à praia, sem dúvida eu teria morrido. No entanto, este afogamento foi menos completo do que o meu primeiro no porto de Caiena” (COUDREAU, 1887, p.270).

Segundo Fernandes e Carvalho (2020, p.149): “Felizmente, acabou sendo salvo por seu “amigo Luc”, tuxaua daquela comunidade. Segundo avalia o viajante, o tuxaua merecia uma medalha pelo feito. Na conclusão desse episódio, afirmou, em tom jocoso”, que:

No meu terceiro afogamento, nadarei perfeitamente. No entanto, após o incidente envolvendo meu amigo Luc, a quem aqui dou uma medalha salvavidas, tive o cuidado de não embarcar em canoas superlotadas destinadas à navegação de um rio cheio de madeira caída. Esta lição me custou todos os meus remédios e todos os meus instrumentos de precisão, exceto um relógio e uma bússola (COUDREAU, 1887, p.270).<sup>244</sup>

Sobre o caxiri, bebida fermentada das comunidades indígenas, Coudreau (1887) descreveu primeiramente como um licor de festa que uma bebida refrescante que os indígenas a bebem constantemente e a têm sempre na maloca como o seu vinho e sobre a sua função e efeito:

Quando organizamos uma festa, o caxiri é feito em um enorme tronco oco, de três a quatro metros de comprimento e quase um metro de diâmetro. Este barril

---

<sup>244</sup> Tradução Nossa. No original: A ma troisième noyade je nagerai parfaitement. Toutefois après l'incident de mon ami Luc, à qui je décerne ici une médaille de sauvetage, je pris garde à ne plus m'embarquer dans des pirogues trop chargées, destinées à la navigation d'une rivière encombrée de bois tombés. Cette leçon me coûta toute ma pharmacie et tous mes instruments de précision, sauf une montre et une boussole (COUDREAU, 1887, p.270).



primitivo é o principal móvel da casa. Caxiri é a poesia da vida indígena. É amor, ódio, entusiasmo e esquecimento. É embriaguez. Juro pelo céu, ou qualquer outra coisa no lugar do céu, que não tive preconceitos nem escrúpulos. (COUDREAU, 1887, p. 273).<sup>245</sup>

Segundo Fernandes e Carvalho (2020), parece que ele não entendeu o apreço dos indígenas por essa bebida, embora tenha percebido a sua importância:” (COUDREAU, 1887, p. 273). Provavelmente, a forma de prepará-lo foi demais para esse viajante, o que lhe causou repulsa: “esta operação de mastigamento pelas fêmeas é realmente nojenta. Não há nada de reconfortante ver cuspir em uma panela uma velha selvagem desdentada, a bebida que se tem o descaramento de se lhe oferecer logo em seguida” (COUDREAU, 1887, p. 290-291).<sup>246</sup> “No entanto, parece ter se lastimado em não conseguir apreciar a bebida, principalmente em momentos necessários, quando, por exemplo, se viu tendo que realizar uma viagem sozinho e doente” (FERNANDES; CARVALHO, 2020, p.151): “eu sinto de não poder me habituar ao caxiri” (COUDREAU, 1887, p. 274).

Segundo Fernandes e Carvalho (2020), Coudreau, após os seus dias de errância reafirmou aquilo que já tinha se tornado verdadeiro nas narrativas de viagens sobre o rio Branco desde, pelo menos, Ribeiro de Sampaio (1777): “pode um dia, alimentar de gado todo o Brasil do Norte. É o campo do rio Branco” (COUDREAU, 1887, p. 271). Tanto os indígenas Macuxi como Wapishana foram muito importantes com a mão de obra referente ao trabalho com o gado na região do rio Branco.

Sáimos da região da savana entre o povo Macuxi, para adentrarmos a floresta junto dos relatos sobre o povo Wai Wai, cuja etnia Henri Coudreau e sua esposa Octavie, após Robert Schomburgk e Barrington Brown, são lembrados entre os primeiros a relatar nos livros da literatura de viagens e viajantes.

### **3.4 Relatos de Henri Coudreau sobre os indígenas na região do rio Branco e na Guiana Inglesa e sobre os Wai Wai**

Em “Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au haut Trombetta (mai 1884—avril 1885)”, Henri Coudreau (1886, p.120), devido as suas investigações, fez classificações etnográficas sobre os indígenas da Guiana que formavam: “sociedades

---

<sup>245</sup> Tradução Nossa. No original: Quand on organise une fête, le cachiri est fait dans un énorme tronc d'arbre creusé, qui a de trois à quatre mètres de longueur sur près d'un mètre de diamètre. Ce tonneau primitif est le principal meuble de la maison. Le cachiri, c'est la poésie de la vie indienne. C'est l'amour, la haine, l'enthousiasme et l'oubli. C'est l'ivresse. J'atteste le ciel, ou tout ce qu'on voudra à la place du ciel, que je n'avais ni préjugés ni scrupules (COUDREAU, 1887, p.273).

<sup>246</sup> Tradução do autor.

rudimentares sem subordinação ou centro de autoridade, sem órgãos ou funções especializadas separadas, imóveis e como se congelados na homogeneidade embrionária. Entre esses índios, a propriedade não existe”.<sup>247</sup>

Ainda mais que, o viajante se referia à apropriação individual dos indígenas da região da Guiana, reduzida às necessidades básicas da natureza, como uma casa de madeira e palha, uma planta de mandioca, caça e pesca. Forneciam as necessidades (COUDREAU, 1886). Na maioria das vezes as cabanas ou malocas (casa de madeira ou palha) não duravam muito, especialmente quando o pai indígena da morada morria:

a cabana (a décima quinta que ele construiu, já que dura apenas três anos) é abandonada, queimada e as crianças vão fazer outra. As roupas que pertenciam ao falecido, seus ornamentos, caça e equipamento de pesca são enterrados com ele ou destruídos. A hereditariedade sem nada para legar não existe. E isso vale tanto para os índios civilizados quanto para os selvagens (COUDREAU, 1886, p.120).<sup>248</sup>

O viajante afirmava que a ausência de propriedade impedia a formação de um agregado social e qualquer progresso. Além disso Coudreau (1886) culpava o clima, a riqueza de uma terra imensa e deserta e o temperamento indiferente do indígena, eram as causas da bizarra situação econômica e social dessas pessoas. Demonstrava-se preocupado com a indiferença dos indígenas com mundo capitalista e, no decorrer de suas expedições, vangloriava os indígenas selvagens e criticava os civilizados por considerá-los mais interesseiros.

Coudreau (1886), não considerava que entre os indígenas da Guiana existisse divisão do trabalho para ele, todos caçavam, pescavam, cultivavam sua roça, construíam suas cabanas, cortavam e costuravam suas roupas quando tinham lona. O viajante não pesquisou e mencionou com minúcia a divisão do trabalho entre homens e mulheres, porque os considerou bastante dissolvidos.

Destacou os indígenas que trabalhavam com os brancos, que moravam nas cidades e que, ao final do trabalho, retornavam à maloca e não mudavam em nada para o hereditário costume indígena:

Eles poderiam ter uma causa melhor, adoçar sua dieta, cultivar para vender, estocar em dias ruins, entrar em alguma indústria: nada, a preguiçosa poesia da

---

<sup>247</sup> Tradução do autor.

<sup>248</sup> Tradução Nossa. No original: la case (c'est la quinzième qu'il a construite, puisqu'elles ne durent guère que trois ans) est abandonnée, brûlée, et les enfants vont en faire une autre. Le vêtements qui appartiennent au défunt, ses parures, les engins de chasse et de pêche sont enterrés avec lui ou détruits. L'héritage n'ayant rien à léguer n'existe pas. Et cela est ainsi aussi bien chez les Indiens civilisés que chez les sauvages (COUDREAU, 1886, p.120).

avie indígena, reforçada com eles pelo poderoso instinto ancestral, subjugará-los e viver selvagens com a frente, no jardineiro da civilização com calça e camisa (COUDREAU, 1886, p.120).<sup>249</sup>

Dentre suas generalizações, mencionou que o idioma e os adornos são todos diferentes entre os povos indígenas. “Eles oferecem tanta diferença entre eles quanto as nações europeias. “Um Wapishana difere mais de um Maopidiano do que de um francês, de um espanhol ou de um inglês e de um russo” (COUDREAU, 1886, p.121).<sup>250</sup>

O caçador não se torna repentinamente fazendeiro, historicamente há uma fase intermediária, o trabalho escravo. Ainda, segundo Coudreau (1886), trabalho escravo pressupõe o desenvolvimento de um certo aparato militar, no entanto, esse desenvolvimento foi impossibilitado com a aproximação dos brancos:

É por falta do desenvolvimento normal de um estado de guerra secular que os índios da Guiana são, entre todos os seus pares, tão poucos em número, tão dispersos, tão carentes de civilização original, até rudimentares. O progresso feito pelas tribos guerreiras do centro do continente é, de fato, incomparavelmente mais considerável (COUDREAU, 1886, p.122).<sup>251</sup>

Mas desde a conquista, em nenhum lugar os índios progrediram, exceto com um regime apropriado. Para Coudreau (1886), o regime social mais adequado aos índios foi o da tutela inteligente, feita pelos jesuítas no Paraguai. Nesse passo, destacou os Wapishana como o povo indígena que se civilizou mais rápido que os Macuxi. Eles gostavam de aprender línguas com pessoas civilizadas, muitos deles falavam português. Já os Macuxi não gostavam de ensinar aos brancos sua língua, os consideravam insolentes e insubordinados (COUDREAU, 1886).

As nações mais próximas dos brancos, foram consideradas pelo viajante como as mesmas que desapareceram, “incapazes de se adaptar à ordem das coisas novas, impedidas de seguir seu antigo modo de vida, incapazes de se transformar em tão pouco tempo, estão mortos” (COUDREAU, 1886, p.121).<sup>252</sup>

---

<sup>249</sup> Tradução Nossa. No original: Ils pourraient avoir une cause meilleure, adoucir leur régime alimentaire, cultiver pour vendre, faire des provisions pour les mauvais jours, s’adonner à quelque industrie: rien, la paresseuse poésie de l’avie indienne, renforcée chez eux du puissant instinct ancestral, les subjugué et ils vivent en sauvages comme devant, ne gardant de la civilisation que la pantalon et la chemise (COUDREAU, 1886, p.120).

<sup>250</sup> Tradução do autor.

<sup>251</sup> Tradução Nossa. No original: C’est faute du développement normal d’un séculier état de guerre que les Indiens de Guyane sont, entre tous leurs pareils, si peu nombreux, si disséminés, si dépourvus de civilisation originale, même rudimentaire. Les progrès accomplis par les tribus guerrières du centre du continent sont, en effet, incomparablement plus considérables (COUDREAU, 1886, p.122).

<sup>252</sup> Tradução do autor.

Além disso, em seu relato sobre os povos indígenas, deu exemplo de que aqueles que mais cresceram na região do rio Branco e na Guiana Inglesa estão entre os que mais desapareceram, como em: “Os Wapishana foram há um século, a tribo mais importante do Rio Branco, hoje são quase mil. Os Macuxi, pelo contrário, são muito mais numerosos hoje do que no século passado. Eles formam a tribo mais importante do país, pode-se contar três ou quatro mil” (COUDREAU, 1886, p.122).<sup>253</sup>

Na época em que passou pela região do Mapuera mencionou os recentes povos indígenas, Wai Wai, como bem constituídos e saudáveis e que a média do estado de saúde deles era muito melhor do que a dos europeus. Comentou também que as mulheres Taruma eram muito pequenas e pareciam crianças (COUDREAU, 1886).

Ainda entre os Taruma, relatou que existiam “muitos aleijados desde o nascimento: coxos, cegos, com visão ruim. Eles cuidam pouco de seus pacientes e seus médicos, pajés, em casos leves, não fazem curas maravilhosas” (COUDREAU, 1886, p.122).<sup>254</sup>

Todos os indígenas do sul da Guiana, exceto os que se diziam civilizados, estavam abrigados acima das cachoeiras, na época da visita de Coudreau (1886), que não conhecia uma única exceção a esta regra, pois eles fugiam dos civilizados que os perseguiram, sem sempre ter sucesso.

Alguns desses povos indígenas se refugiaram no centro das florestas virgens, longe de qualquer rio de qualquer importância. “Foi especialmente na época da Cabanagem do Pará, em 1837, que vários índios comprometidos na revolução se retiraram para o interior, onde formaram grupos hostis aos brancos, grupos hoje transformados pela adição dos índios do país” (COUDREAU, 1886, p.123).<sup>255</sup>

Sobre a densidade populacional da região do rio Branco ao Tacutu e de Au Cuit, Henri Coudreau (1886, p.123). afirmou:

É difícil ter uma ideia exata da baixa densidade populacional da região. Fiz uma estatística para uma grande área, mais ou menos como um departamento francês. De Rio Branco a Takutu, e de Au Cuit em Cochade contamos, com uma área de cerca de 4.500 quilômetros quadrados uma população de 300 habitantes, ou 1/15 de habitantes por quilômetro quadrado. A média geral certamente não deve exceder esse número, que traria a população indígena total da região entre Rio Branco, Oyapock, Atlântico, Amazônia e cadeia de

---

<sup>253</sup> Tradução do autor.

<sup>254</sup> Ibidem.

<sup>255</sup> Ibidem.

compartilhamento, regiões que medem cerca de 300.000 quilômetros quadrado, até 20.000 indivíduos (COUDREAU, 1886, p.123).<sup>256</sup>

Além disso, relatou a população como extremamente dispersa, onde as maiores aldeias não passavam de dez cabanas. Outra característica prevista por Coudreau (1886, p): “O índio é extremamente egoísta, que é acompanhado apenas por extrema premeditação. Cada um para si, a vida é difícil, ai de quem não sabe prover. Além disso, ele sofre de privação e nunca reclama. Ele não conhece piedade, dor moral, nem tédio” (COUDREAU, 1886, p.123).<sup>257</sup> Reconheceu também o indígena como indiferente ao amor e capaz de alimentar um projeto por meses inteiros, sem deixar que nada apareça.

Nesse passo, além dessas, fez outras sérias acusações morais aos indígenas, em Voyage au Rio Branco. Com este gesto, revelou a sua identificação com o pensamento racista do século XIX e de sentimento de superioridade eurocêntrico. Conforme as variações do seu estado de humor, destilava pesadas críticas generalizadas, taxando o índio como vingativo:

Ele nunca diz antecipadamente o que vai fazer, quase sempre age sem dizer nada e, quando é forçado a falar, se é, por exemplo, seu servo, pelas coisas mais extraordinárias, só o notificará quando você agir. Essas podem ser qualidades no estado de guerra, mas falhas anti-sociais no estado de paz. Vamos acrescentar que os índios são vingativos. Entre eles, eles se assassinam com muita frieza, quase sempre por traição. O índio dificilmente é suscetível de apego ou reconhecimento (COUDREAU, 1886, p.123).<sup>258</sup>

Para o viajante, não se podia esperar muito dos indígenas por bons tratamentos e pagamentos, pois estes tomavam isso como gestos de fraquezas do homem branco. Por outro lado, eram muito sensíveis a demonstrações de força, único gesto reconhecido de responsabilidade (COUDREAU, 1886). Apesar das demonstrações de amizade,

---

<sup>256</sup> Tradução Nossa. No original: Il est difficile de se faire une idée exacte de la faible densité de la population de la contrée. J’ai fait une statistique pour une étendue grande à peu près comme un département français. Du Rio Branco au Takutu, et du Cuit Auau à la hauteur de Cochade on compte, sur une superficie d’environ 4500 kil. carrés une population de 300 habitants, soit 1/15 d’habitant au kil. carré. La moyenne générale ne doit certainement pas dépasser ce chiffre, ce qui porterait la population indigène totale de la contrée comprise entre Rio Branco, Oyapock, Atlantique, Amazone et chaîne de partage, contrées qui mesurent environ 300,000 kil. carrés, à 20,000 individus tout au plus (COUDREAU, 1886, p.123).

<sup>257</sup> Tradução do autor.

<sup>258</sup> Tradução Nossa. No original: Il ne dit jamais à l’avance ce qu’il va faire, il agit presque toujours sans rien dire, et, quando il est obligé de parler, s’il est, par exemple, votre domestique, por le choses les plus extraordinaires, il ne vous avertira qu’au moment même d’agir. Ce sont là peut-être des qualités dans l’état de guerre, mais des défauts anti-sociaux dans l’état de paix. Ajoutons que les Indiens sont vindicatifs. Entre eux, ils s’assassinent très bien froidement, presque toujours par trahison. L’Indien n’est guère susceptible d’attachement ni de reconnaissance (COUDREAU, 1886, p.123).

descreveu os indígenas de agirem com frieza e amistosidade, pois dificilmente percebia revelarem seus sentimentos:

Eles são muito frios. Boas pessoas que, meia hora depois, me dominaram com demonstrações de amizade, quando chegaram à cabana onde permaneceram imóveis, mudos, fazendo exatamente como se não me vissem. E, no entanto, durante quatro horas eles foram informados da minha chegada e, durante duas semanas, estavam esperando por mim, e finalmente me viram muito bem quando entraram. Mas é prática descansar um pouco antes de iniciar uma conversa (COUDREAU, 1886, p.124).<sup>259</sup>

Além disso, enxergava os indígenas como discretos, pois só passavam suas informações aos poucos, depois de conhecerem, sentiam inveja de seus segredos que não gostavam de revelar e eram sérios. Ainda sobre isso: “Eles riem com vontade e contam histórias uns aos outros, mas nunca, nem uma vez, eu os ouvi brigar, ficar com raiva e muito menos vê-los brigando. Eles se matam, mas silenciosamente, calmamente. Para eles, nada é dramático” (COUDREAU, 1886, p.124).<sup>260</sup>

Para o viajante os indígenas também eram obstinados, quando eles tinham em mente fugir, nada podia impedi-los. Além disso, em sua passagem pelo rio Branco e a Guiana Inglesa, elogiou os indígenas selvagens, mesmo os reconhecendo como orgulhosos, deu a entender que são mais fáceis de lidar que os indígenas civilizados. Outra característica tratada por Coudreau foi a poligamia entre os indígenas e a justificativa do fato de muitas vezes terem o hábito de possuírem mais de uma esposa:

Na maioria das tribos, existem indígenas com duas ou três esposas, geralmente irmãs. Quando eles não as querem mais, eles as enviam de volta sem mais delongas. Mas é principalmente para fazê-las trabalhar na cabana que se juntam a outras companheiras (COUDREAU, 1886, p.125).<sup>261</sup>

Após seis meses viajando de vapor pela Amazônia, imaginou conhecer bem os indígenas por algumas dúzias que observou. Mas, após trinta meses de vida íntima com esses mesmos índios, começou a “entender que nada é complexo e contraditório como as

---

<sup>259</sup> Tradução Nossa. No original: Ils sont très froids. De braves gens qui, une demi-heure après, m'accablaient de démonstrations d'amitié, quando ils arrivaient dans la case où ils restaient immobiles, muets, faisant exactement comme s'ils ne me voyaient pas. Et cependant, depuis quatre heures ils étaient informés de mon arrivée et depuis quinze jours, ils m'attendaient, et enfin ils m'avaient fort bien vu en entrant. Mais c'est l'usage de se reposer un peu avant d'engager la conversation (COUDREAU, 1886, p.124).

<sup>260</sup> Tradução do autor.

<sup>261</sup> Tradução Nossa. No original: Chez la plupart des tribus, on trouve des Indiens ayant deux ou trois femmes, généralement sœurs. Quand ils n'en veulent plus, ils les renvoient sans autre forme de procès. Mais c'est surtout pour les faire travailler à la case qu'ils s'associent des compagnes supplémentaires (COUDREAU, 1886, p.125).

características fisiológicas e psicológicas dessa raça. E isso, não para toda a América do Sul, mas mesmo para um pequeno grupo de índios, os índios da Guiana” (COUDREAU, 1886, p.125).<sup>262</sup>

Dentre os indígenas, neste capítulo destacamos os Wai Wai como um povo elogiado por Coudreau, que por mais tempo conviveu entre eles, quando comparado a Schomburgk e Brown. Henri Anatole Coudreau também foi aquele que mais relatou sobre os Wai Wai, após a sua morte prematura em 1899, sua esposa Marie Octavie Coudreau, retornou a região do Mapuera, para completar seu trabalho etnográfico. Através do relato de Henri Coudreau, conferimos onde se localizavam os Wai Wai:

Os Wai Wai habitam a bacia média de Mapuera. Os Wai Wai são uma das muitas tribos da pelve do país. A parte superior do Mapuera e Trombetas é habitada por três tribos mansas como todas as anteriores: a Tarumas o Japiis e Tukanos. Vivem na bacia do Couroucouri, não nas margens do rio, mas nas florestas do interior, três outras tribos mansas, Yaous os Neres e Coudouis. Detalhes muito importantes: nenhuma dessas tribos tem canoas. Nas tribos do sul Couroucouri e leste dos Wai Wai, habitam Piannocotes, grande tribo mansa, cujos territórios se estendem para Wai Wai, os Wayanas (COUDREAU, 1886, pp.90-91).<sup>263</sup>

Além da localização, relatou os Wai Wai como mansos e descreveu que nenhuma dessas etnias mencionadas usavam canoas em suas observações na época. Em sua expedição de 1884-1885, registrou várias ligações comerciais dos Wai Wai com os Wapishana, Atroari e Tarumá do Norte, com os Pianokoto a Leste e com os Mawayana, Xerew, Japii, Tukano e Tarim ao sul e sudeste (HOWARD, 2002). Relações também constatadas nos relatos dos viajantes Schomburgk e Brown. Alguns desses grupos consideravam-se “clientes” dos Wai Wai e às vezes até se referiam a si mesmo como Wai Wai (COUDREAU, 1886). O que sugere que, anteriormente, os intercâmbios entre os quais trocas, casamentos e rituais, representavam vínculos de influência política e assimilação social.

Quando Coudreau caiu de cansaço e doença numa aldeia Wai Wai, o chefe apiedou-se dele e disse: “Você não é velho e, no entanto, seus cabelos são brancos, seus olhos são doentios; volte para sua terra. As trilhas da savana e do mato não prestam para

---

<sup>262</sup> Tradução do autor.

<sup>263</sup> Tradução Nossa. No original: Les Ouayoués habitent le bassin moyen du Mapouerre. Les Ouayoués sont une des tribus les plus nombreuses de la contrée. Le haut du bassin du Mapouerre et du Tarouéné est habité par trois tribus mansas comme toutes les précédentes: les Tarims, les Jappis et les Toucanos. Dans le bassin du Couroucouri habitent, non sur les rives du cours d'eau mais dans le forêts de l'intérieur, trois autres tribus mansas, les Yaous, les Nères et les Coudois. Détail très important: aucune de ces tribus n'a de pirogues. Au sud des tribus du Couroucouri et à l'est des Ouayoués habitent les Piannocotes, grande tribo mansa, dont les territoires s'étendent des Ouayoués aux Ouayanas (COUDREAU, 1886, pp.90-91).

o branco” (HOWARD, 2002, p.33). Em sequência relatou sobre a ilusão de superioridade do homem civilizado ao indígena, uma lição de humildade:

Seria uma grande ilusão imaginar que os índios nos consideram superiores. Nossa civilização provoca-lhes espanto e não admiração. Somos seres diferentes, mas inferiores. O índio não precisa de nós, mas nós precisamos dele. Para que ter casas de pedra, roupas complicadas, instrumentos bizarros? Quando estamos a sós com eles, o sentimento que inspiramos com toda nossa superioridade é de desdém compadecido (COUDREAU, 1886, p.125).<sup>264</sup>

Coudreau chegou no dia 27 de dezembro na primeira aldeia Wai Wai, composta de duas malocas, sendo uma delas a do tuxaua, localizada na margem direita do Mapuera. Local onde se instalou em um canto isolado, onde ninguém o incomodou.

Na manhã, do dia seguinte acordou ao meio-dia. A caminhada de ontem me quebrou. Segundo Coudreau os Wai Wai cozinham muito bem para ele, mas almoçava com pressa e depois voltava a dormir, sentindo-se debilitado comentou que “Há momentos em que o organismo está tão exausto que, de bom grado, deixaríamos de viver por dois ou três dias, para ter certeza de não sonhar, mesmo com os olhos fechados e a boca meio verde, com fadiga horrível” (COUDREAU, 1886, p.104).<sup>265</sup>

O tuxaua sorriu e isso foi um ótimo sinal para Coudreau, pois seu filho falou muito bem de seu companheiro branco. Mas eis que o Tuxaua falava Wapishana, Coudreau ficou muito feliz pois a sua fala era semelhante ao francês. Coudreau queria ir ao rio Bourecochie (hoje no Estado do Pará) e, a partir daí, retornou aos Atorai pelos Tarims, Japiis e Tucanos. “Ele balançou a cabeça com um ar de dúvida; no entanto, carinhoso e gentil, ele me deu alguns suprimentos e autorizou seu filho a me acompanhar até Bourecochie” (COUDREAU, 1886, p.105).<sup>266</sup> Depois disso atravessaram a montanha Tarouéné e se refugiaram em um pajé que vivia à esquerda do rio.

Caminhou por seis horas, Coudreau que já estava debilitado, ficou extremamente cansado quando chegou na maloca do pajé, e assim afirmou:

No entanto, posso resistir a marchas forçadas e à fome é bem o bastante, apesar de meus ferimentos e minha exaustão. Os índios não têm essa excitação nervosa que nos permite suportar, quando necessário, cansaço, privações,

---

<sup>264</sup>Tradução Nossa. No original: Ce serait se faire une singulière illusion que des s’imaginer que les Indiens nous considèrent comme supérieurs. Notre civilisation les étonne, mais ne provoque pas leur admiration. Nous sommes des êtres différents mais inférieurs. L’Indien n’a pas besoin de nous et nous avons besoin de lui. A quoi nous sert d’avoir des maisons de pierre, des vêtements compliqués, des instruments bizarres? Quand vous êtes seul avec eux, le sentiment que vous leur inspirez avec toute votre supériorité est celui d’une commisération dédaigneuse (COUDREAU, 1886, p.125).

<sup>265</sup> Tradução do autor.

<sup>266</sup> Ibidem.



sofrimento excessivo. Eles também não precisam sofrer as reações terríveis e às vezes fatais, que se seguem a super excitações nervosas muito prolongadas (COUDREAU, 1886, p.105).<sup>267</sup>

O pajé de Tarouéné vivia como o tuxaua do Mapuera em uma grande maloca circular com um teto levemente cônico. Este não era o tipo de construção que o viajante viu no rio Branco e no Essequibo. Além disso a construção dos Wai Wai lembrava Coudreau a dos Wayana, e reparou que entre os indígenas da região:

Os móveis são praticamente os mesmos em todos os lugares. Animais domésticos, cães, aï, macacos, pântanos, agamis, tartarugas, papagaios, araras são muito mais numerosos do que em Rio Branco. Aves não são incomuns. Aqui, as habitações, o modo de vida, são muito mais remanescentes das raças primitivas (COUDREAU, 1886, p.105).<sup>268</sup>

Para chegar à aldeia de Bourecochie, passou pelo Tarouéné, Camenare, Apachi, Ouromiouâoure, onde esteve em quatro malocas. Na margem direita de Bourecochie, relatou a primeira das grandes aldeias dos Wai Wai:

A aldeia de Bourecochie é composta por nove grandes malocas dispostas em duas fileiras. A rua também serve como praça pública, é larga e bem arranhada. As casas são hangares retangulares abertos, cada um abrigando quatro ou cinco famílias. Certamente existem mais de duzentas pessoas nesta aldeia (COUDREAU, 1886, p.106).<sup>269</sup>

Só na região do Mapuera, Henri Coudreau relatou ter visto cerca de trezentos indivíduos do povo Wai Wai, e no total estimou a existência entre três ou quatro mil. Apesar da velocidade de sua passagem, fez algumas generalizações sobre os Wai Wai e etnias próximas:

Os Wai Wai são uma raça bonita, com características nobres, formas bonitas, com porte majestoso. Eles pertencem à aristocracia das tribos da Guiana. As outras nações são chamadas Macuxi (filho de Macous, aborígenes), Wapishana (povo de Ouapi, madeira de lei que faziam seus arcos), Atorai (povo do pequeno crocodilo), Taruma (povo do sapo); eles são chamados de Wai Wai,

---

<sup>267</sup> Tradução Nossa. No original: Toutefois, je resiste assez bien aux marches forcées et à la privation de nourriture, malgré mēs blessures et mon état d'épuisement. Les Indiens n'ont pas cette surexcitation nerveuse qui nous rend capables d'endurer, quando il le faut, des fatigues, des privations, des souffrances excessives. Ils n'ont pas non plus à subir les réactions terribles et parfois mortelles, qui suivent les surexcitations nerveuses trop prolongées (COUDREAU, 1886, p.105).

<sup>268</sup> Tradução Nossa. No original: No Le mobilier est à peu près le même partout. Les animaux domestiques, chiens, aï, hoccas, marayes, agamis, tortues, perroquets, aras, sont beaucoup plus nombrex qu'au Rio Branco. Les volailles ne sont pas rares. Ici, les habitations, la genre de vie, rappellent beaucoup plues les races primitives (COUDREAU, 1886, p.105).

<sup>269</sup> Tradução Nossa. No original: Le village du Bourecochie se compose de neuf grandes malocas disposées sur deux rangs. La rue sert en même temps de place publique, ele est large et bien sarclée. Les maisons sont des hangars ouverts, rectangulaires, abritant chacun quatre ou cinq familles. Il y assurément plus de deux cents personnes dans ce village (COUDREAU, 1886, p.106).

os brancos (de ouayeoué, a tapioca, cuja cor é perfeitamente branca). Estes devem ser puros do Caribe (COUDREAU, 1886, p.106).<sup>270</sup>

Além disso, achou os Wai Wai, altos, de pele vigorosa, gentis e temerosos. Tinha certeza de que, se não tivesse com ele o tuxaua Wai Wai, encontraria todas as malocas vazias, na sua chegada e abordagem, a população da aldeia se escondeu na floresta. Mencionou em seus relatos na sequência a reação dos Wai Wai com a detonação de uma arma de fogo que “os fez tremer de medo” (COUDREAU, 1886, p.106).

Se referiu com admiração pelas formas estéticas das mulheres Wai Wai comparando-as em seu relato inclusive com as Atorai:

Essas mulheres têm formas um pouco mais arredondadas e menos esbeltas do que as dos Atorai; elas são, no entanto, bem-feitas. O rosto é cheio, regular e com uma expressão muito suave. Na maioria das vezes, é apenas na idade da nulidade, ou mesmo depois do casamento, que as mulheres jovens entram em campo (COUDREAU, 1886, p.106).<sup>271</sup>

Dentre os fatores estéticos, mencionou que os cabelos dos Wai Wai eram compartilhados no meio da cabeça, terminando nos ombros com um tapete de estilo chinês e que seus acangatares (espécie de adornos de penas) eram pequenos e mal cuidados (COUDREAU, 1886).

Observou que as tatuagens dificilmente eram usadas entre eles(as) e os ornamentos Wai Wai eram muito complicados, pois nenhum objeto europeu entrava neles. Ainda sobre os artesanatos, reparou que as “tangas e calambés<sup>272</sup> são decorados. Os pedantes das orelhas são feitos de cascalho da floresta, trabalhados artisticamente. As pulseiras são em casca branca ou pintada. Eles usam colares feitos de dentes de porco com espécies de pulseiras de penas de arara” (COUDREAU, 1886, p.106).<sup>273</sup>

---

<sup>270</sup> Tradução Nossa. No original: Les Ouayoués sont une belle race, aux traits nobles, aux belles formes, au port majestueux. Ils appartiennent à l'aristocratie des tribus de Guyane. Les autres nations s'appellent Macuchis (fils de Macous, aborigènes), Ouapichianes (gens du Ouapi, bois dur dont ils faisaient leurs arcs), Atorradis (gens du petit crocodile), Taroumans (gens de la grenouille); eux s'appellent les Ouayeoués, les blancs (de ouayeoué, le tapioca, dont la couleur est d'une blancheur parfaite). Ce doivent être de Caraïbes purs (COUDREAU, 1886, p.106).

<sup>271</sup> Tradução Nossa. No original: Leds femmes ont les formes un peu plus rondes et moins élancées que celles des Atorradies; elles sont cependant for bien faites. Le visage est plein, régulier et d'expression très douce. La plupart du temps, ce n'est qu'à l'âge de la nubilité, ou même après le mariage, que les jeunes femmes prennent la tangué (COUDREAU, 1886, p.106).

<sup>272</sup> Calambé: um pedaço de tecido com fibras vegetais e que forma um cinto, passa entre as duas nádegas e chega a cair na frente, formando um pequeno avental (COUDREAU, 1903, p.87).

<sup>273</sup> Tradução do autor.

Para Coudreau os Wai Wai eram mais ativos que os indígenas da savana, pois entre uma das boas características destacadas era a habilidade que tinham com a música, pois:

Com tÍbias de veado fazem lindas flautas, muito apreciadas em toda região. É raro encontrar, nos caminhos da floresta, um Wai Wai sem sua flauta. Ele extrai de seu instrumento sons cuja alegria, nitidez, timbre surpreendem aquele que está acostumado com o vago e triste oprimido da mÚsica indiana (COUDREAU, 1886, p.107).<sup>274</sup>

Outra indÚstria notada pelo viajante na região dos Wai Wai foi a fabricao do fio que eles extraem do tucum e do carata, e que eles artisticamente organizam em bolas do tamanho de um punho.

Os Wai Wai se estendiam para Coudreau, do Sul, até o equador. Para ele o que os impediam de descer a Manaus eram os Assahys. No entanto, eles viviam ao sul das montanhas Couroucouri e Irikoun, onde tinha uma aldeia perto da aldeia de Pianocote (Parukoto). As relações entre essas duas grandes tribos, mansas e amigas, ocorrem no reverso sul do Irikoun, onde são bastante raros, “por causa dos frequentes ataques de Parukoto, Cara e Canaimés das montagens de Couroucouri. O caminho vai da vila de Apachi até os Piannocotes; o que termina em Bourecochie continua para o sul e um terceiro une os dois primeiros” (COUDREAU, 1886, p.107).<sup>275</sup> Observamos neste relato e passagem, o destaque que deu a presença de uma guerra aventureira no rio, que se dizia voltar aos Canaim.

Para Coudreau (1886), parecia que todos os Wai Wai, não tinham canoas e que na região onde o rio Mapuera podia transportar barcos durante todo o ano, os Wai Wai estavam no interior, ao longo de seu caminho, e não no rio. Segundo Souza (2018) Coudreau se referia aos Parukoto como selvagens, mas Frikel (1958), que abordou questes associadas a tribos selvagens e pacÍficas, os considerou como povos pacÍficos:

Essa questão  mesmo complexa e podemos encontrar pontos de vistas distintos sobre ela. Nádia Farage, que realizou uma pesquisa detalhada nas fontes dos viajantes e naturalistas, demonstra a tese dos caribes canibais (FARAGE, 1991). Neste contexto, os Wai Wai viviam na Serra do Acarai e não possuía canoas, enquanto os Parukoto teriam vindo subindo rio Mapuera (SOUZA, 2018, p.90).

<sup>274</sup> Tradução Nossa. No original: Ils fabriquent de jolies flûtes en tÍbias de biches qui sont fort appréciées dans tout ela contrée. Il est rare de rencontrer, dan les sentires de la forêt, un Ouayeou sans sa flûte. Il tire de son instrument de sons dont la gaieté, la netteté, le timbre sonore, étonnent celui qui est habité aux mlopps vagues et triste de la musique indienne (COUDREAU, 1886, p.107).

<sup>275</sup> Tradução do autor.

Ao se encontrar doente, Henri Anatole Coudreau ficou sensibilizado e encontrou em suas reflexões o sentimento de ilusão no homem ocidental ao se sentir superior ao indígena e demonstrou que eles precisavam mais dos índios do que estes deles. Sua esposa Marie Octavie Coudreau, conforme podemos observar na figura 19, passou a auxiliá-lo em suas expedições quando Henri esteve a serviço do governo do Pará, como cartógrafa, fotógrafa etc. Com a doença e morte de Henri o trabalho etnográfico junto dos Wai Wai, sofreu um hiato e continuou com Octavie na região do Mapuera em 1901.

É com o casal Coudreau que os relatos na região amazônica brasileira vieram acompanhados de fotografia no final do século XIX.

Figura 19: Henri e Octavie Coudreau e seus marinheiros brasileiros



Fonte: Octavie Coudreau (1900), Voyage au Trombetas.

Na foto acima (Figura 19) reparamos Henri (segundo da direita) e Octavie Coudreau (terceira da direita) na primeira fileira, pousando junto aos marinheiros brasileiros com qual fizeram expedição pelo Brasil no Estado do Pará.

Durante viagem pelo rio Trombetas, Henri Coudreau junto de sua mulher e apoiadores se encontrou muito doente de malária, e dentre os seus últimos relatos que teve força de escrever, mencionou perigosas cachoeiras e a viagem apressada, devido à fome e sede que ele sentiu.

Agora temos que apressar a viagem, eu não tomo nada além de leite há doze anos, e desde ontem não sobrou nenhum. É impossível encontrar algum neste deserto, apenas cerre os dentes... e vá rápido. Enquanto espero que eu possa comer novamente, minhas pernas cedem e não podem mais me carregar (COUDREAU, 1900, p.121).<sup>276</sup>

Este parágrafo foi o último escrito por Henri Coudreau, em 9 de novembro, por volta das seis horas da tarde. A partir daí notaremos relatos de estilo dramático e romântico de sua esposa, no estilo francês, apesar de doloroso, algo que foi usado para expressar sua dor, prender e comover a atenção de seus leitores franceses. Segundo Octavie Coudreau, ela e Henri, estavam juntos na canoa deles e ele estava deitado debaixo de cobertores pronto para dormir. “Ele estava debilitado, mas sua condição não me preocupava. Ao vê-lo um pouco flácido, não queria dormir, e fiquei ao lado dele, tentando esfriar sua cabeça com as mãos, que estava cada vez mais quente” (COUDREAU, 1900, pp.121-122).<sup>277</sup>

Segundo Octavie Coudreau (1900), várias vezes ele pediu leite a ela e não teve como atender ao seu pedido, pois segundo a viajante, todo o leite havia sido consumido sem seu conhecimento por dois homens da sua tropa. “Não quero amaldiçoá-los, porque houve muita imprudência na culpa deles. Esses homens primitivos não têm uma alta cultura moral, seus instintos são frequentemente seus únicos mestres” (COUDREAU, 1900, p.122).<sup>278</sup> Culpou seus apoiadores por não ter satisfeito o desejo de um doente, que era homem que mais amou no mundo: “aquele por quem eu havia deixado minha família, meu país. Aonde quer que ele fosse eu o seguia. Sonhei com sua vida de trabalho, compartilhei seus perigos e vi o momento da separação chegando com uma dor indescritível” (COUDREAU, 1900, p.122).<sup>279</sup>

A noite muito clara, permitiu a Octavie ver o rosto de seu esposo, pobre e pálido. Ela sentiu que ele estava muito mal. Ele, porém, falou do futuro a ela, como num sonho, fez planos felizes.

Ele me chamou com uma voz de partir o coração, com uma voz em que havia todo o arrependimento por não ter desfrutado o suficiente da vida que deixou para trás. Li em seus olhos a lembrança da felicidade passada e a amarga dor

---

<sup>276</sup> Tradução Nossa. No original: Maintenant il faut presser le voyage, il y a douze jours que je ne me nourris que de lait, et depuis hier il n'y en a plus. Il est impossible d'en trouver dans ce désert, il n'y a qu'à serrer les dents... et à aller vite. En attendant que je puisse me remettre à manger, mes jambes fléchissent et ne peuvent plus me porter (COUDREAU, 1900, p.121).

<sup>277</sup> Tradução do autor.

<sup>278</sup> Ibidem.

<sup>279</sup> Tradução do autor.

de me deixar. "Meu Favette<sup>280</sup>, meu..." Isso era tudo, esse era o ataque pernicioso fulminante em todo o seu horror. Eram duas e meia! A confusão foi completa. Chamei-o desesperadamente, tentei as fricções, mas nada: nem um sopro, nem um movimento respondiam aos meus cuidados. Eu não podia mais manter a esperança. Eu levantei minha cabeça para o céu, sondando o infinito, escutando se eu não ouvisse no fundo da minha alma alguma voz misteriosa que falaria comigo secretamente através da audição. Nada! Meus olhos pesados fitaram novamente meus amados mortos. Os homens acenderam ao redor dele todas as luzes que pudemos dispor. Foi um espetáculo comovente e terrivelmente belo, o desta iluminação fúnebre no meio de águas negras com, acima de nossas cabeças, um céu cravejado de estrelas (COUDREAU, 1900, pp.122-123).<sup>281</sup>

Octavie Coudreau (1900) de vigília muito dolorosa teve de esperar a luz do dia para enterrar Henri Coudreau, numa colina em frente a margem esquerda do Lago Tapagem, num caixão feito de tábuas de uma canoa. Devido à falta de madeira, Octavie, precisou ensinar os homens de sua expedição a construírem este caixão.

Talvez, Henri Coudreau não tivesse morrido um ano e meio antes na expedição que fazia ao rio Trombetas, a história tivesse sido outra. É lembrado, quando esteve na Guiana Francesa e no Amapá em contato com as gentes da terra, envolveu se inclusive, na controversa Proclamação da República do Cunani independente, na fonte de toda crise posterior envolvendo o conflito no Amapá (ROMANI, 2013).

Fernandes e Carvalho (2020, p.15) apontaram a importância do relato do aventureiro francês na configuração de um olhar diferenciado sobre a região, “fruto de um olhar curioso e atento às peculiaridades do homem e da paisagem daquele ambiente considerado hostil”. Para estes autores a análise destes relatos são necessários para a ampliação do conhecimento sobre o homem e a natureza amazônica.

Para Coelho, Benchimol e Miranda (2020, p.245): “Coudreau tinha o importante papel de vulgarizar informações através de seus livros editados na Europa. Os intitulados

---

<sup>280</sup> Pequena ave do mato, de plumagem acastanhada, com um canto agradável.

<sup>281</sup> Tradução Nossa. No original: Il m'appela d'une voix déchirante, d'une voix où il y avait tout le regret de n'avoir pas assez pleinement joui de la vie qu'il laissait. J'ai lu dans ses yeux la souvenance des bonheurs passés et la douleur amère de me laisser. « Ma Fauvette, ma... »Ce fut tout, ce fut l'accès pernicieux fulminant dans toute son horreur. Il était deux heures et demie! Le désarroi fut complet. Je l'appelai désespérément, j'essayai les frictions, mais rien: ni un souffle ni un mouvement ne répondirent à mes soins. Je ne pouvais plus garder d'espoir. Je levai la tête vers le Ciel, sondant l'Infini, écoutant si je n'entendais pas au fond de mon âme quelque voix mystérieuse qui me parlerait secrètement à travers l'entendue. Rien! Mes yeux appesantis regardèrent de nouveau mon mort bien-aimé. Les hommes allumèrent autour de lui tout le luminaire dont nous pouvions disposer. C'était un spectacle navrant et terriblement beau que celui de cette illumination funèbre au milieu des eaux noires avec, au-dessus de nos têtes, un ciel constellé d'étoiles (COUDREAU, 1900, pp.122-123).

“Viagem ao Tapajós” e “Viagem ao Xingú”, de autoria de Henri Coudreau”. Isto quer dizer, modificar as informações para atrair o gosto e a atenção de seus leitores na Europa.

Importante também compreender que o viajante explorador francês Henri Coudreau, no primeiro momento na América do Sul, viajou a serviço das colônias marítimas francesas, mas depois passou para o serviço do Governo do Pará. Influenciado pelo mito do “bom selvagem”, pela busca do indígena puro e prevendo a extinção destes (SOUZA FILHO, 2008). Coudreau, por outro lado, foi acusado pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi de ser um agente político a serviço da França (SANJAD, 2010). Para Coudreau a salvação futura dos indígenas seria sua miscigenação com o branco. Ele pensava na economia e na importância dos indígenas para o trabalho na agricultura (SOUZA, 2008).

Após a morte de Henri, Octavie resolveu continuar a missão de seu marido com o apoio dos governos do Pará e Amazonas e, com isso, relatou em seu livro *Voyage au Mapuera*, o contato que teve com os indígenas Wai Wai.

Para ultrapassar e vencer muitas cachoeiras, pelo caminho a expedição de Octavie Coudreau no Mapuera, carregava nas costas por dentro da mata, além da canoa, bagagem necessária para a sobrevivência na floresta, como: “víveres, ferramentas, armas, equipamentos para acampar” (SOUZA FILHO, 2008, p.113).

Algo que nos chamou bastante a atenção era que Octavie, levou no meio da bagagem seu gramofone e no meio da selva Amazônica, junto aos indígenas e seus apoiadores negros, tocava seus discos de ópera e ouvia: “as vozes de um Enrico Caruso, um Feodor Chaljapin, uma Nellie Melba, certamente amenizava o espírito de uma mulher que passara a viajar sozinha com seus marinheiros depois da morte do marido” (SOUZA FILHO, 2008, p.113).

O estudo que Octavie Coudreau fez sobre os indígenas do Mapuera, foi muito breve, por isso, afirmou: “Eu não podia dizer nada sobre suas escolas, nem sua religião, nem seu estado intelectual e moral. Para isso, seria necessário conhecer ao menos sua linhagem e ter conversado com os principais tamouchis<sup>282</sup>” (COUDREAU, 1903, p.84).<sup>283</sup>

---

<sup>282</sup> Líderes.

<sup>283</sup> Tradução do autor.

No entanto, apesar de ter acompanhado seu marido em várias expedições, não conhecia o dialeto dos indígenas do Mapuera e até acreditava que, conhecendo-o, não teria chegado a um resultado muito brilhante:

porque tinha a firme convicção de que, dado o seu grau de civilização e as ideias que me foram dadas sobre moralidade, virtudes e vícios, relacionadas com as deles, eu não teria sido capaz de julgar o que eles entendem por ato moral ou imoral. Posso dizer que minha impressão geral é que são seres muito atrasados. Eu poderia, portanto, apenas dar um breve resumo de impressões muito fugazes, sentidas em conversas em que o gesto substitui a fala (COUDREAU, 1903, p.84).<sup>284</sup>

Octavie Coudreau (1903), afirmou que os indígenas Wai Wai não eram de uma raça pura, e não acreditava que seu cruzamento também tenha influenciado seu caráter moral. Observou também que as mulheres eram menores de altura que os homens, e possuíam seios largos.

Nesse passo, fez mais descrições anatômicas em suas observações:

As pernas de ambos os sexos são retas, esguias, rijas, pernas de caminhantes, seus braços são longos e geralmente terminam em mãos pequenas. Não notei diferença de cor entre a pele dos homens e a das mulheres, o motivo é simples, é que todos usam e abusam do urucum; sob o relvado, a pele da mulher é de um amarelo claro, este lugar escapa ao urucum e ao calor do sol, esta é sem dúvida a razão da sua coloração mais clara (COUDREAU, 1903, p.84).<sup>285</sup>

Além disso, para Coudreau (1903), as crianças pequenas que ainda não usavam o urucum também eram amarelo-claras e não havia diferença perceptível de cor entre meninos e meninas. Tanto os homens como as mulheres tinham pelos debaixo dos braços. Nesse caso a viajante reconheceu que as mulheres tinham menos pelos do que os homens, pois: “estes têm bigodes que aparam com cuidado e um pouco de cabelo no queixo, mas não têm costeletas, apenas uma penugem muito fina nas bochechas. O cabelo é abundante em ambos os sexos, é muito preto, oleoso e liso” (COUDREAU, 1903, p.86).<sup>286</sup> Os

---

<sup>284</sup> Tradução Nossa. No original: car j'ai la ferme conviction que, vu mon degré de civilisation et les idées qui m'ont été données sur la morale, les vertus et les vices, rapportés aux leurs, j'eusse été incapable de juger ce qu'ils entendent par un acte moral ou immoral. Je peux dire que mon impression générale, c'est que ce sont des êtres fort arriérés. Je ne pu is donc donner qu'un court résumé d'impressions très fugitives, ressenties dans des conversations où le geste remplace la parole (COUDREAU, 1903, p.84).

<sup>285</sup> Tradução Nossa. No original: Les jambes des deux sexes sont droites, fines, nerveuses, des jambes de marcheurs; leurs bras sont bien faits et se terminent généralement par des mains petites. Je n'ai pas remarqué de différence de couleur entre la peau des hommes et celle des femmes, la raison en est simple, c'est qu'ils usent et abusent tous du roucou ; sous la tanguie, la peau des femmes est d'un jaune clair, cet endroit échape au roucou et à l'ardeur du soleil, c'est sans doute la raison de sa coloration plus claire (COUDREAU, 1903,p.84).

<sup>286</sup> Tradução do autor.



homens cuidavam muito mais do cabelo do que as mulheres, todos usavam cortados na testa, com:

um pouco mais compridos nas têmporas e nas orelhas, e atrás o sexo forte os usa compridos, tendo o cuidado de enrolá-los com um pequeno cipó bem preparado, que dá a impressão de ter uma cenoura de tabaco nas costas; muitas vezes é um verdadeiro tubo feito de bambu e decorado com contas de cores diferentes formando desenhos; as mulheres têm cabelos muito mais curtos e nunca tão bem penteados quanto os homens (COUDREAU, 1903, p.86).<sup>287</sup>

O rosto dos Wai Wai foi relatado geralmente como redondo e agradável, os olhos quase retos, o nariz com narinas bastante largas sem ser achatado, as orelhas furadas, a boca de tamanho médio e alguns com dentes ruins, pretos e grandes (COUDREAU, 1903).

Octavie Coudreau em suas passagens pelas malocas que visitou na região do Mapuera, relatou adereços usados por autoridades indígenas, neste caso se referiu ao cacique e ao velho tamouchi:

O sinal do cacique e sua família nas duas malocas é um buraco de yeroé no meio da boca, na parte inferior do lábio inferior, colocam nesse buraco um espinho ou uma folha de grama do tamanho e comprimento de um pino. Além disso, o velho tamouchi da Maloca grande tinha dois buraquinhos um pouco além do canto dos lábios, como pequenas covinhas, e isso lhe caía muito bem; entre os outros índios, a boca não é furada, são apenas os ouvidos que a fazem soar, e colocam pérolas ou dentes de cutia, ou mesmo um simples pedaço de madeira (COUDREAU, 1903, p.86).

Homens e mulheres tinham colares de contas de várias cores. Os homens usavam pulseiras nos pulsos, as mulheres às vezes, era de costume todos as usarem em seus braços. Os Wai Wai até os tempos atuais fazem excelentes artesanatos.

Para cobrir as partes sexuais os homens usavam o calembé e as mulheres tanga de pérolas:

As partes sexuais são cobertas, nos homens pelo calembé, um pedaço de tecido com fibras vegetais e que forma um cinto, passa entre as duas nádegas e chega a cair na frente, formando um pequeno avental, nas mulheres é a tanga de pérolas que passam abaixo do umbigo e vão se prender atrás, essas tangas são largas, chegam até a metade do quadril, são de bom comprimento, chegam até o meio da coxa. Estas tangas são adornadas com pequenos desenhos, é o grego

---

<sup>287</sup> Tradução Nossa. No original: un peu plus longs sur les tempes et sur les oreilles, et par derrière le sexe fort les porte longs, en ayant soin de les enrouler avec une petite liane bien préparée, ce qui leur donne l'air d'avoir une carotte de tabac dans le dos; souvent c'est un véritable tube fait avec un bambou et décoré de perles de différentes couleurs formant des dessins; les femmes ont les cheveux beaucoup plus courts et jamais aussi bien peignés que les hommes (COUDREAU, 1903, p.86).

que, como todos os índios, forma o motivo de todos os desenhos. (COUDREAU, 1903, p.87).<sup>288</sup>

Homens e mulheres complementavam suas roupas, tecidas com fibras de Jawary, de tucum ou de croa, estes foram os primeiros indígenas que Octavie Coudreau (1903) viu vestidos dessa maneira.

Descreveu a linguagem deles como algo suficiente para suas necessidades, mas além disso, mencionou que eles têm maneiras infantis de se fazer entender entre si e, acima de tudo, “muitos sons expressivos, grunhidos, murmúrios, arrulhos; para dizer o nome de um animal, eles imitam seu grito, assobio ou canto de forma inconfundível e de tal forma que eu sempre me surpreendia que o animal não respondesse imediatamente” (COUDREAU, 1903, p.87).<sup>289</sup>

Eles sabiam contar para fazer trocas: “dois peixes valem dois espelhos, quatro pedaços de cana valem quatro facas etc” (COUDREAU, 1903, p.87).<sup>290</sup> Quanto ao tom de voz, os homens geralmente falavam sem levantar a voz, enquanto as mulheres falavam no tom mais alto. O número de indígenas não era proporcional entre os sexos, as mulheres eram maioria (COUDREAU, 1903).

O casamento aparecia precocemente em ambos os sexos e o número de filhos era baixo. O estado social parecia bem estabelecido, e se outrora reinou a concórdia entre as malocas, não existia mais entre indivíduos da mesma família (COUDREAU, 1903).

Octavie Coudreau, mencionou sobre a impressão que teve sobre a falta de obediência e preguiça ativa entre os Wai Wai, o processo de extinção devido ao grande número de mortos por epidemias de doenças trazidas pelo europeu e a comercialização de troca entre os povos indígenas:

Esses índios não são obedientes, nem dão atenção ao cacique, cada um faz o que quer, principalmente as mulheres pegam leve com todo mundo e acredito que a anarquia reina na maloca. Esta falta de compreensão e aliança de indivíduos e malocas entre si, na luta pela vida, será a causa de seu desaparecimento, que está acontecendo aos trancos e barrancos; mais algumas gerações e os índios serão apenas uma lembrança. Essa raça preguiçosa por atavismo, que não é nem delicada nem graciosa, um pouco grosseira e sensual,

---

<sup>288</sup> Tradução Nossa. No original: Les parties sexuelles sont couvertes, chez les hommes par le calembé, morceau d'étoffe tissé avec des fibres végétales et qui fait ceinture, passe entre les deux fesses et vient retomber devant, formant un petit tablier, chez les femmes c'est la tangué de perles qui passe au-dessous du nombril et va s'attacher derrière, ces tangués sont larges, elles viennent jusqu'à la moitié de la hanche, elles sont de bonne longueur, arrivent jusqu'à mi-cuisse. Ces tangués sont ornées de petits dessins, c'est la grecque qui, comme chez tous les Indiens, fait le motif de tous les dessins (COUDREAU, 1903, p.87).

<sup>289</sup> Tradução do autor.

<sup>290</sup> Ibidem.

abala um pouco sua indiferença na hora de fazer abatis muito grandes (COUDREAU, 1903, p.88).<sup>291</sup>

Devido ao apelido, e a denominação Wai Wai (povo da tapioca) eles cultivavam principalmente mandioca:

com a qual fazem muito boa cassava, também tapioca da mandioca, com a qual fazem tacaca. Eles têm alguns inhames, batata, cana-de-açúcar, banana, abacaxi, mamão, caju, melancia e pimenta de três qualidades diferentes. Eles conhecem e adoram assahy (pinot) e bacaba com os quais fazem vinhos de excelente produção, como os do Pará. Em todos os abates, e ao redor das malocas, há muito urucum (COUDREAU, 1903, p.88).<sup>292</sup>

O que também surpreendeu muito a Octavie Coudreau (1903) é não ter visto tabaco, que pareciam ignorar, e o algodão entre eles, este último mencionado pelos viajantes Robert Schomburgk e Barrington Brown, como um produto em destaque na cultura Wai Wai. Alimentavam-se de peixes e carne de caça, esta que estava escassa na época da expedição:

mas há muito pouca caça, sem dúvida porque a caçavam demais; a pesca sempre dá mais e sempre tem uns peixes defumados na maloca. Os peixes que eles flecham com mais facilidade são: os pacus, os tucunarés, as piranhas, os peixes-cocharros, os surubis. Só mais raramente conseguem capturar uma pirarara, um filhote ou uma pirahyba. Eles sempre têm bastante jijos<sup>293</sup> que eles extraem da lama dos lagos secos e dos pântanos ao longo das margens. Apesar da preguiça excessiva, trabalham pouco e têm uma indústria, das mais rudimentares na verdade (COUDREAU, 1903, p.88).<sup>294</sup>

---

<sup>291</sup> Tradução Nossa. No original: Ces Indiens ne sont pas obéissants, ils ne font même pas attention au chef. Chacun fait ce qu'il veut, les femmes surtout en prennent à leur aise avec tous et je crois que l'anarchie règne dans la maloca. Ce manque d'entente et d'alliance des individus et des malocas entre elles, dans la lutte pour la vie, sera une cause de leur disparition, qui arrive à pas de géants; encore quelques générations et les Indiens ne seront plus qu'un souvenir. Cette race paresseuse par atavisme, qui n'est ni délicate ni gracieuse, un peu grossière et sensuelle, secoue un peu sa nonchalance quand il s'agit de faire de très grands abatis (COUDREAU, 1903, p.88).

<sup>292</sup> Tradução Nossa. No original: avec lequel ils font de très bonne cassave, ils savent aussi tirer le tapioca du manioc, avec lequel ils font du tacaca. Ils ont un peu d'ignames, des patates, de la canne à sucre, des bananes, des ananas, des papayes, des cajus, des pastèques et des piments de trois qualités différentes. Ils connaissent et aiment beaucoup l'assahy (pinot) et le bacaba avec lesquels ils font des boissons d'excellente fabrication, comme celles de Pará. Dans tous les abatis, et autour des malocas, il y a beaucoup de roucouyers (COUDREAU, 1903, p.88).

<sup>293</sup> Peixe de água doce, pela descrição de alguns pescadores é “um peixe muito espinhento”, o que vai ao encontro da etimologia do próprio vocábulo, cujo sufixo “ju”, de origem tupi, que significa espinho (GUSMÃO, 2012, p.95).

<sup>294</sup> Tradução Nossa. No original: mais il ya très peu de gibier, sans doute parce qu'ils l'ont trop pourchassé; la pêche donne toujours davantage et ils ont constamment à la maloca quelques poissons boucanés. Les poissons qu'ils flèchent avec le plus de facilité sont :les pacus, les tucunarès, les piranhas, les pêches-cocharros, les surubis. Ce n'est que plus rarement qu'ils arrivent à capturer un pirarara, une filhote ou une pirabyba. Ils ont toujours en abondance des jijos qu'ils vont chercher dans la vase des lacs desséchés et les marais des rives. Malgré leur paresse excessive, ils travaillent un tant soit peu et ils ont une industrie, des plus rudimentaires il est vrai (COUDREAU, 1903, p.88).

Sobre as armas dos Wai Wai, os homens faziam arcos de madeira dura, “com púrpura, balata, flechas em "canna braba", uma grama que cresce na beira do rio. Na ponta de suas flechas eles colocam um osso de macaco cortado, ou uma espora de raia, e acima de tudo pontas bem cortadas em bambu forte” (COUDREAU, 1903, p.89).<sup>295</sup> As redes eram feitas com fibras vegetais de várias palmeiras. Octavie Coudreau (1903) viu um índio na maloca grande tecendo uma tipoia (cinto que as mulheres usam no corpo para carregar as crianças) com fibras tão finas quanto a seda, era um trabalho bem feito como qualquer tecelão não poderia negar. Faziam também respiradores de fogo, cestos com mantas e esteiras feitas de caules aromáticos.

Os raladores de mandioca que os Wai Wai produziam e trocavam por outros produtos com indígenas de outras etnias “eram constituídos por uma tábua com cerca de dois dedos de espessura na qual incorporaram pequenas pedras” (COUDREAU, 1903, p.90).<sup>296</sup> Faziam também as suas canoas. Notamos o equívoco do marido de Octavie Coudreau, ao ter relatado que os Wai Wai não possuíam canoas, algo corrigido com a etnografia de sua esposa que relatou, inclusive a partir de suas observações como elas eram construídas por esses indígenas:

Eles ainda fazem suas canoas com casca de Jutahy; são em peça única e até 6 metros de comprimento; eles podem carregar de seis a oito pessoas e os alimentos necessários por um período de oito a dez dias. É necessário ter um conhecimento especial e um hábito muito grande desta fabricação para evitar que a casca se parta; quando meu povo tentou, aconteceu com eles todas as vezes e, no entanto, também escolhemos jutahys (combarils) para testar a tentativa (COUDREAU, 1903, p.90).<sup>297</sup>

As mulheres trabalhavam com as contas, tangas para elas, tubos para o cabelo dos homens, braceletes e ligas. Os homens se encarregavam da cerâmica, faziam panelas de colocar água e ao fogo, e enormes vasos para colocar o caxiri com argila (COUDREAU, 1903). Na opinião da viajante, as obras artísticas dos Wai Wai, não eram muito decoradas, mais por outro lado, elas possuíam grande solidez por suas grandes dimensões (COUDREAU, 1903).

---

<sup>295</sup> Tradução do autor.

<sup>296</sup> Ibidem.

<sup>297</sup> Tradução Nossa. No original: Ils font encore leurs pirogues en écorce de Jutahy; elles sont d'un seul morceau et ont jusqu'à 6 mètres de longueur; elles peuvent transporter six et huit personnes et les vivres nécessaires pour une période de huit à dix jours. Il faut avoir une connaissance spéciale et une très grande habitude de cette fabrication pour éviter que l'écorce ne se fende; quand mes gens l'ont essayée cela leur est à chaque fois arrivé et cependant nous avons également choisi des jutahys (combarils) pour essayer la tentative (COUDREAU, 1903, p.90).

Comparava a força Wai Wai (que considerava desnutridos) com a dos civilizados, acreditava que esses indígenas sofriam por falta de alimento conforme as estações do ano e escassez de caça:

Seria um erro acreditar que esses índios são superiores aos civilizados pela força física, aliás, isso é necessariamente diminuído pelo seu modo de vida; eles estão desnutridos e sofrem todo o mau tempo das estações. Conosco, em meio à luta pela vida, sua fraqueza e sua falta de energia os fariam vencidos de antemão. A necessidade os obriga a observar tudo e a não deixar escapar nada que lhes sirva ou os prejudique, mas para que eles não tenham sentidos mais desenvolvidos do que nós, tive prova em contrário; enquanto caminham pela mata eles cheiram a tigres, porcos, cutias, antas, mas todos os caçadores acostumados a mata virgem são iguais, e seu olfato não é mais útil para eles do que para nós, que estamos acostumados a floresta. Os olhos são como os dos meus marinheiros; estando com eles, meu povo muitas vezes via os peixes na água antes dos índios (COUDREAU, 1903, p.90).<sup>298</sup>

Os marinheiros negros e mestiços de Octavie, eram bem atentos aos animais que serviam de alimento na floresta, no caso dos peixes na aldeia Wai Wai, percebiam primeiro a presença deles nas águas do rio, com isso quis dizer que seus apoiadores eram mais atentos que os indígenas moradores do local. Ainda sobre as caçadas, para a viajante, os indígenas que andavam desde a infância com o arco e flecha na mão, sempre quando atiravam, acertavam seu golpe, mas também, presenciou errarem o alvo, igual a simples pessoas civilizadas (COUDREAU, 1903).

Octavie Coudreau (1903) afirmava que os Wai Wai não eram capazes de um esforço sustentado, quando uma tarefa os aborrecia, eles a interrompiam e não tinham coragem ou vontade de completá-la. Mas se esses indígenas tinham o valor quase zero naquele momento, eles poderiam se tornar de valor produtivo se alguém pudesse aproveitar o que poderia ser bom em seu povo. A diferença com os semicivilizados do fundo do rio não era muito grande e dependia principalmente do ambiente em que viviam e das características adquiridas e transmitidas (COUDREAU, 1903).

Nesse passo, devia-se cuidar da saúde física e moral, pois esses indígenas para a viajante, tinham direito à existência e não deviam serem condenados antecipadamente e

---

<sup>298</sup> Tradução Nossa. No original: Ce serait une erreur de croire que ces Indiens sont supérieurs aux civilisés pour la force physique, d'ailleurs, celle-ci est forcément amoindrie par leur genre de vie ; ils sont mal nourris et subissent toutes les intempéries des saisons. Chez nous, au milieu de la lutte pour la vie, leur faiblesse et leur manque de toute energie en feraient d'avance des vaincus. La nécessité les oblige à tout observer et à ne rien laisser échapper de ce qui mourrait leur servir ou leur nuire, mais ils n'ont pas pour cela les sens plus développés que nous, j'ai eu la preuve du contraire; en marchant dans le bois ils sentent le tigre, les porcs, les agoutis, le tapir, mais tous les chasseurs habitués à la forêt vierge sont de même, et leur odorat ne leur sert pas davantage qu'à nous, qui sommes habitués à la forêt. Leurs yeux sont pareils à ceux de mes marins; étant avec eux, les miens voyaient souvent le poisson dans l'eau avant les Indiens (COUDREAU, 1903, p.90).

obrigados a desaparecer ou a assumir as condições de existência dos seringueiros. (COUDREAU, 1903). Para Octavie Coudreau, era necessário, ao mesmo tempo que os ajudassem e os supervisionassem, permitindo que se desenvolvessem numa heterogeneidade harmoniosa, não abolindo suas características nativas. Não deviam deixar que impusessem leis que eles não entendiam, pois seria necessário, “de forma gradual, suave e sem desprezo, tirar dela o máximo de lucro possível. Que coisa singular é a vida, quando penso que sou eu que abro o caminho da civilização para esses índios, eu que tanto gostaria de guardar para eles sua misteriosa poesia!” (COUDREAU, 1903, p.91).<sup>299</sup> Nesse passo, ela coletou poucas palavras do dialeto dos Wai Wai, “por causa da falta de vontade ou relutância deles em falar, não aguentei mais” (COUDREAU, 1903, p.91).

Sob a direção de Henri Coudreau, Octavie privilegiava o retrato pousado, depois da morte de seu marido passou a explorar o retrato instantâneo, para conseguir apanhar o cotidiano do indígena de maneira mais simples e pura. (SOUZA FILHO, 2008). É no período final do século XIX, que a fotografia evoluiu e tornou-se fonte importantíssima para os relatos de viagens. Henri e Octavie foram um dos primeiros expedicionários a fotografarem a Amazônia. Podemos afirmar com mais propriedade que Octavie foi a primeira mulher na História a fotografar os indígenas e a Amazônia. Como exemplo, podemos conferir logo abaixo algumas reproduções fotográficas da expedicionária, em representação aos Wai Wai.

---

<sup>299</sup> Tradução do autor.

Figura 20 – Maloca Grande dos Wai Wai



Fonte: Octavie Coudreau (1903), *Voyage au Mapuera*, p.121.

Esta foto (Figura 20) foi realizada de maneira instantânea em 1901, com uma máquina portátil, de câmera seca, proporcionou a possibilidade a Octavie fotografar o cotidiano e as atividades dos Wai Wai (SOUZA FILHO, 2008). Podemos reparar na Figura 20 a Maloca Grande, local onde esteve por apenas duas semanas, convivendo e se comunicando através de gestos e com poucas palavras que aprendeu e com os indígenas Wai Wai. Gostaria de ter estudado eles por mais tempo, mas precisava cumprir a sua missão, pois a principal justificativa que utilizava era que precisava transladar o corpo de seu marido do Brasil para a França.

Octavie Coudreau (1903) foi defensora dos indígenas e anunciou ao mundo a situação em que viviam, segundo suas impressões. Nas suas fotos, os indígenas ocupam posição de destaque.

Figura 21- Família Wai Wai e cão de caça do Mapuera na canoa



Fonte: Octavie Coudreau (1903, p.89): Voyage au Mapuera.

Nesta imagem acima (Figura 21), Octavie capturou a canoa no Mapuera, como o principal transporte de uma família Wai Wai, incluindo seu cão de caça. A canoa, fabricada pelos próprios indígenas, era muito utilizada para visitar outras aldeias, fazer trocas de produtos com outros povos indígenas, caçar em outra região distante (devido ao afastamento dos animais), coleta de frutas, de castanhas, assaí e vários produtos plantados na roça, em maior destaque a mandioca, alimento mais utilizado no preparo culinário dos povos indígenas na região amazônica das Guianas. Notamos uma foto espontânea, demonstrando a utilização da canoa pelos Wai Wai, algo que na visita passada, Henri Coudreau não teve a oportunidade de presenciar e relatar. Coudreau pensou que apenas os indígenas Parukoto que tinham o hábito de construir e utilizarem a canoa.



Figura 22: Indígenas Wai Wai, pescadores da primeira maloca



Fonte: Octavie Coudreau (1903, p.113): Voyage au Mapuera

Podemos observar acima na Figura 22 a “Fotografia de um grupo de índios Wai Wai. Dentro da canoa pode-se ver além da corda, alguns instrumentos musicais como um tambor e um gramofone. O primeiro índio da direita chama a atenção do grupo para fotografa” (SOUZA FILHO, 2008, p.161). Uma outra curiosidade em destaque na fotografia é o barqueiro negro de Octavie, que está numa postura bem vigilante junto dos indígenas atrás da canoa, onde estão objetos etnográficos, como o tambor indígena e seu gramofone que utilizava para ouvir seus discos de ópera em plena floresta amazônica.

Por longo prazo, Coudreau, habitou os locais junto aos indígenas e influenciado pelo mito do “bom selvagem”, buscou pelo indígena puro, prevendo a extinção destes. Na Guiana Inglesa e no rio Branco, por exemplo: relatou os Wai Wai como mansos e os reconheceu como uma etnia aristocrática que atrai outras para se fortalecerem. Também viajou de Manaus a Boa Vista de Batelão, que é uma categoria de barco exclusivo para

transportar o gado que podem levar de dez a trinta bois, junto dos indígenas Macuxi do alto rio Branco.

Para Coudreau, a salvação futura seria a miscigenação do indígena com o branco, pensava na economia e no trabalho destes desenvolvendo a agricultura. Octavie Coudreau junto de Henri, conviveu com indígenas na região estudada, experiências relatadas em seus livros e, mesmo após a morte de seu esposo, deu continuidade ao trabalho etnográfico.

Henri Coudreau, fez parte de uma estirpe de viajantes profissionais a serviço dos interesses de diferentes Estados, mais tarde rompeu com a França e passou a prestar serviço para o governo do Pará no Brasil. Coudreau, reconhecido como agente político colonizador, surgiu para inaugurar uma era de exploração territorial na região amazônica da América do Sul, marcadamente de cunho econômico, a serviço do interesse pela mineração, relatou os povos indígenas da região.

Os franceses tinham práticas diversas das dos portugueses na organização das atividades do escambo, pois, em vez de fundarem feitorias, deixavam um intérprete entre os índios que se encarregava de organizar trabalho e abastecer os navios (ALMEIDA, 2003, p.55).

Coudreau surgiu para inaugurar uma era de exploração territorial na América do Sul, marcadamente de cunho econômico, se interessou muito pela mineração e procurou fazer parte, por longo prazo, do local que habitou junto dos indígenas, dando a sua vida para a ciência, vindo a falecer nas margens do rio Trombetas no estado do Pará, em 1899.

## Considerações finais

Ao nos depararmos com os relatos desses três viajantes do século XIX, na região da Amazônia Caribenha das Guianas, especificamente entre o Brasil e a Guiana Inglesa, compreendemos o interessante e importantíssimo trabalho de descrição dos costumes e das práticas dos povos indígenas habitantes dessa vasta região. Reparamos as diferentes fases desses viajantes que estiveram em expedições na região e a influência de seus escritos sobre viajantes futuros.

Robert Hermann Schomburgk, influenciado por Walter Raleigh e principalmente Alexander von Humboldt, influenciou Charles Barrington Brown e Henri Annatole Coudreau, viajantes que leram seus diários e livros. Os locais percorridos por Schomburgk, nessa região estudada, serviram de rastros para os outros dois viajantes visitarem, complementando o trabalho e indo além das distâncias percorridas.

Robert Schomburgk estudou botânica em Leipzig, local onde teve oportunidade de assistir a inúmeras palestras, complementando a educação particular que teve. Segundo o artista Edward Goodall, ele sofria de epilepsia, algo que constatou em 1841 (SILVA, 2022).

Em suas visitas à Guiana Inglesa e à fronteira brasileira, Schomburgk procurou fazer levantamentos de dados astronômicos, geográficos e de botânica e se interessou em trazer relatos sobre os costumes culturais, incluindo as línguas de cada povo indígena que habitava a região, como algo necessário e encomendado pela Royal Geographical Society da coroa britânica.

Conforme seu humor variava em seus relatos, devido às dificuldades que passava em suas expedições, sua narrativa se modificava em relação aos indígenas da região estudada, às vezes reconhecendo a importância dos indígenas, em outros momentos os classificava como bonitos ou feios, honestos ou desonestos, povos com conhecimentos ou atrasados, trabalhadores ou preguiçosos, algo comum na ciência do século XIX, muito eurocêntrica, considerada muitas vezes como racista.

Além disso, Robert Schomburgk, se notabilizou por outras contribuições, para além da vitória régia. Sobre os indígenas, estudou suas línguas, anatomia, infância, música, rituais, cânticos, caça, plantações, preparo de alimentação, artesanatos, vestuários, armas, meios de transporte, como a canoa, mitos etc. Visitou locais sagrados, nos quais contou com a ajuda de intérpretes e guias indígenas. Foi o primeiro viajante europeu a relatar uma visita à base do monte Roraima, local importantíssimo dentro da

tradição indígena circum-Roraima, e a mencionar os indígenas Wai Wai na literatura das viagens.

Em um primeiro momento, Schomburgk foi reconhecido como um expedicionário que esteve na Guiana Inglesa e no Brasil a serviço da ciência. Depois, na sua próxima visita, através de seu levantamento cartográfico para a Comissão de Limites britânica, ajudou o missionário John Youd a atrair indígenas Macuxi do Brasil para sua missão na região do Pirara, na qual, devido à não escravização, tornaram-se súditos fiéis da coroa britânica. Com isso, denunciou aos ingleses a escravidão de indígenas que jurava ter visto em terras brasileiras. Na região do Pirara, local disputado, colocou marcos divisórios. Após intervenção de autoridades brasileiras e internacionais, esse local ficou neutro até solução diplomática.

Joaquim Nabuco, que advogou em defesa do Brasil na contenda com a Inglaterra na Itália, é reconhecido como um dos principais estudiosos de Robert Schomburgk. Nabuco reconheceu, na segunda expedição de Schomburgk, um agente político da comissão de limites britânico que seguia os planos ambiciosos coloniais dos ingleses. Em sua primeira visita, teve suporte e colaboração das autoridades brasileiras, tendo sua expedição sido alojada no forte São Joaquim. Na sua segunda viagem, conseguiu autorização para adentrar em terras brasileiras. Depois se tornou um algoz, querendo a qualquer custo que a região do Pirara fosse reconhecida como pertencente à Guiana Inglesa, tornando-se desde então uma pessoa criticada no Brasil. Um de seus principais estudiosos, Peter Rivière, criticou muito os gastos e o desgaste pelo fato de a Inglaterra ter investido tanto tempo e dinheiro em uma disputa com o Brasil por uma região que Rivière considerou inóspita e isolada. Depois de quase quatro décadas após a morte de Robert Schomburgk, a Inglaterra assumiu a posse sobre a região.

Schomburgk percorreu enormes distâncias andando a pé e de canoa, guiado sempre pelos indígenas que conheciam bem o local, arregimentados pela prática da troca e do pagamento. No entanto, quando os indígenas não o obedeciam ou optavam por fugir, os punia, inclusive diversas vezes apontou suas armas de fogo a indígenas para cumprirem com o que ele dizia ter sido combinado. Ao mesmo tempo, podemos observar no relato de outros viajantes tratados nesta tese que Schomburgk foi homenageado pelos habitantes da região, que deram o seu nome a uma criança indígena, um cachorro e uma pedra que funcionava como um marco num local por onde passou.

Schomburgk apresentou na Inglaterra uma exposição de arte indígena, para a qual levou indígenas da Guiana Inglesa em seus trajes naturais. Esses indígenas demonstraram

suas habilidades com lanças, arco e flecha, reconhecido como o ponto mais alto da exposição, que teve bastante atenção e destaque na imprensa e sociedade londrina. Robert Schomburgk recebeu várias homenagens da Royal Geographical Society e da coroa britânica, como medalhas e o título de Sir. Por ter empreendido importantíssimas missões além da Guiana Inglesa, como em Barbados, seu conhecimento científico foi bastante reconhecido em vida, assim como o de seu irmão Richard Schomburgk, que o ajudou muito em sua outra expedição decisiva na Guiana Inglesa, a serviço da Prússia com levantamentos científicos e conhecimentos dos povos indígenas.

Desde a sua primeira expedição, Robert Schomburgk sofreu de febre amarela, malária, problemas reumáticos e mais tarde problemas de visão e epilepsia. Tentava evitar que tomassem conhecimento de sua condição física, pois almejava a nacionalidade britânica, o que para sua infelicidade, jamais foi concretizada. Mesmo com todos os problemas de saúde, procurou ser forte para cumprir com suas missões nas expedições e cuidadoso para que não soubessem de suas debilidades físicas.

Na região entre o Brasil e a Guiana Inglesa, Schomburgk produziu muitos levantamentos botânicos, geográficos, astronômicos, etnográficos, geológico e econômico. O mito do eldorado e a própria inspiração em Walter Raleigh indicam que, por detrás da busca pelo conhecimento científico e social, havia o interesse por minérios valiosos, como ouro e diamante em uma região muito rica, como se constatou, de fato, no futuro, inclusive em nióbio e petróleo.

Robert Schomburgk deixou um denso e amplo material registrado e publicado pela Royal Geographical Society em jornais, revistas e livros. Foi lido por muitos viajantes e os inspirou a fazerem expedições entre o extremo norte brasileiro e a Guiana Inglesa, para explorar os locais por onde passou e complementar seus estudos, como o dos povos indígenas da região. Podemos citar, como exemplo, Barrington Brown, Henri Coudreau, Everaldo Thurn, Koch Grunberg etc.

Amado pelos britânicos, admirado pelos viajantes europeus que o seguiram, reparamos nos relatos em relação aos povos indígenas que Schomburgk os via com um misto de curiosidade, com um esforço para compreensão dos costumes e das línguas, às vezes com admiração e em outras passagens com ódio.

Expedicionário de conhecimento variado, Schomburgk seguiu com habilidade a lição do viajante Walter Raleigh: que para ter sucesso e cumprir com a sua missão de conhecer a Guiana Inglesa e suas fronteiras era necessário fazer contatos e alianças de trabalho com os povos indígenas. Neste passo, fornecia aos indígenas que encontrava

produtos como miçangas, contas de vidro, machados, facas, em troca de guias, intérpretes, remeiros, caçadores, pescadores, alimentos e pouso.

Impressiona o roteiro percorrido por Robert Schomburgk, com seus apoiadores indígenas e com seu irmão Richard, que veio da Europa para lhe ajudar na conquista de conhecimento na busca por se fazer ciência, ambos aliados no trabalho aos interesses de crescimento territorial e econômico da coroa britânica.

O geólogo canadense Charles Barrington Brown vem dar sequência ao trabalho de Robert Hermann Schomburgk a serviço da Royal Geographical Society. Chegou com o agrimensor James Sawkins, em 1867, em Georgetown, com quem fez o mapeamento geológico. Brown esteve em expedição pela Guiana Inglesa e na região brasileira do rio Branco, percorrendo rios de canoa e parte do percurso a pé, fazendo levantamento geológico, cartográfico, zoológico e etnográfico.

Nas grandes distâncias que percorreu, Brown contou com guias e intérpretes, principalmente indígenas. Passou por muitas dificuldades em campo, por conta do clima, de obstáculos naturais, da fome, da desconfiança, de doenças tropicais, como a malária etc. Além disso, apresentou grande habilidade em construir alianças de trabalho e trocas com os povos indígenas, utilizando-os em diversos tipos de trabalho, principalmente os Macuxi e Wapishana, para conseguir percorrer os locais que desejava.

Além de intérpretes e guias, Brown necessitou de carregadores por longas distâncias. Por onde passou, descreveu sua convivência entre as etnias indígenas, com quem aprendeu os costumes, as práticas de sobrevivência na floresta e savana, as rotas entre rios, aldeias, vilas, cidades e em locais nunca percorridos e registrados por europeus.

Além disso, foi o primeiro europeu a visitar e registrar, em 1870, a sexta maior cachoeira do mundo, a Kaieteur Falls. Também visitou o Forte São Joaquim, no Brasil, além de fazendas no rio Branco. Foi o segundo viajante a relatar sobre o monte Roraima, os mitos de Makunaima e a região do Pirara, que ainda estava em processo de litígio. Em 1871, Brown descreveu o New River, que ele considerou a verdadeira fonte do Courantyne. Isso deu origem à disputa fronteira do New River Triangle entre o Suriname e a Guiana Inglesa.

Dos viajantes aqui trabalhados, foi o que melhor procurou destacar os animais e como os indígenas se relacionavam com eles. No desenvolver de sua expedição acabou se tornando um obcecado e frustrado caçador de vários tipos de onça. Falhou em todas as suas tentativas de matar com arma de fogo este temido felino da América do Sul, que sempre fugia. Dentre os diversos hábitos indígenas que documentou, relatou tê-los visto

se alimentar de cupins queimados para sobreviverem na floresta. Inclusive, levou para a Inglaterra uma jaguatirica, mas que viveu apenas seis meses longe de seu habitat.

Sua trajetória é de grande importância. Brown conviveu com os Taruma e seus cães de caça, e de passagem observou trocas comerciais com os povos Wai Wai. Documentou, inclusive, o uso dos famosos raladores de mandioca, sendo o segundo viajante, depois de Robert Schomburgk, a mencionar o assunto. Também conviveu com os Arecuna, com quem teve de contar para chegar ao monte Roraima, e todas as descrições de canaímes, tão temidos, evitados e mencionados em história de guerras e mitos, gesto repetido pelos demais viajantes aqui tratados.

Brown demonstrou habilidade na busca de intérpretes, recorrendo até a língua crioula, entre indígenas, mestiços e mocambeiros, percebendo a disputa pela posse da região do Pirara. Também observou o medo e a resistência na fuga da escravidão no Brasil, mesmo em grandes fazendas. Chegou a mencionar ter encontrado um indígena em fuga, mesmo estando este bem fisicamente e alimentado.

Brown percorreu rios e canais estreitos de canoa, onde embarcações de maior porte não entravam, acampou em muitas aldeias, em frente de rios, na floresta e savana, enfrentou chuva, calor, frio, sofreu naufrágio, perdeu pertences, marchou e venceu grandes distâncias com apoiadores carregando muito peso, se machucou e recebeu muita ajuda indígena, para a qual teve que fazer trocas com utensílios de costume, como contas de vidro, ferramentas e machado.

Na região da Serra do Pacaraima, Demerara, Berbice, Cotingo entre outras, relatou a presença de escritos pictóricos indígenas em rochas, atribuídos à era neolítica. Os indígenas com quem conversou acreditavam que essas gravuras e pinturas haviam sido feitos pelo deus Makunaima.

Ainda sobre os indígenas, reconheceu a importância que adquiriu em convivência com eles e percebeu a desconfiança destes em muitas situações. Recrutou diversos indígenas para suas expedições e não deixou de registrar os principais momentos vividos em seu diário pessoal, assim como aspectos científicos e, principalmente, a cartografia de limites da Guiana Inglesa, que em missão deu continuidade ao trabalho de Schomburgk.

Brown, chefe geólogo, percorreu com o engenheiro civil William Lidstone e outros apoiadores, 15.000 milhas pelo rio Amazonas e seus afluentes. A Amazon Steam Navigation Company cedeu seus barcos para essas viagens.

Os ingleses estavam muito interessados no comércio da região, quando a navegação a vapor se expandia, graças ao comércio da borracha. Este produto foi muito

exportado para a Inglaterra e os Estados Unidos. A navegação e o contato com os povos da região amazônica brasileira foram de grande importância, pois mesmo com o financiamento da ferrovia e da guerra contra o Paraguai, as relações entre brasileiros e ingleses estavam bastante arranhadas, principalmente por causa do conflito de interesses pela região do Pirara.

Os feitos de Barrington Brown foram importantíssimos para o Reino Unido na Jamaica, Guiana Inglesa, Birmânia etc. Ele viveu seus últimos dias em Londres, considerado um homem de ferro por ter sobrevivido a tantas doenças, como malárias fortes, e ter conseguido resistir até os 78 anos. Dos viajantes destacados nesta tese, foi o único a viver parte do século XX.

Apesar de seus grandes feitos, não devemos esquecer que foi um fiel expedicionário cientista que trabalhou com afinco no levantamento topográfico de agrimensura geológica, fez mapeamentos na Guiana Inglesa, muito interessado em minérios. Além de seus feitos científicos, trouxe impressões do convívio com etnias indígenas, que revisitamos como testemunho de como esses povos viviam, se portavam, as relações de trocas comerciais que faziam por meio de interesses de atração na base do convencimento, da não escravização indígena e da religião. A religião foi particularmente importante para atrair fiéis e intérpretes e para convencê-los a apoiar a Inglaterra em suas pretensões territoriais na fronteira entre o Brasil e a Guiana Inglesa.

Brown trouxe ricos detalhes da história natural e antropologia. Os interesses dos ingleses que o contrataram o fizeram seguir as pegadas e os rastros de Robert Schomburgk. De fato, Brown deu sequência à configuração cartográfica do território da fronteira, missão que não teria triunfado sem a aliança de trabalho e trocas com os indígenas conhecedores da região.

Por último, o explorador francês Henri Anatole Coudreau esteve a serviço do ministério das colônias e da marinha francesa. Ele chegou em Caiena, na Guiana Francesa, onde ministrou aulas de História e Geografia para, na sequência, realizar seu sonho de viajar em expedição pelos territórios contestados, hoje pertencentes ao estado do Amapá, no Brasil. Neste interim, teve contato com povos indígenas, viajando por estados amazônicos brasileiros, principalmente o Pará e região do rio Branco, onde conviveu com povos indígenas, como os Macuxi, Wapishana etc. Viajou também pela região da Serra do Acarai e no Mapuera, com os Wai Wai.

Ao se envolver com moradores, indígenas e mocambeiros na questão da República do Cunani e do Contestado Franco Brasileiro, foi acusado pelo cientista suíço Emílio



Goeldi, na época o diretor do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, de ser um agente político e sem formação científica que trabalhava para o governo francês.

Descontente com os conflitos gerados durante o Contestado, Coudreau rompeu com as autoridades francesas e passou a trabalhar para o governador do estado do Pará, Lauro Sodré, que lhe deu a missão de fazer levantamentos e mapeamentos cartográficos em vários rios amazônicos e também de promover o estado do Pará na França, justo no período do auge do ciclo da borracha.

Coudreau foi considerado um autodidata e foi premiado pela Sociedade de Geografia Comercial da França, a qual reunia adeptos do chamado partido colonial francês. Ele tinha um público-alvo, que comprava seus livros na França, interessado nas regiões de floresta e savana na Amazônia Caribenha das Guianas. Os contatos que fez com os indígenas foram facilitados por saber falar a língua geral amazônica, o português e outras línguas indígenas.

Por sua amizade com o geógrafo francês Elisée Reclus, por ter rompido com autoridades francesas e ter ido trabalhar com o governo do Pará no Brasil, por ser um possível adepto de Rousseau, por ter criticado os indígenas ditos civilizados e elogiado os “selvagens”, foi reconhecido *a posteriori* como anarquista, inclusive por seu mais conhecido biógrafo, Benoit. Por meio de acesso a documentos, reportagens e jornais brasileiros de época, observa-se que outros autores reconhecem Henri Coudreau como agente político e não anarquista. Ele foi muito criticado no Brasil, na época e nos tempos atuais, por fantasiar seus relatos de viagem e omitir fontes, inclusive por comprar artefatos indígenas de colaboradores ribeirinhos ou fazendeiros, em vez de coletá-los junto aos indígenas estudados, tal como um etnógrafo da época faria. Para maior aprofundamento neste assunto, indico a leitura da dissertação de mestrado “Objetos entre contextos e significados: as coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1894 e 1905”, de Matheus Coelho (2021).

Henri Coudreau escreveu uma vasta obra, passou por muitas dificuldades, climas insalubres, quase morreu afogado por duas vezes, teve doenças tropicais, como a forte malária que contraiu no rio Branco, recebeu tratamento junto com uma pajé na aldeia malacacheta, momento em que colocou em dúvida sua confiança nos indígenas que o acompanhavam pelo fato de estes o terem abandonado em uma maloca quando esteve muito doente, pois temiam que ele morresse e as autoridades brasileiras os culpassem. Ao retornar para a aldeia para pegar seus pertences, viu sua bagagem intacta e foi bem recebido.

Seu objetivo era o patrocínio para continuar conduzindo suas expedições, nas quais contou com a ajuda de sua esposa Octavie Coudreau, que era responsável pela fotografia e cartografia durante as viagens. Henri Coudreau via a tutela sobre os indígenas e a mestiçagem entre brancos e índios (mameluco) como opções de mão de obra trabalhadora para a economia numa vasta região, considerada rica em minério e em recursos da biodiversidade, que contava com grande variedade de produtos alimentícios, de construção e exportação, como a madeira e a borracha.

Ele e sua esposa Octavie não viam com bons olhos a mestiçagem entre o branco e o negro, nem os mocambeiros. Apesar de contarem com apoiadores negros, achavam que estes povos não deveriam se misturar. Em diversas passagens de seus relatos, se referem de maneira preconceituosa e racista em relação aos negros. Consideravam mais os indígenas, os defendiam, pois diziam que os negros não confiavam nos índios e muitas das vezes os tratavam como rivais.

O casal francês Coudreau é considerado o último dentre os exploradores em terras da Amazônia brasileira do século XIX, onde estiveram a campo, produzindo mapas e uma etnografia não muito científica, mas importante para a análise e o registro da época, de como se comportavam os indígenas e as disputas fronteiriças entre Brasil, Inglaterra e França. A navegação a vapor e o ciclo da borracha promoveram bastante a Amazônia Brasileira na economia mundial, principalmente a partir do tratado de livre navegação, momento em que o casal francês continuou em expedição sobre o patrocínio do governo do estado do Pará, no Brasil.

Henri Coudreau presenciou e denunciou a exploração da mão de obra compulsória produzida pelo ciclo da borracha no Brasil, onde se utilizou o trabalho forçado de indígenas, seringueiros, negros, mestiços e ribeirinhos, devido a condições árduas e muito próximas de um regime de escravidão. Neste momento, as cidades de Belém e de Manaus se destacaram como importantes centros urbanos brasileiros.

Henri Coudreau percorreu enormes distâncias a pé, de canoa, batelão junto com o gado, barco a vapor e, no meio de toda essa peripécia, teve dificuldade em se alimentar bem devido às fortes malárias mal cuidadas que teve. Inclusive envelheceu precocemente aos 40 anos de idade.

Junto de sua esposa, começou a produzir relatos e se utilizou de fotografias posadas. Morreu em uma canoa nos braços dela nas margens do rio Trombetas. Foi enterrado por ela e seus apoiadores em frente ao Lago Tapagem, em 1899. Esse episódio foi relatado por Octavie Coudreau de maneira dramática e romântica, fruto de sua dor e

da influência literária, para impressionar e levar às lágrimas seus leitores. Após um luto muito doloroso, Octavie, com apoio do governo do Pará e do Amazonas, resolveu completar o trabalho de seu esposo. Continuou a viagem que faziam e se passou muitas vezes por um homem, vestia inclusive roupas masculinas para não sofrer preconceito. A principal justificativa para terminar e complementar o trabalho de seu falecido esposo em terras brasileiras foi a conquista de autorização para transladar os restos mortais de seu esposo, para ser enterrado perto de seus parentes e conterrâneos na França.

Além disso, complementou e lançou o livro “Voyage au Trombetas” no ano de 1900. Octavie preferiu fazer as fotos sem pose, retratando de maneira espontânea e de surpresa os povos indígenas com quem conviveu e estudou. Isso foi algo desenvolvido após a morte de seu esposo, conforme pode se observar na obra “Voyage au Mapuera” lançada em 1903. Nessa obra, apresentou diversas fotografias, inclusive do povo Wai Wai. Mesmo em breve passagem, Octavie conseguiu recolher palavras e traduções da língua deles, complementou o trabalho de Henri no Mapuera, considerado o terceiro viajante a relatá-los, após Robert Schomburgk e Barrington Brown.

Mulher de muita coragem, Octavie Coudreau negociava com autoridades políticas, apoiadores negros, indígenas, fazendeiros, ribeirinhos e brancos, surpreendendo a todos que não a conheciam quando se revelava mulher. Inclusive sofreu naufrágios e perdeu muitos pertences, mas não o seu gramofone que utilizava para ouvir seus discos de ópera em plena Amazônia.

Henri Coudreau, se comparado com os viajantes Robert Schomburgk e Barrington Brown, foi o mais contemplado com dissertações, capítulos de livro, artigos e traduções no Brasil e na Europa, por isso cabe a nós destacarmos seus méritos e deméritos em suas representações sobre os povos indígenas da região da Amazônia Caribenha das Guianas.

Ao tratarmos dos viajantes contemplados nessa tese, notamos que o Robert Schomburgk, influenciado por Humboldt e Raleigh, influenciou o geólogo canadense Barrington Brown. Ambos foram lidos, mencionados e denunciados pelo viajante francês Henri Coudreau, devido aos interesses e serviços prestados aos ingleses na atração de indígenas em terras brasileiras para comporem junto à configuração cartográfica ambicionada pela coroa britânica.

Após analisarmos os relatos de Robert Schomburgk sobre os indígenas, notamos costumes, lugares e acontecimentos que em várias passagens se repetiram com Barrington Brown, apesar deste último ter ido a aldeias indígenas e a lugares não visitados e relatados por Schomburgk. Ambos estiveram visitando o monte Roraima, evento não realizado por

Henri Coudreau, mas que repetiu o feito dos outros viajantes visitando o forte São Joaquim no rio Branco e outros locais.

Nas narrativas dos três viajantes sobre os indígenas da região do rio Branco e da Guiana Inglesa, notamos argumentos e práticas que se repetem, como o elogio à beleza indígena, assim como o desprezo ao mencionar a feiura, conforme a descrição anatômica, costumes culturais e práticas, elogios e crítica estética. Estes costumes se repetem em parte por esses viajantes europeus estarem inseridos num período de ciência racalista, racista e de imposição ao estilo romântico e eurocêntrico.

Tanto nos relatos de Schomburgk, Brown e Coudreau, dentro de suas investigações científicas, percebemos elogios e admiração por certos povos indígenas, criticam o atraso cultural, a falta de higiene e revelam seu preconceito por não seguirem os costumes culturais europeus. Percebemos nas narrativas que se referiam muito ao atraso técnico e que, por essa razão, a cultura indígena, iria irreversivelmente extinguir-se.

Devemos reconhecer que nem sempre o que foi escrito por esses viajantes é o que foi vivido, algo que percebemos na intertextualidade da escrita e narrativa dos relatos. Por detrás dessas representações de narrativa, existiu a adaptação para a publicação de reportagens em jornais e livros, atendendo aos desejos e ao interesse de seus contratantes e leitores.

Além do registro trazido pelos viajantes europeus de como se portavam os costumes indígenas dentro do Brasil e na Guiana Inglesa nos lugares percorridos, observamos um testemunho de época que, apesar de toda uma adaptação de escrita, nos trouxe importantes informações dentro da literatura dos viajantes e das viagens e na história de estados e fronteiras que estavam em litígio e formação.

Os três viajantes previram o irreversível desaparecimento dos indígenas e de sua cultura. O tempo demonstrou estarem errados, pois com muita luta os povos indígenas daquela região conseguiram se adaptar, crescer, sobreviver, preservar seus costumes, demarcar suas terras e se organizar politicamente em relação ao estado brasileiro e da Guiana. Enfrentaram o preconceito e a invasão de suas terras, os indígenas obtendo uma grande vitória por seus direitos inseridos na Constituição Brasileira de 1988. Com o decorrer do tempo tiveram suas terras demarcadas e homologadas. Mesmo com a falta de assistência de governos passados e com a invasão de suas terras pela pecuária, agricultura e a mineração ilegal, a partir de 2023 os indígenas estão avançando em suas reivindicações e estão sendo representados em esfera federal por duas indígenas, uma no

Ministério dos Povos Indígenas, a ministra Sônia Guajajara, do estado do Maranhão e a outra na Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), a atual presidenta Joenia Wapichana, ex-deputada federal do estado de Roraima, originária das antigas terras do rio Branco.

Como contribuição a historiografia, esta tese deu visibilidade a viajantes, povos indígenas e a uma região muito pouco estudada no Brasil, com todas as importantes transformações ocorridas no Século XIX.

Notamos nos relatos desses viajantes a importância da aliança de trabalho com os indígenas, que com os conhecimentos territoriais e suas práticas, junto ao patrocínio de estado, ajudaram longas expedições científicas e foram agentes decisivos em disputas fronteiriças. As terras que felizmente ainda ocupam, ricas em diversidades naturais e minerais, ainda são ambicionadas por exploradores. Oxalá esses povos continuem resistindo aos invasores e defendendo seus direitos.

## REFERÊNCIAS

### FONTES DOS VIAJANTES:

BROWN, Charles B. *Canoe and Camp Life in British Guiana*. London: Edward Stanford, 1876.

BROWN, Charles B.; LIDSTONE, William. *Fifteen thousand miles on the Amazon and Its tributaries*. Charles Barrington Brown and William Lidstone, E. Stanford, 1878, 520 pp.

BROWN, Charles B. Indian Picture Writing in British Guiana. *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 1873, Vol. 2 (1873), pp. 254-257  
Published by: Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland Stable URL: <<https://www.jstor.org/stable/2841173>> Acesso em 02/11/2022.

CARTA S.C. 31349 V. *La Linea Schomburgk en la cuestion de limites entre Venezuela y la Guayana Britanica*.

COUDREAU, Henri A. *La France Équinoxiale. Voyage a Travers Les Guyanes et e'l Amazonie*. Paris, Challamel aîné, Éditeur, Librairie Coloniale, 5, Rue Jacob, Et Rue Fubstenberg, 2, 1887.

COUDREAU, Henri A. *Les Français en Amazonie*. Picard – Berheim ET Cie, Collection Picard, Bibliothèque colonial. Illustré par P. Hercouet ET F. Massé, Paris , 1887.

COUDREAU, Henri A. *Viagem ao Tapajós – Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1940.

COUDREAU, Henri A. *Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au Haut Trombetta (mai 1884 - avril 1885)*. Rouen: Imprimerie Esperance Cagniard, 1886.

COUDREAU, Octavie. *Voyage à la Mapuerá*. Paris: A. Lahure Imprimeur- Éditeur, 1903.

COUDREAU, Octavie. *Voyage au Trombetas*. Paris: A. Lahure, 1900.

SENTENZA ARBITRALE DI SUA MAESTÀ VICTOR EMMANUEL III REI D'ITALIA: *La questione dela frontiera tra la Guaiana Britannica ed il Brasile*. Roma, 6 Giugno 1904.

SCHOMBURGK, Richard. *Richard Schomburgk's Travels in British Guiana 1840-1844*. Translate and edited with W. E. Roth. Georgetown: Daily Cronicle Office, 1923.

SCHOMBURGK, Robert. *A description of British Guiana, Geographical and Statistical (1840)*. Cambridge University Press, New York, 2010.

SCHOMBURGK, Robert. Journal of an expedition into the interior of Guyana...1837-38. *Journal of the Royal Geographical Society of London*, v.15, n.2, p.1-104, 1845.

SCHOMBURGK, Robert. Journal of an Expedition from Pirara to the Upper Corentyne, and from Thence to Demerara. Source: *The Journal of the Royal Geographical Society of London*, 1845, Vol. 15 (1845), pp. 1-104. Published by: Wiley on behalf of The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers) Stable URL: <<https://www.jstor.org/stable/1797903>>. Acesso em: 10/10/2020

SCHOMBURGK, Robert. Journey from Esmeralda, on the Orinoco, to San Carlos and Moura on the Rio Negro, and thence by Fort San Joaquim, to Demerara, in spring of 1839, *Journal of the Royal Geographical Society*, t. X: pp. 248 a 267, 1841.

SCHOMBURGK, Robert. Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and Thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9. Source: *The Journal of the Royal Geographical Society of London, 1840, Vol. 10 (1840)*, pp. 191-207+209-247. Published by: Wiley on behalf of The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers) Stable URL: <<https://www.jstor.org/stable/1797841>>. Acesso em: 14/09/2020

SCHOMBURGK, Robert. On the Natives of Guiana. *Journal of the Ethnological Society of London (1848-1856), Vol. 1 (1848)*, pp. 253-276. Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. Available: < <https://www.jstor.org/stable/3014089>>. Acesso em: 25/09/2018.

SCHOMBURGK, Robert. "Report of an expedition into the interior of British Guyana in 1835 – 6", *Journal of the Royal Geographical Society*, t. VI, pp. 224 a 284, 1836.

SCHOMBURGK, Robert. "Report of third expedition into the interior of Guayana, comprising the journey to the sources of the Essequibo, to the Carumá Mountains, and to Fort San Joaquim, on the Rio Branco, in 1837 – 8", *Journal of the Royal Geographical Society*, t. X: pp. 159 a 190, 1841.

SCHOMBURGK, Robert. *The Guiana Travels of Robert Schomburgk 1835-1844, V. I, Londres: The Hakluyt Society, 2006.*

SCHOMBURGK, Robert. *The History of Barbados. Comprising a Geographical and Statistical Description of the Island*, London: Longman, Brown, Green and Longmans. 1848.

SCHOMBURGK, Robert. "*The Natural History Fishes of the Guiana, vol.1*". Edinburgh: W. H. Lizars, 3, ST. James' Square; S. Highley, 32, Fleet Street, London; and W. Curry, Jun. And Co. Dublin. 1841.

SCHOMBURGK, Robert. Visit to the Sources of the Takutu, in British Guiana, in the Year 1842. Source: *The Journal of the Royal Geographical Society of London, 1843, Vol. 13 (1843)*, pp. 18-75. Published by: Wiley on behalf of The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers) Stable URL: <<http://www.jstor.com/stable/1798133>>. Acesso em: 20/10/2020.

SILVA, João Ribeiro da. *A missão Schomburgk, antecedentes da geopolítica britânica*. In: R. IHGB, Rio de Janeiro, 162, nº 41, abr/jun. 2001, p.159-161.

THURN. Everald F. A Journey in the Interior of British Guiana. Source: *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography, New Monthly Series, Vol. 2, No. 8 (Aug. 1880)*, p.475. Published by: Wiley on behalf of The Royal Geographical Society (with the Institute of British Geographers) Stable URL:< <http://www.jstor.org/stable/1800576>>. Acesso em: 01/11/2020.

#### FONTES SECUNDÁRIAS

FARABEE, W.C. *The Central Caribs*. Philadelphia: The University Museum, University of Pennsylvania, 1924.

FERRETI, Frederico. O fundo Reclus-Perron e a controvérsia franco-brasileira de 1900. *Revista Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História e Geografia*, 2013. In: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/744>>. Acesso em: 24/08/ 2022.

HISTORY ARCHIVE. *Charles Barrington Brown*. In:<<https://historyarchive.org/works/creators/charles-barrington-brown>>. Acesso em: 01/11/2020.

LE TERRITORE. *L'Étoile du Sud (em francês). Rio de Janeiro. 22 de junho de 1895*. In: <[http://memoria.bn.br/pdf/259764/per259764\\_1895\\_00459.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/259764/per259764_1895_00459.pdf)>. Acesso em: 27/ 09/ 2022.

LIMITES DO BRASIL (1493 a 1851). *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, IHGB, Tomo XXX, parte segunda, p.193-240*.

LYONS, Mathew. *Whats in a name? Walter Raleigh vs Walter Raleigh*. *Writher & Historian*. In:<<https://mathewlyons.co.uk/2012/02/20/whats-in-a-name-walter-raleigh-vs-walter-raleigh/>>. Acesso em: 26/01/2021.

MRE (Ministério das Relações Exteriores). *Rio Branco - Redução das Cartas V, VI e VII do Atlas de Coudreau*. Rio de Janeiro. In:< [https://atom .itamaraty. gov.br/ index.php/1096;isad?sf\\_culture=nl](https://atom.itamaraty.gov.br/index.php/1096;isad?sf_culture=nl)>. Acesso em: 24/08/2022.

NL-HANA\_1.05.05. *Archief van Societeit van Berbice, 1720-1795*. National Archief, Den Haag, Nederland.

OLGIVIE, J. *Aboriginal Indians*. University Museum, University of Pensylvania, 1942. (Ms.)

OBITUARY - *Charles Barrington Brown, R.S.M., F.G.S. 1917, p.237*. In: <<https://www.cambridge.org/core>>. Acesso em: 15/01/2021.

*PARECER DO CONSELHO ULTRAMARINO, 20.12.1695*. In: B & BGB – An., Mem., Br., 1903, I: 30.

RALEGH, Walter. *“The Discovery of the Largue, Rich, a Beautiful Empire of Guiana, with a relation of the great and Golden City of Manoa, etc. Performed in the year 1595, By SR. Walter Raleigh”*. Edited by Sir Robert H. Schomburgk. London: Printed for the Hakluyt Society. M.DCCC.XLVIII (1848).

RBG (Revista Brasileira de Geografia). *Vultos da Geografia do Brasil – Henri-AnatoleCoudreau – Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Abril/Junho de 1943*.

RODWAY, James. *The Schomburgks in Guiana*. In: *Timehri - Being The Journal 3/ The Royal Agricultural & Comercial Society of British Guiana*. Edited by J. J. Quelch, B. Sc, Lond., C.M.Z.S. VOL. III. (New Series), 1889.

#### FONTES UTILIZADAS APENAS PARA CONSULTA

ADALBERT, Prince of Prússia (1811-1873). *“The Travel of his Royal highness Prince Adalbert of Prússia, in the south of Europe and in Brazil, with a voyage up the Amazon and the Xingú”*. Translated by Robert H. Schomburgk and John Edward Taylor. Londres, David Bogue Fleet Street, MDCCCXLIX (1849).

AN. IG 10 - Ministério da Guerra – Pará, *Correspondência do Presidente da Província, 1835 a 1840*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.



AHI. L 465 m 8 - *O Direito do Brasil na sua Questão com a Guiana Inglesa: Parecer da Secção de Negócios Estrangeiros do Conselho de Estado*. Relatores: Visconde do Uruguai, Caetano Maria Lopes Gama e Visconde de Abrantes. Exemplares manuscritos, o menor com anotações do Barão do Rio Branco. 1854. Arquivo Histórico do Itamaraty, Brasília.

BROWN, Charles B.; SAWKINS, James Gay [...]. *Reports on the geology of Jamaica; or, Part II. of the West Indian survey*. London, Printed for H.M. Stationery Off., Longmans, Green, and Co., 1869.

BROWN, Charles B.; SAWKINS, James Gay. *Reports on the Physical, Descriptive, and Economic Geology of British Guiana*, Charles Barrington Brown and James Gay Sawkins, Nabu (repr. 2010), 328 pp.

BROWN, Charles B.; DEBENHAM, Frank. *Structure and area: a book of field geology*. Charles Barrington Brown and Frank Debenham, E. Arnold & co. 1929, 168 pp.

COUDREAU, Henri A. “*Chez nos indiens: quatre années dans la guyane française*”. *Quatre annés das La Guyane Française, Le tour Du Monde*, 1892.

COUDREAU, Henri A. *Le Pays de Wargla et les peuples de l' Afrique et Hartmann*. Paris (Viat) 52 p, 1882 in- 16 °.

COUDREAU, Henri A. 1859-1899. *Vocabulaires méthodiques des langues ouayana, aparai, oyampi, émérillon*. Paris, J. Maisonneuve, 1892 (OCoLC)647466413.

COUDREAU, Henri A. *Viagem à Itaboca e ao Itacaiúnas*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1980.

COUDREAU, Henri A. *Viagem ao Tapajós – Brasil*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1940.

COUDREAU, Henri A. *Viagem ao Tapajós: 28 de julho de 1895 - 7 de janeiro de 1896*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [194-]. 288 p., il.

COUDREAU, Henri A. *Viagem ao Xingu*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977b.

COUDREAU, Henri A. 1859-1899. *Vocabulaires méthodiques des langues ouayana, aparai, oyampi, émérillon*. Paris, J. Maisonneuve, 1892 (OCoLC)647466413.

COUDREAU, Henri A. *Voyage au Xingu: 30 mai 1896, 26 octobre 1896*. Paris: Lahure, 1897.

COUDREAU, Henri A. *Voyage au Tocantins – Araguaya*. Paris: A. Lahure, Imprimeur-Éditeur, 1897.

COUDREAU, Henri A. *Voyage au Tocantins et Xingu: 3 avril 1898 – 3 novembre 1898*, Paris: ALahure, 1899. in 4°, 78 vignettes, 15 cartes. Hachette.

COUDREAU, Henri A. *Voyage au Yamunda: 21 janvier 1899-27 juin 1899*. Paris: A Lahure, 1899.in 4°, 87 vignettes, 17 cartes. Hachette.

COUDREAU, Henri A. *Yamundá*. Bruxelles [Bélgica]: Institut Geographique, 1899. 1 mapa em 11 seções. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart163334/cart163334.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart163334/cart163334.pdf)>. Acesso em: 7 ago. 2017. Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional – Brasil.

SCHOMBURGK, Robert. *The History of Barbados. Comprising a Geographical and Statistical Description of the Island*, London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1848.

#### TESES E DISSERTAÇÕES

COELHO, Matheus Camilo. *Objetos entre contextos e significados: as coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi entre 1894 e 1905* / Matheus Camilo Coelho. Belém, 2021.

MENCK, José Theodoro Mascarenhas. *A Questão do Pirara (1829-1904)* / José Theodoro Mascarenhas Menck - Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

MUNHOZ, Felipe. *Do Parixara ao forró, do forró ao “parixara”: uma trajetória musical*. Dissertação de mestrado. PPGAS, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

LAPOLA, Daniel Montenegro. *Vivendo na floresta: reflexões sobre a relação sociedade natureza a partir da atividade de caça do povo Wai Wai da comunidade Jatapuzinho - Roraima* / Daniel Montenegro Lapola. – Boa Vista, 2019. 125 f.: il.

SOUZA, Alexandre Aniceto. *Waiwai yana komo: Rotas de transformações ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas* / Alexandre Aniceto de Souza. 2018.

SOUZA FILHO, Durval de. *Os retratos dos Coudreau: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” 1884-1899*. Durval de Souza Filho; orientador Mauro César Coelho. Belém, 2008.

SOUZA, Jorge Manuel Costa. *Os Waiwai do Jatapuzinho e o irresistível apelo à modernidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

#### ARTIGOS

AGNEW, John. Space and Place. In: Agnew, J. A.; Livingstone, D. (Eds.). *The Sage Handbook of Geographical Knowledge*. Los Angeles: SAGE, 2011, p. 316-330.

BAINES, Stephen. Brasil e Grã-Bretanha disputam o território Makuxi. In. *Anuário Antropológico/95*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp.265-274.

BENTO, Cel. Cláudio Moreira. *A intrusão francesa no Amapá em 1895. E o massacre na Vila Amapá*. Academia de História Militar Terrestre do Brasil. In: < <http://www.ahimtb.org.br/DISPUTA%20PELO%20AMAPA%20ENTRE%20FRAN%C3%87A%20E%20BRASIL%20E%20MASSACRE%20DA%20VILA%20AMAP%C3%81.pdf>>. Acesso em: 27/09/22.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. A saga de Ewká: Epidemia e evangelização entre os Wai Wai. In: Robin M. Wright (org.), *Religiões indígenas e cristianismo no Brasil*. Universidade Estadual de Campinas, Séries Perspectivas Antropológicas, 1996, pp.214-241.

CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. *Trombetas – Mapuera. Território Indígena*. Brasília: FUNAI/PPTAL. 2008.

CARDOSO, Pauliany Barreiros. *Relatos de viagens e imagens na construção da história Amazônica nas obras de Jules Crevaux e Henri Coudreau*. In: I Encontro Estadual da Anpuh-AP. Jornada internacional de estudos de História da Amazônia “Diásporas, migrações e territorialidades na Pan-Amazônia, 2014.

- CARVALHO, Fábio Almeida de. Considerações sobre a literatura da região circun-Roraima: originalidade, circulação, transposição e deriva literária. In: *Gragoatá, Niterói*, v.25, n. Comemorativo, p. 430-454, julho 2020.
- CLAVIN, Patricia. Defining Transnationalism. *Contemporary European History*, v. 14, n. 4, 2005, p. 421-439.
- COELHO, Matheus Camilo; BENCHIMOL, Alegria; MIRANDA, Elis de Araújo Miranda. Henri Coudreau e a “vulgarização” amazônica: os índios Juruna, Tapayuna e Parintintin (1895-1896). *Novos Cadernos NAEA* • v. 22 n. 3 • p. 245-261 • set-dez 2019.
- FARAGE, Nádia. *Etnografia Wapishana: Arqueologia de um preconceito*. GT. História Indígena e do Indigenismo: XIX Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1995.
- FRANK, Erwin. A Beleza e Vício: O olhar etnográfico dos irmãos Schomburgk (1835-1844). In: *Revista Antropológicas*, ano 11, volume 18 (1): 20, 2007, pp. 95-136.
- GOMES, Carlos Valério Aguiar. Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 13, n. 1, p. 129-146, jan.-abr. 2018.
- GRANDHOMME, F. *Reconsidérer la figure de l'explorateur du XIX e siècle: le cas de Jules*, 2011.
- NEWMAN, David. Boundaries. In: Agnew, J. A.; Mitchell, K.; Toal, G. (Eds.). *A Companion to Political Geography*. Maiden, MA: Blackwell Publishers, 2003, p. 123-137.
- MUNHOZ, Felipe. Imitação e transformação ou a criatividade Macuxi. In: *Revista de @ntropologia da UFSCar*, 12 (1), jan./jun. 2020.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *Os atalhos da magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena*. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Antropol.* 3 (2).1987, pp.155-188.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; MAGALHÃES, Maria das Graças Dias. A Questão do Pirara: *Roraima*. In: *Revista Texto e Debates, UFRR*.Boa Vista, 2012.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Amazônia Caribenha: A regionalização, os caminhos históricos e culturais. In: *Dos caminhos aos processos culturais entre Brasil e Suriname/ organizadores: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; FERNAND, Andrea Idelga Jubithana*. Boa Vista: Editora UFRR, 2014.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Notas sobre os holandeses na Amazônia no período colonial. In: *Revista Textos & Debates n. 11*. Boa Vista-RR: Edufr, 2006.
- PAASI, Anssi. Territory. In: Agnew, J. A.; Mitchell, K.; Toal, G. (Eds.). *A Companion to Political Geography*. Maiden, MA: Blackwell Publishers, 2003, p. 109-122.
- PIERRE, Yves Saunier. *Circulations, connexions et espaces transnationaux*. Genèses, 2004/4(n° 57), pp. 110-126. <<http://www.cairn.info/revue-geneses-2004-4-page-110.htm>>. Consultado em 14/10/2022.
- ROMANI, Carlos. A questão de limites entre o Brasil e a Guiana Britânica. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento Histórico e diálogo social. Nata, RN, 2013.

ROMANI, Carlos. Missões científicas, imperialismo e política externa nas fronteiras com as Guianas. In: Adilson J.I. Brito; Carlos Romani; Carlos Augusto Bastos. (Org.). *Limites Fluentes. Fronteiras e identidades na América Latina (Séculos XVIII-XXI)*. 1ed. Curitiba: CRV, 2013, V.1, pp.135-156.

SARNEY, José. *Pronunciamento de José Sarney em 12/12/2000*. Senado do Brasil. 12 de dezembro de 2000. In:<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/313352>>. Acesso em :27/09/2022.

SILVA, Paulo (2 de dezembro de 2018). «*Laudo Suíço faz 118 anos*». *Diário do Amapá*. In:<<https://www.diariodoamapa.com.br/blogs/paulo-silva/laudo-suico-faz-118-anos/>> Acesso em: 29/09/2022.

THOMPSON, Sandra. *Botany- South America Explorers Guyana -Biography Guyana-Discovery and exploration-British Robert Hermann Schomburgk (1804-1865) SouthAmerica-History*. In:<<https://rgssa.blogspot.com/2019/10/robert-hermann-schomburgk-and-flower-of.html>>. Consultado em :13/06/2022.

VIEIRA, Jaci Guilherme; GOMES FILHO, Gregório F. *Forte São Joaquim: do marco da ocupação portuguesa do Vale do Rio Branco às batalhas da memória – século XVIII ao XX*. Textos & Debates, Boa Vista, n. 20, p. 101-119, 2013.

## LIVROS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BENOIT, Sébastien. *Henri Anatole Coudreau (1859-1899): dernier explorateur français en Amazonie*. Paris: L’Harmattan, 2000.

BURKE, Peter. Modelos e métodos” e “Teoria e mudança social”. In: *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002, pp. 39-66 e 181-230.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* / Peter Burke; Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BURKE, Peter. Partes e artes do cotidiano. In: *Folha de São Paulo, Caderno Mais, São Paulo, 28 de junho de 2002*. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2807200211.htm>>. Acesso em 21/06/2022.

BUTT COLSON, A. J. Routes of Knowledge: *An Aspect of Regional Integration in the Circum-Roraima Area of the Guianas Highlands*. *Antropológica*, v. 63-64, p. 103–149, 1985.

BUT COLSON, A.J. *The Guianas*. Bulletin of the international Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research 7:69-90, 1962.

BROUSSEAU, Georges. *Le conteste franco-Brésillien*. 1899.

CARVALHO, Fábio Almeida de. *Makunaima/Macunaíma: contribuições para o estudo de um herói transcultural*/Fábio Almeida de Carvalho. - 1.ed.- Rio de Janeiro: E- pappers, 2015.

CARVALHO, Fábio Almeida; FERNANDES, Maria Luiza; CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira. *Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia* / Maria Luiza Fernandes, Fábio Almeida de Carvalho, Sheila Praxedes Pereira Campos, organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

- CERTEAU, Michel de: *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CERTEAU, Michel de. “A Operação Historiográfica”. In: *A escrita da História/ Michel de Certeau: Tradução de Maria Lourdes Menezes: revisão técnica de Arno Vogel*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 55-106.
- CIDR. Centro de Informação Diocese de Roraima. *Índios de Roraima: Makuxí, Taurepang, Ingarikó, Wapixana*. Coleção Histórico-Antropológica n.º 1. 106 p., ilustrado com desenhos e fotos. Boa Vista: Diocese de Roraima, 1989.
- COLSON, A. Routes of Knowledge: *An Aspect of Regional Integration in the Circum-Roraima Area of the Guianas Highlands*. Antropológica, v. 63-64, p. 103-149, 1985.
- COLSON, A. Comparative studies of the social structure of Guiana Indians and the problem of acculturation. In: SALZANO, FM (Ed.) *The ongoing Evolution of Latin American populations*, Springfield, Illinois, 1971, p.61-126.
- COLSON, A. The spatial component in the political structure of the Carib speakers of the Guiana Highlands: Kapon and Pemon. *Antropologica*, v-59-62, p.73-124, 1983-1984, 1986.
- DELBOURGO, James. Fugitive Colours: Shamans’ Knowledge, Chemical Empire and Atlantic Revolutions. - Chapter 7. 2009, pp. 271-321. In: SCHAFFER, Simon, ed. *The Brokered World: Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Sagamore Beach, Mass: Science History Publications, 2009.
- DOYLE, Arthur Conan. *O mundo perdido*. Tradução: Romualdo Apis Guimarães. Editora: Nova Alexandria. São Paulo, 1998.
- DRIVER, Felix. Intermediaries and Archive of Exploration. In: *Indigenous Intermediaries: New perspectives on exploration Archives*, edited by Shino Konish, Maria Nunget, and Tiffany Shellam, 11-29. Canberra: ANU Press, 2015.
- FARABEE, W.C. *The Central Caribs*. Philadelphia: The University Museum, University of Pennsylvania, 1924.
- FARAGE, Nádia; SANTILLI, Paulo. Estado de Sítio: territorialidade e identidade no Vale do Rio Branco. In: Manuela Carneiro (org.). *História dos índios no Brasil*. Companhia das letras. São Paulo, 1992.
- FARAGE, NÁDIA. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. São Paulo: Paz e Terra, ANPOCS, 1991.
- FERNANDES, Maria Luiza; CARVALHO, Fábio Almeida: Henri Coudreau, um francês no vale do Rio Branco. In: *Sobre viagens, viajantes e representações da Amazônia* / Maria Luiza Fernandes, Fábio Almeida de Carvalho, Sheila Praxedes Pereira Campos, organizadores. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.
- FOCK, Niels. *Waiwai, religion and society of an amazonian tribe*. National Museum of Denmark, Ethnographic Series, 8.1963.
- FORTE, J. & PIERRE, I. “The Material Culture of the Wapishana People of the South Rupununi. Savannahs”. *Occasional Publications of the Amerindian Research Unit*. Turkeyen, Georgetown, University of Guyana, 1990.
- FRIKEL, Protássio. Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. *Rev. Antropol.* São Paulo, (6) (2), pp. 113-187, 1958.

- GARMATZ, Bruno Cláudio. *Monte Roraima: a morada de Makunaima* / por Bruno Cláudio Garmatz. \_ Curitiba: Artes & Textos, 2013.
- GUPPY, Nicholas. *Wai-Wai*. London: John Murray, 1958.
- HOWARD, Catherine: Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico*/organizadores Bruce Albert e Alcida Rita Ramos. – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- ISA. *Terra Indígena Trombetas/Mapuera*. In: Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: < <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3951> > Acesso em 17/02/2018.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco: observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913*. Trad. Cristina Alberts-Franco: São Paulo: Unesp, 2006.
- LIVINGSTONE, David. *Naturalists and Navigators, Geography in the Enlightenment. The Geographical Tradition. Episodes in the History of a Contested Enterprise*: Oxford: Blackwell, 1992, pp.102-138.
- MANGAR, Tota. Sir Robert Schomburgk e suas explorações na Guiana. In: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes; IFILL, Mellissa (org.). *Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guyana*. Boa Vista, RR: Ed. UFRR, 2011.
- MEIRA, Sílvio A. Bastos. *Fronteiras Sangrentas: heróis do Amapá*. [S.l.]: Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1975.
- MIGLIAZZA, E. C. *Languages of the Orinoco-Amazon basin: current status*. Antrópica 53:95-162. Caracas, Fundacion la Salle, 1980.
- NABUCO, Carolina. *A vida de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1928.
- NABUCO, Joaquim. *La Construction Des' Mémoires Anglais- Troisième Mémoire Vol.I- Presente a Rome Le 25 Févrie, 1904*. Paris A. Lahure, Impmmeur-Éditeur 9, Rue de Fleurus, 9.
- NABUCO, Joaquim. *La pretension anglaise: présenté a Rome le 26 septembre 1903*. Second mémoire bresilien: question soumise a l'arbitrage de S. M. le Roy d'Italie, Paris: A. Lahure, 1903. v.1.
- NABUCO, Joaquim. *O Direito do Brasil*. Obras Completas de Joaquim Nabuco, vol. 8, São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- OLGIVIE, J. *Aboriginal Indians*. University Museum, University of Pensylvania, 1942. (Ms.).
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades* / João Pacheco de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2016.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. *Amazônia caribenha: processos históricos e os desdobramentos socioculturais e geopolíticos na ilha da Guiana* / Reginaldo Gomes de Oliveira. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.
- QUEIROZ, Jonas Marçal; GOMES, Flávio dos Santos. *Amazônia, fronteiras e identidades: Reconfigurações coloniais e póscoloniais (Guianas -séculos XVIII-XIX)*. In: *Lusotopie, n°9, 1e semestre 2002. Les organisations non gouvernementales em Lusophonie. Terrains et débats*. pp. 25-49.

- RAJ, Kapil. Mapping Knowledge Go-Betweens in Calcutta, 1770–1820. Chapter 3. In: SCHAFFER, Simon, ed. *The Brokered World: Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Sagamore Beach, Mass: Science History Publications, 2009.
- REIS, A.C. Ferreira. *A Amazônia e a Cobiça internacional*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1960.
- RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do. *Questões de Limites: Guiana Francesa/ Barão do Rio Branco*. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- RIVIÈRE, Peter. *Absent-Minded Colonialism: Britain and the Expansion of Empire in Nineteenth -Century Brazil*. London, New York: Tauris Academic Studies, I.B. Tauris Publishers.1995, 194 p.
- RIVIÈRE, Peter. *O indivíduo e a Sociedade na Guiana: Um estudo comparativo sobre a Organização Social Ameríndia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- SÁ, Lúcia. O espaço literário do circum-Roraima. In: *Literatura e Fronteira / Fábio Almeida de Carvalho, Roberto Mibieli, Isabel Maria Fonseca (Organizadores)*. – Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.
- SANJAD, Nelson. *A Coruja da Minerva: O Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907) / Nelson Sanjad, - Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.*
- SANTILLI, Paulo. *Fronteiras da República*. NHII/USP/FAPESP- São Paulo, 1994.
- SANTILLI, Paulo. *Pemongon Patá: Território Macuxi, rotas de conflito/ Paulo Santili. – São Paulo: Editora UNESP, 2001.*
- SANTILLI, Paulo. Povos de Roraima. In: *Makunaima grita: Terra Indígena Raposa Serra do Sol e os direitos constitucionais no Brasil/organizadores: Julia Trujllo. II...[et al.].-Rio de Janeiro: Beco de Azogue, 2009.*
- SCHAFFER, Simon. *The Brokered World: Go-Betweens and Global Intelligence, 1770-1820*. Sagamore Beach, Mass: Science History Publications, 2009.
- SCHULER, Evelyn. *Transformações Wai Wai*. In: BARBOSA, Reinaldo Imbrozio; MELO, Valdinar Ferreira (Org.). *Roraima: homem, ambiente, e ecologia / organização de Reinaldo Imbrozio Barbosa e Valdinar Ferreira Melo*. – Boa Vista: FEMACT, 2010.
- SCRUGGS, Willian L.; STORROW, James J. Before the Venezuela Boundary Commission. *Brief for Venezuela*. First Part: Introduction and Summary. Note on the Schomburgk Line. Revised Edition, September, 1896.
- SHORT, John Rennie. *Cartographic Encounters: Indigenous peoples and explorations of the New World*. Published by Reaktion Books Ltd 33. Great Sutton Street. LONDON EC1V 0DX, UK, 2009.
- STEWART; TABORI; CHANG. *Royal Geographical Society Illustrated*. Division of U.S. Media Holdings, Inc.115 West 18th Street, New York, NY, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.7.
- TODOROV, Tzvetan. *O Jardim Imperfeito: O pensamento humanista na França / Tzvetan Todorov; tradução Mary Amazonas Leite de Barros*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

TORRES, Simeia Maria de Souza. Definindo fronteiras lusas na Amazônia colonial: O Tratado de Santo Ildefonso (1777-1790). In: SAMPAIO, Patrícia Melo; Erthal, Regina de Carvalho. *Rastros da Memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia*. Manaus: EDUA, 2006.

VIEIRA, Jaci Guilherme. *Ditadura militar, povos indígenas e a Igreja Católica na Amazônia: a Congregação da Consolata e o novo projeto de missão entre os índios de Roraima (1969 a 1999)*. / Jaci Guilherme Vieira. – Manaus: Editora Valer, 2019.

VIERTLER, Renate Brigitte. *Os fundamentos da teoria antropológica alemã: etnologia e antropologia em países de língua alemã: 1700-1950*/Renate Brigitte Viertler. – [1.ed.]- São Paulo: Anablume, 2017.